

Revista do Norte

MARANHÃO

Illm. Snr.

Levamos ao conhecimento de V. S. que com o presente numero, 1.º do seu 5.º anno, passa A REVISTA DO NORTE a ser publicada mensalmente, compondo-se cada numero, de 16 paginas de texto e gravura, correspondendo assim cada um d'elles exactamente a dois dos antigos numeros quinsenaes. O preço da respectiva assignatura passará d'ora em diante a ser de 12\$000 annuaes em vez de 20\$000 como o era até esta data.

Como vê V. S., fizemos neste preço uma redução sensivel, tudo no interesse de bem servirmos aos que, como V. S. nos honram com a sua assignatura.

Esperando que continue a dispensar a A REVISTA DO NORTE o seu valioso auxilio subscrevemo-nos.

De V. S.

Att.^{os} Crd.^{os} Obrd.^{os}

Gaspar Teixeira & Irmãos Succs.



A. Revista do Norte, 5º ANNO N.º 1

Vendedeira de flores (J. ANDREOTTI)

A REDISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 1

Setembro de 1965



O mez

O celebre problema da *geração espontânea* anda de novo a preocupar a attenção dos sábios do velho mundo.

Não desconhecem os que se interessam por essas altas questões do saber que as experiencias de Pasteur, em 1877, parecia haverem resolvido o caso pela negativa, demonstrando que todo o ser vivo, por mais simples que seja, provém sempre de um outro ser vivo que lhe preexistiu.

Houve, é certo, muita gente boa que se não conformou em absoluto com o exclusivismo dessa conclusão do notável chimico francez; mas, ou porque sofressem os efeitos da fascinação do nome de

Pasteur, ou porque não dispusessem de bases positivas para sobre ellas firmar as suas refutações, nenhum desses inconvenidos se animou a vir a público contar-nos o motivo por que achava que o principio não se revestia de todos os requisitos logicos da veracidade. A gente sabia, por ouvir dizer, que elles não concordavam com a opinião de Pasteur e que trabalhavam á socapa, accumulando elementos, para mais tarde lhe pôrem por terra o postulado; mas em que pé andava esse trabalho, eis ahí o que se ignorava, ou, pelo menos, o que nós outros, tristes e vulgarissimos mortaes, que por estas longinhas e barbaras paragens vivemos, ignoravamos em absoluto.

E assim foram correndo os tempos, elles sempre no trabalho e nós sempre na ignorancia, até que, afinal, começaram a chegar-nos aos ouvidos uns boatos alarmantes, ecos de coisas inconcebíveis que nos laboratorios dos especialistas se passavam.

Diziam-nos, por exemplo, que fôra descoberta a *platina colloidal*. Ora nós, que tivemos a desventura de fazer a nossa educação nos tempos famosos dessa famosissima monarchia, cuja queda ainda hoje todos os genuinos imbecis brasileiros sinceramente choram, quando não se ensinavam, quer nas escolas primarias, quer nos liceus, nem mesmo os mais rudimentares principios de chimica ficámos literalmente intrigados, ao ler pela primeira vez na nossa vida aquelle arrevesadissimo nome. Que diabo viria a ser essa *platina colloidal*, que tanto barulho se destinava a produzir no mundo scientifico, a julgar pelos sibilinos commentarios com que as revistas estrangeiras noticiavam a sua descoberta?

E, como a curiosidade em nós tem exigências despoticas, iniciámos desde logo uma verdadeira romaria pelas casas dos entendidos da ter-



PERNAMBUCO — Praça Santos Dumont (Phot. Chic)

ra, com uma das tais revistas na mão, a pedirlhes, pelo amor das respectivas famílias, que nos explicassesem toda aquella trapalhada, que nos passassem para *linguagem cristã e prática*, como dizia o Eça, toda aquella inintelligivel algaravia científica. Suámos camisas sem conta, nós e os entendidos da terra; tivemos um traballão da nossa morte para, afinal de contas, chegarmos á seguinte conclusão prática:—que a coisa era embrulhada de mais para ser devidamente percebida pelas nossas pobres intelligencias de maranhenses educados nos cursos officiais da monarchia.

Cabisbaixos e tristes voltámos a casa, a mudar a camisa suada e a reflectir sobre a imensidão desesperadora da nossa ignorância em matéria científica.

Decorreram mais alguns meses e nova notícia veio aumentar o nosso espanto. Um sabio inglês, o sr. Burke, conseguira descobrir a geração espontânea, fazendo agir o *radium* sobre um caldo de cultura esterilizado! Surgiu-nos de novo a tentação de empreender, a propósito desta nova

descoberta, a peregrinação que fizeramos com relação à primeira... Acudiu-nos em tempo, porém, a reflexão sensata de que era bem possível que della retirassemos o mesmo resultado: meia duzia de camisas suadas e uma grande confusão de idéias.

Deixamo-nos, portanto, ficar quietos no nosso tugurio, aguardando que novas experiências venham em definitivo confirmar a idéia que de muito tempo alimentavam, por entre as trevas caóticas da nossa insciencia, de que seria possível um dia fabricar a matéria viva nos laboratórios dos químicos.

E é nessa esperançada expectativa que vivemos, antevedendo os resultados famosos que de semelhante descoberta advirão para a humanidade em geral.

Uma vez firmado experimentalmente o princípio de que a vida nada mais é do que uma propriedade química, oriunda de uma combinação de substâncias conhecidas, não só na sua essência como também na quantidade precisa, em que

cada uma delas contribue para formar essa combinação, estão os que nos leem a ver que nada mais fácil será então do que gerar um homem por processos inteiramente diversos desses que até hoje a humanidade inteira vem com tanto amor e com tanta arte pondo em prática.

Montar-se-ão, para semelhante fim, laboratórios especiais, com catálogos minuciosos, acompanhados dos respectivos preços, contendo todas as informações necessárias a guiar os fregueses nas suas encomendas. Dirão naturalmente esses catálogos:

Um homem, com tantos metros e centímetros de altura, tantos kilos de peso, cabelos, olhos e tez de tal cor, capaz de executar tais e tais trabalhos em tal tempo... lbs., tantas.

E só pedir por boca ou por carta o número de homens de que se carecer...

Vejam só que pechincha que será a montagem de um laboratório nessas condições, cuja primeira sede, como tudo leva a crer, será na Inglaterra.

Quando nos virmos, por exemplo, nós, os brasileiros, em entaladelas como esta em que andam actualmente os chefes políticos para a escolha do candidato à Presidência da República, a gente, num pronto, resolverá logo todas as dificuldades, com um simples telegramma para Londres, concebido mais ou menos nos seguintes termos:

*Man Manufacturing Company Ltd.
London*

Fabriquem e remetam maior urgência possível um homem de estatura e peso regulares, tez morena, cabelos, olhos pretos, com barbas ou sem elas, tendo assaz desenvolvida bossa cambial, capaz exercer quatro anos funções presidente uma república americana.

E pelo primeiro vapor a sair depois da recepção do telegramma aqui teríamos, novinho em folha, um óptimo Presidente de República, sem ligações de família e de partido de especie alguma, capaz de fazer entre nós o melhor dos governos.

E, como este, que imensos serviços não nos virá prestar, a nós e aos demais países do mundo, a descoberta da *geração espontânea*!

Pena será que não seja para os nossos dias a realização prática de tão maravilhoso invento...

JAYME DE AVELLAR.



Rodolfo Bernardelli

(Carta a Francisco Serra)

Meu presado colega:—O pedido, que me fez, para escrever algumas palavras a respeito de Rodolfo Bernardelli, não podia ser mais agradável, porque me considero o amigo mais devotado e o admirador mais sincero do grande escultor brasileiro; infelizmente, porém,

esse pedido chegou em má ocasião, porque nem as minhas ocupações, nem a minha saúde, que precisa, mais do que nunca, de entrar em obras, me permitirão escrever o artigo longo e pensado que merece aquelle artista excepcional.

Os meus compatriotas estão naturalmente à espera de que elle morra para fazer-lhe justiça, mas eu há muito tempo lh'ha feito: desde que Bernardelli regressou de Roma, com o seu vitorioso marmore do *Christo e a adultera*, tenho sido o mais infatigável pregoeiro do seu talento, e é este, confessso, um dos orgulhos da minha vida de escritor público.

Estou satisfeito, porque o nosso Maranhão vai ter, na praça pública, uma bella amostra daquele talento. O busto de Odorico Mendes, modelado com o auxilio de quantos retratos do poeta existem, dará aos meus patrícios uma idéa de quanto vale o escopro de Bernardelli.

Os seus trabalhos são o mais precioso legado que, em matéria de arte, o Brasil de hoje ha de deixar ao Brasil de amanhã, e ainda bem que a minha terra natal conservará, com o busto de Odorico, alguma cousa desse opulento patrimônio.

Não perco a esperança de ver sair das mãos de Rodolfo Bernardelli a estatua de João Lisboa, para ser collocada no antigo largo do Carmo, hoje condecorado com o nome do illustre maranhense. Espero que Deus não me leve deste mundo sem me dar essa alegria, sem me satisfazer esse desejo, para cuja realização empenharei o que ainda me resta de actividade phisica e intellectual. Quizera o nome de Bernardelli—um bonito nome!—associado á minha terra na eternidade do bronze.

Li o que v., meu caro Francisco Serra, escreveu a respeito do artista, e só lhe digo o seguinte: se, tendo conversado com elle apenas uma hora, v. trouxe uma impressão deliciosa daquella alma de anjo em corpo de homem, calcule a impressão de quem o conhece há muitos annos, e nunca lhe surpreendeu uma falha no carácter, nem jamais o encontrou com um feitio diverso do da vespera. A lealdade, a modestia e a energia de animo personificaram-se nelle.

E que trabalhador! Balzac, para descansar, escrevia contos entre dous capítulos dos seus romances, contos que muitas vezes se desenvolviam a ponto de encher trezentas páginas: aquelle monumento que se intitula *Eugénie Grandet* nasceu assim. Bernardelli faz o mesmo: para descansar de uma estatua faz um busto. O de Odorico Mendes foi modelado durante os lazeres que lhe deixou a estatua de Carlos Gomes.

O nosso escultor está immortalizado pelos seus trabalhos; entretanto, a sua obra prima ainda ninguem a conhece, porque não saiu ainda do atelier. Refiro-me á estatua de Teixeira de Freitas, o illustre jurisconsulto brasileiro,—estatua que recebeu, não ha dúvida, um raio da inspiração antiga, um sopro da arte da divina Grécia.



RIO—Estação Central da Estrada de Ferro

Mas paro aqui. Sobre Rodolpho Bernardelli não era uma carta, nem um artigo que eu desejaria escrever, mas um livro, um grande livro em que elle coubesse.

Creia, meu caro Francisco Serra, na estima e na amizade do

ARTHUR AZEVEDO.



Truditur Dies Die

(INEDITO)

Ebrio, louco, o que eu fôr, alma sedenta e anciosa,
Tu evocas em vão as lucidas imagens
Do teu tempo feliz,—deserto de miragens—
Da mocidade ardente,—estrada luminosa—
Quando a alma robusta, alvíssima, envolvida
Numa tunica azul de crenças estrellada,
E' sacrario que guarda a hostia immaculada
Da Poesia, do Amor, do Futuro, da Vida!
Miseríssimo! só tens as espiraes errantes
Dessa quadra fugaz, dessa edade de outrora,
Enlhamada de esp'rança e sonhos fascinantes.
E' bando de espiraes o teu passado, agora:
Cresce, eleva-se, ascende a pincaros distantes,
Faz-se nuvem, depois... corre por alma afora!...

Aluizio Porto.



Ruy Barbosa e a amnistia

O sr. Ruy Barbosa está no seu ano de oposição. Isto acontece no fim de todas as presidencias. A espera de que haja, enfim, alguém que lhe adopte a candidatura, elle vai até ao segundo, até ao terceiro anno dos periodos presidenciais. Quando, porém, chega ao quarto e vê que ninguém o quer, desperta-se-lhe todo o oposicionismo.

Ninguem o quer—não é porque lhe falte, nem talento, nem sciencia. Quando, porém, elle fosse eleito presidente da Republica, ninguém saberia quem ia, de facto, exercer a presidencia. Todos sabem que essa intelligencia tão forte, essa palavra erudita e arrebatadora—é uma vontade fraca e inconstante. Alia a isso tudo uma vaidade feminina. Qualquer adulador que se aproxime delle e o embriague com elogios, mesmo os mais merecidos, empolga-o e dirige-o. Foi o que se viu, quando elle foi ministro. Pode-se dizer que nessa occasião *até elle* foi ministro: entre as muitas alheias vontades de que se fazia

orgão, também, às vezes, exprimia as proprias. Assim, à frente da Republica, ninguém saberia que cornacas o iriam guiar. O seu nome seria um rotulo, por traz do qual ficariam diversas figuras, mais ou menos anonymas, presidindo o presidente...

Os que levantam a sua candidatura levantam apenas um espantalho. Se houvesse a minima probabilidade da sua eleição, seriam os primeiros a não pensar nela. Apresentando, porém, um nome inaceitável fazem um jogo habil: ou podem votar nela, deixando assim de tomar parte real no pleito entre os que são capazes de vencer e que, por isso, não lhes terão rancor; ou guardam esse nome, como um recurso de transacção. O sr. Ruy Barbosa é, portanto, um dos pouquíssimos que, com sinceridade, tomam a sério a sua candidatura... Porque, entretanto, ainda não se achou nenhum presidente da Republica que tivesse igual illusão, o quarto anno de todos os periodos presidenciais é sempre para elle um periodo de oposicionismo.

Isto, porém, não basta para julgar a sua manifestação da amnistia. E a verdade é que, sendo elle um dos menos autorizados para faze-la, ella é de algum modo razoável e pôde converter-se em uma medida necessaria.

O sr. Ruy Barbosa era o menos autorizado para o que fez, pelos precedentes e pela responsabilidade que tem no caso actual.

Até ao fim do anno passado, julgava-se um candidato aceitável pelo Cattete. Quando se propôz o estado de sitio, votou-o e não teve a minima palavra de protesto pela prisão do sr. Lauro Sodré. Foi d'aqui, desta columna em que habitualmente se aplaudem os actos do governo, que se levantou a primeira censura a esse facto. O silencio do sr. Ruy Barbosa parecia, entretanto, uma adhesão tão formal à accão do governo, que *O Paiz*, com a maior natu alidade, chamou a atenção para esse facto, declarando ser inacreditável que o sr. Ruy tivesse assistido impassivel a esse facto, se com elle não concordasse. Forçado por esse apello, o volvel e eloquente senador veiu então serodiamente afirmar que mantinha as suas antigas doutrinas.

Depois, o sr. Seabra consultou-o sobre o fóro a que deviam ser submetidos os accusados. Elle respondeu como sabia que o governo desejava, dizendo que o fóro competente era o militar. O governo conformou-se com o seu parecer. Com o seu parecer se conformou a commissão do Senado, encarregada de dar licença para a prisão do sr. Lauro Sodré. Só á ultima hora, apertado por uma verdadeira intimação do eminente advogado dr. Inglez de Souza, elle fez, com o mais justificado assombro dos que ainda se assombram com as suas contradicções, uma timida declaração verbal, oposta aos termos formaes do seu longo parecer, fornecido ao governo.

Quando, portanto, hoje se vê que elle enumera as incertezas da classificação do crime de novembro, o que primeiro acode para se lhe perguntar é como, apesar disso, elle pôde tão

categoricamente responder ao ministro da justiça quanto á questão do fóro?

Vê-se bem que elle estava no mez decisivo, para o sonho da sua candidatura. O governo teve delle os pareceres que desejou. Porque? Porque o sr. Ruy Barbosa não perdera a esperança de ser o preferido do sr. Rodrigues Alves.

Dir-se-á que isto é apenas uma suposição gratuita. Supponhamos que é. Em todo o caso, o que ninguém pôde negar é o seu silencio, no momento opportuno e é, depois, o seu parecer sobre o fóro militar, parecer que deu em resultado a marcha que ao processo imprimiu o governo.

Assim, a despeito de toda a theatrical ensenâna preparada para a sessão da amnistia, a despeito do seu talento, do seu saber, da sua eloquencia, faltava-lhe, no caso actual, pela sua directa responsabilidade, o indispensavel prestigio para muitas das censuras que fez.

Mas ha no seu discurso um ponto sobre o qual o accordo é, de facto, geral em todas as consciencias. Esse processo, que começou errado, graças—é bom lembrar outra vez—ao parecer do sr. Ruy Barbosa, está sendo de uma lentidão inconcebivel.

Ora pode-se—pode-se e deve-se—desejar que os criminosos de novembro sejam sentenciados. Mas o que não se pôde é applaudir o sistema de dar uma pena prévia aos accusados de qualquer delicto, alongando indefinidamente o respectivo processo. Nenhum perigo é maior para todas as liberdades.

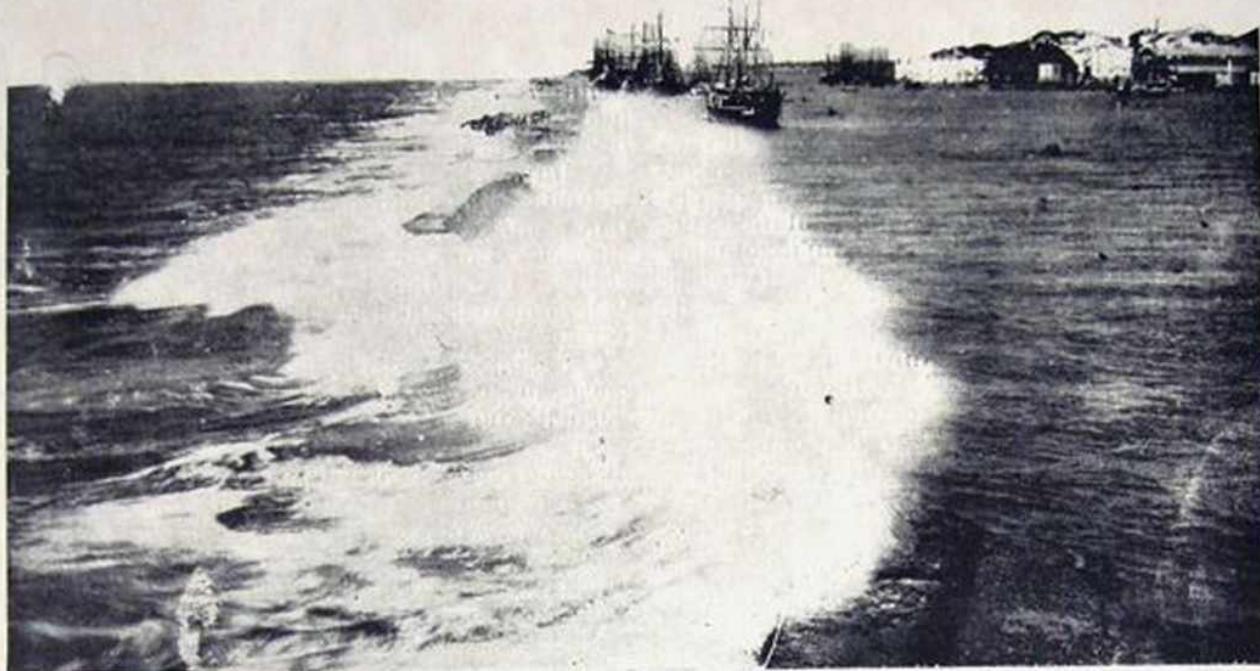
Se amanhã o Código Penal inventar um castigo inedito e pavoroso para os parricidas, o caso pôde não interessar a ninguem—a ninguem pelo menos que seja digno de interesse, porque só quem se julgue capaz de commetter um parricidio verá ali um perigo possivel. Mas se, para apurar ou esse ou outro crime qualquer, se estabelecer um processo, que só por si importe em um castigo longo e penoso—como ninguem está livre de ser falsamente accusado dos mais nefandos crimes—o perigo estará mais no processo que na pena. Por isso, no nosso tempo se aboliu a tortura como meio de arrancar confissões aos accusados. Às vezes esses accusados eram inocentes; mas a tortura a que eram submetidos, para provar a sua innocencia, era uma pena quasi tão grande como aquella a que podiam ser submetidos, se fossem condemnados.

E isto que revolta no processo de novembro.

Que houve crime—é incontestavel. Convinha que os tribunaes o classificassem e condemnasse os seus autores.

Quando, logo após, se lhes perdoasse a pena, estaria, entretanto, profligado o acto que haviam commettido. O caso é dos que exigem mais uma censura moral do que um castigo physico.

Assim, é perfeitamente justo reclamar contra a marcha do processo. O sr. Ruy era, entretanto, o menos autorizado para faze-lo. O menos autorizado, porque foi elle que levou os accusados, graças ao seu parecer, para o fóro militar. O menos autorizado, porque, como senador

PERNAMBUCO—Porto do Recife (*Phot. Chic*)

e como jurisconsulto, devia, com a sua indiscutivel competencia, ter ao menos tentado reformar os vicios do processo militar, vicios que elle profliga em teoria, sem procurar, na pratica, fazer coisa alguma para os corrigir.

Já que o sr. Ruy Barbosa ainda não se achou bastante forte para enfrentar com o sr. Clovis Beviláqua e a nação inteira está, há quatro annos, à espera que o eloquente senador se ponha ao nível da sciencia jurídica do autor do Código Civil, não seria de mais pedir-lhe que empreendesse a reforma de um regimen processual que merece realmente todas as condenações.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



O problema dos problemas

O problema amazonico é, quanto a nós, o problema dos problemas da política brasileira, presente e vindoura. Realizado um *Alto Adicional*, pelo qual se torne a magistratura unitaria, se discriminem claramente as rendas da União, dos Estados e dos Municípios, se corrijam os despropositos territoriais de Estados como o Amazonas, Goiás e Mato Grosso, se modifique o art. 4º em favor da soberania federal, etc., competirá aos estadistas brasileiros enveredar a República pela senda triunfal do seu porvir, cortando as agudas arestas daquele ba-

sico problema. A pasta do Exterior, em que cumpre ter sempre diplomatas do coturno de Rio Branco ou Assis Brasil, cabe maiormente a solução dos obstáculos inherentes à política sul-americana.

O estupendo Amazonas envolve um dedalo inextricável de assuntos concernentes ao seu progresso. Nascido em Lauricocha, nas cercanias do Cerro de Pasco, desce duma altura de 5.500 metros e chama-se Tunguraguá até Pongo de Manseriche, Maranhão até Tabatirá, Solimões até à confluência com o Rio Negro e Amazonas d'ahi em diante. A sua bacia, que é, como se sabe, a mais vasta do globo, conta 4 milhões de quilômetros quadrados, quando a do Mississipi não passa de 982.000 milhas, a do Prata de 886.000 milhas, a do rio Azul (China) de 547.000 milhas, a do Nilo de 520.000 milhas, a do Ganges de 423.000 milhas, a do Danubio de 234.000 milhas, etc. A exploração das suas inarreáveis riquezas, no entanto, não se iniciou sequer há 40 annos. Em 7 de dezembro de 1866 lavrou-se o decreto que abriu à navegação o Amazonas; em 7 de setembro de 1867, porém, é que de facto se efetuou a cerimónia da abertura e só em fins de 1869 se constituiu a Companhia Fluvial do Amazonas. Veja-se quanto desenvolvimento se operou em pouco mais de 30 annos, lutando com transportes rudimentares, contra o impaludismo, com a escassez de braços e de capitais, aproveitando sómente a goma elástica e sendo tudo levado a cabo sem a interferência governamental, que apenas tem colhido esfoladores impostos desta multiforme exuberância.

Pode-se assegurar, portanto, que só agora, com a organização do território do Acre, é que

a administração superior do paiz e a dos Estados do Pará e Amazonas prometem intervir franca-mente nas regiões amazônicas, desvelando-lhes a incomparável vereda do seu gigantesco futuro, sem igual em qualquer outra parte, nem em qualquer outra época da história.

Segregada por terra do resto do Brasil, como notou Elizeu Reclus, a Amazônia sómente se comunica por mar com os demais Estados. Este inconveniente é palpável, econômica e politicamente. O desmazelado do império no Extremo Sul, que bem caro lhe custou, está sendo resgatado pela República com a construção da estrada ferroviária do Rio, por Goiás, a Cuiabá. Esta distância, em linha reta, orça por 1420 quilômetros; por Buenos-Aires a extensão é de 6200 quilômetros, durando a viagem 31 dias. Do Rio Grande do Sul a Manaus, navegando sem empecilhos, gasta-se o mesmo tempo, mais ou menos, ao passo que, se fôr á frente o plano de vias-férreas de Lauro Müller no Extremo-Sul, e se se prolongar o caminho de ferro Tocantins-Araguaia até ao planalto goiano ou se edificarem a estrada Santarém-Cuiabá, poderá vir-se por terra, do Extremo-Sul ao Extremo Norte, em 8 a 10 dias.

Este lado—o das comunicações internas—é, sem dúvida, um dos mais poderosos do problema amazônico, e depende exclusivamente do governo da União. O outro aspecto—o que respeita aos limites—é mais grave, por ser de caráter internacional. Mas, antes de encararmos esta face da questão, enfrentemos o problema do povoamento, pois sem ele nunca o trabalho atingirá nas paragens amazônicas a sua verdadeira expansão.

E conhecido que a temerosa cachoeira de Pongo de Manseriche, no Peru, é o único obstáculo à navegação completa, a vapor, do interminável Amazonas. Os navios não ultrapassam a Ponta Pedro II, que demora 250 quilômetros acima da foz do Huallaga. Da Ponta Pedro II, que é a paragem das carreiras de vapores, até Pongo de Manseriche são 600 metros. Fazendo-se uma estrada ferroviária da Ponta Pedro II a Jaen de Bracamoros, à semelhança da que se vai empreender entre o Madeira e o Mamoré, ladear-se-á o Pongo e assim percorrer-se-á todo o Amazonas. Em Pongo de Manseriche a largura do rio é de 20 a 50 metros, numa extensão de 9 a 10 quilômetros. Mas em Jaen de Bracamoros já essa largura é de 400 quilômetros.

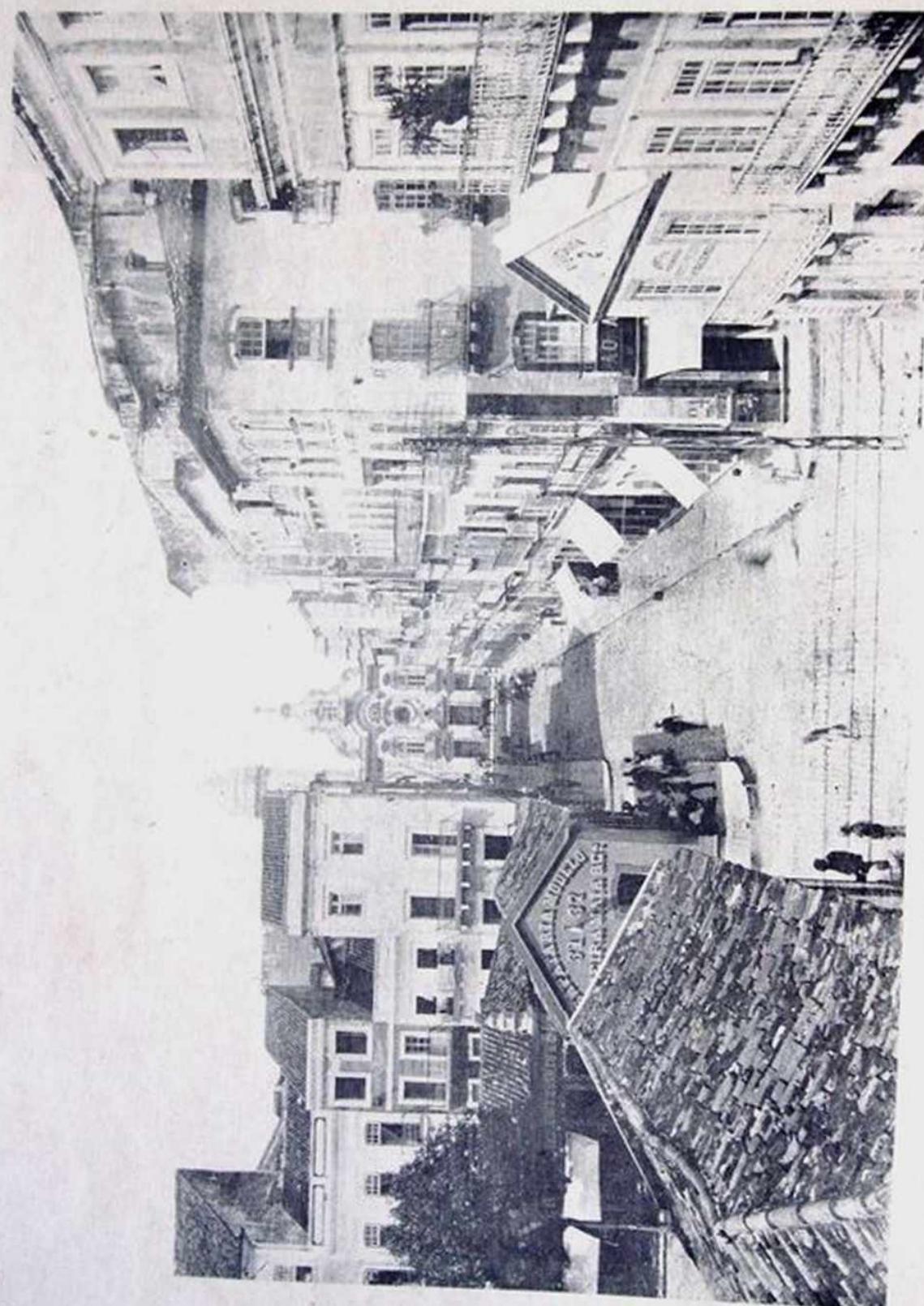
Esta estrada ferroviária entrará-se-a depois com a de Piura a Paita, cidade esta em que há um magnífico porto de mar. No *Derrotero de la costa del Peru*, de Rosendo Melo, publicado em 1903, encontramos estes elucidativos trechos respeitantes a Paita:—«Durante a guerra civil dos Estados Unidos (1863), o cultivo do algodão generalizou-se nas províncias de Paita e Piura, estabeleceram-se fortes casas de importação e exportação e brotaram indústrias antes ignoradas. A escassez de numerário e a dificuldade de transportes estorvavam, todavia, um desenvolvimento agrícola e industrial completo». (Pags. 24). O clima é tão bom que não há hospital, e as

mortes teem todas o mesmo diagnóstico—a senilidade, no dizer do autor citado. Acrescenta Melo:—«Quando, por meio de poços artesianos ou de canais de irrigação, deixar de preponderar o eventual na produção agrícola, o Departamento de Piura será um dos mais ricos do litoral peruano e a importância de Paita, seu porto principal, apenas será inferior à do Callao. O seu progresso acentuar-se-á com a abertura do istmo de Panamá». (Pags. 25).

Será Paita a cidade intermediária para o povoamento da Amazônia pelos prestantes amarelos, única raça apta para a colonização de tais brenhas—e única também que, pelo seu excedente de população, pode vazar nas regiões amazônicas os milhões de criaturas de que elas carecem. A viagem do oriente asiático para a Amazônia, realizando-se por esta via quase direta, importará em metade do tempo e do dinheiro que custaria pelos caminhos atuais. Em um dia ir-se-ia de Paita a Jaen de Bracamoros e d'ahi à Ponta Pedro II, construindo-se a estrada ferroviária a que nos referimos. Desses lugares a Tabatinga, na fronteira do Brasil, em bons navios, pouco mais de um dia se consumiria. De Tabatinga, onde se levantaria uma grande hospedaria, derramar-se-iam esses colonos por todos os rios amazônicos, segundo as requisições dos governos do Amazonas, do Território do Acre e mesmo do Pará. Desses pontos disseminar-se-iam mais tarde, espontaneamente, pelos rios ainda amazônicos de Goiás e Mato-Grosso, cujo engrandecimento econômico será igual ao do Extremo Norte, quando tiverem trabalhadores, capitais e comunicações faceis. Paita converter-se-á, para o setentrião da América do Sul, em um empório analógico ao que S. Francisco da Califórnia é para a América do Norte. E foram os sino-japoneses que impulsionaram a construção da estrada ferroviária de New-York a S. Francisco e ativaram a exploração das minas californianas.

A estupenda via-ferroviária de New-York a S. Francisco, apressando a troca de idéias do ocidente europeu com o oriente asiático, influiu grandemente na subitânea transformação do Japão. Esta estrada permitiu igualmente o assombroso incremento comercial da Austrália, do Japão e da China, que agora desperta de vez, sacudida pelos nipões. Quando se rasgar o canal de Panamá, o que não tardará, com mais facilidade ainda se efetuariam as comunicações da Europa ocidental com a Ásia oriental.

Estas profundas alterações nos seculares usos mundiais beneficiarão enormemente os países banhados pelo Pacífico, em especial os sul-americanos, cuja autonomia econômica anda bem arrastada, incluindo o Chile. E a única zona, dentro da América do Sul, onimodamente fértil, dum feracidade inesgotável, é a Amazônia—e desta o melhor quinhão pertence ao Brasil. Resta povoá-la. Os climas quentes e humidos, como os da China e da Índia, por exemplo, exigindo menos esforços para a aquisição das coisas necessárias à vida, são os mais favoráveis ao desdobramento dum populaçāo densa. Realmente, seja pela



PERNAMBUCO—Rua Larga do Rosário (*Phot. Chic*)



THERESOPOLIS—Cascata do Imbuy

pesca, pela caca, ou pela industria extrativa, o habitante da Amazonia tem que ganhar e de que se alimente, sem fatigar-se, antes preguiçando á larga.

A contenda russo-japoneza trouxe duas consequencias imediatas—uma economica e outra politica. A economica cifra-se no escorregamento do comercio europeu do Extremo Oriente e a politica, sem aludirmos á revolução interior da Russia, que aliás é sensacional, obriga ao deslocamento do fóco de luta das potencias para o Oceano Pacifico. A isto nos conduzem esses acontecimentos, assim comentados por Teófilo Braga:—«Nós, os contemporaneos, assistimos ao momento caótico da explosão de novas forças, que buscam um novo equilíbrio. Em outra idade, e não remota, se verá que um novo centro da ação humana se abre para o hemisfério oriental, completando o Ciclo das Civilizações Oceanicas,—e tendo por ponto de apoio o Pacifico».

L. Poirel propôz que a classica divisão do mundo em cinco partes se substituisse pela divisão em seis continentes, correndo paralela aos Oceanos. O ilustre geografo reparte-os desta maneira:—America do Norte e America do Sul, Oceano Atlântico; Europa e Africa, Oceano Índico; Asia e Australasia, Oceano Pacifico. Desaparece, por conseguinte, a denominação da antiga quinta parte—Oceania, a que se aplica o nome de Australasia, por alguns geografos já dispensada ás colonias inglesas que rodeiam a Australia,—e a America do Sul passa a formar um continente aparte. Esta separação, que por fundamentos de

diversa ordem é sobremodo racional, mais se justificará no dia em que a hoje Republica do Panamá desligar o seu território, por um canal, do da Colombia.

Não vem longe o instante em que a absorvente Republica Yankina torne uma realidade absoluta o seu jatancioso título de Republica dos Estados Unidos da America do Norte. O Canadá, a Terra Nova e o Labrador encorporar-se-lhe-ão de motu-proprio, levados pelos interesses comerciais. A ilha de Porto Rico já foi anexada e em breve seguirá-lhe o Haiti, S. Domingos e Cuba, uma vez vencidas as resistências internas dos platonicos adversários do imperialismo. O Panamá respira sob o seu protetorado—e Costa Rica, Nicaragua, S. Salvador, Honduras e Guatemala, por vontade ou pela força, acabarão as suas inaturáveis rixas, entregando-se ao harpão yankee, que indubitavelmente lhes será proveitoso. A colónia de Beliza, a Jamaica, as Luízas, a Martinica, Curaçao, etc., serão compradas à Inglaterra, à França e à Holanda, como outras ilhas das Antilhas já o foram à Dinamarca, que também não hesitará em vender a Groenlandia. Opõe-se à porventura o Mexico a este expansionismo, solapado como está pelas empresas da tentaculosa Yankéa? Decerto que não. Porfirio Diaz lega-lo-a, em testamento, aos poderosos cubicadores da velha feitoria de Cortez.

E o Brazil olhará para esta revolução monarquiana de braços cruzados? Naturalmente, porque nada tem com o que vai pela casa alheia. Mas, consoante resa a sabedoria dos proverbiós,

quem vê as barbas do vizinho a arder põe as suas de mólho. O nome de grandes nações só o merecem aquelas que, pelos seus prohomens, sabem gisar um sólido programa de governo e executá-lo através dos séculos. Assim, na antiguidade, a China, cintando o povo chinês e os seus tributários com a sua celebre muralha, material e moral; assim Roma, superior à elegante Grecia, cujo poderio se desfez à maneira do Egito, da Persia, da Arabia; assim, modernamente, a Inglaterra, com as suas extensíssimas possessões ultramarinas; assim a Alemanha e a Italia, por Bismarck e Cavour, cimentando a sua unidade; assim a Russia, estendendo-se desde o mar Báltico ao mar de Bering; assim, amanhã, a Republica Yankina, alongando-se desde Alaska ao Panamá—e o Japão, espalhando-se pela Coréa e pela Manchúria, e tutelando a China.

E parará a Yankeá ás portas da Colombia? Esta, Venezuela e o Equador, inermes, são fráguissimos para lhe deter o passo—e o Perú requestiona-lhe a amizade e o patrocínio. Ameaçou o presidente Grant que os yankees só descançariam no momento em que tivessem café e borracha nos seus Estados. Café já o possuem em Porto Rico, Cuba, etc. Falta-lhes a borracha—e o Peru oferece-lhes os seus seringaes hoje, como ontem lhos ofertou a Bolivia. O Brazil cassou esta veleidade. Terá força ou geito para impedir também o desmanchar de feira do Peru? Terá, certamente, se estiver álera e souber arvorar-se em fiel da balança sul-americana.

Orientando a conduta económica da Venezuela, da Colombia e do Equador, que devem procurar obreiros na Ásia e capitais na Europa, o Brazil barricará a entrada, por ali, do elemento norte-americano. Adquirindo à França e à Hollandas as suas Guianas, mediante uma razoável quantia e duráveis favores pautaes, e constituindo nelas o Oiapoque, novo Estado da Federação Brasileira, salvaguardará todo o norte da América do Sul, que terá ainda uma vigilante sentinela na Guiana Britânica, presentemente com os limites bem demarcados. O Perú, com a sua acabrunhadora dívida e com os seus infundáveis motins, destina-se ao papel histórico de Polónia sul-americana. O Chile já lhe arrebatou um pedaço e a Bolivia outro. Não será para ceptos que, num futuro próximo, a bandeira chilena se hasteie em Lima e que o Brazil, do Cerro de Pasco para cima, organize dois Estados—o de Perúvia, no litoral, com capital em Paita, e o do Ucaiale, abrangendo as duas margens deste rio e as do Huallaga, com capital em Iquitos. A mesma sorte, agregando-o à Argentina, terá oeterno amotinado Paraguai.

Mas, como introito a esta faina política por vindoura, afora a efetuação de uma *quintupla aliança*, cabe ao Brazil solver uma questão fundamental—a das relações comerciaes com as Repúblicas amazonicas. Serzedello Corrêa, no seu interessante livro *O Rio Acre*, pags. 155, esclareceu:—«O tratado de 1867 (com a Bolivia) foi denunciado em 1883 e deixou de vigorar no ano se-

guinte; mas, graças á força da inercia, ficou tacitamente estabelecido o *modus vivendi* dele originado, de modo que, AINDA AGORA, o processo seguido no transito é exatamente o mesmo de 1867!» Mais umas observações de Serzedello:—«Pode-se afirmar categoricamente que o regimen do comercio de transito internacional no Amazonas é o jubileu dos contrabandistas. Quer com a Bolivia, quer com o Peru ou com Venezuela (e tambem com o Equador e Colombia, pelo Içá ou Putomaio, acrescentamos nós) o comercio chama-se contrabando». (Pags. 163). «A cerca de 30 milhas da foz do Javari está a povoação brasileira de Remate de Males, que, fundada há pouco mais de sete anos, apresenta já um avultado movimento comercial. Fronteiro a esta cidade, na margem peruana, ha importantes estabelecimentos comerciaes. Grande é a importação de mercadorias para essa região peruana. Tales mercadorias, que ali chegam sem pagar direitos ao Brazil, nem ao Peru, são transferidas para Remate de Males e vendidas em território brasileiro para as expedições que vão ao Jutahí e Juruá ou, reembarcadas em cabotagem, voltam a ser vendidas nos mercados de Manaus e de Belém». (Pags. 164-65). «Para acudir a esse mal, o tratado de comercio com o Peru, posto em execução em 1896, estatuiu (art. XVII) que o comercio de importação e exportação do rio Javari, nas margens brasileira e peruana, ficava sujeito a direitos inteiramente iguais—e determinou que, enquanto o Congresso Brasileiro não autorizasse uma tarifa especial para essa região, esses direitos seriam cobrados segundo a legislação do Brazil. O governo do Peru, porém, até agora não julgou oportuno pôr em execução essa clausula, alias essencial, tanto que, por isso, o tratado pode e deve ser denunciado, pois que, graças a ele, é avultadíssimo o prejuízo dos cofres brasileiros». (Pags. 166).

A primeira medida a tomar, para a extinção destas inconveniências, seria a cobrança, nas alfândegas do Pará e Manaus, pela tarifa brasileira, dos direitos das mercadorias que se endereçarem à Bolivia, Peru, Equador, Colombia e Venezuela. Falámos nas alfândegas de Belém e Manaus, por não se terem ainda alongado os Departamentos do Acre (com o Purus) e do Juruá até à beira do Solimões. A administração do Juruá, montando-se uma alfândega na sua capital, que seria talvez em Fonte Boa, fiscalisaria admiravelmente o contrabando peruano—e a do Departamento do Japurá, a ser constituído, vigiaria as fraudes aduaneiras do Equador, da Columbia e de Venezuela, perpetrados pelo Içá e pelos afluentes do alto-Japurá. A organização do Departamento da Madeira traria as mesmas vantagens, instalando-se uma alfândega na foz do Abuná ou defronte, junto à estrada Madeira-Mamoré, para legalizar a importação e a exportação que a Bolivia faz por aquele entreposto. Esta descentralização administrativa, com ser de incontestável alcance político e económico, suavisaria extraordinariamente o transito dos generos e respetivo despacho. Rio Branco, na memoria que acompanhou o Tra-



RIO—Cume do Corcovado

tado de Petropolis, o funcionario Satamini e Serzedello Corrêa lembram a arrecadação pelas aduq-nas belenense e manauense. Mas estas estão sobrecarregadas de trabalho e não rechaçariam completamente os contrabandistas.

Contando, por ora, com o limite norte do Territorio do Acre desde a boca do Abuná, cortando na confluencia do Ituxi com o Iquiri para defronte da embocadura do Pauhini e tirando d'aqui uma linha para a foz do Tarauacá, bastam uma Mesa de Rendas em S. Filipe e um Posto Fiscal no Amonea,—no Departamento do Juruá, e uma Mesa de Rendas na boca do Pauhini e um Posto Fiscal na confluencia do Ituxi com o Iquiri,—no Departamento do Acre (Purus e Acre). Para o movimento com a Bolivia será necessario fazer dois pequenos ramos lateraes da estrada Madeira-Mamoré, um para defronte da foz do Abuná, colocando abi um Posto, e outro da vila Murtinho para defronte de vila Bela, na boca do Beni. Em vila Murtinho colocar-se-ia uma Mesa de Rendas, para fiscalizar a importação e exportação da Bolivia. O Estado de Mato Grosso estabeleceria uma coletoria em Guajará-miri, terminus da linha-ferrada, para despachar a exportação do Mamoré e Guaporé, montando tambem coletorias no Mutum, Jaci e outros rios mato-grossenses, nos pontos atravessados pela referida estrada de ferro.

Estas questões, de elevado peso, só podem ser perfeitamente conhecidas por quem as estudou no proprio local. Os mandantes do Rio tem uma visão curta e desprezam tudo que não seja a satisfação das aspirações cariocas. Circunscre-

veram o poder da União ao mingoado Distrito Federal. Sómente agora é que principiam a alargar as vistas, forçados pela transcendencia do problema amazonico. E, na verdade, este é o problema dos problemas da politica nacional. Os dirigentes desconhecem o que se desenrola na Amazonia e nas suas fronteiras. Metidos no casco, tal qual o jaboti, somente agora começam a deitar de fóra a cabeça, muito a furto.

Se a ignorancia do que decorre em terras brasileiras é inadmissivel, a inscienca do que ocorre no continente sul-americano não é menos estranhavel. O Brazil vive de olhos vendados no relativo às nações limitrofes, que são todas as da America do Sul, exceto o Chile e o Equador. Ignora-lhes a geografia e a historia, os costumes, o governo (constituição, divisões administrativas, homens publicos), a instrução, desde a primaria à superior, a existencia economica, comprendendo as produções e os sistemas viatorios, as finanças, abrangendo o total das dívidas e o regimen tributario, a vida mental, enfim, desde as belas-artes ao jornalismo, à beletristica, à sciencia, à filosofia, à publicistica. Ignora tudo e pretende a hegemonia da America do Sul! Não será difícil, no entanto, colocar-se a par do que se rumina ao seu redor. Um dos sens mais habeis diplomatas, que é tambem um dos seus escritores de maior talento—Oliveira Lima, atualmente ministro em Venezuela, poderia encher este lamentável vacuo, dando-nos um livro sintetico sobre—*Os povos sul-americanos*, com um prefacio acerca do imperialismo norte-americano. Seria

uma obra altamente patriótica—esta do autor dos excelentes livros *Nos Estados Unidos* e *No Japão*. O volume *A América Latina*, de Manoel Bomfim, é para o caso insuficientíssimo, pela tanchez da orientação—em filosofia da história.

Feita ela, e entrando nesse quadro, também sinteticamente, é clara, o próprio Brasil—os estudistas brasileiros e os seus governados compreenderiam satisfatoriamente a primazia que devem assumir nesta parte do mundo. Uma quintupla aliança, por ora simplesmente defensiva e de concessões alfandegárias, que enlace o Brasil, a Argentina, o Chile, a Colômbia e a Venezuela, impõe-se também com urgência. Estes aliados avocariam a si o policiamento da América do Sul, que os yankees se querem arrogar. Por tal pacto remeter-se-iam à ordem o Uruguai, a Bolívia, o Equador—e o Paraguai e o Peru, sob pena de serem partilhados pelos conivinhos. Então, com os horizontes clareados, reinando a paz de um extremo a outro, o Brasil clamaria ao universo inteiro, pela voz do seu Presidente, para que esse brado repercutisse em Washington, que a América do Sul é dos sul-americanos.

Será tudo isto o risível produto das inofensivas cogitações de um lunático?... Será, concedâmos. Mas a História diz-nos que as utopias de hoje são sempre as realidades de amanhã. Prêguemos, portanto.

FRAN PAXECO.



O moderno sebastianismo

Ha tempos, nestas mesmas páginas, eu tive ensejo de, referindo-me ao livro do sr. Lopes Vieira—*Marques*, consignar, com tristeza, que a falha principal do seu trabalho estava em que, apresentando-nos um aspecto da dor humana, o não acompanhava com um grito daquela esperança redemptora, sem o qual o sofrimento resulta estéril,—o que é uma dupla tortura. Hoje, lendo *O Encoberto*, poema em que, a par de extravagâncias, de que o sr. Lopes Vieira se ha de ainda um dia expungir, porque tem talento e sinceridade para isso, fulguram verdadeiras joias poéticas,—eu vejo, com um prazer bem justificado, que o distinto artista está evolucionando já para uma orientação mais larga e mais bella.

Que é *O Encoberto*? Isto: a aspiração dum ação, salientando-se no vasto ideal dum humanidade. Um povo de oprimidos e sofredores espera, com os olhos no céu, a aurora que ha de vir clarear a sua densa escuridão. Antigamente, essa esperança revelava-se no sonho, candidamente pueril, generosamente louco,

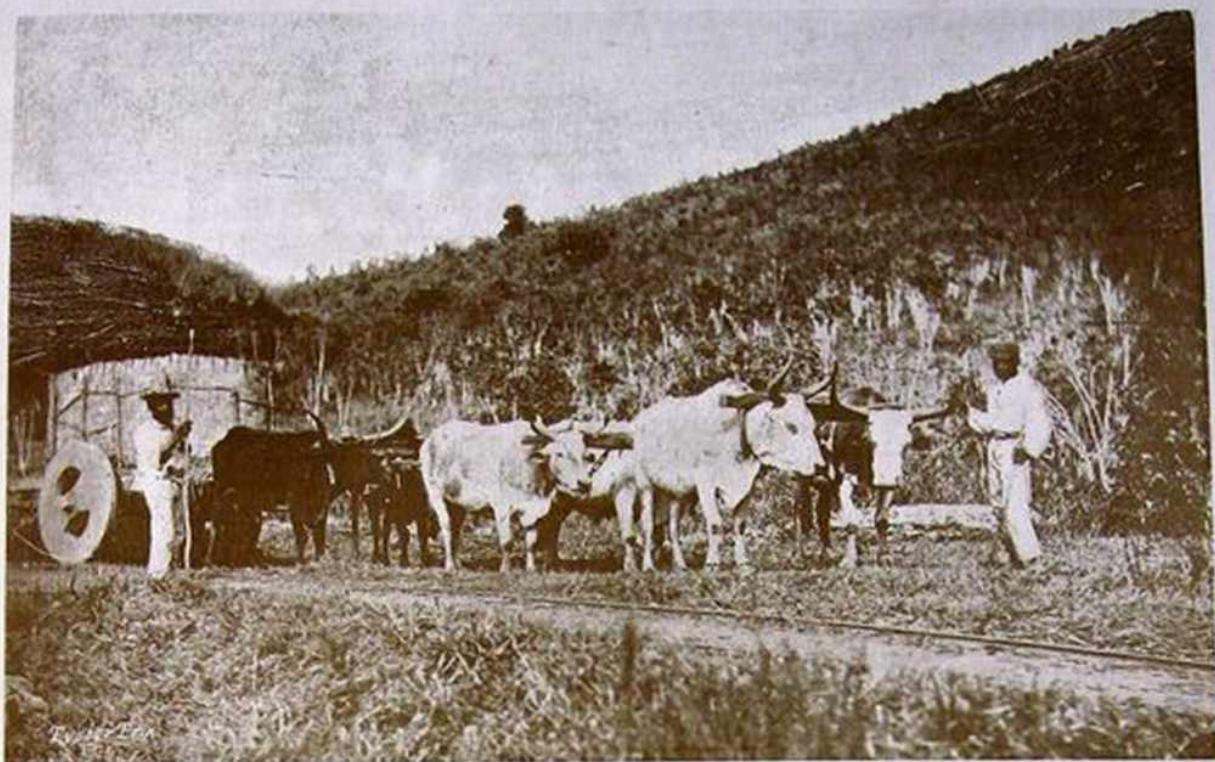
do sebastianismo. D'ahi a lenda do regresso do rei amado,—na sua expansão de messianismo religioso. Um dia elle viria,—para fazer justiça, para inspirar o amor... E então, ó perenne felicidade de Portugal!

Não ha talvez símbolo de maior esperança em toda a história dos povos,—pelo menos tão ingenua, doce e lírica! Esperavam os judeus a hora do seu resgate, criam formidavelmente no deus que se humanisaria,—mas todo o seu anhelo se enchia das nuvens sombrias, que o genio semita, sempre temeroso dos trovões de Jeová, povoava de terríveis castigos e de sanguinárias expiações. Mas Portugal impregnara-se já da piedade cristã. O seu rei, bello *redresseur de torts*, teria todas as generosidades dum santo, embora armado com a espada dum cavaleiro. D. Sebastião seria S. Miguel Archanjo,—assim tornado mais perfeito, no seu ecclipsé misterioso, pelas lições de Jesus.

Nada, porém, ha que escape á dura lama da realidade, que vae cortando, cercas, as altas espigas da Fantasia. Os tempos passaram,—e D. Sebastião nunca apareceu, nem n'uma manhã de inverno, nem num dia de claro sol. A povos primitivos e infantis é facil a fé cega no milagre. A gentes que a educação científica vae afeiçoando ás certezas naturalistas da vida não é dado já o refúgio na Illusão. Nem ao mais bronco dos homens dos nossos campos se faria hoje acreditar que o infeliz vencido de Alcacer Kibir pudesse regressar ao seu reino, com tres seculos e meio de idade. Não! D. Sebastião está morto, e bem morto! E todavia a esperança da felicidade humana, concentrada na sua personalidade lendária, não desapareceu. O povo sonha ainda o seu resgate; mas o seu sonho transformou-se. Não o espera já dos favores do céu; aguarda-o do esforço terreno do seu braço humano.

E é aqui que eu tenho ainda uma vez de levantar um fundamental reparo ao sr. Lopes Vieira. E que o seu poema está ainda envolto, não no sonho a que a nossa consciente mentalidade actual nos convida, mas no sonho inconsciente, embora santo, a que circunstâncias de rudimentar educação outr'ora nos predispunham. O seu poema é mais feito de vaga chimera do que de real fé. Ha a esperança mística e ha a esperança positiva. A primeira chama-se illusão; a segunda é que sim, chama fé. A este termo prestigioso e forte tem-se dado erradamente a exclusiva acepção metaphysica. É um erro. A fé é a certeza na esperança. Nós temos fé na redenção social e moral da humanidade, porque dispomos de largos elementos de analyse para a considerarmos, mais do que uma possibilidade, uma fatalidade humana. Desta concepção é que se faz o nosso sonho moderno de Justiça e de Amor,—que um dia orientará as sociedades, quando o Progresso chegar áquelle ciclo de perfeição relativa que permitta a realização de semelhante ideal.

Sim, os nossos sonhos são realidades,—embora distantes, e nós erramos, quando só nos re-



MINAS GERAES—Carro de bois

fugiamos no azul, pedindo sofrigamente que de lá saia a palavra redemptora dos nossos destinos. E' deante desse paiz de soes, onde tudo brilha, que arremessamos as nossas reivindicações humanas, que brandamos o nosso protesto social, que cantamos a nossa esperança de regeneração, e que brandimos a nossa bandeira de justiça, num grito de angustia, como se de lá pudesse chegar em nosso socorro, à maneira de milhares de esquadrões arrebatados numa *Marselheza*, todas as estrelas do firmamento. E' um erro, repito. A Justiça, o Amor, a Bondade, reinando, isto é, os sonhos do sr. Lopes Vieira, são outras tantas reivindicações perfeitamente conscientes e positivas, que o espirito humano já formula, como estando nellas o segredo do seu futuro.

Augmenta esta impressão de abstracção que fica após a leitura do poema do sr. Lopes Vieira, a forma dos seus versos, ou seja aquelle tom que parece vir de muito longe, apagada linguagem que caracteriza a nebulosidade da sua obra. Ouvimo-lo falar do conflito da vida, como se, à semelhança de Simão de Nantua, estivesse sobre uma torre contemplando o poço duma mina. O seu sentimento é verdadeiro: elle vê o sangue, elle vê a dor, elle vê a iniquidade duma tal existencia. Mas não parece ingerido nella, e—ai de mim!—está, como nós todos, e não poderia falar da atrocidade dos seus golpes, se os não tivesse já recebido na sua carne soffredora ou na sua consciencia revoltada.

Em que está, porém, a evolução que as-

signalei? Em que o joven poeta se encontra já possuido por grandes e redemptoras verdades. Entre chimeras que vôam como pombas e gritos que sóam como pesadellos, um nobre ideal transpira. E' sempre um coração desfazendo-se em amor ou anciando por liberdade. E' sempre uma alma que atira este brado: Justiça! aos quatro ventos da terra, como uma semente que ha de germinar por toda a parte onde cair.

Tendo analysado, como a minha consciencia m'o impõe, sob um elevado ponto de vista, o livro do sr. Lopes Vieira, custa-me ter de lhe anotar alguns pequenos defeitos de arte. Mas é minha obrigação fazê-lo,—restando ao sr. Lopes Vieira o direito de attender esses reparos ou de os lançar á margem. Não concordo com a forma de alguns dos seus versos,—que em tantos pontos prejudica o sentimento e o brilho da sua poesia. Principalmente, creio dever po-lo em guarda contra o verso solto. O nosso ouvido hoje já não supporta a falta de rima, —e que o poeta tambem lhe reconhece a deficiencia de harmonia está em que os seus peores trechos, tanto de idéa como de imagem, são os que a essa forma amoldou. Abi a sua linguagem pintoresca e viva torna-se pastosa e inexpressiva. Livre-se da *Ara*, sr. Lopes Vieira! Procure acordar-nos para a sensibilidade esthetic a com as vibrações do seu espirito. Para nos adormecer basta o sr. Corrêa de Oliveira, tão generoso que já nos mimoseou ha pouco com outro soporífero da sua invenção.

Resumindo: que o sr. Lopes Vieira não veja

nestas palavras outro intuito que não seja o de muita estima pelo seu espirito, qualidades de artista e desejo de acertar. Outros,—os amigos que só sabem elogiar incondicionalmente nos jornais, retratando em maledicencia vil os seus elogios, quando em conversas de café se confessam,—dir-lhe-ão que tudo o que tem feito é irrepreensível e perfeito. Eu, por minha parte, digo-lhe o que supponho ser verdade,—e que o sr. Lopes Vieira poderá guardar como uma nota excentrica ao seu livro, em que tanto ha para enaltecer e em que tanto ha para discutir.

MAYER GARCÃO.

O busto de Odorico Mendes



Caras patricias:

Não foi debalde que acolhestes com tanta benevolencia aquelle grito sincero de homenagem ao patriarca da nossa independencia e da geração do romanticismo. Não foi debalde que todas vós carinhosamente acudistes ao appello de um punhado de rapazes zelosos por fazer que revives-

sem os que nos eram exemplos dignificantes e limpos nessa incançavel batalha literaria, desenervando da apathia os scepticos e os ignorantes. Debalde não foi, patricias minhas, pois que a essa obra modesta e significativa, resultado apenas dum mocidade corajosa, que não recua e despreza os apôdos, ficasse ligado o vosso nome immorredouramente, brilhando como attestado vivissimo do amor que tendes ao que é gloriose bello!

E (doce e suave paga!) ainda sou eu que vos falo, d'aqui, desta cidade dos sonhos e da desgraça, para dizer-vos agora, não que do vosso auxilio e bondade dependeu a realização dessa idéa em que tivestes a parte mais escabrosa e sublime, mas para narrar-vos quanto os meus olhos choraram e quanto vos foi agradecido o meu coração, ao ver, na sua bronzea immortalidade, representando a vossa eterna conquista, o busto de Odorico Mendes! E mal podereis, porventura, imaginar que delicia me foi esse instante de goso e de recordações, em que toda a minha alma se postou reverente, lembrando-vos, lembrando-me de vós e dos meus companheiros da Oficina dos Novos, sem um unico resquicio de odio pelos que tentaram achincalhar pela chacota imbecil ou pela ousadia da ignorancia o que havia de verdadeiro e de pureza no nosso culto e o que nos ia de torturas nesse trabalho honroso. Mas calemos estes incidentes mortos já com o

nosso triunfo, que não vale reviver aqui, nesta ligeira congratulação, a fatuidade dos impotentes e o desdem dos zoilos...

Eu chorei, patricias! Chorei, e pelos meus olhos tristes passou nesse momento de alegria e saudade uma vida de asperezas, de esperanças e de consolações...

Eram nove horas da manhan, manhan de sol moço e céu azul como as nossas manhans do norte. O atelier de Bernardelli fica num doce recanto, quase no centro da cidade, à rua da Relação, canto com a dos Invalidos. Um alto muro de velhas taboas carunchosas, indiferente na sua pobreza, orgulhoso do seu valor, circundá-o. Por fóra si encio, arvores e uma cantiga de criança desalentada, e do lado da rua da Relação, imperceptivel, um quadrado grosseiro de madeira destoante das velhas taboas, sarapintado de vermelhão da China com uma placa indistincta, aberta a cinzel, num metal escuro:—*Rodolpho Bernardelli*. Por cima uma argolla de ferro ferrugenta, que communica por um arame fino a uma campainha sonora, que lhe annuncia os amigos, os visitantes e os importunos. Os importunos, porque é natural que Bernardelli, durante as horas do seu trabalho, como todos os mortaes, tenha mais importunos do que amigos e visitantes.

Entrei. O meu espirito não estava assombrado, nem temeroso. Entanto, eu sentia uma sensação exquisita, desde que avistara aquelle fragil muro, tão singelo e tão nobre! Arthur Azevedo, o nosso querido consocio e mestre, dera-me uma apresentação e eu cheguei a gaguejar, quando, com ella na mão, meio ancioso, meio receoso, me apareceu Bernardelli. Mas logo um sorriso bom de quem se alegra lhe tomou os labios, desfazendo-me o receio e enchendo-me da mais irresistivel aancia. Um typo simples, honestamente simples, affavel e sympathico, mães pregnadas de barro e um avental branco. Conduzi-me immediatamente como a um velho camarada e o que primeiro aos meus olhos appareceu, com todo o seu volumoso peso de homem e de artista, foi Carlos Gomes, na sua *maquette*, majestoso e festivo... Depois, como se eu fosse um antigo conhecido, Bernardelli pegou do barro novamente e toca a falar-me de arte, do Maranhão, de coisas espirituales e boas, enquanto emendava, fazia, desfazia, refazia a estatua de Francisco de Castro, em que trabalha. Repentinamente, porém, recordou-se, talvez, de que eu lhe ia falar sobre o busto de Odorico. Lavou as mãos, recolocou o *pince-nez* de vidro branco e foi-me levando de trabalho em trabalho, explicando, contando as amarguras que elles lhes haviam causado, tudo sem pretenção, com amisade, com alma. E eis-nos, enfim, em frente do busto de Odorico Mendes!

Aqui, ante este rosto severo de politico, encobrindo toda uma forte alma de poeta, todo o meu corpo tremeu de commoção e de agradecimento e, se eu dissesse que estava vendo Odorico em vida, não erraria, porque nesta occasião elle se me apresentou como una criatura que

pensa e resolve problemas com a calma e a preocupação dos grandes homens. E como que, enquanto os meus olhos choravam, dos meus lábios saiam estas palavras mentais, irreprimíveis: —Odorico Mendes, trago-te hoje a bênção de um montão de brasileiros agradecidos e as homenagens da Oficina dos Novos, um núcleo de rapazes cheios de ardor e trabalhadores, e da Mulher maranhense, socia incomparável e divina em toda a manifestação desta idéia venerável!

E chorei! . . .

Voltei-me e já Bernardelli outra vez na estatua de Francisco de Castro! Continuámos a nossa prosa por largo tempo, e eu a saber que este Brazil é o mesmo no Rio, no Maranhão, em Campinas... Bernardelli falou-me depois da inscrição que tinhamos combinado para a columnata do busto, achando-a desnecessária e prolixo e acertámos em que ella deveria ser simples e leve como a sua perpetuidade:

A Manoel Odorico Mendes

a

OFICINA DOS NOVOS

e a

MULHER MARANHENSE

1905

O busto tem a rubrica, nas costas: R. Bernardelli, 1903.

E eis ahi, caras patrícias, porque ainda sou eu, o mais incompetente d'entre os da caravana do sonho, que vos vem falar hoje dessa conquista soberana do vosso espírito intelligente.

Breve, muito breve, a 17 de agosto, sentireis todas essas mesmas lagrimas que me acudiram ao admirar essa artística obra de Bernardelli, balsão resplendente de amor, de toda uma tenacidade e de todo um esforço à memoria do maranhense illustre!

Rio, 10 de Julho de 1905.

FRANCISCO SERRA.

Ave erradia

Oh! sim! foi-se a vagar nos mares do misterio!...
E eu vago, desde então, nostalga, sombria!
Vassala da Saudade—esse fatal imperio...
—minh'alma é triste e só, desabitada e fria.

Debalde procurei pelo collar sidereo
a luz opalescente e meiga, a luz que eu via
no seu bondoso olhar!... Calou-se o mundo ethereo!
Minh'alma é triste e só, desabitada e fria.

E a vagar e a vagar eu vou, barco sem leme,
da vida pelo mar que espumejante freme
sem norte e sem farol e de illusões vasia!

E quem sabe? talvez nem mais um seio amigo
encontre nesta vida a lhe servir de abrigo
—minh'alma triste e só, desabitada e fria!

ROSALIA SANDOVAL.

Os limites da Biologia (*)

A medida que a ciencia progrediu a passos largos na senda das verificações experimentais, os espíritos aferrados à tradição buscam por todos os processos manter de pé o edifício das velhas crenças, em face do qual vitoriosa se ergue a construção das descobertas humanas.

Ao envés de confessarem um apêgo afectivo, aliás perfeitamente compreensível, pelos mitos de que viveram os nossos pais e que tantas obras primas teem inspirado aos artistas de gênio, procuram esses espíritos manter, *em nome da razão*, uma cosmogonia que nada mais justifica. Sob o pretexto de que a ciencia não responde a todas as questões que lhe teem formulado os homens, querem forçar-nos a conservar explicações cárduas que, encaradas de perto, se reduzem a uma mera logomachia.

Cancam-se de nos repetir, para tal apoioandose na autoridade dos maiores sabios, que o domínio da ciencia é distinto do da fé, que as descobertas realizadas nos laboratórios de modo algum contradizem os ensinamentos do dogma.

Não será inútil fazer desde logo notar que essas famosas questões a que a ciencia não deu ainda, nem dará jamais resposta, formulam-se no cérebro do homem em consequência de uma extravagância de espírito comum à maior parte d'entre nós e hereditariamente resultante das crenças dos nossos antepassados. Podem ser comparadas a essas outras que fazem aos pais certas crianças dotadas de uma curiosidade excessiva; semelhantes questões não teem resposta, e o mesmo se dá com as que formulamos, por exemplo, com relação ás nossas origens.

Quando nos falarem do *incognoscível*, do *infinito*, e de outras expressões por demais caras aos dogmatistas, não curvemos a cabeça vencidos, nem consentimos que elles proclamem a *bancarrota da ciencia*. Ha, é certo, um *incognoscível* para o homem, em consequência mesmo da sua propria natureza e este incognoscível compõe-se de tudo aquilo que no universo não tem ação sobre nós ou sobre os fenômenos que nos são acessíveis. Não podemos, evidentemente, conhecer aquilo que não age sobre nada do que conhecemos; mas, precisamente, aquilo que não age sobre nada do que conhecemos é-nos completamente *indiferente*, e é na verdade ilógico atribuir a este incognoscível a direção do mundo.

Responder-me-ão talvez a isso como já o fez o meu amigo Le Goffic, na epistola dedicatória do seu volume de versos *A alma bretã*: «Mas não é já conhecer o incognoscível o saber que elle existe?» E o poeta parte desta *boutade* para reclamar o direito de vida para o sonho e para o misticismo. Não ha dúvida alguma que, se toda a gente se contentasse em procurar apenas nos velhos mitos assuntos de obras de arte, não seria grande o mal a lamentar; os poetas sempre

(*) O presente artigo constitui o prefácio do magnífico livro, recentemente publicado, do sabio professor de Embriologia da Sorbona, intitulado: «Les Limites du Connaisable».

tiveram uma predileção especial pelas palavras graciosas. Os filósofos, porém, é que não as podem aceitar—apesar de nem sempre lhes ser possível evitá-las e o bispo de Belley ainda há pouco dizia, numa pastoral, que as criancinhas das escolas religiosas são neste ponto mais instruídas do que os mais ilustres filósofos, porque, pelo menos, têm resposta para tudo.

Todavia, mesmo sob este ponto de vista meramente artístico, não posso com segurança afirmar que o culto do mito não seja algum tanto perigoso. Não será talvez de uma grande utilidade consentir na propagação da idéia de que o belo reside principalmente na ficção, fora dos limites da verdade. Isto, no entanto, é ainda na nossa época um axioma para um grande número dos nossos contemporâneos e não será difícil encontrar para semelhante critério, que nada mais traduz do que um apêgo sentimental às tradições religiosas, uma causa biológica.

Com efeito, a parte do nosso mecanismo na qual reside aquilo a que chamamos a nossa consciência moral, o nosso sentido do bem e do mal, do belo e do feio, adquiriu-la hereditariamente de milhares de gerações místicas e ignorantes, e não será em alguns anos que essa herança se transformará.

Os caratéries das espécies são lentamente adquiridos e é lentamente que variam também, e não devemos esquecer que, durante um grande número de séculos, as crenças contra as quais se insurge hoje a nossa lógica soberanamente reinaram sobre os nossos antepassados. É por esta razão que entre muitos dos nossos contemporâneos se manifesta um conflito evidente entre a hereditariedade mística e o resultado da educação positiva, conflito por vezes demasia-damente doloroso. Receiam muitos o momento em que tal conflito não mais exista, porque acham que a vida sem mistério não valerá a pena de ser vivida. E esse um receio que a reflexão não justifica. Porque hoje encontramos um grande deleite no sonho, pondo-nos a raciocinar sobre os nossos descendentes como se *elles fossem nós*; de antemão os lamentamos por não fruirem mais as nossas alegrias, esquecendo-nos de que encontraram outras da mesma ordem na contemplação da verdade, livres do sofrimento da dúvida que tanto tortura aquelas de entre nós que se vêm solicitados por tendências antagonicas.

A despeito do que pensa o professor Grasset, que quiz impôr limites à Biologia, nada pode interessar o homem a menos de agir sobre elle; tudo o que conhecemos é do domínio da Biologia, pelo menos pela maneira por que o conhecemos: *conhecemos*, com efeito, por meio dos nossos órgãos, e o funcionamento dos nossos órgãos é dos limites da Biologia. A única coisa que, num fenômeno exterior, será suscetível de nos preocupar seriamente é a repercussão desse fenômeno sobre nós, e semelhante repercussão é essencialmente biológica.

FÉLIX LE DANTEC.

Em segredo



Ela supõe ao ver-me assim maguado
Que eu viva por quere-la arrependido
Quando, em verdade, o seu feliz noivado
Novo amor, novo sol, me tem trazido.

Triste eu vivo, mas não por te-la amado,
Nem por ella o meu peito ter ferido,
Sim por sentir agora o meu peccado
Em ter o seu destino ao meu unido.

Dirão que a minha sorte é fado triste,
Que é sem razão que assim venho conta-lo
A quaisquer que direito algum assiste

Mas ninguém sabe o modo porque calo,
Nem sabe a dor que em mim por tal existe,
Que em segredo somente eu nisto falo.

FRANCISCO SERRA.

Aos seus mestres e ás suas escolas, mais do que aos seus soldados e aos seus estadistas, deve a Suíça a sua liberdade e prosperidade.

John Hitz.

Um povo instruído procura a liberdade, e
um povo ignorante o despotismo.

Howkins.

Dois mortos

Ei-la! pallida, muda, inanimada,
como a florinha candida e mimosa,
que—da aurora ainda na orvalhada—
pendeu da haste, bella e languorosa.

Da vida ei-la morta na alvorada,
quando a existência é divinal, radiosa,
quando o amor—a perola dourada
do pélago da vida—é um céu de rosa...

Ei-la... morreu... —O séquito caminha
silencioso e triste... Tal a minha
alma a contempla no feral caixão.

Meu Deus! quanto é profunda esta amargura!
... Desce o corpo de Laura à sepultura,
e com elle alguém mais:—meu coração!

ALFREDO ASSIZ.



A Revista do Norte, 5º ANNO N.º 3

O Beijo

A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 2

Outubro de 1905



O mez

Está em festas o sr. Braulino Silva.

Parece-nos que vemos desde já os nossos leitores, ao ler essa estarrecente nova, arregalarem os olhos de espanto. Ora, já o dizia o maduro do Aristoteles, o espanto é o começo da ciência: quem se espanta é porque quer compreender e explicar.

Nada mais natural, portanto, do que as perguntas que mentalmente se farão os que nos leem: Quem é o sr. Braulino Silva? Porque é que ele está em festas? Em que consistem essas festas?

Como o nosso dever de cronista é exatamente esse: informar os nossos leitores sobre aquilo que ellos ignoram — vamos tentar, na medida dos nossos apurados conhecimentos do caso, pôr em pratos limpos toda essa embrulhada.

Ao primeiro quesito respondemos: o sr. Braulino Silva é um mamífero, da ordem dos bimanes, descendente, como toda a gente, do *pilocentropus alalus*, de Haeckel. Até aqui temos toda a certeza do que afirmamos; se, porém, da classificação zoológica do sr. Braulino, quizermos

descrever as particularidades típicas da sua individualidade, aos signaes distintivos que o diferenciam dos outros heteropodos da sua ordem, somos forçados desde o começo a confessar a nossa incapacidade absoluta nesse ponto, porque nunca vimos o sr. Braulino mais gordo. Podemos, no entanto, avançar que o sr. Braulino é negociante e que reside na villa do Rosário. A que ramo de negócio, porém, se dedica, eis ahi o que ignoramos; a unica coisa que nos é lícito declarar é que o seu estabelecimento commercial tem uma fachada e um salão, como adiante se verá.

Ficam assim os nossos amáveis e curiosos leitores sabendo, tanto quanto é possível, dada a penuria das nossas fontes de informação, quem é o sr. Braulino Silva.

Passamos agora ao segundo quesito: Porque é que está em festas o sr. Braulino? Para responder satisfatoriamente a esse quesito, precisamos retroceder um pouco no tempo.

Como sabem todos, foi, há perto de um anno, fundada nesta capital uma agremiação que tomou o designativo de *Club Patriótico Lauro Sodré*. Os promotores desse Club, sob a presidencia do poeta das *Missas Negras*, o sr. Ignacio de Carvalho, espalharam circulares pelo interior do Estado, pedindo a adesão dos patriotas revisionistas, visto como o Club, que no dizer desses mesmos promotores não tinha intuições políticas, desfraldava a bandeira da revisão constitucional, bandeira que, ao fazer desta, já ha de andar bem amarrada, tantas e tão diversas são as mãos por que tem passado. Muita gente filiou-se à novel associação e entre esses filiados, como tudo nos leva a crer, contava-se o sr. Braulino.

Correram os tempos e quando o Congresso Federal votou a amnistia dos implicados no movimento de 14 de Novembro ultimo, o Club, como era natural, realizou grandes festas nesta capital em comemoração desse acontecimento. Os ade-



MINAS GERAES—Vista geral da cidade de Juiz de Fora

ptos do interior do Estado, telegraficamente, se incorporaram às manifestações de que era alvo o illustre senador fluminense. O sr. Braulino, porém, deixou-se ficar nas encolhas; não lugio nem mugio. Se algum entusiasmo sentiu, extravasou-o no sagrado recesso de seu lar, pacata e intimamente, sem que o eco dessas expansões cá por fóra se espalhasse.

Agora, porém, quasi um mez depois do facto, surge com dois telegrammas, um endereçado ao simpatico cantor dos *Fructos Selvagens*, e o outro ao Presidente do Club da Guarda Nacional, comunicando que se achava em festas, por causa da amnistia do sr. Lauro Sodré—por onde se verifica que o sr. Braulino tem as expansões dos seus jubilos patrióticos algum tanto tardias. Se queria festear a amnistia, que a testejassem em tempo, quando todos os outros o fizeram; não era deixar passar o momento oportuno e agora, depois que os animos arrefecem, que o entusiasmo sere-nou, surgir-nos com aquelles dois telegrammas, de que nos deu sciencia o «Diario do Maranhão», de 2 do corrente mez.

Respondido, pois, o segundo quesito: o sr. Braulino Silva está em festas em principios de Outubro porque o sr. Lauro Sodré foi amnistiado em principios de Setembro.

Quanto ao terceiro: Em que consistiam essas festas? melhor do que nós respondem os dois telegrammas abaixo, que com a devida venia passamos para as nossas columnas:

Rosario, 1°

Dr. Ignacio Carvalho, Presidente do Club Lauro Sodré
Homenagem patriota denodado republicano senador Lauro Sodré, fiz reforma completa no meu estabelecimento commercial denominando fachada e salão "Lauro Sodré",

ocupando centro do mesmo estabelecimento retrato respectivo.

Reina grande animação, festas, foguetes, embandeiramento e flores.

Assistiram famílias e cavalheiros.

Viva Lauro Sodré!

Braulino Silva.

Rosario, 2

João Cantidio Ribeiro, Presidente Club Guarda Nacional
Saudações. Estou em festas honra patrono defensor classe moldurado retrato dentro estabelecimento denominado fachada salão Lauro Sodré. Completa festa; assistiram grande numero famílias, cavalheiros.

Viva Lauro Sodré!

Braulino Silva.

Eis ahí, pois, em que consistiram as festas do sr. Braulino: na reforma do seu estabelecimento e no baptismo da fachada e do salão com o nome do Senador Lauro Sodré. Não se sabe ao certo que salão vem a ser esse, nem tão pouco se o retrato inaugurado no estabelecimento foi o do sr. Lauro Sodré ou o do proprio estabelecimento. Mas isto é o menos, são defeitos de redacção em que muita gente boa anda todos os dias caindo.

Nós temos por habito acatar delicadamente as crenças alheias, sejam elas de que ordem forem.

O sr. Braulino Silva entende do seu dever ficar em festas—está muito bem; julgou que o melhor meio de traduzir a sua veneração pelo senador fluminense era dar o seu nome á fachada de seu salão—ainda muito bem. Agora o que não podemos deixar passar sem protesto é aquella errada suposição em que labora de ser o sr. Lauro Sodré defensor da classe dos negociantes. Ao que nos conste, o honrado parlamentar brasileiro ainda não revelou até hoje predilecção acen-

tuada para a defesa desta ou daquela classe social; parece-nos mesmo que se elle algum dia se resolver a trabalhar exclusivamente por uma em detrimento das outras, não será a dos negociantes a preferida e sim essa outra a que elle pertence e à qual tanto brilho tem dado: a dos militares. Se o sr. Braulino pensa que poderá reputar melhor as suas mercadorias e vende-las mais caro aos rosarienses, porque se acha sob a egide protetora do sr. Lauro Sodré, engana-se redondamente. E nós, desde já, em alto e bom som desmascaramos semelhante engano, a bem das nossas bolsas, antes que a moda pegue por cá. O sr. Lauro Sodré não é defensor dos negociantes, assim como não o é, nem dos agricultores, nem dos criadores, nem dos bachareis, nem dos medicos, nem dos engenheiros, nem de ninguém. Trabalha pela realização prática das suas idéas políticas geraes e nesse ponto exerce um direito que ninguém lhe pode contestar. Fique de uma vez por todas sabendo disto o sr. Braulino e todos os outros que pela sua cartilha queiram ler. Quem se servir do nome do representante fluminense para por melhor preço ceder as suas mercadorias ou o seu trabalho, está cometendo um abuso contra o qual com toda a indignação protestamos.

JAYME DE AVELAR.

A Demotica



E interessante ver como os mythos hellenicos, como o de Psyche e de Persephone, de Charonte e outros, se transformaram em contos populares, ou se generalisaram nos Exemplos dos pregadores. E este espirito de continuidade o que melhor pôde educar a imaginação das crianças, fazendo-as sentir a sua solidariedade com o passado e a seriedade da poesia.

Ao traçar a introdução do sexto anno da revista *A Tradição*, referimo-nos à parte constructiva a que se presta este material folklorico: — «Pelas investigações provinciais poder-se-ia chegar a reconstruir a tradição lusitana, pelo Minho, completando pelas tradições populares da Galiza e das Asturias essa unidade ethnica, quebrada sob a conquista e administração romana; pelo Douro e Beira, em relação com a Extremadura hespanhola; e pelo Alentejo e Algarve, separados da Andaluzia, recompondo esse mundo ethnico da Lusitania, *a dos antigos*, como chamava Strabão ao grande tratado geographico que constituiu a Hespanha occidental, contraposta à iberica ou oriental.

Em Hespanha, sob o valente impulso do desditoso Machado y Alvarez, formaram-se numerosas Sociedades Folkloricas nas diferentes regiões ou províncias, chegando algumas delas a publicar magnificas revistas e uma serie de vo-

lumes especiaes. Todo esse movimento entusiastico ficou interrompido pelo falecimento de quem o vivificava; mas o que veio à luz já se não perde diante da necessidade dos processos comparativos, em que começa a elaboração scien-tifica.

Todas estas apparentes curiosidades constituem os dados de uma sciencia nova, em que, como revelação das collectividades humanas, e penetrando esse espirito da multidão anonyma ou do Povo (*Volkgeist*) os seus conhecimentos transmittidos pelo empirismo inconsciente (*Folk-Lore*), são estudados os Costumes, os Cantos, as Danças, as Narrativas tradicionaes, as Lendas, Superstições, Industrias locaes, Usos domésticos, Crenças religiosas, Linguagem, Mythologia, Arte, Paremiologia, Escripta, Ceremónias sociaes e cultuaes, Profissões, Jogos e Psychologia infantil. Todo este vasto campo de phenomenos, alguns dos quaes se acham systematisados em sciencias sociaes, carece de ser subordinado a um ponto de vista nitido, de que a designação de Folk-Lore nos não dá a noção.

O homem em collectividade tem um outro relevo psychologico; e essa collectividade, na sua forma social, nacional e historica, apresenta caractéres extraordinarios, de uma singular potencia criadora. Mesmo as sociedades existem por meio de criações anonymas, como se vê na formação das Linguas, e no consenso da Moral e da Nacionalidade. Tomando a palavra *Demos*, que exprime essa collectividade, já empregada para designar a independencia popular no regimen da *Democracia*, e mesmo designar os caracteres *demoticos*, da ecripta popular contraposta aos hieroglyphicos, presta-se este radical a denominar de uma forma expressiva essa nova Sciencia, que tanto carece de Systematisação. DEMOTICA chamariam á sciencia que integra as seguintes sciencias especiaes:

A *Ethnologia*: comprehendendo os *Costumes* ou as persistências; as *Tradições* ou as sobrevivências, e a *Moda* ou as imitações e as recorrenças. Além destes grupos de phenomenos existem outros, de natureza involuntaria e inconsciente, como a *Natalidade*, a *Mortalidade*, a *Criminalidade*, que se agrupam sob o nome de *Demographia*.

A *Demopsychologia*: comprehendendo todas as manifestações emocionaes e mentaes, que representam o mundo exterior e estados de consciencia: taes são os *Mythos*, a *Hierologia* fetichista, polytheica e monotheica a *Paremiologia*, a *Linguagem* figurada, os *Symbols*, os *Actos allegoricos*, a *Novellistica*, *Adivinhas* e *Jogos*.

A *Ethologia* ou determinação dos caractéres nacionaes: os Cantos populares, nas tres formas lyrical, narrativa e bailada, como rudimentos das formas do Lyrismo, da Epopéa e do Drama nas Literaturas nacionaes. E este o processo generativo para comprehendér a origem das formas da *Arte* e o seu espirito nacional.

Para a constituição da DEMOTICA trabalharam grandes espiritos, como Grimm, Koeller, Benfey, Tylor, Edwards, Spencer, Quetelet, La-



PARA — Fábrica de cerveja Paraense (*Phot. do amador R. Guimarães*)

zarus, Steinthal, Welcher, Max Muller, Swartz, Ralston, Liebrecht, Lubbock, e tantos outros, que vão rasgando novo horizonte, que nos approximam da posse do mundo moral pelo conhecimento do problema da consciencia humana, no accordo da subjectividade com a objectividade. Raros são os espiritos que podem aliar-se à altura d'esses homens de sciencia; mas todas as intelligencias sinceras, que sabem observar em volta do seu meio, podem contribuir para a construção desta historia latente da Humanidade, implicita nas formas complexissimas da sua Tradição.

THEOPHILO BRAGA.

Num cartão postal

Por centenas de alfarrabios
E de sistemas — andei...
Li philosophos e sabios,
Em tudo, attento, escrutei...

Mergulhador destemido,
Corri os fundos do mar,
Com o pensamento incendido,
Com a alma toda no olhar...

Cheio de febre, sedento
De alçar-me aos cémos da luz,
Fui até ao firmamento,
A ler nos astros azues...

E desde o pôllen das flores
Aos fosseis atlantosaurios;
Da vida dos sonhadores
A' vida escura dos saurios;

Arrastei a ancia alchimista,
A aspiração incontida
De alcandorar-me á conquista
Do Porque da minha vida!

Mas, pobre Philosophia!
Fraca e misera Rasão!
Fiquei por fim de alma fria,
No vacuo, sem um clarão!

Tombei do páramo augusto
Das minhas crenças em flor,
Para um leito de Prousto,
Para os assombros da dor!

Um dia, entanto, surgiste...
Trazias toda a verdade
No olhar esplendido e triste,
Na divina mocidade!

E tanto amor em teus olhos
Desde esse instante bebi.
Que, se a vida tinha abrolhos,
Eu nunca mais os senti.

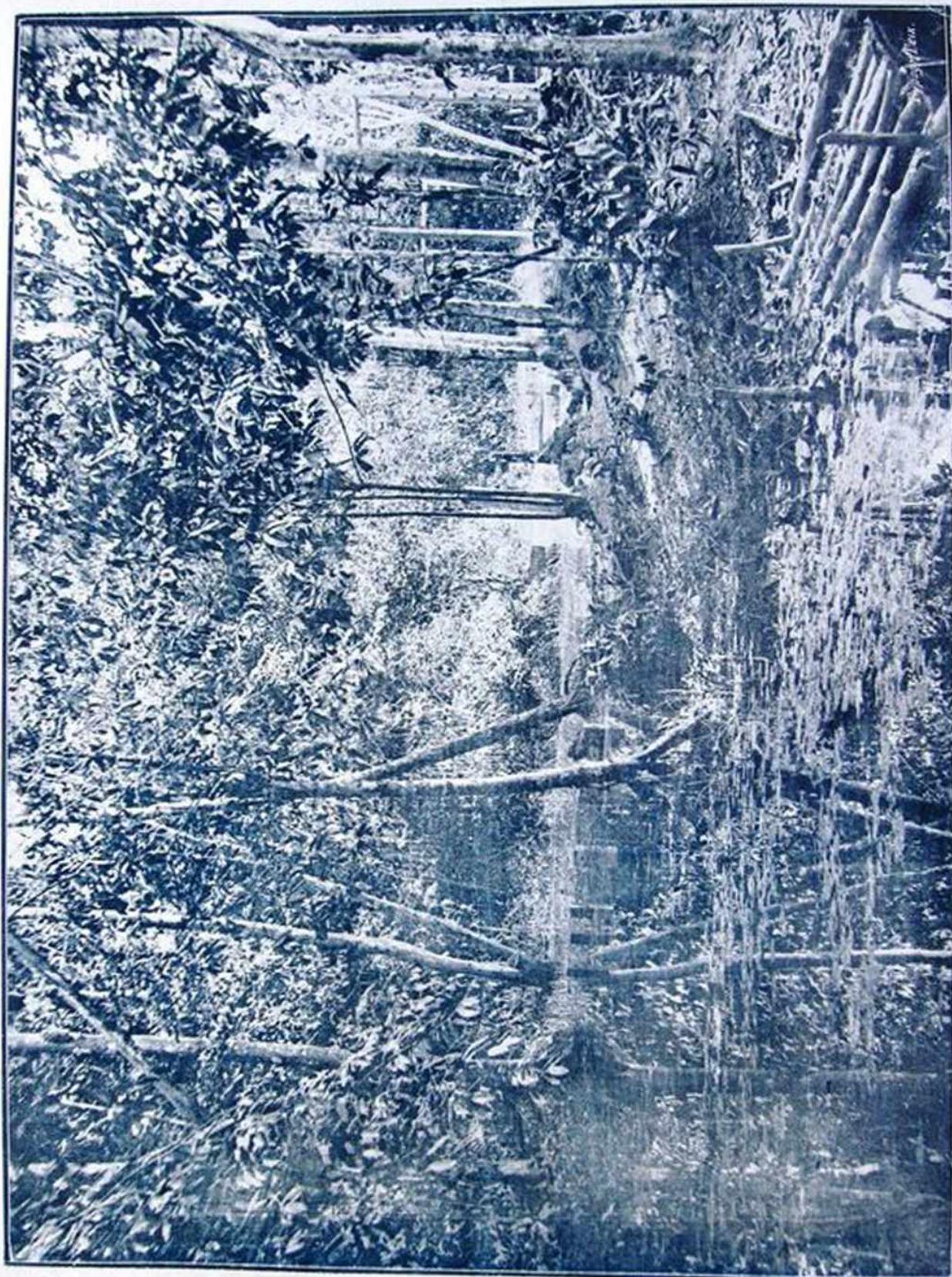
ALFREDO ASSIZ.

A falta de observação



A falta de observação é sensível nos povos sul-americanos, principalmente nos individuos das classes dirigentes. Essa falta de observação constitue, mesmo, o segundo traço dominante do seu carácter. Esses homens, que se deviam reportar às necessidades reaes da Nação, nelas inspirar-se, vivem fóra dos factos, não sabem vê-los; o mundo actual, ambiente, não tem significação para elles; fazem toda a sua obra com o cabedal

livresco. Em vão se procurará nos seus discursos, programmas, pareceres, proclamações, a expressão dos problemas efectivos do momento, e as suas soluções possíveis. Discutem sobre os casos que se apresentam na vida corrente da nacionalidade, com as teorias geraes dos livros estrangeiros, ou com os chavões e aphorismos consagrados por esse senso commun, vao e antiquado, vindo de eras desfuntas, inspirado em



MARANHÃO—No Currim (arredores da capital) Phot.-amador Cappello Cappelli

causas estranhas. Raciocinam a grandes alturas, vêem sistemas e perdem de vista as condições em que os factos se passam. Nos momentos de crise agitam-se, porque toda a gente se sente mal e reconhece que ha necessidades a attender, vicios a corrigir, costumes a modificar; mas essas necessidades, a menos que não sejam evidentes por natureza, não saem de um vago e indefinido mal-estar—a sensação do organismo enfermo, incapaz de atinar com o seu mal. Os problemas não se precisam—generalidades, modelos de soluções, ora abstractos, ora eruditos. Muitas vezes tomam como causa o que é um mero symptom, a par de muitos outros; tal sucede, por exemplo, quando imputam as dificuldades economico-financeiras à instabilidade do cambio, depreciação do papel moeda, circulação fiduciaria, etc. Desta forma, é natural que a agitação e o mal-estar se perpetuem; a confusão é permanente, e dentro della esses homens continuam a guiar-se por formulas vãs, e a propôr soluções livrescas, que não resolvem nada, ergotando sobre subtilezas, incertos nesse psycismo intellectual e politico, ou no vago de um pensamento alheio, no cerebro dos outros. Mesmo para uma solução que seja praticamente definida e clara, impõe-se por si mesma, elles, ainda quando a adoptam, não ficam tranquillos se não a vêem consagrada nos livros. E por esta razão que se contentam todos com as soluções escriptas. Uma necessidade social, qualquer que ella seja, está resolvida no momento em que um decreto escripto vem promulgado. Desde esse momento, ella desapareceu, não se trata mais disto. Havia a escravidão, mas reconhecia todos que, sobre ser uma injustiça ignobil, a permanencia dessa instituição era também um obstáculo ao progresso economico do paiz, e que nesta hora não pôde haver prosperidade com o trabalho escravo. «É preciso que o trabalho seja livre»; e era isto unicamente que todos pediam, absolutamente certos de que fôra bastante dizer em lei que o trabalho é livre, para que se estabelecesse o regimen de um trabalho efectivamente livre. Ninguém se deteve a examinar o caso e procurar os meios efficazes de se fazer a transformação na producção. Não viam, sequer, que o trabalho livre deve ser intelligent e aperfeiçoado, e que era mister, antes de mais nada, educar o trabalhador, instrui-lo, levar o productor a melhorar os seus processos, meio unico de compensar a barateza do trabalho escravo que se perdia. Disto não se cogitou. Decretou-se a libertação, e foram-se todos, considerando a reforma como acabada; e, se alguém ainda se ocupou do caso,—foi para pedir ou propôr que se importassem braços baratos, que pudessem substituir os antigos escravos, nada se alterando nos costumes e nos processos: chineses ou italianos, que viessem ocupar as antigas senzalas—um salario baixo, equivalente á alimentação e ao juro do preço do negro... tudo mais como d'antes. Quanto a essa população das classes inferiores, antigos escravos, nacionaes proletarios—quanto a estes: que sejam obrigados por lei a trabalhar; pedem-se leis sobre a vagabunda-

gem, lei de locação de serviços, na convicção de que, no momento em que alguns decretos, substancialmente de artigos e paragraphos, vierem publicados, todos esses homens se tornarão logo activos, adorando o trabalho, e dispostos a dar o seu labor ao fazendeiro ocioso e bruto, por um salario miserável. O essencial era garantir o fazendeiro, tal, qual elle é, criando embora dificuldades no futuro. E o fazendeiro, que viveu sempre parasita, já não quer sómente braços baratos; reclama também quotas directas, em especie—auxílios á laboura, compensação aos lucros cessantes... Hontem parasita do escravo, hoje parasita do Estado—é-lhe indiferente, certamente, quem o tenha de manter, contanto que não haja de alterar o viver. E os auxílios veem; mas nem elle se sacia, nem melhoraram as condições da laboura, convertida hoje em verdadeiro pauperismo, cuja miseria aumenta na proporção das esmolas e auxílios que recebe.

Isto é assim para as outras classes, em todos os outros mistérios—nas sciencias, letras, industria... Quando saem da rotina irracional, caem nas applicações eruditas. Certo, existem na America do Sul muitos homens illustrados—pela livraria, muitos espiritos curtidos de leitura; mas sciencia de verdade, que é a sciencia baseada na observação, essa não existe. Assim se explica porque se conhece tudo—do céu e da terra—menos o meio e a natureza dentro da qual vivem todos. O pouco que se sabe é de torna-viajem, aprendido nos livros; as observações e experiências são geralmente a copia servil de outras, hauridas nos livros; são «pastiche». Podem ser contados, tão raros elles são, os livros americanos sobre cousas americanas.

Os americanos do sul não se conhecem uns aos outros, como não conhecem os proprios compatriotas. É noção que ainda não entrou no animo das gentes letreadas deste continente—que é possível aprender fóra dos livros. Para esta classe, como para todo o mundo, aqui, a sciencia reduz-se á leitura; as competencias medem-se pelas bibliotecas, traduzem-se por discursos, e afirmam-se pela erudição. E como nenhuma cultura se faz pela observação das cousas, e como nenhuma producção intellectual se liberta da influencia indirecta dos livros, não existe nenhuma originalidade, porque esta só existe para quem sabe inspirar-se na natureza, onde a novidade é constante. Não ha espirito scientifico, nem pôde haver; a leitura só dá instrucção, isto é, serve, apenas, para pôr o individuo ao nível da corrente intellectual da sua época; mas, em realidade, ella não educa a intelligencia, porque não desenvolve o espirito de observação, não methodisa a elaboração mental, nem estimula a originalidade. Em resumo: a leitura é indispensavel, mas não é o bastante.

São verdades corriqueiras estas, mas de que ninguem está convencido; e aquelles mesmos que as admitem procedem como se as desconhecessem. Por toda a parte, a vertigem óca, inutil e vã, a retórica, ora technica, ora pomposa,



MARANHÃO—Companhia de Bombeiros—Exercício no pateo interno

a erudição miope, o apparato de sabedoria, uma algaravia affectada e ridícula, resumem toda a elaboração intellectual. O verbocinante é o sabio. As generalisações sem base—transcripção literal dos systemas e abstracções filosóficas, substituiram a observação. Vem d'ali esta mania de citação, tão generalizada nas locubrações dos letrados sul-americanos; quem mais cita mais sabe, um discursador é um homem apto para tudo. Aceitam-se e proclamam-se os mais altos representantes da intellectualidade: os retóricos inventados, cuja palavra abundante e preciosa se impõe como signal de genio, embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma idéa original, nem uma só observação propria. E disto ninguem se escandaliza; o escândalo viria se houvera originalidade. (1)

As producções intellectuaes—poemas, codigos, discursos, tratados ou leis são todas egua-

mente incaracterisadas. Os Códigos e Constituições não são simplesmente estatutos geraes: são compilações quasi abstractas, indiferentes, estranhas ao meio onde se applicam. O Código A ou o Código B—são tão pouco inspirados nas necessidades reaes do paiz, que funcionam no Brazil, ou no Perú, como funcionariam na Suecia, ou em Massachussets—questão de nomes proprios. As constituições applicam-se ás sociedades como taboletas nos armazens; trocar-se-iam e ninguem dariá pela cousa; fazem-se sobre os livros, fechados os politicos ao mundo ambiente.

Olhemos para as nossas. A primeira, a do imperio, era a constituição de toda a parte: constituição de monarquia constitucional, comprada em bazar de roupas feitas—mangas, bolsos, gola, Benthan, equilibrio dos poderes, regimen representativo; vestida ao Brazil, como teria sido vestida á Espanha, á Italia, ou mesmo ao Japão. Na pratica, foi a continuação do regimen colonial, sem metropole, isto é, com a metropole de d. João VI,—filhos e netos, no Rio de Janeiro, ornada com um parlamento. Mal satisfeitos os povos, fez-se a propaganda republicana e como todos sentissem esta impressão: de que um dos maiores essenciaes do paiz era a falta de autonomia de cada região (num tão vasto território) para prover as suas necessidades proprias; como sentissem que esse exagero de centralização administrativa era apenas, e precisamente, uma sobrevivência do Estado colonial, perpetuado na

(1) No Brazil um dos homens geniais, jurisconsulto de profissão, é chamado, «por ser o mais apto», a dizer sobre o projecto de «Código Civil», e, em toda a obra, o que elle vê é imperfeição de forma, faltas de syntaxe. Só o desarranjo das palavras e orações o impressiona: «...as cacofoñas, os hiatos, os ecos, as collisões...»; escreveu 200 páginas in-quarto, para ciscar, uma por uma, todas essas asperezas e malsonanças, alongando-se sobre todas as subtilidades da gramática: eliminam-se os «só sujeitos... declarações sobre... caução só... só sobre... averiguar qual... completos termina... locador dar... por culpa a parte...»; não haja *ss*, nem *qq* depois de *gg*, nem *tt* depois de *dd* encadeados, e o código será uma perfeita maravilha.



PHAELENTE DA CÂMARA

(Da Academia de Letras, de Pernambuco. Poeta e jornalista.—Autor do *Duelo e Infanticidio*).

monarchia—como sentissem essas cousas, se bem que vagamente, fez-se a propaganda federalista, ou, melhor, a propaganda anti-colonizadora... Veiu a Republica, e, quando a proclamaram, já foi—a Republica federativa dos ESTADOS UNIDOS do Brazil. Aboliu-se a centralização, adoptou-se o federalismo, pediu-se uma constituição... Uma constituição, para o Brazil não centralizado?... Está achada: abre-se a constituição dos Estados Unidos da America do Norte, e a constituição da Suissa, e algumas paginas da constituição argentina; cõrta d'aqui, tira d'ahi, copia d'acolá, cosem-se disposições de uma e de outra, alteram-se alguns epithetos, pregam-se os nomes proprios, tempera-se o todo com um molho positivista, e temos uma constituição para a República do Brazil—federativa e presidencial, constituição na qual só não entrou a historia, as necessidades do Brazil. Ela está cheia de disposições tendentes a respeitar preconceitos e susceptibilidades que não existiam, legislando para uma heterogeneidade, de povos e de tradições, desconhecida na historia do paiz.

Em compensação, nada existe no sentido de encaminhar a Nação a normalizar a divisão das conscrições territoriales, distribuindo-as em zonas e regiões naturaes, de interesses unificados, e protegendo os povos, de modo a poder atender ás suas necessidades proprias. Nada existe que garanta a conservação desses laços de solidariedade e de sentimento, essa homogeneidade de idéas já existente, e que será sempre uma grande vantagem social para o Brazil, e para a humanaidade em geral: a comunidade de sentimento e de linguagem, a amizade desinteressada de populações ocupando 1/16 de todas as terras do planeta, são circumstancias que não devem ser esquecidas. Dois individuos que se não comprehendem estão mais perto de fraternizar e progredir, principalmente se a raça, a educação e os gostos moraes se approximam tambem.

Entrou em prática a nova constituição, e do

federalismo sairam estas series de governiculos caricatos, desmoralizados uns, retrogrados outros, tyrannicos e iniquos quasi todos, estonteadores, sem saber bem que fazer dessa autonomia já excessiva, já incompleta... E, desorientados, sem pensamento definido, mal dão idéa de uma Nação solidaria. Para o presidencialismo, a acclimação foi mais facil: é o *regime do Presidente*—este acolhe aquelle; aquelle escolhe aquelle outro; a constituição é respeitada, uma vez que, no fim dos quatro annos, o antigo se vai embora, e dá o lugar ao successor, por elle nomeado.

E, por ser o régimen do Presidente, este determina quaes os deputados e senadores que devem ter assento no Congresso: os que foram designados pelos respectivos governadores dos Estados—adaptação feliz do presidencialismo à federação...

MANUEL BOMFIM.

Um grupo

A Alfredo Muniz

Um alegre casal de passarinhos
Num dos ultimos dias, creio, quando
O inverno lhe roubou a paz e os ninhos,
Veio bater-me á porta, azas ruflando.

Dei ao casal faminto de carinhos,
Como um tenor de trovas, emigrando,
A companhia dos meus tres filhinhos
E o calor da lareira espiralando.

No batente da vida, em plena arfagem,
As aves e as creanças—um thesouro—
Vivem na mais leal camaradagem.

Possa crescer, da aurora ás cantilenas,
Dentro de um ninho só, de jaspe e ouro,
Esse grupo gentil de aureas phalenias.

PHAELENTE DA CAMARA.

A morte de Gonçalves Dias

Ilustre confrade sr. Antonio Lobo



Permita-me procura-lo sem apresentação: não só a camaradagem literaria me autorisaria a isso, como a natureza do assumpto desta é de feição a dispensar essa formalidade.

Venho falar-lhe de um quadro que está sendo pintado nesta capital pelo talentoso artista e meu bom amigo Eduardo Sá. O assumpto é a morte de Gonçalves Dias. A tela não representa o episodio verídico do sinistro, o que seria banal, mas idea-

lisa-o com poesia e grandeza de concepção.

Sobre um madeiro solto do *Ville de Boulogne* estende-se o corpo do poeta; uma grande e formosa vaga se arqueia sobre elle, na iminência da rebentação, lembrando uma fave de fera aberta para tragar a presa; à cabeceira do poeta, de pé sobre o madeiro, um tymbira de rosto grave, fita-o e, de braço estendido, apresenta as suas obras á posteridade; da mão-inerte do poeta caem folhas de papel na voragem do oceano—allusão aos seus escriptos que se perderam; gaivotas esvoacam em torno, e ao longe, num fundo de lindo céu violaceo, vêem-se vagamente as costas do Maranhão.

Tal é, através da minha chôcha prosa, a grande e soberba tela de Eduardo Sá. O artista pintou-a por dar corpo á sua inspiração, sem nenhum proposito definido; eu, porém, convidei para ve-la o senador Benedicto Leite e o deputado D. de Abranches, que tiveram a mais feliz impressão. E assim é bem possível que a tela vá adornar o palacio do governador do Maranhão, predio que está sendo reparado actualmente.

Sabendo que isto não pode deixar de interessar á sua terra em geral e aos intellectuaes maranhenses em particular, mando-lhe esta boa noticia, que poderá comunicar á imprensa, se assim o entender.

A' rua do Cattete, 120, aguarda as suas ordens o

confrade e admirador

ANTONIO SALLES.



Quando se propalou que Plínio Varella fôra encontrado em pleno dia estendido no meio da rua, sem pinta de sangue no rosto, macilento, sujo de lama, immundo como o mais vil dos bebedos, houve uma exclamação geral e dolorosa:—Coitado!

A principio ninguem quiz tomar a serio tão contristadora nova, e toda a gente procurou justificar a sua incidelididade, affirmando, convicta, que Plínio procedera sempre correctamente, irreprehensivelmente, com a maxima prudencia: que era um bello rapaz, serio e ajuizado, incapaz de semelhante deshonra: que nunca o tinham visto beber sequer um gole de bordeaux ao jantar, quanto mais a ponto de andar caindo escandalosamente nas ruas de uma cidade—elle, um filho-familia nobre, elle, um fidalgo!

Calumnias... Inventaram-se logo mil historias, cada qual mais extravagante, para justificar o facto, caso fosse verdadeiro...

Se Plínio fosse um simples burguez, um maltrapilho, um miseravel—nada mais natural; mas Plínio era filho do sr. visconde, e, portanto, o caso mudara inteiramente de figura, offerecendo aos olhos da bisbilhotice humana sob um aspecto novo e phenomenal.

Segredava-se que o joven perdera no jogo quasi toda a fortuna, empenhando até joias da familia, commendas e brazões...

A maior parte das conjecturas versavam sobre assumtos amorosos.

Na rua, nos cafés, nas tavernas, em toda a parte se commentavam os actos desregrados de Plínio Varella.—Ninguem o via agora que não fosse delirante de embriaguez, de copo em punho, e valente, desfeiteando a uns, insultando e desrespeitando a outros, como um louco, no auge de uma superexcitação ridicula e teimosa.

Desgostos! Tedio da riqueza! Vicio hereditario...

A verdade é esta: Plínio amava de longa data uma Carolina Mendes, mulher tão opulenta de carnes como pobre de dinheiro, que elle arrebatara da miseria para collocar ao lado das mais luxuosas cortezás do Rio. Graças a elle (felicidade inaudita!) Carolina ostentava diademias de brilhantes, braceletes caríssimos, ricos vestidos sumptuosos e carroagem de assentos estufados e bellissimos, um esplendido palacete em Botafogo.

Foi assim que uma simples e anonyma costureira se tornou rica e desejada.

—Ah tens tudo quanto precisas, filha, dizia-lhe Plínio: eu só desejo, eu só ambiciono o teu amor, o teu amor absoluto, incondicional!

Ella jurara não o deixar nunca, viver exclusivamente para elle.

Um dia, porém, ao entrar em casa de Carolina, Plínio notou que ella não fôra receber-lo á entrada, como era costume.—Oh!.. nunca lhe acontecera aquillo!

Bateu palmas. Nenhuma voz. Nenhum criado!.. Todavia a casa estava aberta...

Plínio empallideceu, e, cobrando animo, galhou sem folego, duma assentada, o ultimo degrau superior da escadaria e logo investiu para os aposentos da sua amante.

—Carolina! chamou o fidalgo.

Mas ninguem respondeu. Ria-se para elle a careta de um clown pousado sobre a meza, em bronze.

—Carolina! repetiu com a voz tremula.

O mesmo silencio de cathedral dezerta, o mesmo abandono glacial de sepultura aberta, a mesma desolação...

Imovel no meio do quarto, Plínio viu passar a sombra de um gato, cujos olhos luziam como duas tochas de fogo, debaixo da cama.

—Que diabo! murmurou. Dar-se-á o caso?..

Veiu-lhe á idéa um crime, alguma desgraça.

O aposento principal de Carolina conservava o mesmo aspecto de sempre, a mesma ordem, o mesmíssimo arranjo dos moveis. Lá estava exactamente á cabeceira do leito, esbelta e graciosa,

a figura mythologica de Venus surgindo das espumas, nua, cabellos soltos, tumidas as pomadas cor de leite... Venus sorria deliciosamente na rica tela de Bonhomme.

Sobre uma pequenina e artistica mesa de ebano, trabalhada a lavores, um magnifico relógio de marmore indicava—XII.

Plínio approximou o ouvido: estava parado.

Apprehensões sinistras tomaram de assalto o joven fidalgo.

—E esta! exclamou, cruzando os braços, estatelado. Vêem-se coisas!...

Depois, com o passo incerto, a respiração curta, e o olhar humido, percorreu toda a casa escrupulosamente, desde a grande sala da frente, onde os passos morriam na rica tapeçaria de feltro, até aos fundos, e, como fulminado por um raio, foi cair, pallido de colera, roido de ciúmes, soluçando de amor, naquelle mesmo leito coberto de renda e escomilha, perfumado a sandalo, com espelhos de cristal, que fôra tantas vezes seu ninho de felicidade, agora transformado, ó escarneo! em leito de amargura!

Soluçou como um desesperado, no triste silêncio da alcova, e para não chorar como uma criança todo o resto da noite, ergueu-se com um salto, precipitando-se portas fôra, possesso...

Ria o clown de bronze e ria a Venus de Bonhomme...

No dia seguinte foi encontrado o pobre fidalgo no meio da rua, sem pinta de sangue no rosto, sujo de lama, immundo, como o mais vil dos bebedos.

Gente parava e repetia:

—Coitado!...

(Dos *Pequenos Contos*, livro inédito).

ADOLPHO CAMINHA.



As doenças artificiais

Muitos dos nossos males são devidos à propria força da civilização. Assim é que a tuberculose parece ser um pro-

duto do *surménage* num ar confinado; a paralisia geral do cerebro é um outro efecto da fadiga sobre um terreno frequentemente inficionado pela sifilis. Debaixo d'este ponto de vista, poderiam, pois, essas duas molestias ser consideradas artificiais, isto é, molestias que não representam um acidente dumha atividâde natural.

Ainda mais definidamente artificiais são as molestias do trabalho, como as nevroses dos ossos que atacam os fabricantes de fosforos e a gó saturnina que tanto flagela os pintores.

Mas não é destas afeções que eu me quer hoje ocupar. O assunto deste ligeiro artigo veem a ser exatamente as molestias produzidas diretamente pelo homem que as fabrica com os seus próprios recursos, tira-as do seu cerebro e dos seus nervos, sem nenhum auxilio material exterior. São essas que evidentemente constituem um produto artificial, porque a vontade que, á primeira vista, parece não haver tomado parte na sua criação, pode expulsá-las por um simples esforço metódico da razão.

Dizia-me, ha pouco tempo, um alto funcionário da Construção publica:—«Ha um problema que nos inquieta sobremodo, porque não se encaça em nenhuma explicação racional—a neurastenia, que cada vez mais ataca os nossos professores. Por mais que simplifiquemos os programas e diminuamos as horas das aulas, o pessoal docente é cada vez mais dizimado por esta infernal doença, que os competentes atribuem ao *surménage*».

Teria toda a razão o meu interlocutor, se essas abundantes neurastenias fossem, com efeito, devidas a um excesso de trabalho; mas, o certo é que nada disto se dá e a causa de semelhante mal deve antes ser baseada no simples jogo das imaginações.

O homem sempre experimentou no curso da sua atividade laboriosa e mesmo na vida a mais ociosa—em consequencia do jogo fisiológico dos seus órgãos—sensações mais ou menos dolorosas em varias partes do corpo, cansaços, anciedades, hesitações, etc.

A todo o mundo tem já decerto acontecido sentir-se bruscamente empolgado por picadas vivas na cabeça, na região do fígado, numa articulação. Por vezes a dor impede os movimentos da respiração e a dilatação plena do torax; noutras ocasiões é no coração que se sente uma impressão de punção, de ardor. O individuo em estado de equilibrio jamais se preocupou com semelhantes indisposições, porque sabe, por experiência, que ellas se dissiparão com a mesma facilidade com que se manifestaram.

Mas, se acontece voltarem essas sensações com uma frequencia mais acentuada e se o individuo que as sente começa a prestar-lhes atenção e se conhece ao mesmo tempo, mais ou menos vagamente, certas molestias, cujos sintomas tem alguma analogia com o que elle sente, então começa para elle o perigo de criar uma afeção real. E o medico, por vezes, inconscientemente o ajudará nesse trabalho.

Ora, acontece que, nestes ultimos tempos, alguns *surmenés* verdadeiros teem experimentado um conjunto de perturbações nervosas tenazes e em relação com o depauperamento nervoso. Instalam-se no paciente uma sensação de fadiga excessiva e continua, uma inaptidão absoluta para o trabalho, a insónia, uma viva irritabilidade dos sentidos. Os medicos que observaram



MARANHÃO—Companhia de Bombeiros.—A entrada dos carros

essas perturbações para logo as reuniram em elementos de uma enfermidade definida, dando a cada uma delas uma denominação precisa. E eis aí como nasceu a neurastenia.

Neste momento, a construção recebeu o remate; a imagem e as palavras da nova molestia flutuam em todos os espíritos. Os mais impressionáveis vivem sempre a espiar as suas sensações. O incomodo céfalo transformou-se no *capacele* neurastenico, as pontadas tomam uma consistência mais definida, quando são designadas pela expressão de *topoalgia*, as partes, que se irritam extraordinariamente a um simples toque, transformam-se em *zonas histerogênicas*. Todas estas sensações, que se acham em relação direta com os mil incidentes vulgares da vida dos nossos órgãos,—movimentos mais acelerados da circulação, dinâmia mais intensa da enervação, permutas químicas mais ativas na intimidade dos tecidos—tudo isto se avoluma sob a influência do nosso pensamento, que quer à força levar a ordem e a sistematização aos próprios fenômenos onde elas menos cabimento tem. Reduz-se, por isso, a neurastenia a uma molestia artificial, fabricada pelo raciocínio mais ou menos consciente do indivíduo que se diz por ella atacado. E como nesta matéria docil a sensação é tudo, não são necessários muitos dias para que, em alguns indivíduos, o quadro dos sintomas atinja a maior perfeição, e a imagem da doença se assemelhe aos exemplos dos

livros, mais ou menos desfigurados pela elaboração popular.

O que eu desejo deixar bem patente é que todas estas molestias, cujos sintomas mais claros são constituídos pelas sensações e por algumas reações desordenadas, não passam, na maioria dos casos, de meras criações do nosso espírito.

Creio, em consequência, que a propagação da neurastenia na Universidade é uma cultura toda artificial como a de certas variedades de orquídeas ou a de certos puro-sangue educados para as corridas. O terreno cerebral acha-se nella preparado pelo hábito de aplicar a própria atenção ao trabalho do pensamento.

Em todas as épocas houve sempre epidemias de doenças nervosas igualmente artificiais. Na meia-idade e até ao século XVIII, os processos de feitiçaria provocavam em certos indivíduos estados mentais imitando os estímulos dos possessos levados aos tribunais. Quando uma religiosa, num convento, sentia o diabo penetrar-lhe no corpo, revelando a brutalidade dos seus contatos obscenos e as impulsões que comunicava à laringe para proferir blasfêmias, a molestia rapidamente se comunicava a todas as suas companheiras, assim que as autoridades eclesiásticas precisavam os seus caráteres morbidos. Semelhantes perturbações desapareceram logo que a idéia da sua natureza começou a penetrar nos cérebros.

Nos nossos dias, tem-se observado epide-

mias de um outro caráter, mas com uma extensão igual. Quando Charcot fez, na Salpêtrière, os seus retumbantes estudos sobre a histeria e o hipnotismo, por toda a parte se declarou um transbordamento de convulsões, de catalepsias, e de crises de automatismo. Os discípulos do celebre neurologista, pelos seus trabalhos científicos, de que a imprensa avidamente se apoderava, auxiliados por taumaturgos de nova espécie, que percorriam as cidades, dando com os seus *sujets* espetáculos de nevrose, difundiram o mal por toda a parte. E o que em tudo isso houve de mais significativo foi a identidade das crises convulsivas desenvolvidas em Paris. Charcot fizera do ataque histerico uma descrição detalhada, baseada sobre as suas observações onde as diferentes fases se encadeavam rigorosamente, revestindo cada uma carateres perfeitamente definidos. Na Salpêtrière as crises histericas começaram a manifestar a mais pura ortodoxia, que em mais parte alguma se encontrava, nem em Nancy, nem em Marselha.

Hoje a histeria de grande espetáculo sereceu mais; e, à exceção de alguns serviços hospitalares, onde se continua o seu estudo sistemático, as crises convulsivas quasi que desapareceram, e as formas que ainda se manifestam revelam nas executantes uma tal ou qual ignorância das doutrinas clássicas.

Uma outra molestia ha que tende cada vez mais a perder o seu aspecto dramático: é a morfinomania. Até bem pouco tempo, o apetite da morfina achava-se muito espalhado, mergulhando o paciente num abismo de sofrimentos e de perturbações nervosas. O état de bésoin que sobrevinha privado o doente do seu veneno habitual, despertava uma grande inquietação no médico, que temia uma crise fisiológica terrível, onde a sincope era o elemento obrigatório. Ora, está mais que verificado que, para impedir essa famosa crise, basta um ligeiro estratagema, consistindo em deixar o doente ignorar o momento em que a morfina é realmente suprimida nas injeções que recebe.

As mais bellas flores artificiais da patologia tomam a forma e a cor das obsessões e impulsões de caráter imperativo. Muitos imitadores inconscientes traíram, num meio propício e em seguida a meditações mal dirigidas, uma alma de invertido, aberta a todas as corrupções do amor pelo seu próprio sexo. Outros experimentaram da mesma forma inclinações incoercíveis para o roubo. A vulgarização de teorias médicas por demais confiantes, orientaram o vício de muitos delinquentes. Um processo celebre de um pervertido que, na rua, cortava os cabelos às raparigas, suscitou as façanhas de uma teoria de *cortadores de trança*.

Vê-se assim sob que formas variadas se manifestam as doenças artificiais. Começam imitando perturbações nervosas que, em casos rarissimos, foram sinceras e espontâneas, condicionadas por certas razões profundas. Desenvolvem-se em seguida e começam então a existir realmente e, embora artificiais, perturbam profun-

damente a vida dos pacientes que delas são vítimas.

Nesta matéria a arte é tão forte como a natureza e, dentro em pouco, transforma-se na própria natureza. Os falsos neurasténicos e as pseudo-histericas devem ser tratados com aplicação e cuidado. E o que busco pôr em prática, não restando dizer aos meus doentes: — «Sofreis de perturbações que não tem nenhuma razão de ser orgânica, mas isto não impede que o vosso sofrimento seja real». Penso que o papel do médico, esclarecido pela psicologia, é destrinçar, nos casos onde existe uma repercussão nevropática — isto é, na maioria das doenças — a parte de construção do próprio paciente e ataca-la resolutamente. A diferença entre estas doenças artificiais e as outras consiste em que as primeiras podem ser varridas por um forte sopro de lógica e, sobretudo, em que podem ser impedidas por uma educação conveniente.

Em resumo, nestes casos, como em muitos outros mais, a educação individual constitui o único meio eficaz. O homem ordinário é uma matéria por demais maleável; não lhe será preciso muita disposição para tornar-se um neurasténico ou um histerico. E, quando os médicos enveredarem por este critério e semelhante verdade se implantar no espírito público, essas doenças artificiais nada mais representarão do que puras curiosidades literárias. Que de uma vez por todas fique bem patente que, para o médico competente e esclarecido, elas são tão evitáveis como na ordem física o são a varíola e a sífilis.

DR. TOULOUSE.

(A carteira de um neurasthenico)

Carta aberta ao meu amigo Ernesto Victor



Swift, o criador da ironia e do humor, conforme bem classificou profundo analista e observador perspicaz, prophetizou, ainda moço, a sua decrepitude moral.

Contam que, passeando um dia por bem cuidado jardim, percebendo um olmeiro cuja grimpia estava despojada de folhas, lançou esta fatal sentença aos ouvidos do seu amigo Young: «Como esta árvore, eu começarei a morrer pela cabeça».

Pois Swift, caro Ernesto, cuja vida e carácter dariam para bem exemplificar toda a crítica superficial por mim aqui esboçada, será simplesmente utilizado para exprimir o merecimento do meu esforço, o valor do meu emprehendimento. Sendo elle em 1742 objecto de varias «illuminuras», gênero de arte então em voga, com quanto unicamente visasse exaltar-lhe a honra, homenagear-lhe o prestígio, todo o desdém soberano



MARANHAO—Companhia de Bombeiros.—O dormitorio das praças

que em alta dose lhe envenenava o organismo, soltou-o nesta phrase verdadeira: «São loucos; muito melhor fariam nada fazendo».

Dirás como Swift, meu poeta, depois de leres esta tremenda moxinifada que me suscitou a leitura do livro do teu amigo e que «representa no equilibrio intellectivo do norte o mais nobre e o mais erudito dos livros destes ultimos annos». Faço minhas as tuas palavras, ainda que perceba faltar-me a suficiente leitura que possues, mas considerando bastante para dispensar tal paternidade a impressão indelevel e mascula deixada em mim pelo magnifico livro. Antonio Lobo é um escriptor—apresentando-se á pugna perfeitamente equipado para alcançar sem hesitações de especie alguma «os loiros da victoria». Parece-me, contudo, que, ao envez de uma, conseguiu o teu amigo, com *A carteira*, duas obras de merito, mas perfeitamente separadas e, ouso mesmo adiantar, irreductiveis e irreconciliaveis na actual factura.

Uma—a carteira propriamente dita, constitue um verdadeiro ensaio scientifico e profundo, modelado segundo um typo esthetic e fino, cheio de verdade, mas revelando, ao mesmo tempo, um escriptor consummado.

Outra—o romance—a que Antonio Lobo, separando-o, deve dar outro titulo e onde se revela observador arguto, dextra pena e senhor dos segredos considerados pelos cortezãos literarios, bagagem privilegiada dos mandarins da moderna escola.

Não ha muito ainda falava-te eu nas «Impressões de um myope» do ultimo livro de Machado de Assis—o porta-bandeira da luzida pleiade de immortaes, que a critica indigena e a empreza do mutuo elogio, com sede na capital da Republica, fizeram gravitar num plano a que, aliás, não fez jus.

Como t'lo disse então, naturalidade não é o simples envenenamento dos impulsos do coração, a atrophia das expansões mais sagradas, dos sentimentos mais puros. Ser natural é ser humano e não consegui (o que talvez seja defeito meu) ver na farça do enterro e do estado de sitio mais do que um gracejo desenxabido e sem criterio, falto dos laivos mais flagrantes dessa apregoada especialidade do autor do «Esaú e Jacob».

Mas, inspirado poeta, decerto voltarei a observar o romance do teu amigo atravez dessa faceta do prisma; por agora deter-me-ei um tanto na observação da primeira parte.

Na «Carteira de um neurasthenico» (1ª parte) Antonio Lobo apresenta-nos, numa observação vigorosa e pujante, toda a serie symptomatica, rigorosamente caracterizada e scientifica, de um individuo presa de accentuada nevrose. Distinguimos desde logo esse afan avassalador de sondar os recessos intimos d'alma, perscrutar-lhe os arcanos e descrever-lhe as nuancas todas, numa febre de louco ou de genio, num desregramento de esfomeado. E a desculpa mesmo do capitulo II,

onde procura explicar essa manifestação nevropatia pelo exercício calculado da observação e do raciocínio pairando sobre o mundo interno, é simplesmente a contra-prova de que não é um simples prazer esse de analista, passa-tempo de psychologo, mas resultado de um desequilíbrio funcional—monomania mesmo. Nós vamos encontrar essa tendência morbida na vida dos grandes poetas, dos grandes scientistas, o que servirá, em parte, para trazer, pelo menos, algum cunho científico à teoria do já hoje abatido criador da Escola Anthropologica em criminologia acerca do homem de genio.

Mas, Ernesto amigo, volvamos ao livro. Sobe aos dois característicos citados a mania das grandezas, inconsciente quasi, que os psychologists costumam encontrar nos typos que estudam, alternando com o delírio melancólico e que Lombroso classifica de formas feitas de nevroses.

E assim que vamos encontrar o inditoso Jayme vangloriando-se de haver conseguido o que Socrates, juntando a sua autoridade, proclamara a suprema dita:—conhecer-se a si mesmo! E não se diga que essa passagem virá trazer auxílio, afim de demonstrar a veracidade do que expendi.

«Em cousas que me digam respeito (diz elle) sou assim uma espécie de Deus bíblico: sou omnisciente! E em factos do domínio puramente psychico sou também omnipresente, porque os assisto sempre e com pleno conhecimento de causa. Como este mundo marcharia direitinho dentro dos seus eixos, se se desse com todos os mortaes o que se dá comigo...»

Eis notável exemplo dessa perturbadora manifestação, constatada igualmente em trechos que se tornaram clássicos, das obras de Victor Hugo, Renan, Hegel e Dante. Está claro que são simples lampejos, mas se fossem demorados e completos evidenciariam um louco, um degenerado e não um simples temperamento histerico.

Depois, é ainda a *intermittencia*, o *contraste*, outros característicos não menos consagrados pelos scientistas, e é então que cita o Feitosa bachelard e o mercieiro da esquina, os «callos» que lhe pregam, «a desidiao do governo republicano, que não faz chover dinheiro do céu como era, aliás, sua obrigação e como tinham todos o direito de esperar da sua proverbial munificencia».

E as chistosas credenciaes que apresenta, em seguida, afim de captar sympathias, tornar «*persona grata*» como Enviado Extraordinario junto a alguma Potencia rapace que quizesse avançar em parte do nosso território, a elle, o mercieiro da esquina, que, de certo, pensaria nos seus títulos de propriedade, nas suas apólices da dívida pública de envolta com os interesses da nossa terra e os martyrios inflingidos pelos callos de ambas as espécies.

Então, toda a sua habilidade se expande, excelente amigo Ernesto, a sua verve fervilhava avassaladora, e ao lado do trabalho do physio-pathologista vamos encontrar um espírito sagaz e atilado, possuído nervosamente do meio, escalpellando-o, torturando-o!

Já tu bem o evidenciaste neste mister, pre-

sado poeta, quando extravasaste em poucas páginas toda a exuberância da tua admiração nesse amago para ambos bem querido—refiro-me ao Boletim da Oficina dos Novos.

Tu bem lá dissesse:—«Antonio Lobo é um poeta e um analysta. Namora-se repentinamente, sem mesmo poder explicar, dum raio de sol, dum paysagem fugitiva, de um rosto passageiro. Perscruta os segredos da mais afectuosa das hipocrisias e retalia, remetentemente, nos seus penetraes, com o bisturi frio da audacia conscientiosa, o mais intrincado dos problemas da sociedade e o mais emmaranhado dos sentimentalismos. São essas as suas primaciaes qualidades, felizmente, para seu mais sólido renome, invejadas pelos despotas e burguezes encenadores deste relaxadíssimo théâtro».

Era o que devera e quizera eu dizer, numa linguagem menos rigorista, mais frouxa e sem calor. Comtudo, ainda a *originalidade* e a *bizarria*, característicos não olvidados pelos autores, também o não foram pelo estudosso escriptor maranhense. Vamos encontrá-los admiravelmente curados na critica que estabelece contra os «voadores», os Severo, os Dumont, formulando assim exemplo mais frisante do que os assinalados nas obras de Perez, de Betinelli e de Jurgeu.

Mas, como perceberás facilmente, gentil Ernesto, não corri toda a gamma de symptoms da original diagnose feita por Antonio Lobo. Cheguei a citar entre as formas frustes de nevroses, alternando com a mania das grandezas, o cognominado delírio melancólico. Melhor do que qualquer, este symptom é *commun*, e, já porque mais facilmente se evidencia à massa, já porque nem sempre é o resultado de uma verdadeira nevrose, mais demorado estudo parece merecer. Certo, é veso antigo considerar o tédio, o spleen, a hypocondria, já não digo virtudes, mas pelo menos sobranceiras qualidades ou merecimentos de louvor.

Eu custumo, entretanto, desviando-me desse rotineiro modo de interpretar, ver nessas alterações do estado normal orgânico enfermidades, num maior ou menor grau de intensidade e, pois, mais ou menos graves.

Sem me afastar levemente sequer da interessante e científica teoria cerebral do Mestre eminente e incomparável philosopho Augusto Comte, observarei rapidamente as alterações oriundas do mau funcionamento dos órgãos cerebrais.

Cada um delles exige, evidentemente, um campo bastante para o seu exercício, uma vez que tem a sua relativa actividade. É lógico que a falta desse campo, onde actua cada um delles, trará com certeza um certo desequilíbrio; dahi o organismo não experimentar satisfação e, o que mais vale ainda, a atrofia do respectivo órgão.

Mas o exercício, ou melhor a actividade pode ser susceptível de aumento como de diminuição, isto é, pode haver falta e excesso de exercício ou de funcionamento. Abandonando aqui os casos de excesso e observando os de falta, percebemos, em synthese, que varia o efeito de ac-

cordo com a classe de órgãos considerada. Assim, tratando-se de *órgãos práticos*, conforme as circunstâncias, ella ocasiona turvações do estado normal, que vão do simples enfado, aborrecimento, tédio, etc., até à *hypocondria* perfeitamente caracterizada.

No caso dos *órgãos especulativos*, com quanto as alterações não tenham denominações proprias, nem por isso são menos de notar.

Em se tratando, finalmente, dos *órgãos afectivos*, então surgem os estados de profunda tristeza, de melancolia e às vezes mesmo de dor.

Portanto, pelo exposto, claro é que a primeira das manifestações, d'entre o extravagante e variegado cortejo de sofrimentos trazido pelo delírio melancólico, isto é, a tristeza, o spleen, como pendente taxam os saxonizados, nem sempre é o resultado de uma nevrose, mas simples produção de um ligeiro desequilíbrio funcional.

Nem por isso, entanto, inspirado Ernesto, a tristeza que faz da vida do Jayme um verdadeiro purgatório tem semelhante origem, restritamente falando; ao contrário, resulta da profunda afecção estudada.

Tendência comum à maior parte dos pensadores, dependendo, talvez, da sua grande hyperesthesia, a melancolia torna-se um estado normal do homem de temperamento nervoso.

Milhares de exemplos poderia trazer aqui para mostrar o quanto verdadeira me parece a afirmação de que é a mais patente das manifestações, cujo rosário venho desfazendo superficialmente, neste ligeiro ensaio. Via dolorosa, que vai, em gigantesca proporção, levar ao suicídio, o delírio melancólico vergastou com seu lataço dormente, pungiu com suas aduncas farpas, espíritos poderosos como Chateaubriand, Cooper, Rossini, Mozart, Molière, Chopin, Voltaire, etc., etc., levando-os dolorosa, ainda que momentaneamente, a esse apavorante fim.

Cobridge, talvez inconscientemente, definia o estado psycho-nevrotico em que se achava, elle syndromático perfeito, nos seguintes versos:

«Une douleur sans angoisses, vide sourde lugubre—une douleur grave, etouffée, calme, qui ne trouve aucune issue naturelle—aucune soulagement dans les paroles, dans les sanglots ni dans les larmes».

E essa a sorte dos melancólicos, dos paranoides, dos syndromáticos de Cotard e o Jayme é o próprio a confessar-se: Começou, então, a invadir-me, avassaladora e irresistível, uma grande, uma desconsoladora tristeza e a minha vida que até então decorrera relativamente calma e



PERNAMBUCO—Igreja da Penha (Phot. Chic)

feliz, se foi aos poucos transformando num verdadeiro inferno... etc etc.»

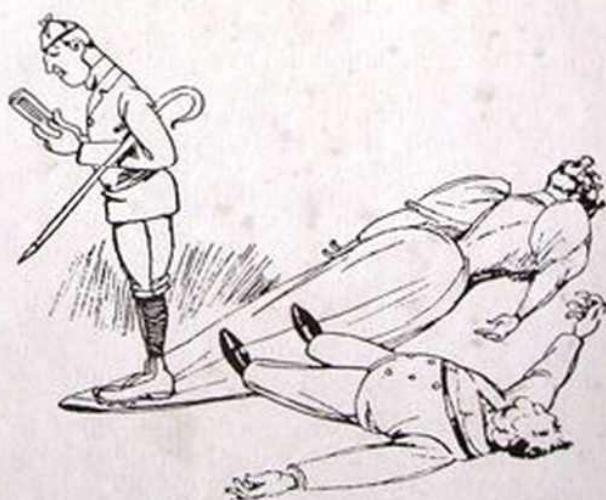
Varias das demais manifestações do prestito exquisito e bizarro, enquadrados no delírio melancólico se encontram nos subsequentes trechos e entre elles o pavor, principalmente revelado no medo de morrer à rua, a rebusca torturante do passado, a insomnio traíçoeira etc. e então, devo dizer, das mais evidentes e communs, apenas falta a tendência suicida, que se observa em todo o melancólico. A despeito, porém, de tanto assunto, me detengo, sem rebuço no estudo d'este, passando ligeiramente a notar o capítulo das hallucinações.

Neste ponto, presado amigo, convém observar o seguinte: Geralmente não se encontram nos neurasthenicos phenomenos d'essa ordem e de uma tal gravidade e os autores, mesmo, em geral, não nos citam, o que equivale dizer que sua existencia não foi constatada pela observação. Cabem melhor, não a simples nevrose mas a pronunciadas afecções cerebraes, com quanto o termo neurasthenia vá modernamente servindo para nomear afecções variadissimas do sistema nervoso, cujos caracteristicos diferenciaes constituem o cavalo de batalha dos medicos.

—A seguir.

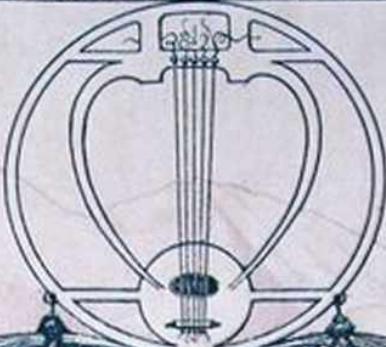
LUIZ DE GÓRDES.

Historia muda



Aoh ! mim não comprehende francez...

A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 3

Novembro de 1905



O MEZ

NOVEMBRO teve
tres dias exce-

pcionalmente luminosos. Ao puro azul do céu, onde o sol brilhou vivido, e as estrelas palpitaram limpidas, e a lua passeou sereia a sua clara belesa de opala, irmanou-se o amor do coração maranhense á memoria do maior dos nossos poetas líricos.

Gonçalves Dias foi uma culminação da intelligencia brasileira e do sentimentalismo da nossa raça. Vibrou, na lira d'altos acordes e da penetrante doçura de um canto de sabiá da matta, a gamma infinita das mais nobres e verdadeiras emoções humanas. Viveu intensamente, sem ter vivido longamente, porque muito amou e muito sofreu. E viverá sempre, tempos em fóra, através de gerações e gerações, na serena e inalterável grandesa de um deus olímpico . . .

A supremacia da sua obra literaria garante-lhe a perpetuidade do nome, esse nome que nos orgulhece, e que andou bailando, naquelas tres dias memoraveis, até nos labios papageiantes das criancinhas . . .

Foi esta a parte mais risonha da festa e a sua mais bella significação. Ellas, as felizes criaturinhas, só sabem, de presente, que tudo estava muito bonito na praça dos Remedios: que

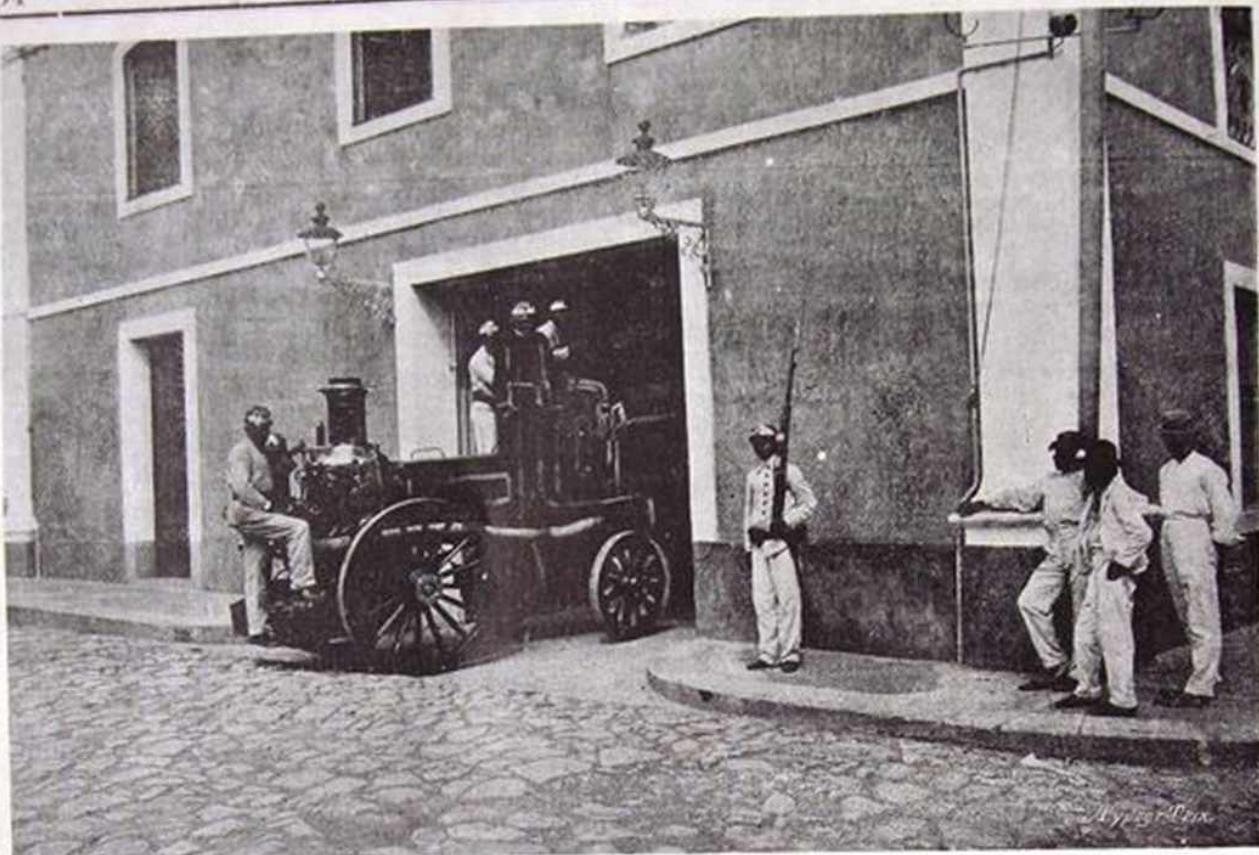
Antonio Lobo, por largos momentos, ao lado da estatua do Bardo e ouvido no inviolado silêncio da turba innumera, falou o que elles não comprehenderam, mas, sem duvida, o quer que foi de elevado e imponente, a julgar pelo entusiasmo vibrante das palmas que se seguiram ás suas ultimas palavras; que havia muitas florés, muita luz muita alegria, e que, na ultima noite, ao som da musica e á suave claridade do luar, dançaram num palanque enfeitado, onde atiravam, umas contra as outras, mancheias de confetti. Mas a sua intelligencia ir-se-á desenvolvendo, o seu entendimento evoluindo, até chegarem á comprehensão exacta e confortadora das doces e lindas coisas que viram e gosaram. E o seu espirito terá ascendido a um plano mais elevado, na admiração da vida de um dóstipos supremos na escala ascendente dos seres convergentes, vida tão brillante para não ser esquecida, tão grande e tão dignificadora para ser imitada.

Bem haja, pois, a pleiade de moços da Officina dos Novos que iniciaram na velha Athenas a sistemática, a alentadora commemoração cívica dos nossos grandes homens !

A segunda dessas festas foi a de Odorico Mendes, com a erecção, numa das nossas ridentes praças, do busto em bronze do notável litterato e político maranhense. A terceira será consagrada a João Lisboa, o burilador incomparável da VIDA DO PÁDRE ANTONIO VIEIRA e do JORNAL DE TIMON. Depois, virão outras e outras . . . Alto programma este, que oxalá seja a sementeira de muita gloria futura !

Uma novidade, que é uma velharia: o actor Cardoso da Motta ainda cá está a trabalhar no S. Luiz. Desde o mez passado poder-se-ia dizer a mesma cousa. E nós só temos que registar imparcialmente, a sympathia por elle consagrada ao publico da nossa terra, admirando-nos apena de que elle d'esta vez se tenha esquecido do infinito . . .

Mas tudo sobra, até as melhores cousas— quando descem ao piano inclinado da trivialidade, ao terra-a-terra da monotonia. Tal a causa



MARANHAO—QUARTEL DE BOMBEIROS—A ENTRADA DOS CARROS

porque tem sido minima a concurrenceia aos ultimos espectaculos, e de não comprehendemos que ainda se prolongue esta já tão prolixa temporada dramatica, a que nem o drama em um acto do sr. Benjamim Mello conseguiu emprestar novo alento. O publico, francamente, publico impossivel ! já estava de todo farto, e eis ahí a razão de haver o desempenho da peça do respeitável e tardio adorador de Thalia decorrido no meio de geral desconsolo. Pois nem as gracinhas do sr. Benjamim, aliás tão perito no xilofone, conseguiram fazer rir aquele povo . . . já é pouca sorte !

Esta mesma sorte, com pequenas variantes, teve a revista MARANHAO MODERNO, onde aquella Camena formosa gastou todo o tempo a fazer momices de namorada para o arguto Mercurio, o bom protector dos felizes habitantes das terras da Praia-Grande. Mas a boa Musa excedeu-se nas suas gentilezas.

Portasse-se com mais sobriedade, não fosse esse o lado predominante da peça e com certeza teria sido menos escassa a cornucopia dos aplausos. Para ver tanto reclame, é preferivel, pelo menos mais sumario, ir ali á 4^a pagina da «Pacotilha» . . .

Dizem que vem por ahuma outra companhia. Seja bem vinda ! Quanto mais não seja, ao menos para dar assumpto ao triste chronista, que anda tão pobre de novidades com que escreva umas duas columnas d'A REVISTA DO NORTE.

LUCIUS.

Estados d'alma



Amanheceram um formosissimo domingo outonal, muito limpido e festivo, cheio de rumores e alegria dos campanarios carillhonando aos crentes.

Largo o céo, varrido de nuvens, cér de perola, d'um azul de porcellana, desmaiado e nitente, lembrava o fundo igual duma tela humida enxugando ao sol.

No verde espesso e sombrio dos morros de Santa Thereza, que uns tons de neve enfeitaram trahindo aqui o pittoresco perfil de um chalet Renascença, ali um pedaço de muro caiado de novo—havia essa quietação apparente das payagens longinhas . . .

Immoveis os coqueiros de longas palmas pendentes, immoveis os cachos rubros, sanguinolentos, de um grande pé de flamboezas melancolicamente encostado ao fundo d'uma igreja velusta, immovel como uma pintura, todo esse admiravel trecho da natureza fluminense, dourado amplamente pelo fulvo sol do meio dia, toda essa paysagem consoladora, fresca e luminosa, larga e suggestiva.

Para lá dos Invalidos, n'outro plano mais

elevado, por traz do cemiterio de Catumby, a visita attingia a ponta culminante de uma montanha angulosa e obtusa, varando a transparencia do ar lavado : era o nariz do gigante que se vê do mar, o Corcovado, uma especie de focinho de animal monstruoso farejando as nuvens . . .

O Almeida, estudante de Engenharia, chegando ha pouco do norte, acabava de almoçar naquelle momento, e, sentado á janella do sotam que havia no alto da casa de pensão, palitando os dentes, num preguiçoso e morbido abandono, em mangas de camisa, sem collarinho, soprava o fumo do cigarro, o olhar vago na paysagem.

Chegaram-lhe aos ouvidos indistinctamente, esmorecidos pela distancia, os sons de um realejo de praça repetindo, fanhoso e plangente, as mesmas peças, trechos de operetas em voga, pedaços de opera serodia.

— E vive a gente assim (philosophava o Almeida), n'um quarto réles de hospedaria barata, sem dinheiro, sem amigos, sem uma amante, sem um carinho de mulher bonita, devendo os cabellos da cabeça, vendo todos os dias as mesmas caras, os mesmos tipos e ouvindo as mesmas banalidades ! . . .

Fez um gesto de tédio, abriu os braços n'um largo espreguiçamento, escancarou a bocca n'um bocejo medonho, e atirando fóra a ponta do cigarro:

— Pilulas ! Isto não é vida nem aqui nem na casa do diabo !

Desde que sahira da província, havia seis meses, só recebera mezada uma vez, uma unica ! Decididamente era muitissimo melhor ser caften ou puxar carroça, a estudar sem dinheiro. Até estava emagrecendo . . . Não tinha roupa, não tinha botinas . . . uma miseria !

Tanto rapaz alegre, tanta gente enchendo os botequins, esbanjando com mulheres, passando fartamente, comendo e bebendo do melhor. — E elle ? Uma vida de cão ! Era preciso andar pedindo emprestado a uns e a outros, cinco mil reis aqui, dez mil reis acolá, para poder viver, para ir passando mais ou menos . . .

Seu pai, negociante no Pará, nem siquer lhe escrevia . . .

Era lá vida ?

Tinha vontade ás vezes de fazer uma loucura : embarcar nalgum vapor estrangeiro, como creado de convéz, e ir-se do Brazil, ir-se para só voltar muito rico e independente.

Não ter nem para uma garrafa de cerveja e ser obrigado, no fim do anno, a prestar exames !

Mas, reflectia, em todo caso era sempre melhor isso, mil vezes melhor que tornar á província. Preferia suicidar-se, acabar com a existencia, metter uma bala nos miolos, a viver outra vez na prisão de uma capital provinciana, sem futuro, sem ambições, estupidamente, invejado, espeinhado pelos patrícios . . .

Nisso bateram na porta do quarto.

— Quem é ?

— Uma carta p'ro senhore . . .

E apareceu um gallego de soiças, bigode

rapado, mostrando os dentes n'um sorriso cheio de submissão e estupidez.

— Uma carta !

Almeida teve um presentimento ao pegar no enveloppe tarijado de preto com o carimbo do registro. Esteve muito tempo em pé, sem coragem para abrir aquelle papel funebre que lhe punhatremuras na mão, com uma extraordinaria admiração no olhar.

— A letra é de mulher . . .

E depois de outra pausa, chegando-se á janella que abria para os morros de Santa Thereza :

— Ora, vejamos ! Um homem é um homem . . .

Rasgou o envolucro, e, á luz do dia, que penetrava largamente em seus aposentos, leu :

«Meu querido filho

«Escrevo-te com a vista cheia d'água, «num desespero horrendo ! Estas linhas «são portadoras da maior desgraça que «já me tem sucedido . . . Ellas vão di- «zer-te, lá onde estás, que teu pai, o «meu querido Zéca falleceu hontem d'um «ataque, ao voltar do Commercio . . .

• • • • •

«Estou inconsolável.

«Peço-te que venhas logo, meu filho.

«Vão quinhentos mil reis para as des- «pezas da viagem.

«Nem sei como te diga tão grande «catastrophe.—Tua mãe

Euzebia.»

— Pobre velho ! murmurou Almeida contando o dinheirinho que em tão boa hora lhe chegava milagrosamente do norte.

E, debruçando-se na janella, sem uma lagrima no olhar e sem um gesto de dor, muito calmo, repetiu :

— Pobre velho ! Nem ao menos teve o gosto de ver o seu filho formado . . .

Não havia geito: tinha que ir á província tratar do inventario . . .

E voltou a contemplar a paysagem, o Corcovado, o Pão d'Assucar, a igrejinha da Gloria agachada por traz dos morros, admirando agora com olhos de artista (sim, com olhos de quem tem no bolso cinco pelegas de cem mil reis) o assombroso espectaculo da natureza em pleno meio dia e que ainda ha pouco lhe fazia o efecto de uma detestavel aguarela de pintor atrazado.

— Que bello aquillo ! Como se esperdiçam tintas e luz ! . . . Preciso ir ao Corcovado . . .

Lá estava ainda immovel como uma verdadeira pintura o panorama de Santa Thereza, verde e sombrio em baixo, na fralda da montanha, luminoso e amplo em cima no vasto céo sem nuvens !

(*Dos Pequenos Contos, livro póstumo*)

ADOLPHO CAMINHA.



BIANOR DE MEDEIROS

Maculas do Sol

No brilho é sem rival e forte é sem segundo,
Seu músculo valór no espaço não tem par !
Só deixa de assim ser se o mundo terminar,
Porque foi sempre assim, desde que o mundo é mundo !

Ninguem pode imitar o seu vigor fecundo :
Tem filhos mil na terra e muitos mil no mar,
N'aurora alerta a vida e anima a trabalhar,
E á noite a vida infiltra em pélago profundo ! ...

Luzente imperador que acorda muito cedo,
Primando pela luz doirada do arrebol,
Bem negras manchas tem ! ... Commentam sem segredo !

O nescio é maldizente e os sabios vão no rol . . .
O homem fala mal de tudo e não tem medo !
Contesta e inveja o brilho até do próprio Sol !

BIANOR DE MEDEIROS.

(A carteira de um neurasthenico)

CARTA ABERTA AO MEU AMIGO

ERNESTO VICTOR



Occorre-me nessa sucessão de idéas o seguinte que li algures:

« Neurasténie par-ci, neurasténie par-là ! C'est la maladie à la mode ! Neurasthénique ces personnes irritable, empêtrées, mécontentes de leur sort, aspirant toujours à quelque chose de nouveau, même si celle ne vaut pas mieux que ce qui elles ont ».

Mas, ainda assim, não se capitulou comumente as hallucinações na série symptomática

subjectiva e muito menos na objectiva da neurasthenia, seja produzida pela gastrophtose, seja pela enteroptose, causas unicas dessa afecção nervosa, considerada sob o aspecto geral, na abalizada opinião do professor Clinard.

Em seu abono, contudo, são ligeiras as hallucinações de que era vítima o infeliz Jayme e que me deleitaram, adoravelmente bem descriptas, em vários capítulos do livro de António Lobo e em uma promiscuidade de aspectos muito de louvar, quanto à imaginação fertilíssima do autor. Entre elas exalte-se em notável destaque essa sugestão passageira de um retalho de vida campesina, da mocidade, evocada agora na Igreja do Colégio, em verdadeira hallucinação.

Todos os objectos sagrados vão se desfazendo em meias-tintas e implanta-se em sua substituição a efígie dominadora do padre Fernando, indomável e lubro, bestial e forte, emoldurado pelos contornos de uma cabeça de touro, de chavelhos retorcidos, engastada num potente corpanzil quadrupede, em meio de immenso terreiro descampado de Fazenda, perfeitamente consciente da sua propria força.

Muito de interessar seria mais curado estudo deste assunto especial, cuja parte recreativa se encontra em volumosas obras sobre loucura moral. Muitas dessas hallucinações se tornavam celebres e dentre elas as de Cellini, de Napoleão, de Byron, de Hobbes, de Malebranche e de Colombo, de que nos dão longa noticia as obras de Verga, Forbes Winslow e Irving.

Vae, porém, demasiado estafante este ensaio, e por poupar-te, Ernesto amigo, passarei a fallar ligeiramente da segunda parte do livro do teu inteligente co-estadano.

..

Procurando ser, o mais possível, breve, caro poeta, passarei ligeira vista d'olhos na parte romance da *Carteira de um neurasthenico*.

Ao contrario do que te escrevi, ha tempo, acerca de um outro livro, cujas impressões te esbocei, e a que já me referi, neste ha tipos verdadeiros, humanos, reaes. Quer sondando os recessos íntimos da sociedade maranhense, onde, em cada traço, sentes evocado um vulto com quem cruzaste já, um meio onde já gravitou o teu talento, onde pairou a tua verve; quer, emfim, escandalizando caracteres despudorados, ou protótipos de hombridade e alteza, elle, o teu amigo, mostra que soube compreender a solemníssima verdade que reveste a phrase de que fez epígrafe.

« E' a evocação sincera da vida ambiente e dos caracteres », diz Ricard, e diz muito bem, e sabes que foi respeitado este lema quer na descrição do antro Ramada, quer na do seminário, quer na do colégio e não menos nos admiraveis do Loureiro—um pernicioso, do Xandico—uma fallencia.

Penoso seria, Ernesto, para mim, e principalmente para ti, por quem alimento a esperança de ser lido, estudar cada uma dessas individua-



MARANHÃO—COMPANHIA DE BOMBEIROS—A ENTRADA DOS CARROS

lidades á luz do meu acanhado modo de ver, mas a certeza de que convirás commigo e mais, de que me agradecerás o que te poupo, furtando-me a esse tentamen, surge-me como a sancção desta desculpa.

Entretanto, si os principios emittidos pelo escriptor francez são observados dignamente na primeira parte da obra, imprescindivel se torna na segunda a sinceridade, em serviço, como bem acontece no romance de Antonio Lobo, dessa ancia psychologica, essa curiosidade que nada sacia e que faz da pintura dos caracteres, dos sentimentos e das paixões o principal interesse do nosso theatro, assim como do nosso romance.

Como os primaciaes do romance psychologico, Antonio Lobo fez consistir a suprema arte na fidelidade da observação do homem, tal qual o fez a sociedade, escarnando-os, bons e maus, não os descrevendo, mas simplesmente mostrando-os.

Antonio Lobo é um escriptor, repito; e seu livro teria merecido um aprofundado estudo, que o poria em destaque no meio intellectivo do norte, si a critica, na nossa terra, não fosse cabedal exclusivo de meia duzia de paleontologistas literarios que dispensem, apenas, para escrever quatro linhas ácerea de um livro excellente, do tempo que lhes sobra ás palestras no «Carnier» e á leitura das Revistas, onde vão colher conhecimentos da politica exterior.

Deixando, porém, de parte essa minima dose

de bilis mal contida, aprofundemos um pouco a questão de separar as duas partes do livro do teu amigo.

Ha um ponto capital neste terreno.

Refiro-me ao capítulo III da *Carteira* em que se acha magnificamente decalcada a natureza, pintando-nos o Jayme eivado de paixões que não sabe explicar, movimentos de odio e rancor cuja causa repentina não sabe discernir. Certo, é um dos fragmentos da primeira parte que mais parecem envolver a verdade nua e crua e onde bem se accentuam as manifestações morbidas da nevróse adiantada.

Todas essas pequenas implicancias, conforme chamaria qualquer grammatico, maranhense ou não, que se acumulam e se amontoam, evocam á nossa imaginação homens que conhecemos, homens com quem privamos diariamente, que comem na mesma mesa, que moram na mesma casa e perambulam nas ruas em que gosamos do ar fresco ou praguejamos contra a poeira das avenidas desta nossa cidade.

Sem duvida, necessaria seria a fusão de muitos delles para conseguirmos o Jayme na sua complicada complexão, mas da nevropathia poder-se-há dizer como o poeta:

Assim como a virtude, o crime tem seus grãos,

Ella tambem os tem e bem clarividentes.

Entretanto, si em nosso espirito não pairam

duvidas em relação à perfectibilidade do capitulo, igualmente não se dá quanto à concatenação delle com a outra parte do livro.

Bastar-me-ia, meu poeta, citar trechos do famoso capitulo e constataria, em comparando-os com os sentimentos exarados depois, quando cita a carta evocativa do passado, e faz nascer o romance, para concluir da palpável incoherencia que, assim, faz o auctor nascer.

E, considera, agora, caro Ernesto, como se accentuaria a irredutibilidade, si observassemos o ultimo capitulo do livro, onde já não trata da «evocação do passado», mas do presente.

Alem disso há ainda circunstancia capital a notar em abono da manifestação primeira do meu modo de ver. Diz-nos, o Jayme, que foi a carta do «mais querido dos seus amigos vivos» que fez derivar para o ponto culminante da sua vida a sua doenca evocação do passado.

Mas si os caracteristicos enfermigos não se podiam até essa sugestão manter alheados à cerebração do Jayme, si, a seu intellecto havia avassalado a nevrose e progredido dominadoraamente, como conseguiu sofrer, sem se confessar curado, todo esse desenrolar de factos alheios á sua personalidade?

Não ocorreu uma ligeira hallucinação, que fosse a tolher o deslizar sereno, o desenrolar placido dessa serie longuissima de factos; não o fez um contraste, uma intermitencia, uma originalidade brusca de conceito apreciando vultos e factos, um rasgo de bizarraria ou exquisitice até então numerosas, ocupando-se a miúdo e demoradamente dos outros e esquecendo, por completo, sua personalidade—elle a vítima imberbe da intuspecção.

Demais, si elle tem e nos aponta o *mais querido* dos amigos vivos, por certo elle os terá outros *menos*—mas ainda assim *queridos!*

Vé—tu, portanto, inspirado Ernesto, que o teu amigo tem necessidade imprescindivel de separar as duas partes do seu livro, afóra disso, capaz de encher as medidas aos exigentes.

E agora, sem querer, nem por sonhos, deixar aqui o quer que seja com ares de mosada dictativa, em todo o caso sem ferir a logica e a verdade, divindades a que em todo o livro consagraram araras e altares, lembrei, do obumbramento da minha nullidade, a Antonio Lobo, duas idéas de razoavel, sinão salutar inserção.

A «Carteira» dará fim como dictar sua fertil imaginação no «exagero da imitação» e em nota final, sem peias nem escrupulos *suicidará* o Jayme, que, morto assim, fal-o-á ter vivido, pois crê um tipo completo e real, pairando no campo vasto das psychoses.

Quanto ao romance, fará então desenvolvida a these que deixa simplesmente delineada, estudo-a á luz do seu esclarecido intellecto, e iluminando, com as suas novas idéas, o «problema social do casamento.»

E olha, que muito terá a dizer, conseguindo soberbo romance de these, genero a que George Sand e Eugénio Sue emprestaram tanto espendor.

E assim apetrechado, capaz de desenvolver uma these interessante, dextra na observação, senhor dos salutares segredos (como já analysei) da escola de que, inegavelmente, foi Balzac precursor, Antonio Lobo, proseguindo, poderá alcançar a bitola dos Goncourt, dos Zola e dos Maupassant.

E esse o meu ardente desejo e crente estou de que será tambem o teu.

Vale.

LUIZ DE GORDES

Abri-905

As Valkyrias

Ao ARTHUR MUNIZ

Sobre a floresta dos heroes finados
Altos, pompeiam rutilos trophéos :
Sabres, dardos e as lanças nos crispados
Punhos, enviando um desafio aos céus.

Dorme a floresta morta e escura massa
De sombras vivas, rapido, resvala . . .
E eil-as que surgem como um trem que esvoaça
—Amazonas sagradas do Valhala !

Montam corseis phantasticos de sóes
E, a cõma em fogo, pela bruma correm,
Cingindo ao collo as almas dos heróes.

São as noivas de Arminio e de Tanhauser
Cantando a gloria eterna dos que morrem
Sorrindo aos «Krupp» e ás carabinas «Mauser».

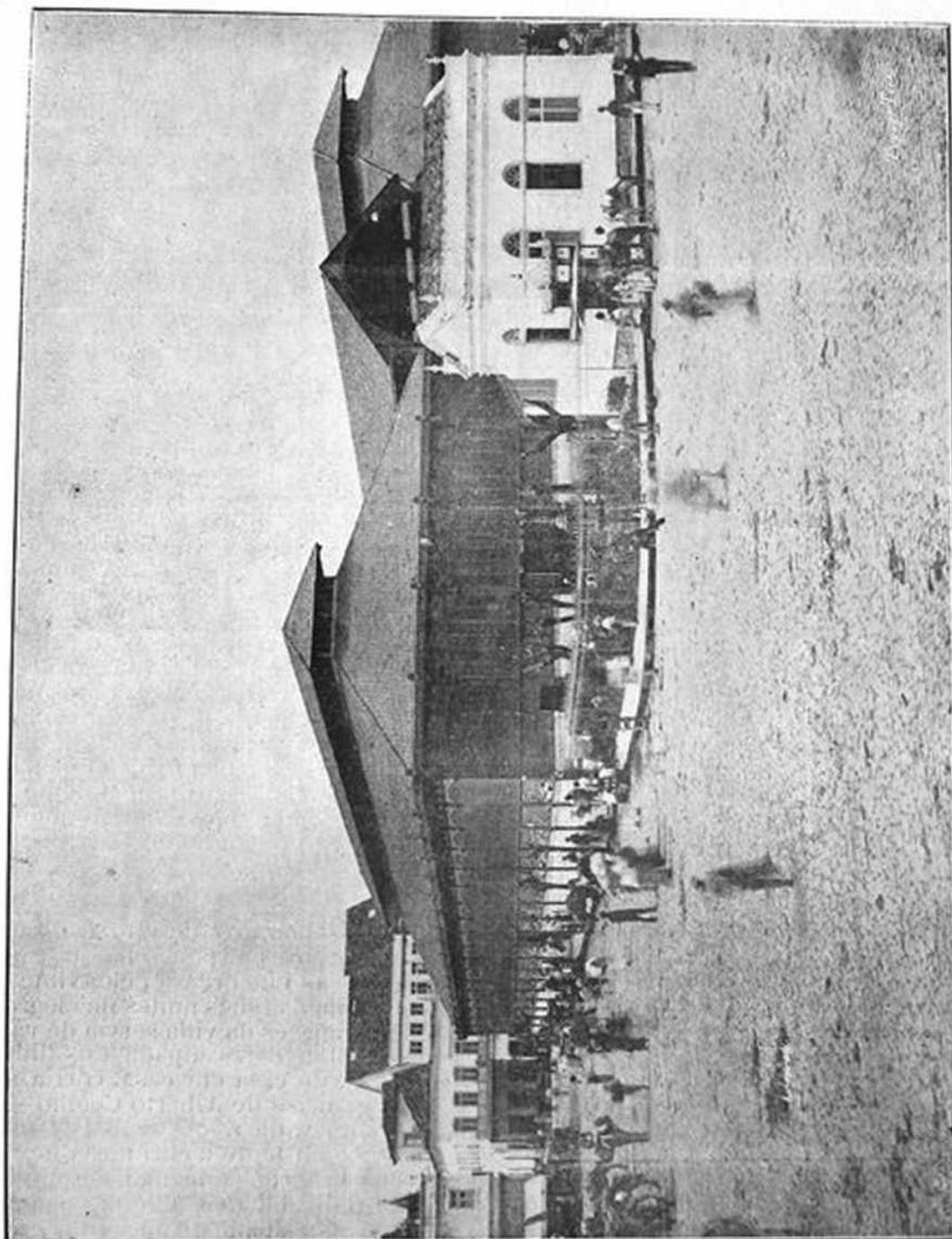
FRANÇA PEREIRA.

Recordações



Que bello recanto
o de S. Luiz, a querida capital do Maranhão, que eu tanto amei em
crença, e onde passei grande parte de minha meninice, essa aurora mais risonha e feliz da vida, cujo perfume derramado pela existência inteira, não encontramos jamais nas reminiscências longínquas da nossa memória sem a emoção suavíssima de uma saudade daquillo que se perdeu para sempre, que se funde tristemente nas brumas de recordações que se evaporaram, não obstante a força suprema de um desejo absoluto de as conservar.

Há quantos anos não avisto mais as plagas formosissimas da terra querida de Gonçalves Dias! Mas as lembranças que fugiam, deslizando-se muito devagarinho, sem que eu assistisse ao phemoneno evolutivo dessa passagem, voltam repentinamente muito pressurosas ao seu



PERNAMBUCO - MERCADO DE S. JOSÉ (Photographia Chic)

logar, como o filho prodigo. Recebo-as radiante de prazer, gosando a alegria íntima desse borboleteamento de sensações dulcissimas, que me sobem até ao coração. E poderá haver emoção mais doce do que essa de se prender o espírito a um passado todo feliz e venturoso? Deixo-me levar, brandamente balançada pela onda carinhosa dessa miragem que se agita soberana em minha alma como uma verdadeira rainha, trazendo as lembranças desses tempos passados em Caxias, Alcantara, Rosario e S. Luiz; recordo-me perfeitamente dessas deliciosissimas e boas horas, sinto que a alma é arrastada para o sonho que se acabou, mas revive docemente na imaginação, como se fosse ainda recomeçar!

Lembro-me tanto de quando pizei pela primeira vez no Maranhão! Vejo-me pequenina viajando pelo rio Itapecurú, olhando, profundamente admirada, esse grandioso oceano Atlântico que se estendia defronte de mim. Quanta alegria e emoção ao mesmo tempo!

Que estasis, que arrebatamento de alegrias se desprendiam de toda a minha pessoa, que ainda não sabia compreender, nem definir bem essas misteriosas bellezas da natureza. Foi o primeiro deslumbramento que senti. Nunca tinha visto nada mais bonito do que o mar. Pareceu-me que entrava num outro mundo diferente, esse mundo ideal, esse paraíso terrestre de que me falavam, quando me faziam narrações da vida que Deus preparara para os tristes peccadores que nos legaram tanta mizeria e tristeza! Guardei para sempre essa impressão, e, lembrando-a agora, sinto-a nítida e pura como no primeiro dia.

Também revejo ainda a minha habitação, a cizinha junto à igreja dos Remedios, onde tanto brinquei e tão boas relações colhi. Tudo isso difere muito hoje; essas amiguinhas, companheiras de folguedos, onde viverão agora? Todas diferentes também. Quantas nem conheço mais, tão creanças nos separámos. Outras viverão ainda? Viúvas, pobres, ricas, feias, bonitas, caçadas ou solteiras, todo o aspecto podem ter tomado na sociedade, nunca mais eu as vi, essas queridinhas. Desse grupo afectuoso das minhas ternuras, apenas de longe em longe tenho ainda visto uma ou outra amiga no voltar de viagens por onde vamos passando.

O que são, finalmente, essas recordações que revivem no coração, senão a base fundamental de tudo o que houve de melhor no passado e que, não obstante o tempo, desejamos sempre guardar afectuosamente na alma, que sente muitas saudades, e chora enternecidamente a realidade que se foi, entregando-se à ilusão que aparece muito pallida e unicamente sob a forma dessas visões cósmicas dos grandes mundos aéreos e eternamente desconhecidos.

Recife—905.

AMÉLIA DE FREITAS BEVILAQUA.

Dona Augusta



Alberto Coelho chegava mais cedo nesse dia à fazenda do sogro, o tenente Soares, em visita à esposa, que ali convalescia há mais de meio mês.

Era domingo. Céu azul, campo verde, tremendo seiva, estadeando galas de primavera. A tarde descia tepida e doce, numa caricia macia de luz. Nos curraes do pateo, vacas mugiam, olhando tristemente pelas aberturas da cerca de pau-a-pique. Perto, na direção do roçado, os buritiseiros do brejo, em semi-círculo, baloiçavam de leve a copa viridente, doída de sol. E, vindas da fonte, aproximavam-se de casa duas moçoilas, de pote à cabeça, cantando uma trova sertaneja.

Apeou-se alegre, penetrado do encanto suggestivo da natureza amiga. E, a receber-l-o, logo se lhe estenderam, num amplexo, os braços de Dona Augusta, que viera encontrá-lo à porta, risonha.

— Creio que já estás boasinha. Ainda levemente pallida, mas já forte, não?

— Sim, já estou boa, e desejo de voltar à nossa casa. Também não achas que é bom tempo?

Perfeitamente, elle achava que sim, e era isso mesmo que lhe vinha propôr. Era preparar-se, portanto, afim de regressarem no dia seguinte.

De mãos dadas, penetraram a sala, onde algumas famílias da vizinhança conversavam, de visita aos donos da casa. Os cumprimentos trocaram-se amistosos e logo se assentou numa dança à noite, «para as meninas», que, pouco antes, falavam exactamente do recém-chegado, que seria o marcante. Alberto Coelho não desdenhava de um chorado à viola, e não seria elle que faltasse com o seu apoio ardoroso a idéia de tal natureza.

..

O seu casamento com a filha do fasendeiro da Bóea-Esperança por pouco não fracassou. Naquelas tempos—elle orçava pelos vinte e três anos—cada uma das suas noites de alegre esturdia com outros rapazes da villa servia de vasto pabulo à bisbilhotice desocupada dos linguaerios indígenas. E, de casa em casa, corria a história das extravagâncias de Alberto Coelho—«um perdidário», «um vadio».

Mas, não obstante a chronica que lhe faziam alguns dos proprios que mais se aproveitavam das suas prodigalidades, elle era sempre figura preeminentemente nos bailes e nas rodas femininas. Insinuante e algo instruído (estivera na capital durante três anos estudando no liceu), impunha-se também pela superioridade da fortuna e da gentileza, que ninguém lhe contestava, de bom e rapaz de espírito.

Apaixonou-se pela formosa Augusta, o rosto



D. AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

mais lindo da terra, e bordou-lhe uns madrigaes trescalando a Casimiro de Abreu. A paixão foi reciproca—a moça correspondeu-lhe com uns doces olhares e uns sorrisos de ternura infinita. Chegaram á pressão ardente dos dedos e passaram ás mutuas confidencias acauteladas e rapidas—para que os não surpressem os olhos severos do fasendeiro. Que, pela bondosa Dona Anna, māi de Augsta, de nada se arreceavam—ella até os protegia, na sua absoluta ingenuidade congenita.

Alberto, um dia, devidamente autorizado, pediu-a em casamento. O tenente Soares mostrou-lhe a carta, duvidoso de que a sua filha querida e tão ajuizada pensasse em dar a mão de esposa a homem de tal ordem.

Ella ficou toda confusa, lagrimas commovidas quasi lhe affluiam aos olhos, e, porfim, num murmúrio, suspirou «que se o papá e a mamā quizessem...»

Se elles quizessem? Nunca!—affirmou o tenente. Nunca! E desfiou-lhe toda uma longa história, incada de hiperboles, da vida de Alberto Coelho. Mas ella estava surda, nada ouvia. E, tindo o longo sermão paterno, o coração repetia-lhe que nenhum outro homem era comparável ao sr. Albertinho...

O que não podem lagrimas de filha! A oposição do velho teve, porfim, de ceder diante das angustias da moça. Mesmo, o rapaz como que se regenerava. Tornara-se outro, positivamente. Ha tres meses levava uma vida pacata, e, quem sabe? viria talvez a ser um marido exemplar. Ha tantos casos semelhantes! Por outro lado, que havia elle de fazer, se a rapariga queria... porque queria?

O casamento effectuou-se. Viviam felizes, e um filhinho veio augmentar o encanto á sua ventura. Elle fizera-se negociante. A loja era num dos departamentos da casa de residencia. De modo que o intimo contacto em que viviam só ultimamente se modificara, porque ella, tendo adoecido, fóra, a instancias dos pais, tratar-se á fasenda, meia legua distante da villa, onde elle todos os dias ia vel-a, sempre ás tardinhas, depois do trabalho diurno.

Não tinham faltado, no entanto, linguas viperinas que tentassem pôr um laivo negro na serenidade limpida do coração da joven esposa. Foi quando viera fazer-lhe companhia por alguns meses a sua irmã mais moça—a Margaridinha.

—A comadre desculpasse—disse-lhe, certa occasião, uma das suas vizinhas. A ponderação que lhe ia faser, era ditada pela grande confiança e muita amisade que ella sempre lhe inspirara. Não vinha dizer-lhe nada por mal, mas a comadre reparasse com olhos menos benevolentes naquelas brinquedos e naquellas graças do sr. Alberto com a cunhada. Ella nada via demais, para falar verdade; mas aquillo estava dando que trabalhar á lingua do povo. E a Margaridinha que era, para bem dizer, uma criança de todo inexperiente...

Dona Augusta repelliu aquellas insinuações. A comadre não désse ouvidos á lingua do povo, quasi sempre injusta. O Alberto tinha mesmo aquelle genio expansivo. E que fazia elle que não fosse permittido entre cunhado e cunhada? Tratar a Margaridinha com a familiaridade de irmão? Louvado Deus, o marido ainda lhe não déra nenhum desgosto, ao contrario do que o povo ficou a esperar quando se effectuou o seu casamento. E já lá se iam dois annos! Ora, a lingua do povo! Agradecia á comadre o interesse que tomava pela pessoa da sua irmã e pela sua tranquillidade; mas rogava-lhe que não mais lhe tratasse de tal assunto.

A outra foi-se, resmungando contra aquelle pouco caso, intimamente revoltada. E ella ficou, por momentos, absorta, de olhos tristes, fitando, através da janella, um trapo de nuvem, que se esgarçava no céu...

Era ao tempo em que da fazenda, para onde a familia, meses antes, se retirara, já reclamavam a volta de Margarida, que poucos dias depois deixava a villa, com a promessa de voltar «assim que os papás consentissem».

E nunca mais a vizinha veio lembrar a D. Augusta a infame historia, que ella de todo esqueceu.

..

Eram os musicos os dois filhos do velho Aguiar—o Vicente e o Joca. Este tocava a rabeca e aquelle a viola, e dava prazer ouvir-los, nos comovidos surtos da sua paixão artistica, elevidos, tradusindo, em harmonias langues, rusticas embora, a meiga e leve idealidade da alma sertaneja.

Os sons fugiam pelas janellas fóra, limpidos, vibrando jubilo, diluindo-se na doçura do luar, que escorria a prata líquida dos seus raios na copa das arvores murmuroposas.

As dansas iam por diante, animadamente. Dansavam seis mocas, inclusive as duas filhas solteiras do tenente Soares—Julia e Margaridinha. Os cavalheiros eram o Sinhô Ribeiro, filho dos abastados fasendeiros do Angico e noivo de Julia, e Alberto Coelho, que fazia de mestre-sala. Radiava contentamento geral. Todos os espíritos

sentiam-se impregnados da comunicativa jovialidade de Alberto, sempre incansável em ditos e gracejos. Os donos da casa, obsequiosos como o são em geral as famílias do sertão maranhense, distribuiam-se em amabilidades, de par com D. Augusta, que, num grupo, falava do seu próximo regresso à villa. E tinha um sorriso feliz, enumerando os seus projectos de trabalho. Em que abandono não estariam a casa, a horta, as criações, todas as suas coisas, enfim! Levava saudades, muitas saudades da fazenda e dos vizinhos. Mas urgia que aquella demora se não prolongasse por mais tempo. E, graças a Deus, ella já estava, se não inteiramente restabelecida, ao menos muito melhorada.

Praticavam do próximo enlace de Julia, do mutuo e grande afecto desta e do noivo, dos preparativos que se faziam para a festa «de tres dias e tres noites» que o tenente Soares projectava realizar, — quando lembrou-lhe uma pergunta que devia fazer ao marido, relativa á viagem. Pediu licença ás outras e afastou-se a procural-o.

Mas debalde percorreu a sala das dansas e toda a casa. Deixara-o, no entanto, ha pouco, dançando com a Margaridinha — que também já não via. Onde estavam? Revistou a sala, os quartos, a cosinha — e saiu ao pateo. Nada! Onde estariam? Uma subita amargura gelou-lhe a alma. As pernas fraquejaram-lhe, apoiou-se a um tronco de laranjeira. Sinistro clarão brilhou-lhe no espírito. Tentou, num esforço de naufrago, banir do coração a desconfiança negra e tremenda. Mas esta impunha-se, sempre e sempre mais vigorosa, penetrando-a, dominando-a, conquistando-a. As palavras da vizinha delatora, ha tanto esquecidas, voltaram-lhe aos ouvidos, e casos mínimos, para que nunca olhara do alto sereno da sua bôa fé, agora tomavam aos seus olhos conspectos novos, perspectivas imprevistas. Encadeavam-se, lógicos e sombrios, raios convergentes do abismo que via abrir-se aos seus pés. E, sem que ninguém se apercebesse da infinita e silenciosa dor que lhe avassalava e combalhava todo o sér, transpoz o terreiro banhado de luar, e tomou o caminho da fonte, imagem viva da agonia, aqui parando, tremula, ao ramalhar de uma fronde, ali tremendo, com o coração aos saltos, ao menor ruido.

Houve um momento em que lhe pareceu distinguir dois vultos adiante, numa orla da estrada. Agachou-se por detrás de uma arvore, que a envolvia na sua sombra, e esperou, quasi de joelhos, ofegando, algida. Os vultos aproximaram-se. Eram *elles*! Nesse ponto, a estrada dividia-se em duas. Trocaram beijos e separaram-se.

Ella, com a vida toda concentrada nos olhos, dois astros na agonia de um crepusculo de tempestade, viu-os desaparecer, estatua hirta de marmore, sem a contracção de um músculo. E assim esteve por minutos. Por fim, por sua vez, tomou o rumo de casa.

Seriam onze horas da noite. Pouco depois retinavam-se todas as visitas e ella recolhia-se ao seu aposento. O marido, a convite do Sinhô Ri-

beiro, «que tinha umas coisas para dizer-lhe», fôra até ao riacho, ao *bota-fóra*.

Ella acercou-se da pequenina mesa que havia no quarto e por momentos esteve a escrever. Em seguida, approximou-se do leito do filhinho, que dormia. Ergueu-o nos braços, apertou-o demoradamente contra o peito, beijou, beijou-o... O pequeno ia despertar. Deitou-o, aconchegou-lhe as vestes com carinho, e quedou-se a contemplá-lo, sem uma lagrima, fixamente, livida e tragicada. Fóra, a fala de Alberto, que voltava, falava, estremecendo. Recuou, de braços em cruz, comprimindo o coração, os olhos presos na alva e pequena rede onde o filhinho dormia com um sorriso indefinível nos roseos labios virgens. E desapareceu pela janella do oitão...

Ninguem sabia onde ella estava. Debalde chamavam-a já ha uma hora. A angustia constringia todos os corações. Como se explicava aquillo, santo Deus? Que teria acontecido? Alguem aventou a hipótese de que ella, tendo saído, cahira ali por perto, com algum ataque. E todos concordaram que devia ser isso. Não podia ter sido outra coisa. Se ella ainda não estava completamente boa!

E, entre as lagrimas e os soluções de uns e as exclamações afflictivas de outros, lançaram-se a procurar-a pelos mattos proximos, pela alvura das estradas silenciosas.

Triste coisa, triste coisa! Os gritos, chamarão-a, estridulavam e gemiam no silêncio da noite, repetiam-se mais e mais endoloridos, e só o magoado rumorar do vento noctambulo nas francesas do arvoredo respondia ao seu appello desesperado.

E, assim, veio a madrugada, veio a manhan. E quando o sol doirou o cimo orvalhado das arvores, um dos trabalhadores do tenente Soares viu, pendendo de um galho de faveira, matto a dentro e a poucos passos do caminho da fonte, o corpo de Augusta, de faces congestas, com a ampla cabellera negra oscilando ao vento, o pescoço arroxeados preso a uma corda de sedelho, dobrada a tres...

..

Sobre a mesa do quarto da suicida foram encontradas duas cartas — uma aos pais e aos irmãos, outra ao marido. Despedia-se, pedia perdão para o seu crime e bemçam para a sua alma infeliz. Na de Alberto Coelho additava esta supplica: «que elle tivesse sempre muito amor ao filhinho e se casasse com a Margaridinha»...

ALFREDO ASSIZ.

Todo aquele que, pela sua influencia imediata, conseguir modificar no sentido progressivo as formas da actividade, da affectividade ou da *intellectualidade* humana, embora circumscreto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens.

THEOPHILO BRAGA.



MARANHÃO—A INAUGURAÇÃO DO BUSTO DE ODORICO MENDES, NA PRAÇA DO MESMO NOME

A passagem do Dr. Oswaldo Cruz pelo Maranhão



A classe medica d'esta terra ofereceu ao distinto medico Dr. Oswaldo Cruz um jantar que se realizou no dia 4 de Novembro, em um dos salões do Hotel Central.

Assim procedeu, no intuito de mostrar a consideração que tributa aos que trabalham pelo engrandecimento da classe, e manifestar o interesse que toma pelo bom exito da applicação, na cidade do Rio de Janeiro, dos principios da doutrina havanesa, com relação á prophylaxia da febre amarela.

Os vantajosos resultados obtidos em Cuba, os trabalhos realizados em S. Paulo, no Rio e em Petropolis, provando cabalmente que a propagação dessa molestia se faz somente por intermedio do mosquito—*stegomyia fasciata*, deram profundo golpe na theoria que a suppunha transmissivel pelo contacto com o doente.

Oxalá que, em breve, semelhante molestia desapareça do Rio de Janeiro, cessando de ser o pavoroso espantalho que até hoje tem afastado dessa cidade o concurso da immigração estran-

geira, e deixando de ser, ao mesmo tempo, o ramo de oliveira que tem attrahido ás plagas argentinas, as *arcas* carregadas de immigrantes que ahi vão levar a prosperidade, dando desenvolvimento tão extraordinario á sua capital que pode ser citada como um dos mais raros phenomenos de estatística do fim do ultimo seculo e do principio do actual.

Em 1869 a população de Buenos-Aires era apenas de 180.000 habitantes, em 1889, vinte annos depois, era de 450 000, e, actualmente, não estando ainda decorrido outro periodo de vinte annos, a sua população já está avaliada em quasi um milhão de habitantes !

E' mais admiravel esse engrandecimento do que a celeridade com que se levantavam as cidades dos Estados Unidos da America do Norte.

Conseguiram finalmente os argentinos, ao menos até hoje, que a capital do seu paiz fosse considerada a primeira cidade da America do Sul.

Quaes seriam os factores de tão rapido desenvolvimento ?

A grandeza do seu porto ?

Não, que a excellencia do do Rio de Janeiro nada lhe tem a invejar.

A origem dos seus habitantes ?

Tambem não, porque o passado dos dois ramos da raça latina, que partiram da peninsula iberica para fundar as duas alludidas cidades,

está rico em factos que realçam, por igual, o valor de ambos.

A situação geographica?

Também não, porque, se Buenos-Aires está compreendida na zona temperada onde se encontram as cidades mais prospertas do globo, ha cidades, em latitude identica a do Rio de Janeiro, que possuem população elevada como, por exemplo, Calcutá e Bombaim.

Effectivamente a causa do desenvolvimento de Buenos Aires foi a existencia constante da febre amarela no Rio de Janeiro, que nos priu do concurso de 80.000 imigrantes que affluem annualmente para aquella capital.

Felizmente essa terrivel e tão explorada causa parece que vai cessar.

Desde 1872, como se lê no relatorio apresentado pelo Sr. Dr. Oswaldo Cruz, não se encontra, no Rio de Janeiro, um estado sanitario tão favoravel, no que se refere á essa molestia.

Em 1904 a mortalidade de outras molestias infectuosas, como a diphtheria e a coqueluche, foi ahí mais elevada do que a da febre amarela.

Estes factos são bem positivos e demonstram perfeitamente a proficiência dos trabalhos iniciados pela Directoria Geral de Saúde Pública do Rio de Janeiro.

Como medico e brasileiro, aqui venho render homenagem aos que emprehenderam essa campanha contra semelhante molestia, de cuja extinção resultará o engrandecimento da cidade do Rio de Janeiro, que, dotada de todas as condições e commodidades exigidas pelos hygienistas e architectos, será, mais tarde, a primeira da America do Sul, de acordo com a posição do Brasil que nella sempre ocupou o primeiro lugar.

E então o colossal gigante de pedras, que guarnece o horizonte da bahia de Guanabara, fitando os olhos no oceano e estendendo os braços para as arcas carregadas de imigrantes, que somente se encaminhavam para as terras argentinas, lhes dirá: —vinde, sem receio, ancorar no porto do Rio de Janeiro, porque, se eu ha muito vos assegurava a riqueza, agora vos garanto a vida também.

S. Luiz do Maranhão, 15 de Novembro de 1905.

Dr. Justo Jansen.

Carmen Silva

(RAINHA DA ROUMANIA)

Li, há pouco, n'um diário de minha terra, esta notícia:

—«A rainha da Roumania, a hysterica e desequilibrada soberana, que com o pseudónimo de Carmen Silva, tem publicado meia duzia de livros francamente mediocres, acaba de fazer uma boa acção: melhor que a sua prosa, resolveu dar de presente para a instalação de um asilo de escriptores pobres um castello que possuia no Rheino.»

Ao terminar a leitura d'essa notícia repeti, n'um mixto de revolta e piedade as palavras que,

referindo-se a essa infeliz rainha, disse alguém: —*a coroa da gloria é forrada de espinhos por dentro!*

Desgraçada rainha! que nem por ser rainha, intelligente, meiga, como se adivinha pelas suas produções, deixa de ser infeliz!

Desequilibrada! aquella que sofre resignadamente os seus tormentos, calando-se, e apenas consolando-se com a sua penna, como diz ella própria nos seus versos:

... la chanson berce ma souffrance.

Ao ler essa fatal noticia que por um lado a eleva, pelo sofrimento, e pelo outro a degrada, lembrei-me do seu sublime pensamento:

«A mulher é mais capaz do que o homem de comprehender o artista; pela maternidade sabe quanto é cruel gerar.»

Desequilibrada quem falla assim!

Quando a minha adorável desequilibrada escreveu que —*ha caras nas quais se vê por momentos serpentinas sahindo dos olhos; ha outras em que as serpentes se arrastam até aos olhos, sahindo dos cantos da boca; e que os jornalistas são como as moscas: nada para elles é sagrado*—estava longe de pensar, talvez, que seria victimada por aquellas serpentinas e importunadas por essas moscas.

Não conheço os seus livros. Infelizmente os não conheço. Mas, pelo que tenho lido d'esta mulher superior—pensamentos esparsos e chronicas—avalio que esses livros mediocres de que desapiedadamente falla o jornal, n'uma infeliz transcrição, sejam fontes limpidas onde o espírito possa banhar-se com delicia, como a avesinha sequiosa e cansada nos arroios que deslizam cantantes à sombra acariciadora de agrestes florinhos.

Desequilibrada! quem pratica uma accão digna de todo o louvor! quem exerce a mais sublime das virtudes—a caridade! quem se lembra de dar abrigo a essa multidão de desamparados, cujo unico cabedal está no cerebro—aquella porção de pensamentos luminosos, mais brilhantes que montes de estrelinas novas, tão brilhantes que, como os sols, podem aclarar todo um mundo!...

Mas não têm a cotação do ouro, porque para esses esfarrapados milionários da Idéa ainda se não construiu, ainda os não fundiu a moeda destinada ás suas transacções!

Alli, na poderosa e antiga Germania, nucleo de talentos opulentissimos, essa pleiade de infelizes, unidos pela mesma chamma creadora do mesmo laço de mizerias, se congraçará debaixo d'aquelle tecto protector e reunidos cantarão, de certo, esse hymno á sua Bemfeitora, cujo título devia ser—*A feliz Mizeria*.

E, enquanto o Rheno cascatineja lá fora a sua murmurosa canção, esses Desgraçados de alma illuminada e florida, cantando á lyra e manejando a penna deixarão escorrer por ellas o ouro fluido das idéas que irão illuminar uma população inteira, recreiar os potentados e multas

vezes abrir a valvula que lhes dará a moeda corrente!

E elles, os escriptores pobres do castello do Rheno, continuarão pobres, sempre pobres, a encher tiras de papel para terem, quando muito, depois da sua morte, uma estatua como Camões!

E a Gloria é isto!... Uma vida de tormentos para ter um NOME depois da morte!

Mas a Gloria deve ser mesmo como uma Ressurreição! Como esse premio da Vida Eterna que só se gosa depois da morte, depois de esgotada a ultima gota de sangue, a ultima porção de ar, o ultimo sacrificio!

E a minha querida Rainha da Roumania, como artista que é, comprehendendo o sacrificio do corpo pela alma... foi por isto que, no seu desequilibrio mental, nesse hysterico momento de allucinacão, se lembrou de proteger os escriptores pobres!

Ah! minha adorada Carmen Silva! eu quizera que o meu Estado fosse governado por uma desequilibrada como tu!

Então, eu deixaria as magras que tenho da Patria sepultadas no esquecimento e iria, reverente, beijar a tua mão protectora e depôr a teus pés uma braçada de lyrios.

ROSALIA SANDOVAL.

Marcellino e o seu theatre



Tenho-o dito mais dumavez: considero o chamado drama pathologico verdadeira literatura de hospital. Não o considero necessário, não o considero proficuo. No meu entender, em toda a obra de arte, e muito especialmente a literatura, reside sempre um intuito de educação. Quer dos brandos sentimentos, quer das violentas paixões, tem que advir ao nosso espírito uma impressão moralizadora, seja ella comunicada num sorriso, ou transmitida num grito. A-

menizar, é dulcificar; indignar, é commover. De tudo resulta uma lição,—e essa lição é sem dúvida a de que devemos ser bons, porque tal ou tal affecto a isso induz; a de que devemos ser justos, porque tal ou tal iniquidade só com a justiça se remedeia. E quer bondade nos inspire ou justiça nos esclareça, é sempre uma boa e solida moral que triumpha,—aquella que representa o *quid supremo* da existencia humana.

Por este criterio, claro se reconhece que o espectáculo da dor, que a nossa condição bem infeliz, é um permanente estimulo a generosas e redemptoras resoluções. Não se perde o espectáculo do sofrimento. Vendo-o, odiamo-lo, mais fundamente do que todas as abstracções no-lo poderiam sugerir. E esse odio converte-se logo em amor pelos desgraçados que dum flagicio imerecido padecem, transforma-se em paixão santa e consoladora de nunca collaborarmos na obra nefasta que tales infamias, tales tormentos produzem. Numa palavra: surge-nos, avassaladora e lucida, a necessidade de usarmos de todo o remedio que sejamos susceptiveis de empregar para que, na vida, não tropeçemos no horror que, só na ficção, nos fez estremecer,—e no caso de tal remedio não ser conhecido empregarmos todo o dedicado esforço da nossa intelligencia em descobri-lo.

Claro é, pois, que os sofrimentos apresentados em theatro, para que em tal educação cooperem e para que a tales designios se prestem, necessitam de pertencer à categoria daquelles que na ordem social se originem. Aos que sejam propriamente physicos já o coração do homem attendeu, prestando os recursos da sua scienzia para a sua cura ou attenuação. Se virmos num palco um cego, manifestando-se com os meios de que a arte dispõe o seu martyrio, não poderemos fazer mais do que compungir-nos, arremessados a um sofrimento moral inteiramente estéril, visto que na impotencia da nossa piedade nada encontraremos para eliminar ou minorar a tortura entrevista. Pode-se remodelar costumes, transformar de *fond en comble* uma sociedade: tudo isto, que é enorme, entra nos limites do possível: o que não podemos, ainda que para isso offereçamos todo o nosso sangue e toda a nossa alma, é fazer com que, em pupillas apagadas, brilhe de novo a sacrosanta luz que permitta o goso integral da vida. E, se alguém o pudesse conseguir, não seríamos, mero publico tremente da arte, mas sim os profissionais da fria e incançável sciencia.

Mas se, em these, eu não creio admissivel, embora altos espiritos o tenham aproveitado para as emoções scenicas, o chamado drama pathologico, não é menos verdade que, salvaguardada ella, nós não podemos exigir do dramaturgo, que dum assumpto de tal natureza se inspirou, senão que prova e talentosamente o trate. E' o caso dessas *Almas docentes* em que Marcellino Mesquita, não receio afirmal-o, firmou o trabalho mais coerente, homogeneo e brilhante da sua obra, e quesacrilegamente e ineptamente foi patado na noite da sua première por coterias de invejosos mesquinhos e de mizerandos inconscientes.

Não se pode exigir dum escriptor a obra que elle não fez. Decerto seria rematada loucura exigir de Camões, em vez dos Lusiadas, o Dictionario Philosophico de Voltaire. Marcellino Mesquita pertence a uma camada artistica, correspondente a um meio muito diverso do que hoje entre

nós se nota. Creado nas doutrinas d'um materialismo absorvente, fanouse-lhe, rapido, a flor idealista do seu espirito de poeta. Para elle as cousas são o que são, — e não o que deviriam ser, nem o que poderiam ser. Olha a vida com olhos de medico. Tudo para elle são aleijões, quer deformem os costumes, quer os corpos. Em tanta miseria, em tanto ridiculo, em tanta oppressão, em tanta dor, — ha drama? Sem duvida. Pois bem! Cada incidente da vida pode ser transportado para o theatro, contanto que emocione.

O incidente de agora repousa num caso de hereditariedade de loucura. Personagens do drama: pae, mãe e uma filha. O pae, chegado a uma certa idade, começa a notar em si proprio um desequilibrio doentio. Mal se apercebe da sua significação, mas para o espectador ella é clara desde o momento em que é informado de que já opa desse desgraçado, chegado a uma certa idade, se matara, dominado por uma loucura semelhante. O facto é notorio, mas só quasi nas vesperas do casamento é que o noivo da filha é advertido da sinistra tara. Então, recuando deante da ameaça de ver um dia sua mulher enlouquecer por seu turno, mal a data fixa se approximou, retorna a sua palavra, desmancha o casamento. Este facto apressa a catastrofe. Apesar de todos os subterfugios, a pobre rapariga descobre a verdadeira causa do abandono, e tambem dentro em pouco ella não pode ser vedada ao desventurado pae. O seu desequilibrio aumenta: só a morte lhe aparece como redemptora do seu sofrimento. Mas, quando vai para matar-se, aparece-lhe a filha. Numa scena, das mais intensas que a dramaturgia moderna pode registar, ella declara ao pae que quer tambem morrer. Elle pro-

testa, supplica: ella exige. E não se esquecerá facilmente o calafrio que nos corre pelo corpo, quando, n'um grito enraivecido, ella clama ao desgraçado, que é a involuntaria origem da sua desgraça: «Então tu queres antes pae, que eu morra, doida furiosa, n'uma cellula de hospital?»

Morrem ambos. Unidos os labios no ultimo beijo, os seus corpos entrelaçam-se no mesmo bloco de sofrimento despedaçado. E o panno cae, entre o rumor soberano de perguntas que finalmente respiram.

Repto: não creio que isso deva ser apresentado em theatro, mas a verdade é que isso está admiravelmente feito. Não ha uma hesitação, não ha uma queda. O drama completo, que é uma tragedia pura, enquadrar-se nos limites estrictos de dois actos, sem uma palavra a mais, sem uma palavra a menos. É a precisão mais assombrosa de technique theatral que tenho visto até hoje. Trabalho perfeito, acabado, to-

do elle reúma talento desde a primeira á ultima scena. Observação escrupulosa, tipos seguros, acção harmonica, cheia de interesse e de imprevisto. Se Marcellino não fosse já considerado, por todos os que desapaixonadamente julgam as cousas e os homens da nossa literatura, como o primeiro dramaturgo da actualidade, as

Almas Doentes, em que pese aos seus mesquinhos detractores, têlo-hiam firmado no seu justo lugar, como n'um pedestal de direito obtido.

E foi este trabalho primoroso que meia duzia de philisteus pateou! E com que argumento? Com o de que os incomodava! E a gente nova que reclama, pois, trabalhinhos ligeiros e fárgas



Moda d'A REVISTA

desopilantes, para não perturbar a digestão dos burgueses. Ao que parece, queriam uma tragédia moldada no gênero das peças de Gervasio Lobo. E é esta mesma gente que aplaudiu os *Especulos do Ibsen*, em que Zacloni nos gelava de terror, e a *Enquête de Henriot*, em que um caso de loucura era identicamente aproveitado.

Incoherencia, dir-se-há? Não: baixeza. O fim que se quis vizar não foi a obra, foi o homem, —porque elle occupa o logar eminentíssimo que os plamitivos de maus caracteres pretendem vago, como se isso bastasse para elles lá poderem ascender.

MAYER GARCÃO

Esperança

Já vistes entre as arvores, se brama
E sopra o vento, e o sol da Primavera
Chispa e fulge, algum passaro que a trama
Dos galhos salta, se o rumor impera,

Julgando ouvir na musica severa,
No selvagem rumor de cada rama,
O cantar de outro passaro que o espera,
O trinar de outro passaro que o chama?

Nós somos mesmo como essa ave: ouvimos
Sempre, em tudo, uma voz maviosa e pura
Que nos minora as magoas que sentimos.

Essa voz é a Esperança, que buscamos
Embalde,—como o passaro procura
A cantar o outro passaro entre os ramos!

Pará.

HUMBERTO DE CAMPOS
(Helios)

Admirar



A capacidade de elevação e progresso de cada um, está na razão directa da faculdade de saber admirar. No espírito que se embevece, extático, diante de uma maravilha da natureza, de uma obra reveladora de superioridade artística, de uma conquista do humano esforço, palpita porventura o germen de uma criação immortal. Isto não é um paradoxo.

O que é preciso é que essa admiração decorra da compreensão absoluta daquillo que a tiver suscitado.

Newton acompanha, de olhos deslumbrados, a queda de um fructo,—e descobre a lei física da atração e repulsão dos corpos.

Newton admirava? Pois que há de admirável num facto de tão barata trivialidade?

Admirava. A Newton, como a Galileu contemplando o movimento oscillatorio de uma lampada no alto de uma torre da cathedral de Piza, empolgava o deslumbramento de quem tinha penetrado um estranho dédalo magnífico, absolutamente vedado à vulgaridade da vista normal, do olho emmetropo. Porque o genio vê como por meio de um misterioso apparelho de radiographia; não encontra impossíveis, sonda o insondável, perscruta muito além do que nós outros chamamos o horizonte visual. Tem, no grau mais elevado, a potencia miraculosa de aprehender a fugidia visão do misterio, e trazê-la, transmudada em verdade, clarividente e lucida, para o ambito das coisas tangíveis, da tangível realidade...

Conhecem o pintor do quadro de Morel que segue, sobracaçando os instrumentos do seu mestre, indiferente a tudo que o cerca, de todo abstrato, os bellos olhos sonhadores perdidos no vacuo?

De redor do artista mulheres, tentadoramente semi-nuas, de uma beleza arrebatadora de betairas gregas, tentam aliciar-o numa rede de irresistíveis seduções. Todos os meios perpetram, de todos os recursos se apropriam de seductora magia...

Ranofrits maravilhosas, que José fugitivo deixar-lhes-ia preso o manto ás alvas mãos velutinas?

Em tanto, da Turris-Eburnea donde olha para o infinito, o pintor nada vê, nada sente daquella esplendida floração de carnes bellas.

Como se pairasse muito acima da contingência humana, prosegue incólume, surdo e sublime, só vendo, longe, no indifinivel horizonte, a visão radiosa do seu sonho de illuminado...

Algo existe que o torna supremamente incorruptível—é a magnitude do seu ideal de artista; é a absorção completa do seu ser, de toda a sua potencia affectiva na ação de conquista do que elle mais intensamente admira—a beleza da sua arte, e mais ardente deseja—o beijo de luz da Glória...

A admiração—eis o iman que prende a alma ao ideal, a *alma-mater* de tudo quanto de exelso tem produzido o espírito humano.

Felizes os que sabem admirar! São dessa tempera os grandes espíritos creadores, esses eternos monges Hieronimos da lenda, embriagados na harmonia do passaro divino!

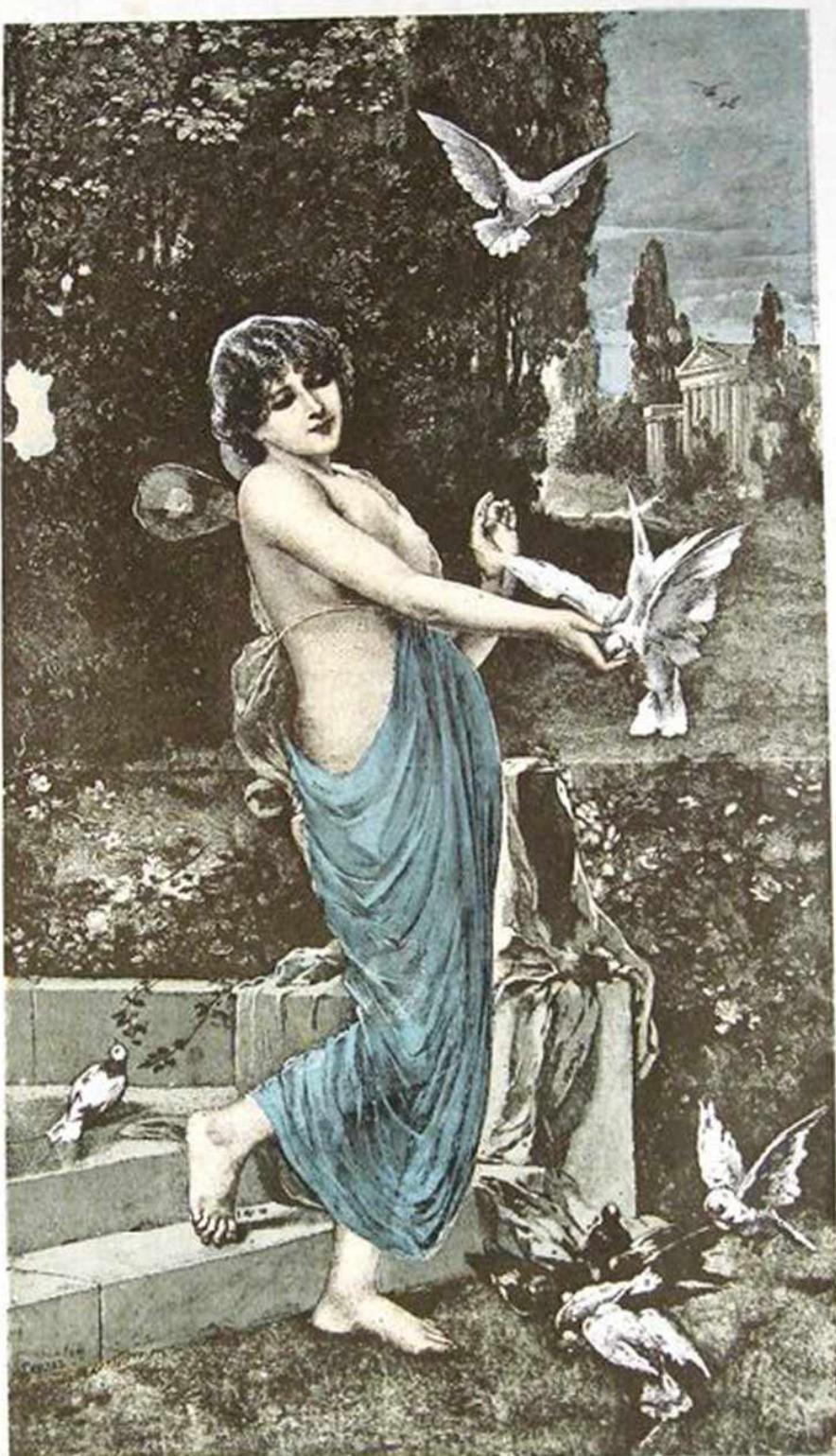
LAURO VIDOÉIRA.

Os poetas, que não dizem senão verdades sob brilhantes imagens, comparam as almas despidas de paixão amorosa ao corpo vazio das cigarras mortas. Sómente é preciso não fazer do amor a pedra angular da vida conjugal, porque, «se o coração da mulher é semelhante à planta que floresce à superfície da agua, o coração do homem é cambiante como um céu de outono.»

ARTHUR ORLANDO.

Historia muda

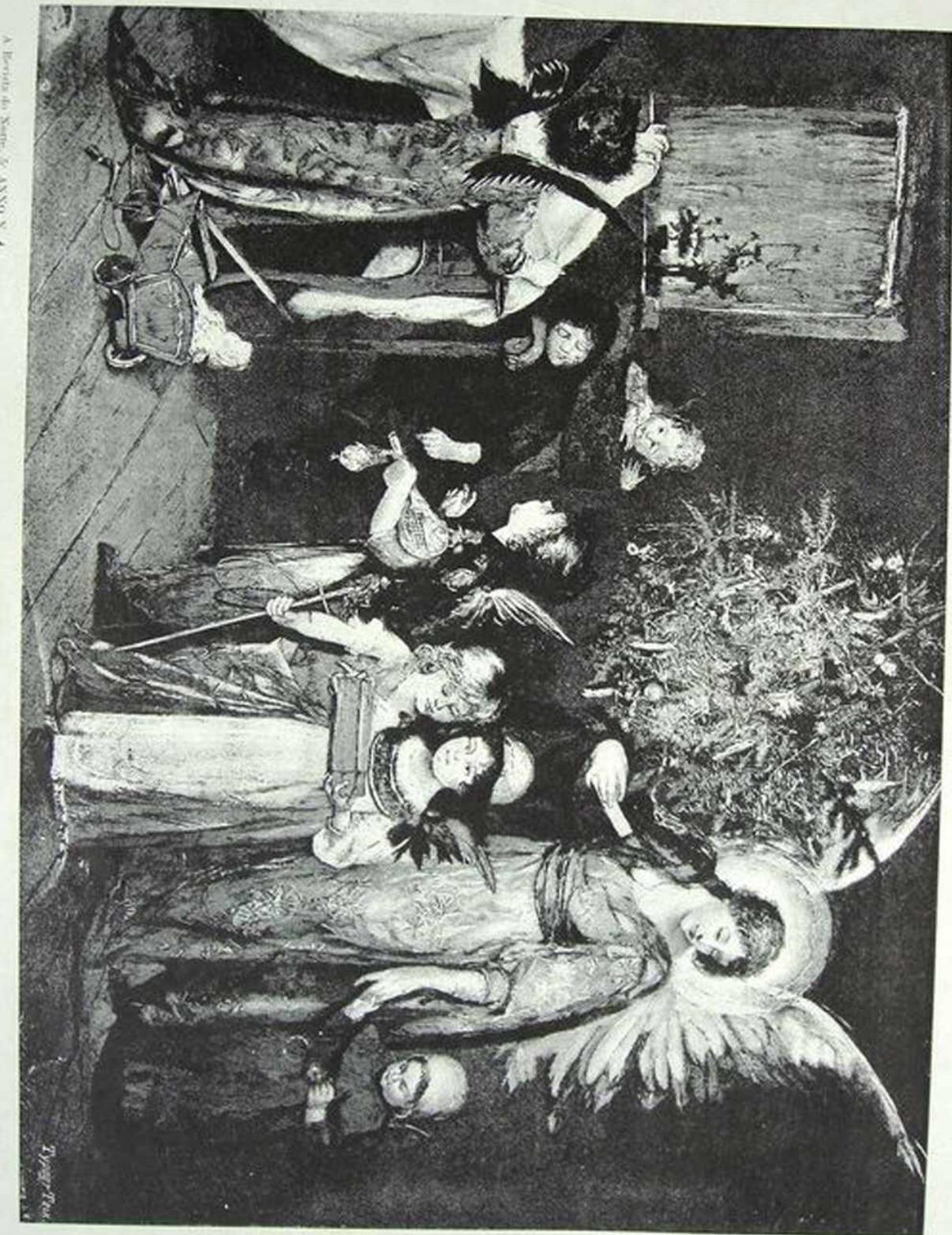




A Revista do Norte, V. ANNO N.º 2

Psiché

Natal



A. Berndts do Nascimento, 2. ANNO, N. 4

Editorial

A REDISTA DO NORTE

ANNO V

NUM 4

Dezembro de 1965



O MEZ

Andaram, este mez, numa verdadeira roda viva as crianças das nossas escolas. Rare era o dia em que se não viam, pelas ruas da cidade, bandos alegres de meninas, vestidinhas de branco, de fitas nos cabelos, sobraçando uma pesada rumia de livros e de papeis. Os meninos pelo mesmo conseqüente: fatinhos brancos, bonets ou gorros, e a tal livralhada com o inseparável papelório. Que destino levavam esses pequeninos? Não é preciso que se

lhes diga, meus senhores: esses meninos iam *fazer exame*! Nem mais nem menos! Dirigiam-se para as suas escolas onde os aguardava uma comissão, jury, corpo examinador, ou que melhor nome tenha, cuja missão ia consistir em torturar por algumas horas aquelles pequeninos cerebros que, pelo contrario, só deveriam receber da vida impressões sadias e alegres.

E os papás e as māmās da petisada assistiam muito satisfeitos da vida a toda aquella burlesca miniatura do tribunal do santo ofício e de lá saiam nadando em jubilo porque os filhinhos haviam afirmado que um trecho de um

classico, que lhes deram os inquisidores para analyzar, continha tantas *clausulas*, umas *syndeticas* e outras *asyndeticas*, que nessas clausulas haviam elles encontrado uma multidão de coisas, como fossem: predicationes completas e incompletas, relações de todos os matises e qualidades, adverbias, prepositivas, predicativas, etc. etc. Outros nem cabiam em si de orgulhosos porque a interessante prole, num abrir e fechar d'olhos, enumerara os mais reconditos e desconhecidos cabos da Asia e as mais subtils e acanhadas correntes da Cochinchina. Outros ainda proclamavam, muito anchos, que a filhada puzera p'ra li, em pratos limpos, enquanto se diz ovos, toda esta embrulhada da origem e classificação das especies animaes, que os sabios de todo o mundo até aquella data não haviam ainda conseguido destrinçar. Um quarto grupo boiava num mar de rosas porque os filhinhos, tão pequenitos, tão franzinos que quem os visse nada daria por elles, tinham, comodo, feito um figurão no exame de SCIENCIAS! Sim, senhores, não tem de que se admirar: exame de SCIENCIAS! Então suppõem os que me leem que este negocio de sciencia é privilegio das intelligencias adultas, dos cerebros amadurecidos pelo estudo e pela reflexão? Pois andam redondamente engados: qualquer d'aquelles fedelhos sabe SCIENCIAS como nenhum de nós nunca soube nem quer dirigir a propria vida...

E, no entanto, não pensa toda essa gente que anda simplesmente a assistir a execução de uma tarefa barbara e cruel, que só encontra como attenuante da responsabilidade dos que a põem em prática, a ignorância em que elles próprios andam das consequencias da sua obra? Pois não está a entrar pelos olhos dos que se queiram dar o trabalho de reflectir por alguns minutos, que toda aquella espectaculosa exibição de *sabença* não tem valor de especie alguma, nem para os innocentinhos que maquinamente a executam, nem para os mestres que passaram um anno inteiro a adestra-los nessa execução? Pois não é claro como a luz do dia, que nenhuma d'aquellas intelligencias pode perceber as



complicadas noções que lhes impingem e que só à força de memória é que embatucam o auditório contando na sua presença coisas tão extraordinárias e tão alevantadas? Enão é triste, na verdade, triste de fazer chorar, ver a gente os seus filhos transformados em pequeninos comediantes, atrofiando em pura perda as suas faculdades mentais, viciando a sua inteligência, sobre-carregando a sua memória de noções indigestas e perfeitamente inuteis, nocivas até, porque, quando a gente forma na infância uma idéia errada acerca de qualquer coisa, dificilmente conseguirá, na idade da razão, corrigir essa idéia?

Felizmente, parece que o mal já vai sendo atacado pela raiz: já contamos alguns estabelecimentos de ensino em que as idéias novas vão fazendo caminho.

A instrução que nelles se ministra é racional e methodica, abrangendo coisas úteis e de acordo com o grau das intelligencias infantis a que se destinam. E assim é que deve ser: deixemos de parte toda essa bagagem indigesta de grammatiquice e de sciencias e preparamos as crianças para a vida, ensinando-as a conhecerem as coisas que as cercam e a d'ellas servir-se

para o melhor bem estar seu e dos seus semelhantes.

E de uma vez por todas releguemos para o montão das coisas inuteis essa bolorenta e arcaica instituição dos exames de fim de anno, que nada prova e de nada serve a não ser para gerar no espírito das crianças a idéia de que elas aprendem, não para saber, mas simplesmente para, no mez de Natal, dar consumo a vestidos custosos e repetir como papagaios, todas as papagaices que lhes metteram nas cacholas.

Só assim é que os nossos professores farão inteiro jus à gratidão da sociedade em que vivem.

HENRIQUE NEIVA.

A liberdade de consciencia e a liberdade de ensino

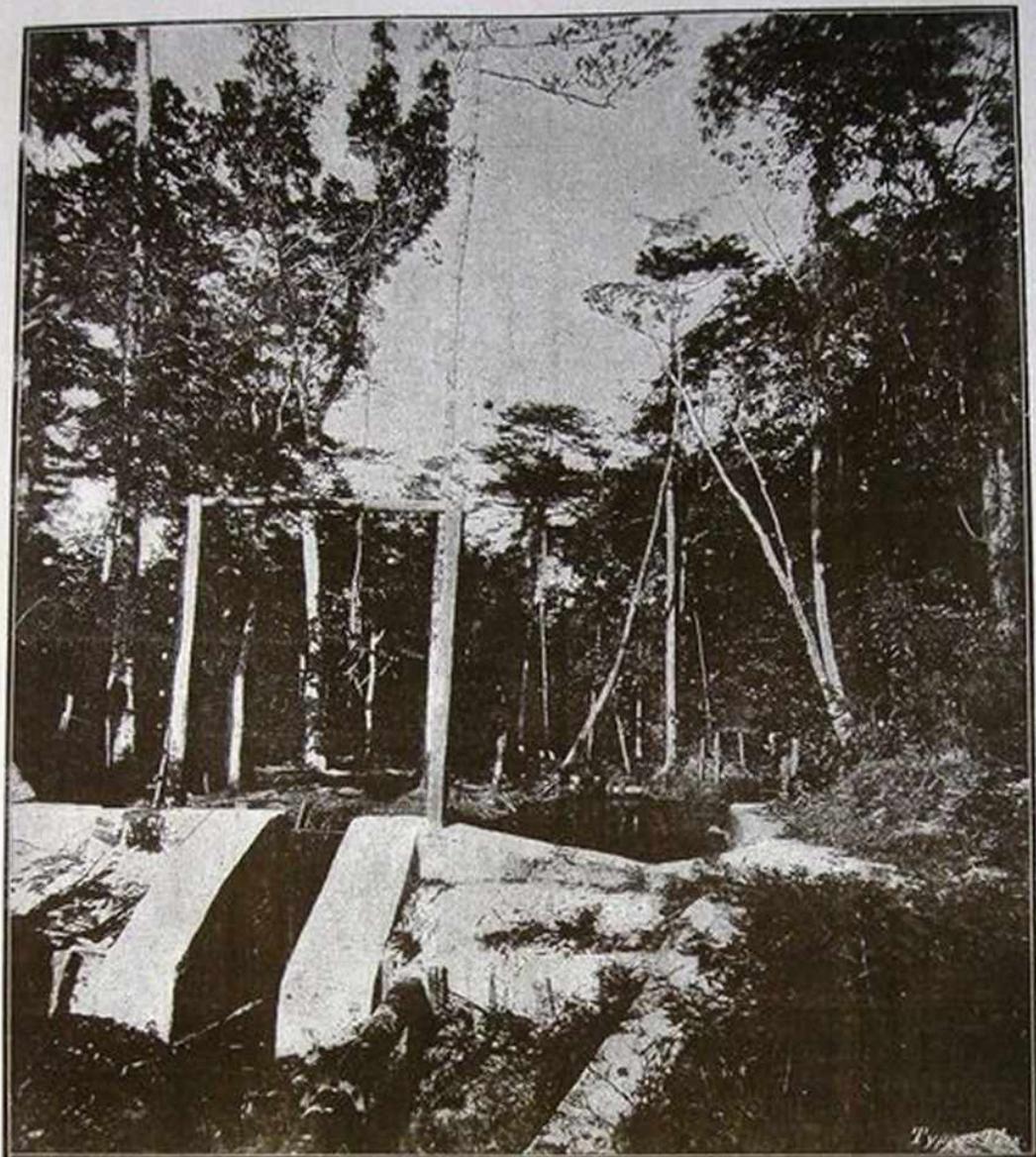


Uma das partes do funcionamento do nosso organismo na qual o homem mais difficilmente tolera a ingerencia de uma vontade estranha à sua é aquella que se traduz pelas crenças religiosas; a liberdade de consciencia foi, em todos os tempos, reclamada como um bem supremo, como a mais preciosa das prerrogativas humanas. Explica-se isto pelo fato do homem ser mais cioso das suas tendencias metafísicas de que das suas conquistas científicas. A historia humana prova a cada passo a verdade de que acabamos de afirmar.

O homem nasce com uma tendência hereditaria para o misticismo; as descobertas da ciencia são por demais recentes, e todos os terrores que no espírito dos nossos antepassados provinham dos fenômenos que elles não compreendiam, fazem ainda parte do patrimônio que nos transmitiram, conjuntamente a outras taras e qualidades. O maior beneficio que a ciencia poderá prestar à humanidade será exatamente cura-la do medo. A re-



MARANHÃO—O AUTOMÓVEL DO SR. JOAQUIM SANTOS (Phot. amador C. Neves) ligão, seja ella qual for, nada mais



C. F. T. RIO ANIL—PREZA NO RIO ANIL

representa do que a cultura do misticismo hereditário do homem: é uma interpretação dos fenômenos exteriores, que, em vez de se apoiar sobre as conquistas recentes da ciência, apela para conceções antiquadas e ilógicas, respeitadas apenas por terem sido o fruto da imaginação dos nossos antepassados, *infinitamente muito mais ignorantes do que nós*. Desde o momento em que uma criança comece a falar, antes, portanto, de se tornar apta a aprender os mais elementares rudimentos das coisas científicas, para logo lhe ensinam o catecismo que, dentro de poucas horas, na frase do bispo de Belley, «as torna mais sabias do que os mais ilustres filósofos». Empanzinam-lhe o cérebro com um montão de palavras vazias de sentido e a ella, devido à sua pouca idade, chega sem dificuldade a acreditar que semelhantes palavras representam

rem outra coisa diferente daquillo que pensam, a menos de basear convence-los por meio de argumentos que substituam por novos os antigos resíduos o que é difícil quando estes últimos datam da infância); a liberdade de consciência comprehende mais o direito de exprimir publicamente o que se pensa.

Como a tagarelice é a mais importante das ocupações humanas, usam todos largamente d'esta liberdade, e as discussões que de semelhante exercício decorrem ordinariamente degeneram em querelas terríveis porque o homem apega-se, mais de que a qualquer outra coisa, às divagações desarrasoadas do seu cérebro. Teem-se visto indivíduos, que, afóra isso, não seriam maus, entrematarem-se porque, quando eram pequenos, lhes ensinaram absurdos diferentes. Dado o fanatismo inherente a certas convicções, será

alguma coisa de positivo. Ensinar às crianças a «origem do mundo» (¹) antes que elas possam compreender o mais simples raciocínio científico, é introduzir-lhes voluntariamente no cérebro um certo número de resíduos indestrutíveis, que mais tarde virão fazer parte integrante da sua personalidade, é impor-lhesá força uma crença cujo valor lógico não podem discutir e da qual mais tarde dificilmente se poderão desembraçar, porque as coisas da fé são independentes de todos os raciocínios.

A liberdade de consciência não se reduz ao direito de pensar aquilo que se pode (digo o que se pode e não o que se quer, porque só se pensa aquilo que os instrutores da mocidade ensinaram, e não se pode mais pensar outra coisa; além disso é impossível faser os homens pensar



C. F. T. RIO ANIL—FACHADA DA FABRICA

talvez perigoso permitir por toda a parte as conversações sobre assunto religioso. Quanto ás conferências, elas não apresentam o mesmo perigo, porque os auditórios que a elas concorrem sabem de antemão que nela lhes será dito exactamente o que elas na realidade desejam ouvir.

Infelizmente, as convicções ardentes acarretam geralmente um fanatismo perigoso e um desejo indomável de faser proselitos, de sorte que, quando num paiz uma opinião religiosa é comum à maioria dos seus habitantes, querem os que constituem o maior numero impô-la á minoria que por seu lado resiste com todas as forças a semelhante imposição. Se, todavia, quizessem os partidários exaltados de qualquer seita religiosa reflectir em que as opiniões religiosas se contraem na infância e que é quasi impossível desembocar-se d'ellas na idade madura pelo raciocínio, de certo não seriam tão presunçosos e não as queriam á viva força impor a todo o mundo, renovando assim a fabula da raposa da cauda cortada.

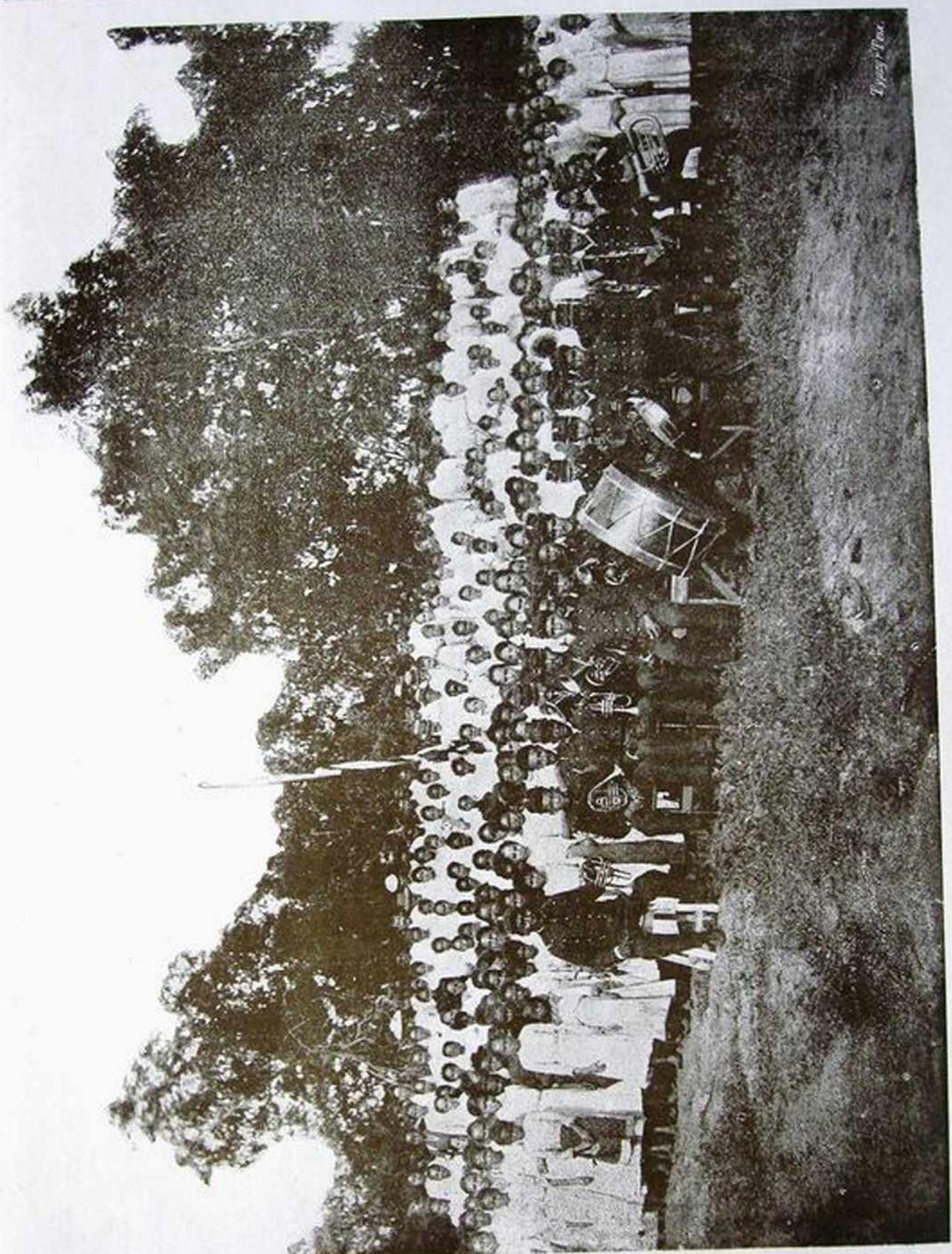
A esta questão da liberdade de consciencia liga-se estreitamente a da liberdade de ensino.

Assim como as gaivotas gostam de reunir-se numa mesma praia, porque se assemelham, assim também os seres imbuidos de certas convicções religiosas tem um especial prazer em encontrar essas mesmas crenças nos seus vizinhos e, como tais convicções se inoculam na tenra idade, reclamam em altos brados o direito de inoculá-las no maior numero de crianças possível. Mas, não será disparatado perguntar em que idade o homem começa a ter direito a essa liberdade que ele tão insistentemente reclama, porque, se tal direito começa cedo, a so-

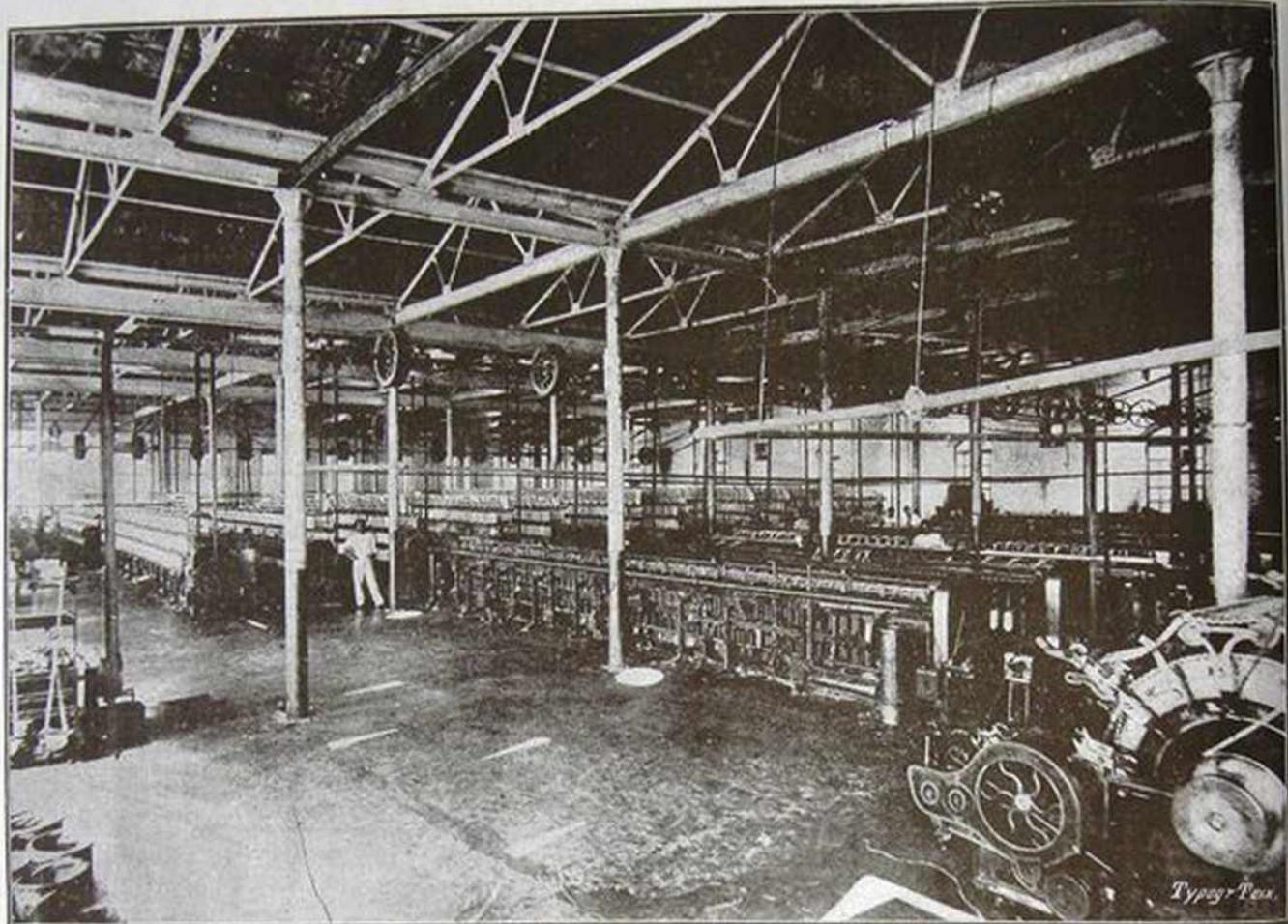
ciedade deve intervir para proteger o das crianças que ordinariamente procura os adultos infundar a tal ou tal religião, aproveitando-se do fato de ainda não estar suficientemente desenvolvida a sua razão e fazendo brilhar aos seus olhos maravilhados a incontestável vantagem de imediatamente se tornarem mais sabias do que os maiores filósofos. É curioso que os Ingleses, que levam o respeito pela liberdade individual até ao ponto de não quererem tornar a vacina obrigatória, ministrem, apesar disto, aos seus filhos uma instrução religiosa cujos efeitos serão certamente muito mais duradouros do que os da vacina.

Nas épocas teocráticas, quando a lei social era apenas um eco de um sistema religioso, era natural que se ensinasse ás crianças as partes essenciais desse sistema. Hoje, porém, já se não dá o mesmo, pois que constantemente se vê muita gente hesitando entre o seu dever e a sua fé.

Mas, dir-nos-ão, toda a convicção é respeitável. Mas o erro também é respeitável, retorquiremos, da mesma forma que a fraqueza e todas as enfermidades humanas. Experimentamos um respeito cheio de piedade diante da dor de um indivíduo; sentimo-nos, pelo contrário, alegres constatando a sua alegria. A verdade é como a alegria: resplandece, pertence a todo o mundo e, portanto, não necessita de respeito, ao passo que o erro é pessoal como os tumores esfrofulosos. Além disso, temos muito mais apego aos nossos erros do que ás verdades reconhecidas. Se alguém contestasse a Pascal a legitimidade das proposições de Euclides, o sabio sorriria; se, porém, lhe contestasse um ponto de



C. F. e T. RIO ANIL—PESSOAL OPERARIO



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE FIAÇÃO

dogma, elle *in pecto*, desejaria queimar vivo o seu contraditor.

O respeito mais real da liberdade dos indivíduos consistiria em educar as crianças fora de todo o sistema religioso, em confessar franklymente que a sua razão se acha muito pouco desenvolvida para que possa criticamente abordar os grandes problemas da cosmologia, e em ensinar-lhes unicamente, como um meio de desenvolver-lhes a razão, as verdades indiscutíveis, como as da matemática, da geografia, da anatomia, etc.

Mais tarde, ficariam elas talvez ao abrigo, graças a esta sã educação, de toda tendência metafísica; em todo o caso, se chegassem a pensar em formular algumas questões extra-humanas, teriam muito mais probabilidades de compreender o erro manifesto das mesmas.

E' hoje um fato comprovadíssimo que todas as religiões, quaisquer que elas sejam, deram ao homem explicações erróneas e infantis que se propagaram justamente por estarem ao alcance dos mais ingenuos e porque com elas alimentaram os seus ministros o espírito das crianças; reconhecida presentemente a sua insignificância, há ainda quem reclame que d'ellas

se faça a base da educação; é dar demasiada importância ao respeito do erro. A sociedade que, em troca da obediência às leis, protege os indivíduos, tem igualmente o dever de proteger as crianças contra esta sofisticação prematura do seu cérebro.

Apesar disso, os partidários da educação religiosa sempre saíram lucrando, pois as religiões atravancaram todas as línguas hoje usadas, e é indispensável ensinar as crianças a falarem...

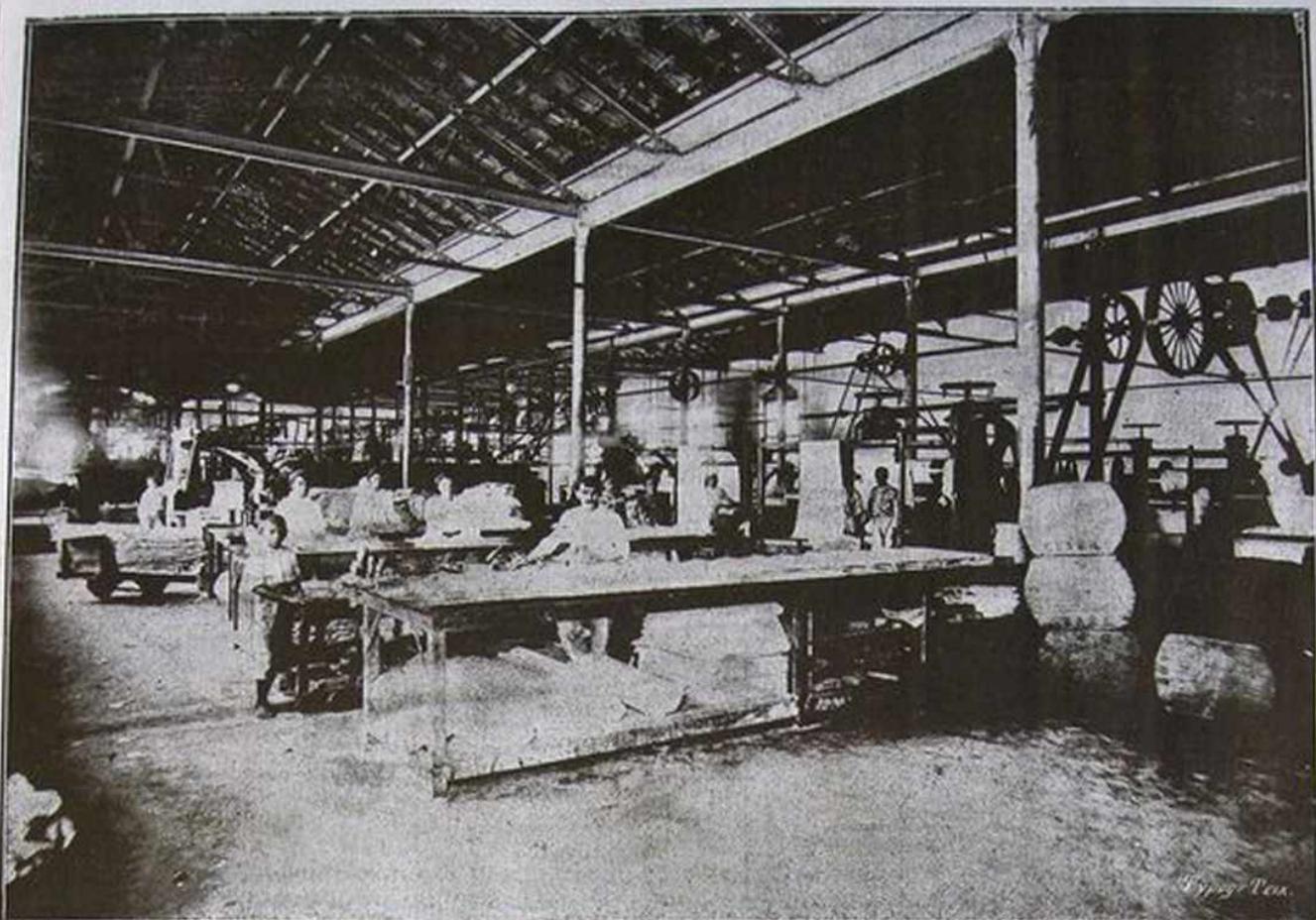
FELIX DE DANTEC.

Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil



Compõem a quasi totalidade das nossas gravuras do presente número diversas vistas da Fabrica de propriedade d'esta importante Companhia.

Pela inspecção d'estas gravuras e leitura das notas que se seguem, devidas a obsequiosidade de um amigo que conhece de



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE ALVEJAMENTO

perto a historia e a vida d'aquella Companhia, poderão os nossos assignantes formar um juizo seguro não só da perfeição e cuidado com que foi edificada a Fabrica e as suas dependencias, como tambem dos esforços da sua actual administração em prol da prosperidade e riquesa de tão util estabelecimento industrial, altamente reputado por todos os que o visitam.

E intento nosso, em numeros subsequentes, fazer, com relação ás outras empresas industriais do Maranhão, publicações idênticas que demonstrarão a saciedade os imensos recursos de que dispõe a nossa industria e o prospero futuro que a aguarda, quando, pela tenacidade e pelo trabalho, forem vencidas as dificuldades que momentaneamente lhe estorvam a marcha.

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil foi constituída oficialmente, em assembléa geral dos accionistas, a 25 de Setembro de 1890, sendo eleitos directores, os encorporadores Henry Airlie, Manoel José Francisco Jorge, Antonio Cardoso Pereira, Francisco Xavier de Carvalho, Dr. José Francisco de Viveiros e Jeronymo José Tavares, Sobrinho, que estiveram na

direcção da mesma Companhia, com algumas alterações, até 30 de Junho de 1900.

A fabrica acha-se edificada no povoado do «Anil», em terras de propriedade da Companhia, as quaes medem de frente para a estrada que vai da cidade a Maioba, 1500 braças, e onde nascem e correm tres rios dagua potavel—o «Anil», o «Ingahura» e o «Mucuruna».

A 23 d'Agosto de 1891, foi lançada a primeira pedra do edificio, começando então a sua construção que ficou terminada em 30 de Junho de 1893, quando já se achava também montada a machine motora, transmissões etc. etc.

O edificio, que é todo construído de pedra e cal e tijollo de alvenaria, com o pavimento asphaltado de cimento sobre pedra britada, tornando-se impermeável à humidade, e com o tecto todo de ferro sobre columnas do mesmo metal, firmadas em blocos de pedra britada e cimento, coberto de telha de Marselha, é vasto, medindo de frente, ao Poente, 97 metros e de fundo, ao Nascente, 103 metros, e ocupando uma area de 9991 metros quadrados.

O edificio dispõe de canos sub-solo para ex-gotto das aguas pluviaes e das servidas na fa-

brica e bem assim de encanamentos d'água com 12 bocas de incêndio.

A chaminé mede de altura 45 metros e é toda construída de tijollo d'alvenaria.

A máquina motora é do fabricante John Musgrave & Sons Limited, da Inglaterra, sendo a maior e mais aperfeiçoada que existe no Estado, pois é *Compound* e tem força de 500 cavalos, dando movimento ao volante principal, que mede 22 pés de diâmetro, com gornes para 16 cabos distribuindo transmissão para todas as secções da fábrica. A máquina motora recebe vapor de cinco caldeiras que são todas de aço e do fabricante Thomas Buley, também da Inglaterra, as quais são alimentadas pelo aparelho «Economizador de Green» composto de 192 tubos fornecendo água a 200 grados de calor, para alimentação das caldeiras, produzindo com isso uma economia nunca inferior a 30% de combustível. Este aparelho também é o único que existe no Estado. O salão das caldeiras mede 20 metros de frente e 16 metros de fundo, sendo o assentamento das mesmas todo de tijollo refratário. É uma beleza ver-se, não só a máquina motora, como as caldeiras, pois parecem máquinas que ainda não funcionaram, tal é o seu estado de conservação e asseio.

Em Julho de 1893 principiaram os ensaios dos serviços da fábrica.

O salão da fiação mede 64 metros de comprimento, e 36 metros de largura. Os mecanismos deste salão são todos do fabricante Howard Bullough Lmt., da Inglaterra, trabalhando no preparo do fio 11200 fuzos, com os batedores, cordas, alongadores e massaroqueiras necessárias.

O salão da tecelagem tem em trabalho 400 teares do fabricante Henry Livesey Lmt., da Inglaterra, e mede de comprimento 64 metros, e de largura 36 metros, tendo capacidade para 600 teares.

O salão do alvejamento e acabamento tem todos os mecanismos precisos para o preparo de morins, sendo fabricante dessas máquinas, Lang Bridge Lmt. da Inglaterra, e mede de comprimento 206 metros, e de largura 21 metros.

Além destes salões, tem a fábrica mais os salões dos batedores, carreteleiras e gommadores, a oficina mecânica, a arrecadação, o armazém de depósito d'algodão e o de fio.

Todos os mecanismos da fábrica são de primeira ordem, bastando para recomendar-lhos os nomes dos fabricantes que são assim conhecidos, causando magnífica impressão a limpeza e asseio com que são conservados.

Residem na «Villa-Operaria» e suas circunvizinhanças o pessoal empregado na fábrica, que atinge a mais de seiscentos operários, sendo para admirar a ordem e disciplina que é guardada por elas no estabelecimento, mostrando todos um particular empenho em cooperar para o progresso e prosperidade da Companhia.

Há uma banda de música composta de 26 figuras, todos operários da fábrica, e denominada — «Industrial».

No rio «Anil» a Companhia construiu um açude conhecido vulgarmente por «Pocoão», d'onde vem, por gravidade, água para um grande tanque com capacidade para 8000 pipas, construído junto à fábrica, d'onde retira a mesma a água de que carece.

A Companhia tem nas suas terras grande número de predios, destacando-se dentre elles, os em que residem o Director e o Engenheiro da Fábrica os quais são de magnífica construção e bella arquitetura. O conjunto desses predios formam a «Villa-Operaria» que muito se tem desenvolvido e melhorado nestes últimos anos.

Presentemente, a administração da Companhia está a cargo dos credores hypothecários, Jorge & Santos e Tavares & Comp., sendo estes representados pelo Sr. José Gonçalves Pereira, que dirige os trabalhos da fábrica, e aquelles pelo Sr. José Francisco Jorge, que tem a seu cargo a parte comercial e financeira da Companhia.

Nesta administração tem sido muito aumentados os mecanismos da fábrica, estando a secção de tecelagem que era de 290 teares, elevada a 400 e a fiação, que não produzia o suficiente para aqueles teares, completa para fornecer o fio preciso para o trabalho dos 400 teares. Além destes melhoramentos e muitos outros que se tem feito, tem a administração actual contribuído para aumentar a procura dos produtos da fábrica, que antigamente eram vendidos exclusivamente neste Estado e no do Ceará, e hoje são exportados para todos os Estados da União, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas, onde a fazenda é bastante conhecida e procurada, fazendo franca competição aos produtos das suas congêneres do Sul.

As visitas ao estabelecimento só são permitidas às segundas-feiras das 6 às 10 horas da manhã.

Sonho místico

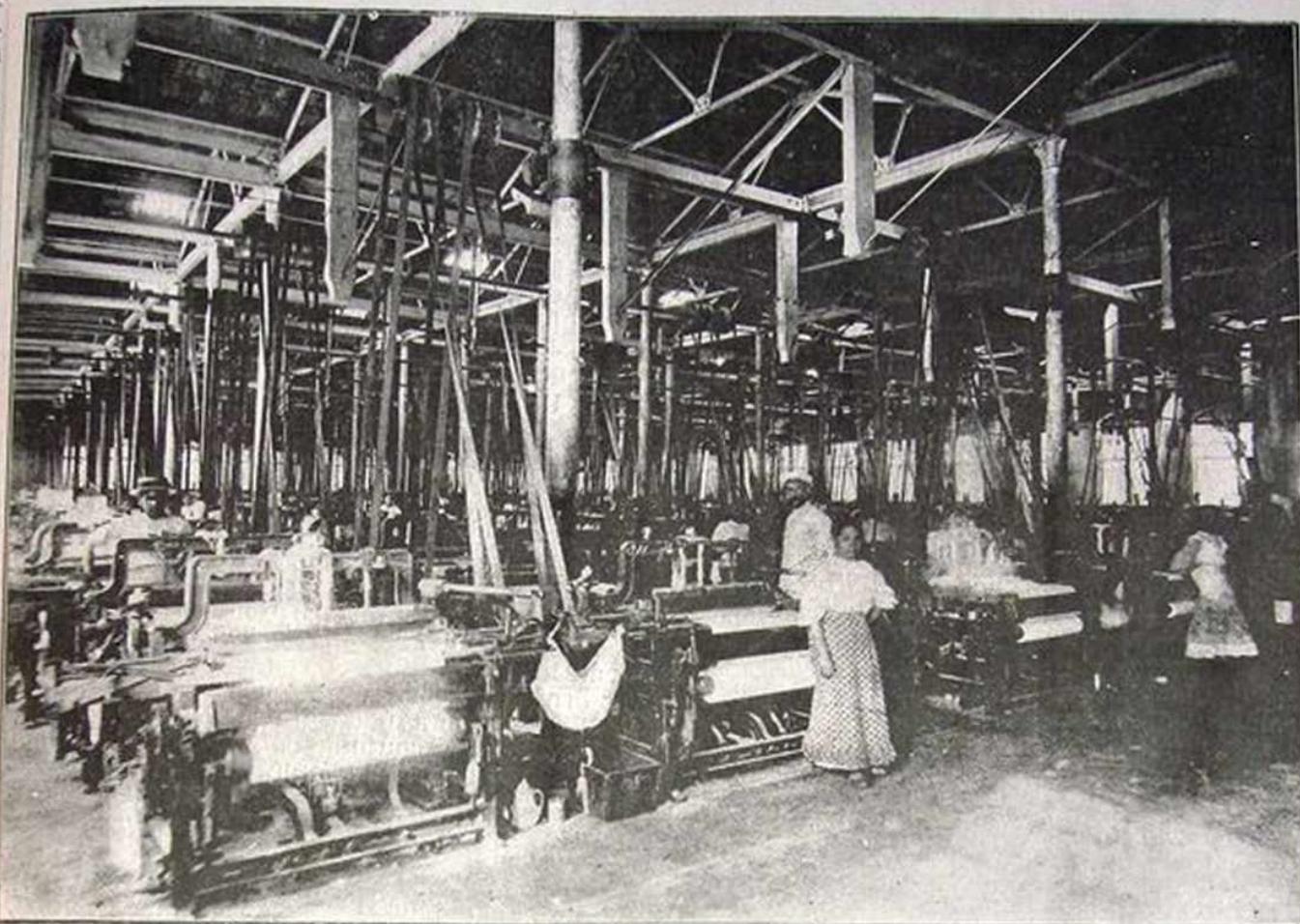
Passa a aérea phalange vaporosa
Dos exilados virginas do Mundo,
A teoria dos anjos cõr de rosa
Pela amplidão do páramo profundo.

Vibram sonoras citharas no fundo
Dos céus . . . A lua, limpida e formosa,
Enche o infinito do clarão jucundo
Dos seus raios de neve luminosa.

E eu fico absorto, em extasis, banhado
De um delírio suavíssimo, fitando
O longínquo esplendor do grupo alado . . .

E acórdio . . . Que tristeza indefinida !
Ah ! se eu fosse também do ethereo bando
Dos exilados virginas da Vida !

ALFREDO ASSIZ.



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE TECELAGEM

Minotauro



Cinco da tarde. Reina, como de costume, uma silenciosa paz de cemiterio no pequeno e alegre jardim de Cypriano Gouveia, no Engenho Novo.

Tinha-se acabado de jantar. As plantas dormitavam imóveis, pendidas as folhas num como indolência

morbida. O ar estava parado, não bolia uma folha e o céo, o inconstante céo fluminense, tinha o turvo aspecto precursor das tempestades.

As bellas roseiras, podadas ainda na véspera, lá estavam esquecidas ao pé do muro, languidas, quasi mortas, sem a opulencia triumphal das rozas no mez de Maio.

As timidas violetas, de um rôxo tenro e melancólico, no seu ascetico recolhimento de

monjas ideaes e microscopicas; os jasmins do Cabo, esplendidos e de uma branura immaculada, engrinaldando trechos de gradil; os rezéas, os bogarys, as begonias, todas as flores se gredavam tristeza na sua mysteriosa linguagem muda.

Gouveia dera-se ao luxo confortável de habitar um pittoresco chaleśinho, em S. Francisco Xavier, muito claro e alegre, como um viveiro de passaros, abrindo para as montanhas friorentas da Tijuca, pintadinho de fresco, isolado, sem visinhança, com jardim e repuxo.

Havia coisa de um mez que elle morava ali, «naquelle ninho de beija-flor», mais a sua Nictota.

Poucas pessoas se lembravam de os procurar n'aquelle remoto cemiterio, calmo e socegado, aonde mal chégavam esmorecidas as acclamações dos sportistas em dias de *grand prix* no Jockey-Club.

Cypriano não gostava de ruidos, detestava os centros populosos, o tumulto das ruas: nasceria para o silencio, para o amor discreto extra-muros, *sub tegmine fagi*, para a quietação estagnada dos suburbios.

— Isto mesmo é o que eu ambicionava desde pequeno, dizia: o meu socego, o meu descanço, a minha paz. Posso dizer como o filósofo: — Eureka!

Emburrava solememente com a rua do Ouvidor, por onde nem siquer passava ao voltar da repartição, odiava os botequins, revoltava-se contra o dandysmo que sacrificava bem estar e fortuna por uma noite de teatro ou por um fato novo: preferia viver obscuro e tranquillo mais a Nicota em qualquer logarejo fóra da cidade, lendo systematicamente o seu romance predilecto nas horas vadias (era assignante do *Rocambole*, em fascículos), ouvindo tocar piano ou então cuidando carinhosamente das suas flores e dos seus canários belgas.

O seu ideal era precisamente este: ter uma esposa honesta e docil e uma santa vidinha sem cuidados domésticos, possuir o menor número possível de amizades, e, sobretudo, não facilitar a Nicota, «esse anjo de candura», o ruidoso convívio social, tão arriscado para a honestidade feminina nos tempos que correm.

— Não é assim, Nicotinha? dizia elle com meiguices de marido feliz. E doutrinava: — Antes prevenir que ousar...

E atirava-se com attitudes nababescas na cadeira de vime, saboreando seu rico charutinho *Regalia de la reina*...

Ultimamente, depois de sua nomeação a oficial de secretaria, pode-se dizer que entoava o *hymno triumphal do amor*!

Vivia feliz, extremamente feliz, economizando cautelosamente, sem avareza, o pouco que lhe rendia o emprego...

Uma vida quieta, monotonía, bem humectado sempre, esquecido do passado, babando-se pela Nicota, que elle coitado, na sua myopia de homem inexperiente, adorava de toda a alma.

— Ainda havemos de ir á Europa, repetia.

Gouveia tinha um amigo íntimo, quer dizer um amigo que lhe fintava os almoços, que lhe indicava o melhor meio de cruzar canários, que lhe contava anedotas e que lhe entrava pela casa a dentro de chapéu na cabeça e charuto no queixo; apenas um — o Luiz Bandeira, um rapagão bem apessoado, que enriquecera nas páginas da Bolsa, à força de transacções vergonhosas; sujeito metido a amador de cavalos, com fumaças de fidalgo e fama de intelligent.

Nicota a princípio aborrecia o Bandeira, achava-o insuportável e desfrutável com os seus modos de bilionta, com as suas cantilenas de riqueza; mas, pouco a pouco, foi gostando de lhe ouvir as lérias, e, por fim, até começou a estimá-lo como si fosse um parente chegado. E tantas voltas deu, tanto acreditou nas palavras do Lulú, tanto riu de suas cavilações, que este, o grande amigo do Gouveia, um bello dia ousou lhe pedir um beijo, a ella, um só... Nicota, porém, honra lhe seja, recusou formalmente, dando as costas com um soberano desdém ao bilionta.

Todavia (prudencia no caso...) nada com-

municou a Cypriano: não queria desgostar o marido, não valia a pena dar escândalo: ella saberia proceder d'agora em diante...

E as coisas continuaram como de costume.

— Gosto do Bandeira porque é um rapaz franco e sincero, dizia Cypriano á mulher.

Nicota confirmava:

— Pois não! Muito franco e muito sincero. E o teu melhor amigo. Lembra-te, no dia de meus annos, as magnificas pulseiras que elle me deu?

— Não... Quaes?

— O', homem de Deus, aquellas de ouro e brilhante, fingindo uma cobra...

— Ah! sei, sei...

E acrescentou convicto:

— Um excellente amigo!

Nessa tarde, os dois, Bandeira e Gouveia, conversavam, como de costume, ao redor de uma singela mezinha de feno, no jardim.

Tinha-se acabado de jantar.

As plantas dormitavam immoveis...

Nicota escutava-os na cadeira de vime, arriscando por vezes um aparte indiscreto.

— Então pensas que se deve matar cruelmente a mulher adultera, heim?! exclamou com voz firme o Bandeira, cruzando a perna.

— Mas sem a menor dúvida!

Nicota disfarçou uma commoção-sinha, cantarolando o celebre *addio do Trovador*.

— E's muito rigoroso, Cypriano! Que diabo! A mulher é um ente quasi irresponsável...

— Qual irresponsável! Irresponsável são os loucos e as crianças. Sou justo, sou digno...

— Não tens um tico de razão, meu velho. A raça humana é fatalmente, irresistivelmente polygama, por força mesmo de sua constituição physiologica. O instinto sexual chega a ser mais forte na especie humana que nos animaes...

Cypriano interrompeu com um risinho de ironia:

— Queres á fina força justificar a mulher adultera, meu Jesus Christo...

— Perdão, eu não quero coisa alguma, o que eu quero é provar-te que Othelo, esse personagem medonho, esse tigre ciumento, não existe — é uma mentira dramatica, uma ficção shakespeareana e, si quizeres, uma excepção na vida conjugal.

E riscando um phosphoro de cera na sóla do sapato:

— Lé Balsac, si te queres convencer, procura a *Physiologia do matrimonio*, que dizem ser o resultado de longa experientia, e verás que a humanidade, desde o primeiro pae, tem sido e será sempre um eterno e colossal *minotauro*, por isso mesmo que é instinctivamente polygama.

— Ora... mas ha excepções, atalhou sécamente o Gouveia quasi convencido, com um rubor quente no rosto.

— Não direi o contrario, mas o que é certo é que todos querem ser excepções, e o rebanho

cresce, a legião aumenta prodigiosamente. Si houvesse estatística...

Começou a chuviscar. O tempo escureceu de repente. Grandes latigos d'água caíam levantando um cheiro forte de terra humida.

Bandeira deu o braço a Nicota, agasalhando o pescoço com a gola do fraque e o Gouveia, o ingenuo Gouveia seguiu na frente, resignado como um martyr, segurando o lenço em pontas na cabeça para se não constipar.

(Dos Pequenos Contos, livro póstumo)

ADOLPHO CAMINHA.

A CIDADE NOVA

A chamada arte social, que, nos últimos annos, sucedendo, com o impulso d'uma reacção, á estéril arte dos nefelibatas e neo-parnasianos, se afigurava a palavra salvadora da literatura universal, tem ido pouco a pouco revelando, nos seus processos, que estava mais inquinada, do que se podria prever, dos principios e emaneras da arte que precisamente vinha condenar e substituir. Cahindo no extremo opposto a que todas as reacções levam, saiu da obscuridade das formas para se lançar na confusão das idéas. A uma misteriosa penumbra substituiu um tumultuoso caos. Querendo livrar-se da trama traçoeira dos artifícios da linguagem cahiu na banalidade da expressão. Numa palavra, que é a menos severa que se lhe pode aplicar: tem até agora errado o seu alvo, e o seu espírito, que deveria ser o d'uma benefica propaganda d'uma sã moral, tem-se transformado assim no malfício sempre resultante d'uma pessima doutrina-



A Moda da REVISTA

ção para um elevado princípio.

Dificultades de orientação? Sem dúvida; mas também, não se pode negar-o, incapacidade literária. Se o preciosismo, o arreboque, a originalidade forçada, ou, para resumir, o artifício, é a pecha do estylo, não se segue que o estylo deixe de ser aquele predicado imprescindível e nobre, necessário para a exposição d'uma nobre ideia e d'um nobre sentimento. Não se podem exteriorizar as elevadas aspirações d'um cérebro nem as delicadas emoções d'um coração na mesma prosa charra e vil em que se compõe um rol para as lavadeiras. E forçoso dar claridade á palavra, com o encanto da imagem, com o rythmo da phrase. De contrario, tudo empalidece e morre. Que importaria mesmo que o intuito moral fosse justo e puro? A dificuldade da realisa-

ção esthetica, arrebatando-lhe a eloquencia comunicativa que agita as almas, tirar-lhe-ia todo o seu poder educativo, toda a sua esencia moral.

Mas, como já acima o notei, para o fracasso, que o bom gosto e o bom senso infligem ás obras de arte social, — entre nós, é claro, visto que só de Portugal n'este momento me occupo, — concorre, alem da falta de condições verdadeiramente artísticas, a incoherencia desordenada da sua pseudo orientação. O pensamento gerador da generalidade de tais obras é d'uma brutalidade que melindraria o sentimento publico. A certos folclorios libertários chamou ha tempo Theophilo Braga, numa designação flagrante, anarquistas de bota-a-baixo. E a demolição colérica, melhor ainda: epileptica, de todas as noções em que

até hoje se tem norteado as consciencias. Nada escapa: nem o sentimento religioso, nem o sentimento patriótico, nem o sentimento familiar, nem o sentimento social. Ha muito que dizer acerca dos principios de que taes sentimentos se originam? Muito que desbastar, muito que eliminar, mesmo? Sem dúvida. Mas, tocando em tão arreigadas convicções, necessário se torna proceder com cuidado, recorrendo ao bom senso, que é a alavanca de todas as revoluções, e ao bom gosto, que é o bisturi de todos os ridiculos. E preciso ter serenidade e método, honestidade e justiça, que o mesmo quer disser imparcialidade de criterio, sem a qual não ha philosophia que subsista. Ataque se o que é mau; salvaguarde-se o que é bom. Cortar indistintamente pela carne podre e pelo orgão são, não é processo que dignifique a consciencia, nem que a intelligencia exalte.

Comtudo, n'estacegueira, no fundo altamente prejudicial aos proprios interesses dos principios apostolisados, é que se tem estirilizado em Portugal o esforço dos que se lançaram, de peito aberto, na lucta de renovação artistica por meio d'uma moral revolucionaria. E, como ha sempre um grupo para empunhar a primeira bandeira que se lhe afigura a mais demagogica, não falta uma turba de desorientados e insatisfeitos para applaudir inconscientemente as affirmações mais absurdas que lhes pareçam as mais audaciosas.

Mas a accão do verdadeiro homem de letras, do escriptor que prese a sua dignidade de publicista, consiste precisamente em não se deixar arrastar nem pelas influencias de cima, nem pelas influencias de baixo, em não ser um serventuário do Poder, nem um escravo da Multidão. Se se orientou, libertou-se; se se libertou, liberta. Inimigo de todas as servidões, deve começar por não ser servo.

Comtudo, não poderá erguer-se, emfim, livre e nobre, a palavra do artista que pretende moralizar costumes e esmiuçar tradições? Não poderá dizer-o sensatamente e artisticamente? Pode, desde o momento em que pelo estudo se torne um artista. E a exemplificação consoladora d'estaverdade está no trabalho de Fernando Reis, o seu romance *A Cidade Nova*, que precisamente por agradar a poucos demonstra estar bem proximo da verdade, mantendo-se equidistante das ferrenhas opiniões dos conservadores e das descabelladas theorias dos avançados.

Parece-me ser este o maior elogio a discernir a esse romance com que Fernando Reis marca o inicio da sua carreira no genero. Demonstrar, authentica, uma parcella de bom senso, que não exclue um nobre sentimento no meio do desnorteamento geral, é faser alguma cousa de sólido, que pode resistir aos embates das opiniões e das criticas. E esse, um dos muitos predicados da *Cidade Nova*, que se me afigura o essencial.

Disse-o já: este romance, em que tão ampla noção do futuro se inclue, é, na realidade, no seu mais saliente aspecto, o processo da *Ci-*

dade Nova. Ella ahi aparece com os seus absurdos, as suas violencias, as suas iniquidades e os seus ridiculos, descriptos com um poder de observação tão flagrante que bastaria para assinalar a tempera do romancista. Mas do quadro odioso resalta o contraste brilhante, dado que a luz d'uma consciencia se manifeste.

E então a *Cidade Nova* vae-se construindo, na gloria visão das almas boas e justiceiras.

Terá indecisões a *Cidade Nova*? Sem dúvida. Ellas revelam-se sempre nos primeiros trabalhos dos escriptores que affloram um genero de arte. Mas que se abriu, clara e ampla, a carreira d'um romancista, prova-o a evidencia irrecusavel de qualidades que tanto se afirmam no poder da synthese como na exactidão do detaile.

Trabalho de ponderação e de ideal, *A Cidade Nova* constituiu um acontecimento literario, em que pese aos escrevinhadores, que em problematicas emoções se exgotam e em sedições rhetoricas se desentranham.

MAYER GARÇAO

Impressões de viagem



17 DE JULHO. Embarquei-me ás 8 horas da noite, em S. Luiz do Maranhão, no vapor «Carlos Coelho» em demanda de Caxias, para d'ali seguir até ao Piauhy, em visita a minha familia.

Foi festivo o meu embarque. Acompanharam-me até a rampa de Palacio muitos amigos, tendo todos nós partido do Hotel Central, onde jantei. Diversos de entre elles tomaram comigo alguns escaleres, acompanhando-me até a bordo do vapor. Aqui fizeram discursos que muito me captivaram e voltaram saudando ainda ao amigo que partia.

A meia noite, mais ou menos, o vapor levantou ferro, levando duas bareas a reboque. Não sei, precisamente, a hora, mas acordei logo depois.

Prateava a superficie das aguas uma brilhante lua cheia, à semelhança do luar de agosto no meu sertão natal; e, no liquido elemento singrava o barco, garbos, deixando apôs bella esteira phosphorescente.

DIA 18. Acordei cedo, apesar de tarde ter começado a dormir. Com os companheiros tomei café com leite ás 7 horas, pois, até leite temos a bordo e com abundancia. O coronel Luiz Rego, capitalista de Oeiras, conduz seis vacas turinas para o Piauhy.

A's 9 horas da manhã chegamos á villa do Rosario. Desembarquei-me, indo primeiramente á casa do Fenelon, Juiz de direito da Comarca, e, em seguida, á casa do coronel Caetano Brandão de Souza.

Rosario é uma excellente villa, que já devia ter fóros de cidade. Tem bastante desenvolvida a vida mercantil e é o centro de um município que produz e exporta muitos cereaes, artefactos diversos e onde se come muito bom peixe.

Por um triz os seus preciosos mandubés ainda não figuram nas chronicas dos nossos historiadores, que, com isto, não lhes fariam favor.

Decorrida uma hora, apitou o vapor, indo os amigos a quem visitei e tambem o venerando Capitão Oliveira Britto, que encontrei flanando, em minha companhia até á rampa, onde os abracei e me despedi.

N'esta occasião embarcou-se tambem um padre destinado á vigararia do Itapecurú. Disseram os companheiros ser um mau prenuncio; mas o clérigo me pareceu um homem bom.

O vapor levantou ancora depois das 11 horas. Fez-se de vela, e de então em diante comecei a apreciar em todo o seu esplendor a natureza agreste dos terrenos marginaes do rio Itapecurú.

As margens não são muito habitadas. De longe em longe vêem-se grosseiras choças, tão rusticas que até desapparecem entre o expesso matagal que as cerca.

Dir-se-ia que os seus habitantes preferem morar com os animaes selvagens que evitam-lhes a Companhia. São a negação absoluta do trabalho. Como explicar isto? É simples.

O homem d'este El-Dorado não precisa pensar no dia de amanhã. Tem peixe sob as plantas

—no rio—e fructas em cima da cabeça, bastando mover o braço para apanhal-as.

Fosse elle menos favorecido pelos dons naturaes, soffresse o aguilhão da necessidade, e não se mostraria tão indolente. Sua indolencia, de resto, é mais apparente que real, e isto porque julga inopportuno exercer actividade, tendo, como tem, o indispensavel para seu sustento e de sua modesta familia.

O contrario se observa nos logares onde a natureza é menos prodiga. O cearense, por exemplo, é sempre um homem trabalhador, porque sabe que, não trabalhando hoje, não terá amanhã o pão alimenticio.

E é justamente por isso que o norte do Brasil, cuja fertilidade é espantosa e que offerece mais chancas para o combate da vida, é muito menos prospero que o sul.

A grande riqueza natural não é condicão para a prosperidade de um paiz.

Tendo eu dormido mal a noite passada, dei-me de dia e dormi bastante, não em minha rede, porque esta ficou armada na popa do navio, onde passo bem as noites, porém, mal os dias. O 1º machinista, Guilherme Berniz, que é muito gentil, agasalhou-me bem em um local da proa, onde, dormindo desafiava qualquer reboliço. Pode-se dizer sem offensa a nim ou a quem quer que seja, que neste dia levei uma vida de frade em gordo retiro espiritual. Comi, bebi, dormi como um franciscano e tive mais um passa-tempo: atirei aos passaros.

A meia noite fui despertado por estranho movimento. O vapor encalhava nas proximidades da cidade do Itapecurú, e os parochianos desta localidade soltavam foguetes em signal de alegria pela chegada de seu novo parocho. Levaram o padre em uma canoa e o vapor logo depois se poe em marcha, livre de qualquer tropeço.

DIA 19—Logo que chegamos ao Itapecurú, em tão avançada hora, fui á terra com um dos companheiros. Percorri diversos trechos do povoado e achei-o muito superior á minha expectativa. Tem ruas dispostas em simetria, formando quarteirões mais ou menos regulares.

O companheiro procurava cerveja preta, que, para disfarçar a boa vontade de beber-a, dizia ser-lhe um optimo remedio para o figado. Bateu debalde na casa do Gaspar, que, dizem todos no Itapecurú, com certo orgulho, ser o grande comerciante da localidade, talvez, por instincto de imitação, por causa do Gaspar da Praça João Lisboa. O bom do Gaspar nem cerveja tinha.



C. F. T. RIO ANIL—RESIDENCIA DO GERENTE

Historia muda



O BEIJO—N.1

Fizemo-nos de vela duas horas depois, deixando o Itapecuru mergulhado nos braços de Morpheu, e pela manhã cedo demos em um *seco* do qual saíou-se o vapor a pôrso e com o auxilio de grossos cabos, que por mais de uma vez conseguiu quebrar. Ficou vingado o padre, que então já não nos honrava com a sua companhia.

E logo depois outro *seco* e outros mais; porém, esses ligeiros embaraços da viagem, a mim não me incomodavam: eram antes uma diversão para meu coração, que gemia saudades lancinantes.

O que me aborrecia solemnemente eram os raios de um sol abrasador, que, projectando-se sobre a embarcação, faziam um calor de rachar. As noites, porém, são aqui acompanhadas de intenso frio. Ninguém pode avaliar de longe esta variedade de temperatura na travessia do rio Itapecuru n'esta quadra de estio calamitoso.

O que vale ao pobre viandante é que, nas horas de calor, tem agua fria para o banho, e

nas de frio uma machina que fabrica muito calor.

E por falar nisso, que delicia o calor artificial para um organismo regelado. Bem entendido, usando-se a precaução devida. A ninguém quero aconselhar que se atire ao fogo.

Um dos companheiros tirou *vistas* com uma machina photographica, promettendo remetter-as á «Revista do Norte».

Si o não fizer, não será isto por falta de lembrança, pois, mais de uma vez lhe pedi que as remettesse.

Uma vez por outra paravamos em dado local, a fim de receber lenha.

Umas considerações aquí merecem ser desenvolvidas.

Em quanto os logares, onde não tocam as embarcações a vapor, permanecem em sua quasi totalidade, em selvatica bruteza, os que lhes recebem as visitas apresentam sempre o cunho da civilisação.

Desembárquei-me hoje em um d'estes—o logar denominado Cantanhede, que já vai sendo um arremedo da obra do progresso.

Nesses logares que tomam nova feição, não devido ao espirito mais ou menos cultivado ou



O BEIJO—N.2



O BEIJO—N. 3

traquejado de seus habitantes, como os ha no interior, mas devido á sua situação, ja se conhecem os movimentos mais importantes da cidade, fala-se em politica e discutem-se as condições de bem estar da população.

Em Cantanhede vi duas casas de telha e diversas de palha, sendo uma d'aqueellas um estabelecimento commercial. Vi tambem um estabelecimento destinado a descarregar algodão e pilar arroz, ao redor do qual muitas plantações.

E ahi se diz com certo desvanecimento:—ja importamos directamente da capital—o que tem uma dupla significação—que se pede negocio á principal praça do Estado, sendo elle transportado nas proprias embarcações, que são, em regra pequenas barcos ou canoas.

Em todo caso, tudo isto é devido principalmente á navegação a vapor, que em seu bojo tem transportado aos habitantes do lugar o beneficio do progresso, cuja lei fatal é transformar tudo que está debaixo da sua esfera de accão.

DIA 20—Acordei ás 5 horas da manhã. O vapor amanheceu cheio de ramos verdes, devendo ao contacto constante com os arbustos e ar-

voredos marginaes. Dir-se-ia o convez um campo aberto em que travaram luta herculea dois nedios touros.

A meia noite o barco não podia ser bem governado, mettendo muitas vezes a proa pela ribanceira. Seu governo transformava-se em uma verdadeira dictadura, e não scientifica, sem offensa a sua pilotagem.

Meu illustre companheiro, Coronel Aristides de Lobão, houve por bem mudar sua rede do local em que a tinha collocado. E andou muito acertado, porque podia ser atirado ao rio, sendo elle aliás infenso a esses banhos nocturnos.

Tudo n'este dia correu ás mil maravilhas, descontando apenas o que se deu com as vaccas do Coronel Luiz Rego, que não nos forneceram bastante leite. Fiz-lhe, por isto, as minhas reclamações, dizendo que ou essas vaccas davam leite ou, na minha qualidade de advogado, moveria contra uma accão de despejo, no intuito de removel-as do vapor para uma das barchas.

No logar Maracapá, onde o vapor recebeu lenha, fui á terra, passando juntamente com o Aristides, alguns instantes com um camponez jovial que nos deu ovos e café. Bom homem!



O BEIJO—N. 4



O BEJO—N. 5

Soube que elle é irmão do professor de Coroatá, e, como tal, é afetado à situação dominante do Estado. Além da afecção particular, mais esta ligação política.

DIA 21—O Carlos Coelho encalhou ás três horas da madrugada, já em Coroatá, se bem que fora do ancoradouro.

As 4 horas passei de meu dormitorio para o camarote do 2º machinista, que m'o cedeu mui generosamente. Ali dormi até as 6 horas, aquecido pelo calor da machine que lhe fica proxima.

Tomei muito leite, pois as vacas corrigiram o erro da vespera. E aí d'ellas si assim não fosse !

Desembarquei-me ás 8, afim de percorrer a villa. A bem da verdade devo declarar que ella me causou má impressão, mesmo inferior a que esperava.

O primeiro ponto de partida que tomo, para ajuizar de um povoado, é a sua edificação. Si ha predios em construção ou pelo menos de baixo construidos, entendo que o logar é bafejado pelo sopro da fortuna e tende a se desen-

volver. Si o contrario disto se dá, é porque é decadente ou estacionario.

Ora, o Coroatá que é uma villa assásgran de, se me atingiu antes um vasto organismo desarticulado, começando a diluição de seus membros.

Tudo ali é mal disposto, sem ordem, sem simetria.

Não tem edificações novas, nem projectos de construção, mas, ao contrario, predios em ruínas e na sua quasi totalidade mal acabados.

As casas são de palha em sua maior parte, no perimetro como no centro da villa, e, não raro, separadas umas das outras por meio de cercas de estacas, que trahem o má gosto de seus habitantes. E tão feias que parecem desafiar a falta de educação artística dos mais rudes habitantes da selva.

Disseram-me, entretanto, que o logar é de muita vida e bastante movimento commercial.

(Continua)

Bordo do vapor Carlos Coelho, município de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.



O BEJO—N. 6

A REVISTA DO NORTE



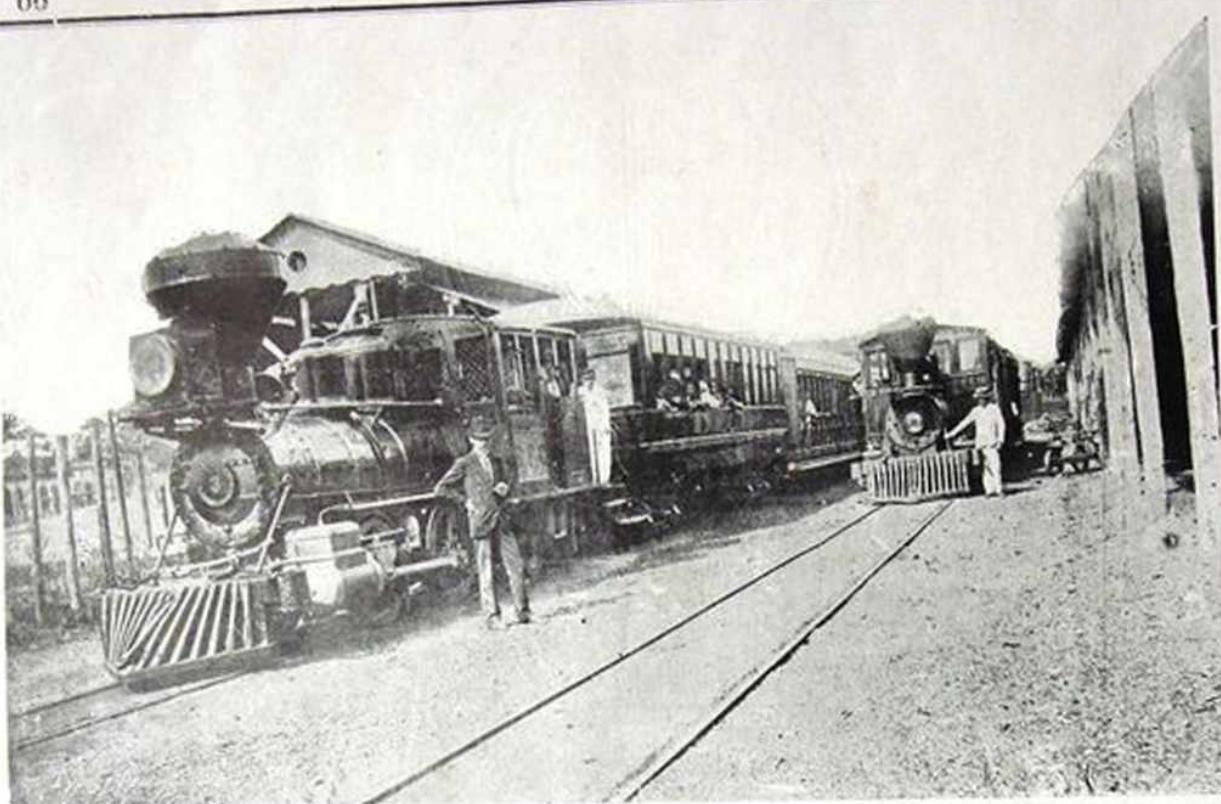
ANNO V

NUM. 5

Janeiro de 1966



Janeiro



LINHA SUBURBANA DA EMPREZA FERRO CARRIL

O DIAZ

Que pressa a d'esta humanidade em marchar para o tumulo ! Que immensa sofreridão que é a dos homens por atingirem o termino da vida ! Parece que andam todos a contar os dias, as horas e os minutos que os separam da morte ! Quanto mais diminue a distancia, maior é o contentamento que d'elles se apodera. Dir-se-ia que a existencia lhes pesa como um fardo esmagador do qual anceiam por libertar-se. Sejam quaes forem as commodidades de que se vejam cercados na existencia, sejam quaes forem as venturas e os gosos que lhe matisem o viver, as afeições que os prendem á terra, os interesses que os ligam ao mundo, nem porrisso decresce o ardente desejo que os mina de baterem ás portas da sepultura.

Para os que acreditam na vida de alem-tumulo, na existencia d'esse paraíso ideal com que sonham todas as religiões, mansão divina, onde a dor é desconhecida e a desillusão nunca existiu, ainda se explica a ambição interesseira de mergulharem quanto antes nas ondas bemditas d'esse mar de infindáveis delícias. Mas, os outros, os que já desceram das promissoras afirmações metalísticas, os que pensam e creem que a vida consciente termina com a morte e que, portanto, o bem estar do homem só poderá existir sobre este minúsculo planeta que rola perdido entre os outros pelas immensidões insondáveis do espaço, que justificativa encontram

para esse frenesi entusiasta com que acolhem a aproximação do aniquilamento final ?

Pois não é tão bom viver, pois não ha neste mundo tanta coisa deliciosa a gozar, tanto prazer para a vista, tanto perfume para o olfato, tanta sonoridade para o ouvido, tanto acepipe para o paladar, tanta pressão aveludada e macia para o tato ? Mesmo para as funções puras da inteligencia, para a atividade íntima do pensamento, que vasta colheita de prazer nos oferta a vida, que campo immenso de repasto nos proporciona a natureza amiga . . .

Não lhes bastam as generalizações metodicas da sciencia, as emoções sadias da arte ?

Nem porrisso ficarão inativos e insaciados: diante delles se abre, illimitada e farta, a região nebulosa do sonho, o domínio de entrada franca das divagações incoerentes, o territorio livre dos devaneios metalísticos. Fundem cosmogonias, inventem sistemas filosóficos, arquitetem construções *a priori*. Discutam os atributos de Deus e as faculdades da alma; investiguem se a séde d'esta ultima é na glandula pineal, como queria Descartes, ou no bulbo raquidiano, como afirmaram outros. Busquem conhecer a posição exata do sol quando Josué lhe ordenou que interrompesse por algumas horas a sua viagem para a constelação de Hercules, afim de que elle, Josué, pudesse dar cabo, ainda com dia, de meia duzia de cananeus recalcitrantes ás ordens de Jeovah. Estudem os elementos e a composição do livre arbitrio e conciliem o mes-



MARANHAO—ARREDORES DA CIDADE—SITIO LIBERDADE

mo com a doutrina da *graca*, verificando se esta é eficaz *per se* ou *per aliud*. Façam a classificação botânica da *arvore da sciencia do bem e do mal* e descubram a composição química dos frutos da mesma. Verifiquem se Adão tinha umbigo e, no caso afirmativo, o paradeiro que levou a respetiva placenta. Ventilem a questão do temperamento de Moysés e dos achaques caseiros de Abraão.

Não se acanhem, nem se ponham com meias medidas: vão utilizando, para semelhantes fins, os métodos e a tecnologia das ciências exatas. Olhem que o Visconde de Saboia tem feito do estudo de alguns desses utilíssimos e inadiáveis problemas o passatempo predileto da sua velhice. Escrevam livros, encha bibliotecas, recheiem de artigos as revistas e os jornais, com a exposição detalhada dos resultados a que chegarem. Não se arreiem da incongruência dos postulados a que forem levados nem do absurdo das doutrinas a que atingirem; em estudos de semelhante natureza são qualidades essas altamente recomendáveis. Por muito menos do que isso muita gente boa tem entrado para o *Flos sanctorum* e para o *Calendario Positivista*.

Mas há gente que não se sente com inclinação nem para os prazeres dos sentidos, nem para os gosos da inteligência, nem para os deleites da imaginação. Para esses mesmos existe ainda uma multidão de atrativos no esferoide que habitamos.

Ahi tem o comércio, a navegação, as indústrias, a agricultura, a política, a aerostática, e, em última análise, o plantio das batatas, ocupação interessantíssima e altamente lucrativa e útil.

Apesar de tudo isso, porém, a humanidade continua descontente, tangida por essa aspiração febril por tocar ao remate da sua jornada terrestre.

E os que duvidarem desta verdade que nos expliquem o querem dizer esses clássicos e infalíveis cumprimentos de *anos bons*, que são de rigor entre toda a gente, desde os mais humildes e ignorantes aos mais potentados e sabios. Que significa isso, a não ser a satisfação que os homens experimentam, por contar um ano menos de vida, por se sentirem mais aproximados da morte? Pois, então, acham os senhores que há motivos para regozijo por semelhante fato?

Se acham, andam muito errados, resam por cartilha inteiramente diversa da minha. Não vejo motivo algum, digno de acatamento, que justifique tão disparatado costume; e, como tenho por hábito pôr sempre os meus atos de acordo com as minhas ideias, aos leitores d'A REVISTA DO NORTE, em vez dos parabéns do estilo, apresento os meus sinceros pezames pela entrada do ano de 1906, visto como esse acontecimento significa que já lhes resta menos tempo a viver do que aquelle de que dispunham nos começos de 1905.

HENRIQUE NEIVA.

A NOSSA CULTURA MORAL



Se pela importancia da cultura moral na educação humana houvessemos de fixar-lhe a graduação e o espaço, quanto á ordem das matérias e a extensão das lições, no programma escolar, a ella teria cabido, n'este capítulo, o primeiro logar; a

ela designaria a reforma, no plano de estudos elementares, casa mais ampla que a todos os outros assumptos do ensino reunido.

E, com efeito, profunda convicção nossa que a influencia melhorada, prosperadora, civilizadora da instrução popular depende absolutamente da sua associação continua, íntima, indissolúvel à substância do cultivo moral. Do esquecerem a necessidade inviolável desta união essencial, é que provém as duvidas inconsideradamente postas quanto á acção correctiva do derramamento do ensino contra a indigência e a criminalidade. *Instruir* não é simplesmente *acumular conhecimentos*, mas *cultivar as faculdades por onde os adquirimos e utilizamos* a bem do nosso destino. Si não as educamos simultaneamente na direcção da esfera intelectual e na direcção da esfera moral, tal-as-hemos condenado a um desenvolvimento incompleto. *Conhecer* é possuir a noção completa e o sentimento perfeito da lei no mundo moral, como na criação material. A ausência da percepção do dever é, pois, uma das faces da ignorância, no sentido ao menos em que a entendemos, quando lhe oppomos como antídoto a escola. E, si, entre coisas tão naturalmente destinadas a andar juntas e cooperar aliadas, fosse lícito propor escolha, não ha consciência humana que hesitasse um instante entre um improbo e um analphabeto, entre um analphabeto e um mau.

A um dos representantes da mais alta ciência neste século pertence a mais eloquente homenagem que jamais rendeu a inteligência do homem ao papel supremo da moralidade na educação da nossa espécie.

«*Nos tempos que correm*», diz Huxley, «o mesmo é não saber ler que ser myope, não saber escrever e estar aleijado. Declaro, todavia, que, si me impuzessem a alternativa, antes queria que os filhos das classes pobres se creassem na ignorância dessas duas prestimosas artes, do que serem alheios e esse conhecimento da sabedoria e da virtude, para o qual são apenas meios a scripta e a leitura».

E ocioso dizer que não vacillamos em subscriver sem reservas esta opinião. Ante semelhante declaração, porém, não faltará quem pense em insinuar contra nós a pecha de contradição, nestas duas duvidas:

Si ligas este supremo valor à cultura mo-

ral, como lhe reservaes, na seriação dos objectos da escola, o ultimo logar?

Si a moral sobreleva em alcance o ensino das matérias usuais na escola, como lhe não abrir no programma um curso definido e proporcional, na duração das lições, à preciosidade inestimável deste elemento de cultura?

Pelos mais obvios motivos.

Occupamo-nos em derradeiro logar com a cultura moral, porque esta especie de cultura, aos nossos olhos, ha de ser *um resultado*, uma fructificação continua da direcção imprimida à escola em todas as funcções da sua vida.

Não lhe assignamos, na organização do programma, limites positivos, ensanchas certas e determinadas, porque é nosso pensamento que ella envolva no seu influxo o ensino todo, e nosso voto que se cultive, não absurdamente, como até hoje, pelos processos didacticos, mas praticamente, concretamente, experimentalmente, —único sistema capaz de fazer do sentimento moral, desde os nossos primeiros annos, uma parte viva da nossa alma, um princípio constantemente actuante sobre o nosso procedimento.

Neste sentido se enuncia o programma das escolas penasylvanianas, que, com attribuir á cultura moralizadora na escola a eminencia mais alta, não lhe fixa, todavia, lições distintas, nem lhe abre curso especial.

Assim procede tambem a religiosa Hollanda, onde a lei de 17 de agosto de 1878, que rege o assumpto, não a específica entre as matérias leccionadas nas escolas. Apenas, no art. 33, estatue: «O ensino escolar terá por objecto desenvolver as faculdades intellectuaes, e apparellal-as para a pratica das virtudes christãs e sociaes.»

O congresso pedagogico, reunido pelo governo francez em Paris o anno passado, resolveu «que o ensino moral seja independente do ensino confessional; que se ligue a todas as lições de classe elementar, sem formar curso especial; que seja harmonizado com os principios da sociedade moderna.»

A Escola Modelo da Liga do Ensino, em Bruxellas, uma das maravilhas do progresso escolar nos nossos tempos, no directorio geral dos professores, joia pedagogica de inestimável preço, exprime-se no mesmo sentido. «A cultura moral, diz ella, é a parte principal da cultura geral. Todavia, a moral não figura no programma da escola, entre os objectos que se hão de ensinar. A moral, para com creanças, não é matéria científica, mas obra de sentimento e hábitos. Lições de moral a hora fixa e por ordem methodica não são nem indispensáveis, nem suficientes. O que importa, é que a escola submeta o menino a um regimen, cujas consequencias sejam produzir efectivamente a moralidade, formar o carácter, fazer com que realmente se possuam as virtudes que constituem o alvo da moral.»

A pedagogia contemporânea, pelos seus representantes mais abalizados, reconhece a esterilidade das teorias como influencia educadora

dos sentimentos na escola. A moral «não deve estreiar por definições dos principios abstractos; não ha de consistir em cathecismos, que se decorrem, nem convem que se ostente á deanteira do programma, com o abecedario, a escripta e a orthographia, como si houvera de preceder a todos os demais conhecimentos, destes, pelo contrario, emana, compondo a unidade e a harmonia entre todos os conhecimentos e entre todas as applicações. Em toda a creação de um producto completo, na ordem industrial ou artistica, ha um passo para a moral, pela ordem, pela disciplina, pela abnegação devotada a uma idéa final, que, necessariamente, se contém no esforço de producção. De modo que o ensino moral e sociologico se desprenda espontaneamente do trabalho da officina, do exercicio militar ou gynastico, do conto, e até da musica. Mas é principalmente no exemplo admiravel da harmonia das sciencias que consiste a sua demonstração. Ha, positivamente, uma recondita moralidade no systema métrico e na geographia.»

Portanto, é de todas as matérias de estudo que deve resultar a acção moralisadora; eis a fórmula de toda a educação efficaz.

A Escola, estranha, pelo princípio da secularidade, ao ensino formalista dos cathecismos religiosos, é peculiarmente apta, pela direcção científica dos seus methodos e do seu programma, a dar o mais largo desenvolvimento a esta cultura. Por si mesmo e de por si só, o espirito de tolerancia, que a escola leiga encarna em si, encerra uma origem de virtudes, a que se oppõe a indole particularista da moral ensinada como dependencia das religiões positivas. «Muito ha que repito», escrevia, nos ultimos annos da sua vida, o santo leigo, a que se referia ultimamente a palavra religiosa do sabio Pasteur: «ha muito repito eu que nós, os leigos, nós os sectarios das ideias e instituições modernas, sobrelevamos em moralidade os fautores das doutrinas theologicas, que, todavia, se presumem os sós guardas e penhores da vida moral das sociedades; e o principal attestado desta superioridade está precisamente na tolerancia, que, a despeito delles, praticamos para com elles mesmos.» A intolerancia é o caracter fatal de todas as igrejas, a toierancia, o ambiente necessário e a condição suprema de toda a sciencia. Respirando na atmosphera da sciencia, pois, a escola leiga constitue a representação mais influente dessa moralidade superior, que só a tolerancia pôde alimentar. Reunindo no seu gremio os futuros cidadãos de todas as crenças, e protegendo contra as prevenções reciprocas a fé de uns e de outros, incute para sempre na substancia dessas almas, na essencia dessa natureza em formação a primeira, a mais humana, a mais útil de todas as qualidades de uma sociedade civilizada: o respeito á consciencia alheia, o sentimento da liberdade de pensar, a fraternidade, a caridade, a estima entre os conflictos de opiniões que nos agitam, mas não nos devem desirmanar, nem deprimir uns aos outros.

Qualquer que sejam, em moral, os casos litigiosos, as escolas opostas, as divergencias de religião a religião, quem contestará a existencia de um assentimento geral quanto a certo numero de leis e verdades, que formam a base commun de toda a ordem, de toda a justiça, de todo o interesse legitimo, de toda a actividade regular e fecunda entre os homens? «Esses pontos», diz o maior organo educativo dos Estados Unidos, o *Journal of Education*, de H. Barnard, «são precisamente os que a escola não deve descurar. Quem, por exemplo, contrariará o pensamento de inculcar aos meninos o amor do dever, a idéa do trabalho, da actividade, da frugalidade, do bom emprego do tempo, da probidade, da sinceridade absoluta, do selfcontrol, do acatamento aos direitos do proximo, da obediencia devida á lei, da decencia, da morigeração, da pureza e polidez de linguagem, da lealdade, da caridade, do amor da patria?»

Ora, si a este respeito estão de acordo todas as confissões religiosas e todos os systemas philosophicos, que dividem entre si o dominio dos espíritos no seio da civilisação, não é óbvio que á escola, sem se filiar a nenhuma seita, assiste a mais perfeita competencia para semear e cultivar entre a mocidade essas disposições moralisadoras? De culto diversificam os dogmas; e sob todos ellos, em grau mais ou menos adeantado, florescem nações policiadas, prosperas, felizes. Suprimi, porém, a responsabilidade, a justiça, a honra, todos esses sentimentos universalmente humanos, que como cabedal commun pairam acima de todos os dogmas, numa região neutra, e a vida social inevitavelmente se desfará na corrupção e na barbaria. Não será, logo, «mais prudente não associar a sorte das crenças moraes a sistema algum», do que fazer dellas o appendice inseparável de um credo, quando a humanidade não dispõe, nem jamais disporá, de meios, para assegurar a um corpo de artigos religiosos essa universal acceptação, que só a demencia do fanatismo podia sonhar?

A escola, organizada segundo as idéas novas, procura estabelecer a communication mais continua e profunda entre a intelligencia, que abrolha, do menino e a realidade da creação que o circunda; e não ha nada tão eminentemente moralisador como o sentimento, que só no seio da natureza podemos beber, que só pelo commercio habitual com os seus phenomenos nos é dado consolidar, da subordinação de todos os factos, grandes e pequenos, á autoridade inalterável e incorruptível das leis que governam o mundo. O dogma theologico, nas varias confissões em que se ramifica, ao mesmo passo que, por um lado, com as comminações de uma eternidade de supplicios, actua, pelas mais tremendas influencias do terror, sobre a candura das almas simples e a sensibilidade das imaginações vivas ou incultas,—de outro, com os thezoiros infinitos de misericordia que concentra nas mãos do supremo juiz, pelas possibilidades, sempre



Typegr-Tex

CHACARA BRITANNIA, DE PROPRIEDADE DE J. A. SANTOS & C.ª

em perspectiva, de uma intervenção irresistível, sobrenatural, milagrosa, capaz de dispensar na lei, de tocar com inesperados prodígios da graça divina os mais negros abysmos da perversidade humana, de fixar predestinações, e autorizar ora provanças ingratas, ora estrondosas exceções de uma indulgência omnipotente, é incapaz de habituar o communum das almas a essa alta philosophia do dever, que nos ensina a crer no bem e no mal, a esperar o infortunio ou a prosperidade como consequências naturaes da nossa obediencia intelligente ás condições necessarias da nossa vida, quaes a observação e a experientia nol-as revelam.

Temos, por exemplo, entre mãos um dos livros de ensino religioso adoptados entre nós, nas escolas do governo. Julgæ de que água é a moral que ali se professa, por uma leve amostra, que vos vamos indicar. Nesse manual as creanças, entre muita outra cópia de instrução igualmente prestadia, são condenadas a estudar pacientemente, em outros tantos capítulos: *a confraria do Santissimo Sacramento, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, as confrarias, do Rosario, do escapulario do Monte Carmelo, da Immaculada Conceição, da Paixão,*

o exercicio da Via Sacra, as indulgencias inherentes ao Angelos, a Propagação da Fé, a Santa Infancia, o Apostado da Oração, a Magdalena Milagrosa, o Dinheiro de S. Pedro, a Cruz de S. Bento, a Invenção da Santa Cruz, a Santa Casa do Loreto, as aparições de Paray-le-Massial, os fastos de Nossa Senhora de Salete, os fastos de Nossa Senhora de Lourdes, a basilica patriarchal de Santa Maria Maior.

Ora, entre outros meios de moralização com que esse livro, episcopal e imperialmente preconizado, se destina a educar os nossos filhos, chamamos a atenção da camara para um espetáculo. Trata-se do escapulario do Monte Carmelo.

Eis o que as nossas autoridades do ensino mandam narrar aos alumnos das nossas escolas:

«É devida a devoção do Escapulario Carmelitano à piedade de S Simão Stock, ou antes à liberdade de Maria, ciosa de recompensar a piedade e o amor do seu dedicado servo. É esta piedosa prática penhor de predestinação para aquelles que abracam, como Maria disse a S Simão Stock, quando lhe remeteu o sagrado hábito: «Caríssimo filho, recebei o escapulario da nossa ordem, signal da minha confraternida-



MARANHAO — ARREDORES DA CIDADE

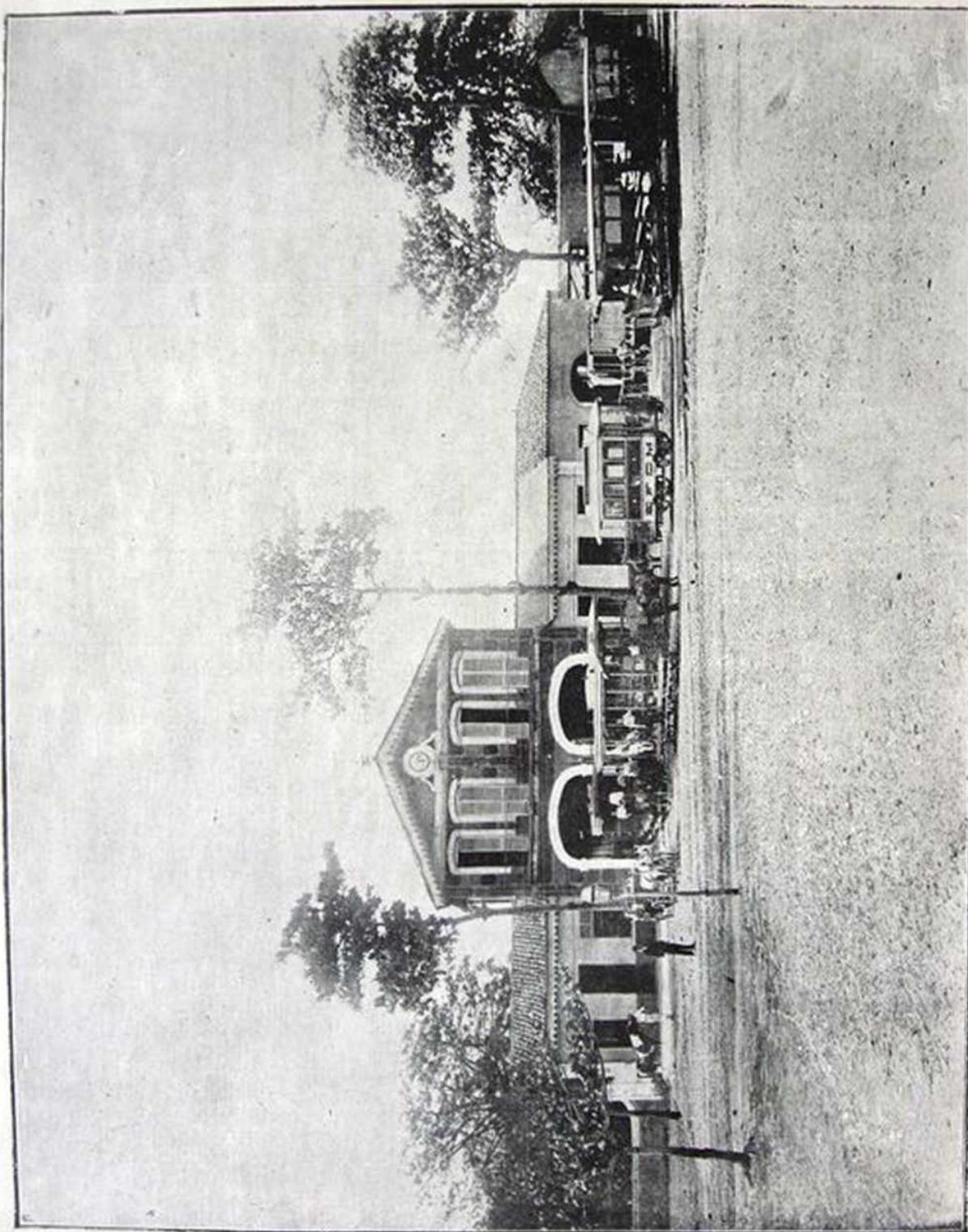
de, privilegio para vós e igualmente para todos os irmãos do Carmelo. Todo aquelle que morrer revistido deste santo escapulario, não arderá nas penas do inferno . . .» «. . . E' ainda certo que a Santissima Virgem, numa apparição que fez ao papa João XXII, prometeu-lhe livrar das chamas do purgatorio os associados do Escapulario, no sabbado immediato á sua morte . . . Este escapulario deve ser recebido da mão de um sacerdote, que tenha poder para dal-o. Achando-se já usado o primeiro, não é necessario que os outros, que se receberem depois, sejam bento. Deve ser de lã parda, ou preta, e os cordões da mesma qualidade, ou pelo menos não sejam de seda. Não é preciso que osdois pedaços de lã sejam estampados com imagem alguma, como acontece como escapulario da Paixão, ou da Immaculada Conceição.»

Tal é, pois, o ensino que nas nossas escolas circula sob o nome de moral religiosa: uma casta de moral, que, depois de affrontar a primeira condição de toda a moralidade real, a sinceridade, embahindo a imaginação infantil com a impostura de fabulas ridiculas e abominaveis, em que a idéa do omnipotente se presta ao ludibrio das invenções mais indignas, acaba por fazer da felicidade vindoira, promettida aos bons pela eterna justica do céo, um privilegio explorado por uma associação de devotos imbecis ou hypocritas e inherent ao uso de um trapo. Bem

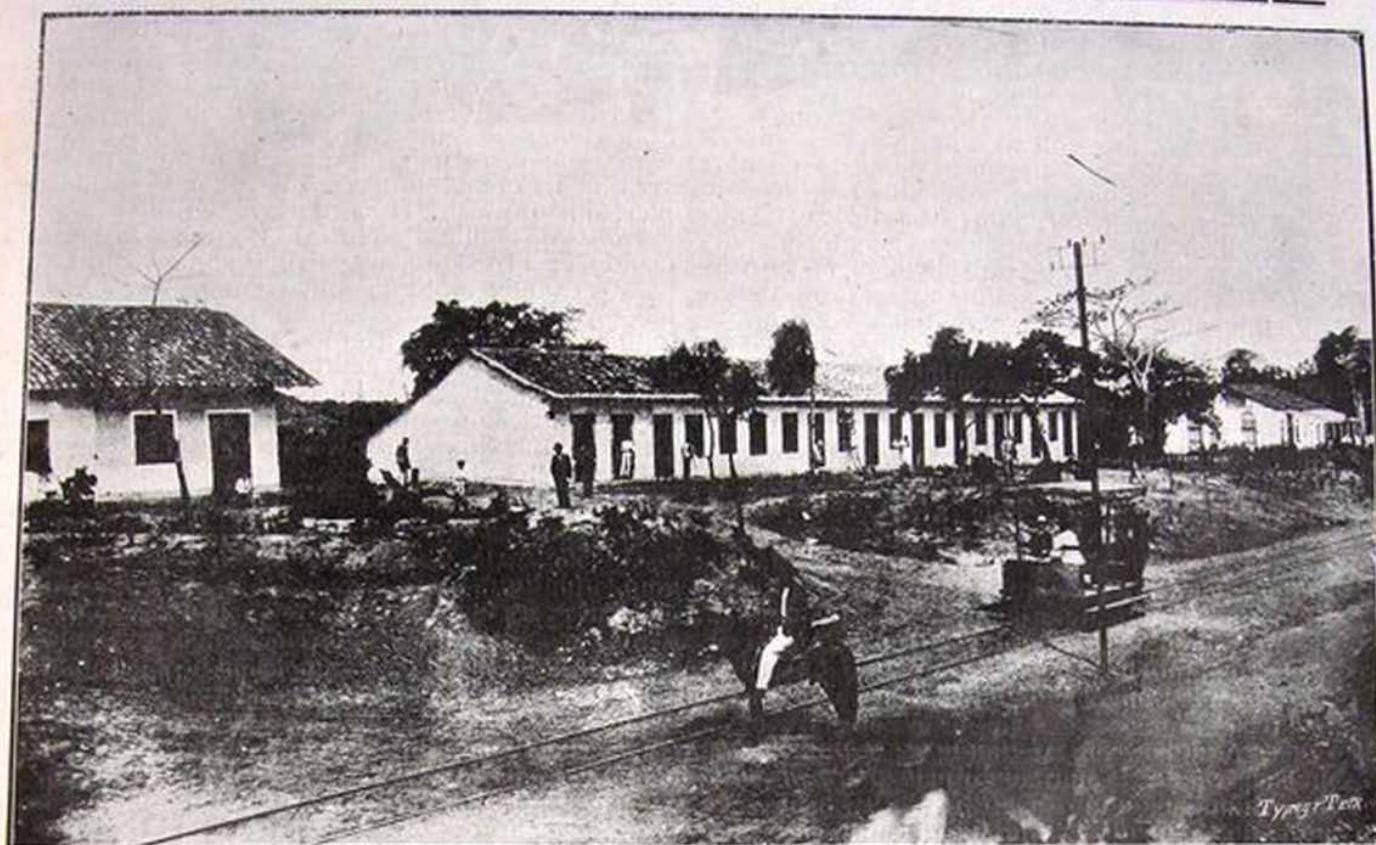
vedes : é a mais requintada immoralidade, que se acoita sob as vestes da moral. Religiosa, na accepção sublime da palavra, não será antes a sciencia, convencendo-nos de que o homem pelas suas obras é o principal artifice do seu destino ? de que o bem e o mal se distribuem por uma justiça irredutivel, incapaz de excepções ? de que as dificuldades do dever são mais salutares e mais doces do que as satisfações do egoismo ?

Neste sentido é que H. Spencer observou : «Longe de que a sciencia seja irreligiosa, como tantos suppõem,—pelo contrario, o desprezo da sciencia é que é irreligioso.»

Aquelle em cujo espirito calar profundamente, pelo conhecimento das leis physiologicas, a necessidade impreterivel da continencia, da temperança, da sobriedade, está, é claro, incomparavelmente mais preso ao cumprimento dos deveres moraes dessa categoria, do que o credulo, que fia da eventualidade, sempre affogado pelos commodos do vicio, de uma interferencia sobrehumana, possivel a cada instante, a reparação dos estragos habituaes de uma existencia desordenada. Dahi a idéa, que se encontra levada a effeito na União Americana, particularmente nos Estados do Oeste, com especiealidade naquelles onde prepondera a influencia alema, de deduzir scientificamente da psycho-



MARANHÃO—ESTAÇÃO DA EMPRESA FERRO CARRIL (Phot. G. Cunha)



MARANHÃO—VILLA JOALVES, DE PROPRIEDADE DE J. A. SANTOS & C.ª (Phot. G. Cunha)

logia e da phisiologia o ensino escolar da moral. Destruindo na alma humana a idolatria do arbitrio, ligando a realidade universal á soberania absoluta da lei, a cultura scientifica inclina para a subordinação ao dever, para a altivez no direito, para a resignação ao sofrimento, para a insubmissão ás tyrannias, para as virtudes pacientes e rigorosas que exige a luta pela vida, e que só a concepção das suas necessidades inevitáveis nos pode comunicar. «O estudo dos phenomenos naturaes, que vê rigorosamente submettidas a regras immutaveis, a creança», pondera Paulo Bert, «não aprenderá só a resguardar-se contra os terrores estultos e as nescias credulidades, que elles geram: terá outrosim, adquirido o profundo sentimento e o respeito da lei. Da lei natural á lei social este sentimento subsistirá. Depois de ter visto o capricho expulso da natureza por inutil ou perigoso, pouco propenso hão de encontrar o individuo a reconhecer-lhe noutro domínio alguma autoridade e sobretudo utilidade alguma. Já não sentirá tentações de buscar num subito milagre a cura do mal social, do mesmo modo como não lhe pedirá a reparação do mal physico; e os salvadores não o seduzirão mais. Preparando assim um espirito bem formado, prepararemos um cidadão livre.»

Com a introdução, pois, da sciencia na es-

cola popular a reforma terá feito o mais eminente serviço á cultura dos sentimentos moraes.

Para chegar, porém, a resultados serios, nesta parte da missão que incumbe á aula de primeiras letras, não se confie nada aos compendios, ás formulas doutrinárias, á memoria mecanica. A lei da cultura moral, como a de toda a cultura abrangida no dominio escolar, é a actividade, a intuição, a vida. As enunciaçãoes theóricas representam um esforço em pura perda a accão, o exemplo animado são tudo. «O dever», já o disse um escriptor de peso nestes assuntos, «não emana de theorias; é tão pouco uma derivação de ethica, quanto a digestão o é da phisiologia. Verdadeira, on falsa, a theory exerce apenas um papel subalterno. Superintende no grangear a acquisicencia do entendimento á vontade, já fixada antes dessa adhesão. O exercicio, porém, dos deveres, proveniente da accão feita habito, eis só o que importa aos intuitos da educação.»

E unicamente pela concretização elementar dos factos, portanto, que o cultivo moral pôde penetrar de um modo fructificativo na educação infantil. «Os alumnos» pondera um dos mais consumados pedagogistas americanos, «hão de aprender a discernir o bem do mal. Como? Numá edade que o comporto, estudarão a biblia, as obras de ethica e historia; mas na primeira

edade só exemplos específicos os poderão ilustrar. Todo o dia, na escola e na vida social, se suscitam questões relativas à justiça ou injustiça de actos nossos. Chame o preceptor constantemente os discípulos a resolverem essas questões. Exercite-lhes as facultades pelas quais discriminamos a legitimidade ou illegalidade de uma acção dada. Solicite-os; solicite-os na direcção da escola; solicite-os ao ouvir as lições recitadas; solicite-os commentando os acontecimentos que transpiram no mundo; solicite-os na conversação particular com os alunos. Forme nelles o hábito de appellarem para a sua consciência como guia das suas acções. E' sob a forma concreta, por meios de exemplos, que as questões moraes, por via de regra, se devem submeter ao juizo das creanças. Como veículo dessa instrução preferiria eu uma obra de história a um livro de ética. A uma intelligencia amadurecida nada pôde ser mais grato do que um grande princípio exprimido nos mais concisos termos, crystallizado nalgumas palavras. Inclino-me, todavia, a crer que as impressões derivadas de semelhante origem são de uma natureza antes mental que moral. O sentimento moral não se commove, senão respondendo a princípios traduzidos, nos factos da vida, em realidades tangíveis.

E o philantrofo visitando as celulas dos presos, o patriota morrendo pela pátria, a boa samaritana acudindo na estrada à desvalida vítima dos salteadores, o Salvador, na agonia do passamento, orando pelos inimigos cuja atrocidade o crucificava; são estas e outras scenas analogas, o que mais poderosamente move o nosso coração aos seus melhores impulsos. Como quer que seja, porém, justo, ou infundado, esta proposição, o certo será sempre, estou persuadido, que, para inspirar aos moços o sentimento dos direitos do bem, a forma concreta é a única eficaz. Uma só leitura da história de Washington e a machadinha contribuirá mais, para inspirar a um menino a probidade e a sinceridade, do que a maxima. «A probidade é o melhor dos cálculos», repetida cem vezes aos seus ouvidos.

Em vez da moral de cartilha, portanto, a moral activa e intuitiva: eis o objectivo da reforma. «A moralidade»; na phrase de Sluys, é a consequencia do regimen da família e da escola: adquire-se pela observância de uma disciplina conforme à natureza. Em vez de cathecismo, mestres: eis o que para esse fim requeremos. O carácter, a acção pessoal do mestre é o eixo, é o segredo irresistível, é a força omnipotente de toda a educação moral. «Todo o homem que saiba manter a ordem e a disciplina indispensáveis a um bom ensino intellectual, com certeza deixará no espírito dos alunos impressões de verdadeira moral, sem que de tal se preocupe. E si, de mais a mais, o preceptor possue tacto bastante, para fazer amar pelos alunos o trabalho; si fiser com que elles aceitem livremente e com prazer o regimem que o estudo

impõe, de modo que, na essencia, não nutram senão bons sentimentos em relação aos condiscípulos e ao mestre, digno é de qualificar-se *excellente professor de moral*, embora o não inquiete a lembrança de merecer título semelhante. Si, porém, pelo contrario (digamos com Wicksell), «o mestre não fôr verídico nas suas palavras; si não mantem um procedimento exemplar; si não é justo; si as notas, que distribue entre os discípulos, offerecem o cunho de parcialidade; si os prepara mal e de afogadilho para o exame; si de qualquer modo, em summa, eiva de falsidade a sua obra,—então a sua influencia é immoral. Nem orações quotidianas, nem leituras da biblia neutralizarão esse veneno de immoralidades. A sua escola será uma fabrica de vícios. Scientemente, ou não, fará germinar a immoralidade, desenvolver todos os principios ruins. Mestres tais serão indignos promotores do crime.» Sem o concurso do preceptor, pois, todos os cathecismos de moral são improfícuos; com o auxilio de mestres que dignamente o sejam, superfluos serão todos os cathecismos.

Tudo, ao nosso ver, por consequencia, depende absolutamente da preparação do mestre. E a sua influencia, a irradiação continua da sua pessoa e das suas acções, que ha de crear a atmosphera moral da escola, onde se encerra a educação inteira. Si toda a sua actividade fôr um exemplo vivo de inteireza e lisura; si souber fazer da sinceridade a medida da moralidade dos alumnos, para os levar a sentirem os caracteres de cada virtude; si operar nelles a intuição da omnipotencia do trabalho, do methodo e da ordem; si tiver a habilidade de tornar intelligivel a disciplina, de não formular proibição, ou preceito, incomprehensivel á classe; si envolver os discípulos num regimen impenetravel á dissimulação, á hypocrisia, ao constrangimento; si os habituar á perseverança no propósito e á congruencia nas acções; si appellar constantemente para a vontade livre, para a espontaneidade, inspirando, desde os mais verdes annos, esse sentimento da personalidade, o *Selbstgeföhrl* dos allemandes, o primeiro empenho na pedagogia ingleza e americana, a condição inicial e capital de toda a educação; si despertar na creança o homem, tratando-a como homem o mais cedo possível, se se inspirar no profundo pensamento daquele mestre-escola britânico, que dizia energicamente: «O meu esforço está em vasar ferro na alma dos alumnos; si lhes consigo formar o temperamento moral, consumou-se a minha obra» — é o educador da infancia é o verdadeiro instituidor primario; e toda a cultura moral brotará naturalmente delle. Todos os livros, todas as matérias, todas as lições, serão sob a sua influencia, lições, assuntos, obras de moral. Evitando cuidadosamente as tradições didacticas, insinuativo sempre no exemplo e na palavra, assentará profundamente nos espíritos as bases de uma vida sã e justa.

Que pôde neste sentido o peccato ensino dos manuas?

Absolutamente nada.

Não se confunda, porém, com essa espécie de livros, secos, asperos, auctoritarios, estereis, os livros de leitura compostos de acordo com as regras que levamos indicadas. A moralidade ha de encarar-se como um resultado da accão, não da palavra; da impressão dramática da narrativa, não da arida letra dos enunciados.

Numa palavra, a cultura moral, na escola, não pôde ser feitura, nem objecto de um curso; é uma resultante geral destes elementos (por sua ordem); primeiro o mestre; segundo a vida escolar; terceiro o ensino inteiro; mas especialmente: a a cultura scientifica; b a cultura historica; quarto os livros da leitura.

São obvios os laços que vinculam a educação cívica á educação moral, de que, por assim dizer, não é senão uma das faces. Os americanos e os allemaes, por outro lado, associam-n'a á instrucção historica, de que realmente a cultura cívica, na escola, é um dos aspectos, um dos fins, um dos resultados preeminentes. Assim a educação patriotica, bebendo intimamente nas fontes moraes, vae enlaçar-se, pelas relações mais constantes, com a historia, com a geographia, e, na organisação do programma, não pôde segregar destes dois estudos.

Obrigatoria hoje na escola americana, na franceza, na suissa, na belga, na allemã, na italiana, em toda a parte, digamos assim, esta espécie de cultura não carece de que a justifiquemos aqui. Terei instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? si não comunicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? si não imprimir no cidadão idéa exacta dos elementos que concorrem na vida organica do município da província, do Estado? si não lhe incutir o sentimento do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante da entidade natural?

Perante o bom senso não se podem conceber a este respeito duas opiniões.

RUY BARBOSA.



De torvas sombras e adyatos profundos,
Entre os clarões da fé, teu ser assoma;
Da vaga Jonia ás tripodes de Roma
Te obedeceram sempre almas e mundos.

Filhos da terra ou do peccado oriundos,
Para salvar-nos, Christo o lenho toma,
E a cruz, braços abrindo, inspira e doma
E alenta e guia os povos errabundos.

Sejas creador dos homens e das feras,
Sonhem-te, acaso, as crenças primitivas,
Has de, eterno, reinar sobre as espheras.

E's. Como a idea vives irradiando
No escuro fim das cousas mais altivas,
No turbilhão dos séculos rolando!

THEOTONIO FREIRE.

Impressões de viagem

(Continuação)



Contesto-o em absoluto, pois, não pode haver causa efficiente de progresso, sem que este se manifeste como phenomeno immediato.

E si o municipio é demasiado fertil, como dizem os municipes e eu creio, sua força natural creadora é qual thesoiro que, muito escondido, nenhuma utilidade tem para o bem geral da a-gremiação.

Tirassem-lhe esta grossa arteria do progresso — o rio Itapeturú — e a villa desappareceria. Isto mesmo disse eu a alguns dos seus maioriaes que, como era de esperar, combateram a minha opinião. Não sou tão teimoso que a *outrance* queira fazel-a prevalecer.

Estimo mesmo estar em erro e que a verdade esteja com elles.

Percorrendo a villa, fui ter primeiramente ao telegrapho, de onde segui até a casa do meu particular amigo Tenente Coronel Antonio Napoleão da Silva Sodré, um bom e honrado mestiço, de quem fui advogado em um processo crime.

Devo acrescentar que esse Napoleão, não sei si por influencia do nome, é bastante bellico-so. Tanto assim que diversas vezes tem sido processado, sendo uma vez recolhido á prisão.

D'ahi vem talvez a sua popularidade, pois o publico em geral, maxime ent e os povos da raça latina, inclina as suas sympathias em favor dos que adquirem a coroa do martyrio, si este não indica perversão moral.

O Tenente Coronel recebeu-me com a fidalguia generosa de um grande coração agradecido, embora um tanto contrariado por não lhe terem comunicado a minha partida, missão que confiara a um amigo.

Almocei em sua companhia, tendo antes tomado um banho de agua fria, que me agradou imenso.

Só depois de meio dia voltei ao vapor, que então já estava desencalhado. Trouxe para bordo alguma provisão de fumo e charutos. O fumo dado e bom, os charutos comprados e ruins. Si não fosse desattenção para com o vendedor, que é pessoa qualificada, lh'os devolveria de presente ao chegar amanhã ao Codó.

Ao jantar, o Paulo Amaral, novel juiz de direito do Mirador e bom discípulo de Economia, deu-nos vinho de mesa. Por isto resolvemos fazer-lhe uma manifestação de apreço, que só não



JOÃO ALVES DOS SANTOS

se effectuou por força maior superveniente. Amanhã havemos de realisal-a. Como orador aclamado, ja tenho engatilhado o meu improviso.

DIA 22—Accordei tarde. A bordo ainda não tinha dormido tão bem.

Em Setuba o vapor tomou lenha, demorando quasi uma hora. E o serviço mais aborrecido n'estas viagens Si fosse possivel viajar aqui sem esse combustivel, jurava de mim para mim mesmo que uma vez por outra estaria embarcado.

Visto nos aproximarmos de Caxias, pedi ao commandante Carlos Gonçalves que me cedesse o seu camarote, para ali copiar as minhas notas e remetê-las ao Antonio Lobo, na capital. O requerimento foi deferido, e, por isto, porei mais tarde mãos á obra, pouco importando que o orador popular dê ás minhas impressões boa ou má quotação. Si as reputar mal, usarei do direito de legitima defesa: darei a *Carteira de um neurasthenico* ao mais boçal vaqueiro do Pi- auhy.

E' preciso que essa gente se convença de que um advogado merece todo o respeito e acatamento. Não se deve menoscabar da prosa, mesmo desalinhavada, de um discípulo de Papiano.

Passamos em Monte-Alegre, outr'ora Urubú- nome que lhe fica mais adequado.

Saltei. Em poucos minutos percorri a maior parte do logarejo, e voltei correndo para bordo, devido ao apito do vapor, quando mais precisava estar em terra. E' preciso acabar-se com o apito dos vapores.

Almoçamos logo depois e a fartar. Até en-

tão não tinha comido tão bem e com tão devorador appetite.

Por occasião do almoço deviamos efectuar a homenagem ao Paulo, devendo eu deitar falação quando a refeição terminasse. A orchestra viria em seguida.

Para isto pedi vinho, mas o juiz do Mirador declarou que não servia de *pato*, que não pagava o vinho, e retirou-se da mesa. Pregou-me talvez uma lição de mestre, obrigando a sahir da minha pobre bolsa o vinho que pedi. Sinto da minha parte. Em condições tais, não vale a pena tributar homenagens.

Ficamos encalhados no Gentio, perto do Codó.

O vapor martellava sobre as margens do estreito Itapécuru em pancadas cyclopicas. Era a luta do homem contra a natureza, esta coartando-lhe os movimentos, aquelle batendo-se pela liberdade de locomoção. Por fim o primeiro, como soe acontecer ao espirito de liberdade que sempre quer voar, voar, saiu vitorioso do porfiado combate, fazendo a nave deslisar sobre as aguas.

Mas, isto custou bastante. Os secos aqui são perigosos e veem uns sobre os outros.

Como quer que seja, á meia noite o vapor tomava o porto, embora desesperançado o commandante de apressar a saída, porquanto uma das barcas fora invadida pela agua, havendo, por isto, necessidade de protesto para resalva de direitos.

DIA 23—Dormia a bom dormir, quando se deu no vapor uma verdadeira invasão de barbaros, que é incontestavelmente uma barbaridade privarem-nos de um sonno reparador. Ac-



JOÃO JORGE RODRIGUES DA SILVA



JOSÉ FRANCISCO JORGE

cordei com a vozaria dos alegres visitantes, e, como adormeci logo após, perdão-lhes de coração o mal que me fizeram.

Foram logo á terra e para terra levaram duas famílias: a do Aristides que continua a viagem e uma outra domiciliada no Codó.

As 9 horas fui também visitar a cidade, que me impressionou agradavelmente.

Elia não é pequena e se estende de um a outro lado do rio, sendo, porém, mais apreciável á esquerda. E n'esta margem que se concentra quasi toda a vida local e onde reside a elite da população. Tem predios bem construidos, alguns á moderna; habitações muito espacosas e confortaveis; o que denota o bom gosto dos habitantes.

A municipalidade parece cogitar do bem publico. Logo ao chegar observei uma singella rampa, e mais tarde um grande predio pertencente á Camara Municipal, e onde esta funciona, assim como um começo de arborização na Praça do Cruzeiro. O caes, que é também modesto, foi feito, segundo me disseram, a expensas da União.

A iniciativa particular é bem sensivel. Existe na cidade uma fabrica de tecidos, cuja manufatura, sendo exibida, foi premiada na exposição de S. Luiz; sendo bastante conhecido os productos de sua laboura, que produz muito bom fumo e exporta bastante algodão.

Tem também a sua imprensa reunida no pequeno jornal «Comarca», o que indica que o movimento intelectual encontra certa animação.

Infelizmente notei muitas cercas de varas no centro da cidade. Mas, consta-me ser assim que fabricam as quintas em todo o interior do Estado, não sendo possível ou pelo menos facil substituir a matéria prima de sua confecção.

Não tive tempo, e muito a meu pesar, de visitar o terceiro bairro, onde está a fabrica de tecidos.

Embora imcompletas as minhas observações, creio, entretanto, poder afirmar que o Codó é uma das melhores localidades do Maranhão.

Mesmo pela tradição familiar, pouco ou nada tem a invejar aos demais centros populosos. Ahi tomaram vulto importantes famílias do Maranhão, tales como as famílias Vianna, Bayma, Moreira e Palhano, que são bastante ramificadas e teem produzido figuras salientes.

Almocei em terra, em casa do Dico Bayma, onde encontrei o meu velho amigo Commandador Bento Raposo; tendo antes visitado ao Maneco, chefe, no lugar, da politica situacionista. Boa gente, muito agrado e tratamento cordial.

Teve rasão o Paulo, quando, depois de ter comido muito saudou aos que nos deram almoço.

Voltei para bordo ao meio dia mais ou menos, sahindo o vapor poucas horas depois.

Tomei um banho e em seguida senti-me com defluxo. Mão agoiro! Quero crer, porém, que este importuno companheiro não me perseguirá por muito tempo.

A viagem de optima, que ia sendo, vai se tornando má. Não andamos tres legoas siquer depois da saída do Codó, tal é o estado do rio.

Deito-me sem consultar o medico de bordo sobre o meu estado de saúde, pois até em medicina o Codó nos fez uma revelação, que não devo esquecer.

A bordo do «Carlos Coelho» vem um passageiro de prôa, cuja especialidade até agora desconhecímos e que ao saltar na cidade reunia logo um grande numero de admiradores, dizendo curar qualquer molestia ao simples contacto da mão na parte afectada.

Chama-se Homem Bom Alves do Nascimento o nosso esculapio, que diz ser parahybano e é um tipo bem parecido.

Porque há tolhos em toda parte, o *doutor* fez sua figura; e tanto se elevou no conceito da plebe que era cercado de maxima consideração e teve um embarque pomposo, como qualquer grande personagem.

DIA 24—Sete dias de viagem! E eu que não supunha ser preciso tanto!

Acordando cedo, tomei logo um banho frio. Em seguida fiquei com aspecto macilento, ar macambuzio e, sentindo certa indisposição, acreditei estar com febre.

Felizmente melhorei; e supponho voltar aos primeiros bons dias da viagem, quando comia bem, dormia melhor e sentia o organismo adquirir mais força e vigor.

Devido ao abatimento phisico resultante do resfriamento de que fui vítima, tenho hoje poucas impressões a registrar. *Mens sana in corpore sano*. Quando o corpo se sente mal, o espirito não é o mesmo: acompanha o seu mal estar.

E digam lá os espiritualistas que o espirito é



JOÃO J. LENTINI

tudo e a materia é nada ! Tenham elles uma formidavel indigestão, à semelhança de uma que teve muita gente boa, quando andou por este Estado o Nuncio Apostolico, D. Julio Tonti, e me digam depois se reproduzem com a mesma facilidade um pensamento de João Lisboa ou decoram um soneto de Olavo Bilac. Duvido !

O vapor tem andado a passos de caranguejo. Ora adiante, ora atras. Ja uma das vezes em que elle recuava tive vontade de perguntar ao Carlos Gonçalves si nos pretendia levar á Capital.

Os companheiros matavam o tempo a dar tiros. O pharmaceutico Odorico Kós matou quatro camaleões, o Aristides dois jacarés, e o Barjonas, filho do mesmo Aristides e um menino intelligente, matou tambem um camaleão. Quanto a mim, deixei de atirar, pois, só queria dar o panno de amostra, que foi bem dado.

Dizendo-me medico consegui conversar hoje com o nosso *doutor*. E um megalomaniaco. Disse-me ser medico sem estudos academicos, bas-tando a intelligencia para o bom resultado de suas curas. Estas, elle as effectúa sem remedio de especie alguma, e sim com as mãos, tocando uma, duas e mais vezes no doente.

Declarou que todo seu interesse é chegar á Therezina, e tanto assim que, vindo de Pernambuco, não saltou no Ceará, para mais depressa chegar á capital do Piauhy. No Rio Grande do Norte esteve com os doutores Segundo Wanderley e Calistrato, que são testemunhas do bom resultado de sua therapeutica, que, segundo afirma, é a ultima palavra na sciencia.

Mostra-se meu amigo e quer que eu lhe de-va grande prova de attenção:—disse ao 1º machinista Guilherme Berniz que pretendia demorar-se no Piauhy, mas, por saber que tambem

me destino áquelle Estado, retirar-se á logo, assim de não prejudicar a minha clinica.

N'esta marcha vai bem o *doutor* Homem Bom. Acabará sem duvida, em algum Hospicio de Alienados, dizendo-se seu director por nomeação do governo federal. E o caminho que muitos dos seus companheiros teem trilhado para alcançar as mais brilhantes posições, como um de que me falaram que galgou a elevadissima categoria de—Jesus-Christo, filho do Padre Eterno.

(Continua)

Bordo do vapor Carlos Coelho, municipio de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.

A DESPEDIDA

Desmaia a tarde. A estrella vespertina
Abre no asul os cílios luminosos,
Vôa a tribu dos passaros maviosos
E o vento açoita as flores da campina.

Beijam-se alem, na encosta da collina
Dois pombos brancos, languidos, chorosos . . .
Beijam-se muito os tristes amorosos
No derradeiro adeus que os alucina.

E quando expira aquelle beijo errante
Que une as almas do casal amante
O pombo vôa em timidos arrancos . . .

Para que eu parta estranho á dor que chora.
Seja este beijo que te deixo agora
Como o alvo beijo dos pombinhos brancos.

ALUIZIO PORTO.

Empreza Ferro Carril

Encerra a nossa parte artistica d'este numero diversas gravuras referentes a Empresa Ferro Carril que mantem nesta capital duas linhas, uma urbana e outra suburbana.

Esta empresa, de propriedade da firma Santos, Jorge & C.ª, acha-se sob a direção dos inestimaveis cavalheiros srs. João Santos, João e José Jorge e é gerida pelo sr. João J. Lentini, que procuram esforçar-se pelo bom desempenho das funcções a seu cargo.

Com a publicação de semelhantes gravuras continuamos a serie promettida no nosso numero anterior, buscando tornar conhecidas as nossas empresas industriaes.

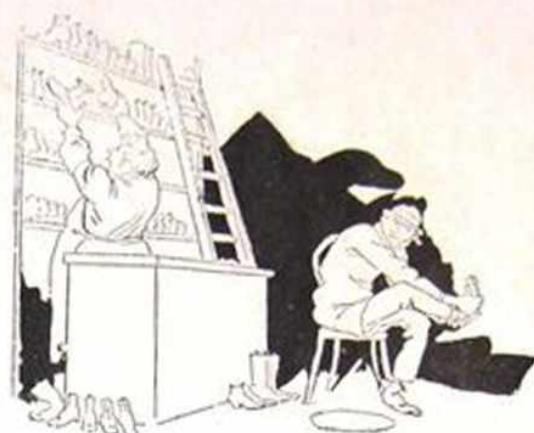
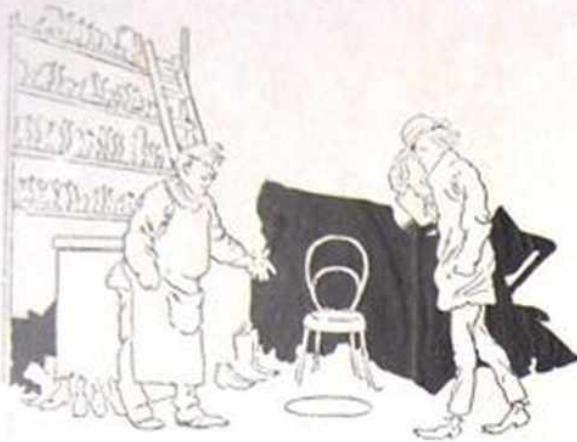
A vida de hoje não é toda a vida : é uma das muitas vidas que formam as estações de parada da grande vida infinita.

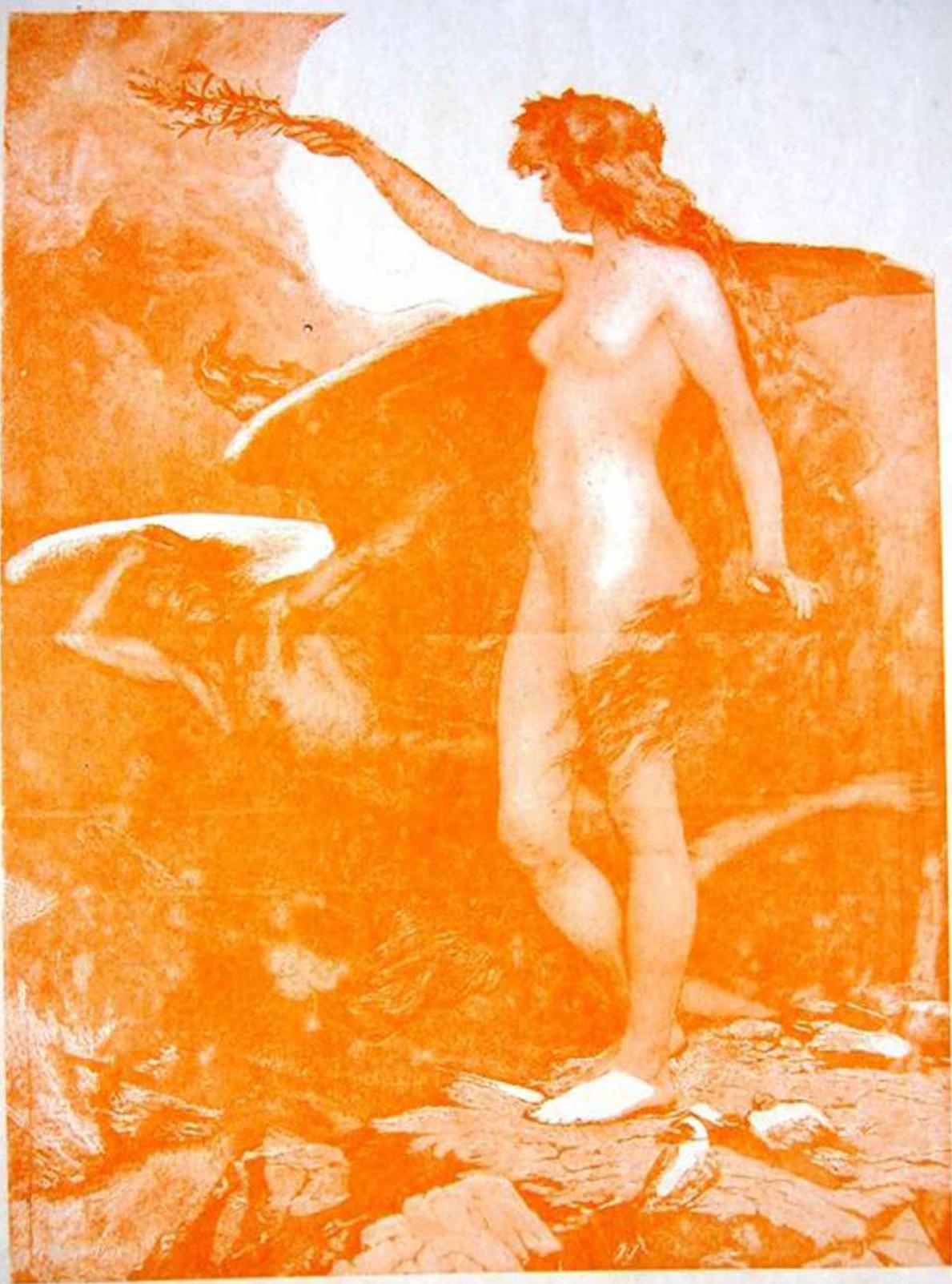
OLAVO BILAC.



AS MODAS DA REVISTA

Historia muda





A Revista do Novo, 5º ANNO N.º 5

Anjo da Guarda

A REDISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 6

Fevereiro de 1906



O MEZ

O INTERNATO DOS LAZARISTAS

Como sabem todos, manteem os reverendos Lazaristas, no velho casarão de S. António, um internato que, no diser dos informados, merece a predileção especial dos nossos pais de família. A criança que por lá aprende anda de uniforme, ouve missa diaiamente, confessa-se e communica com frequencia, assiste ás novenas e actos religiosos que na Igreja contigua se celebram, obedece aos mandamentos da lei de Deus e da Santa Madre Igreja, tem horror á impiedade e aos livres pensadores e encara o sacerdócio católico como a mais virtuosa e a mais nobre das profissões. A fama do internato cada vez mais se alastrá e a frequencia do mesmo cada vez se torna maior, havendo até quem afirme que, a continuarem assim as coisas, dentro em breve o vasto edifício do convento não mais comportará os alunos que o procuram.

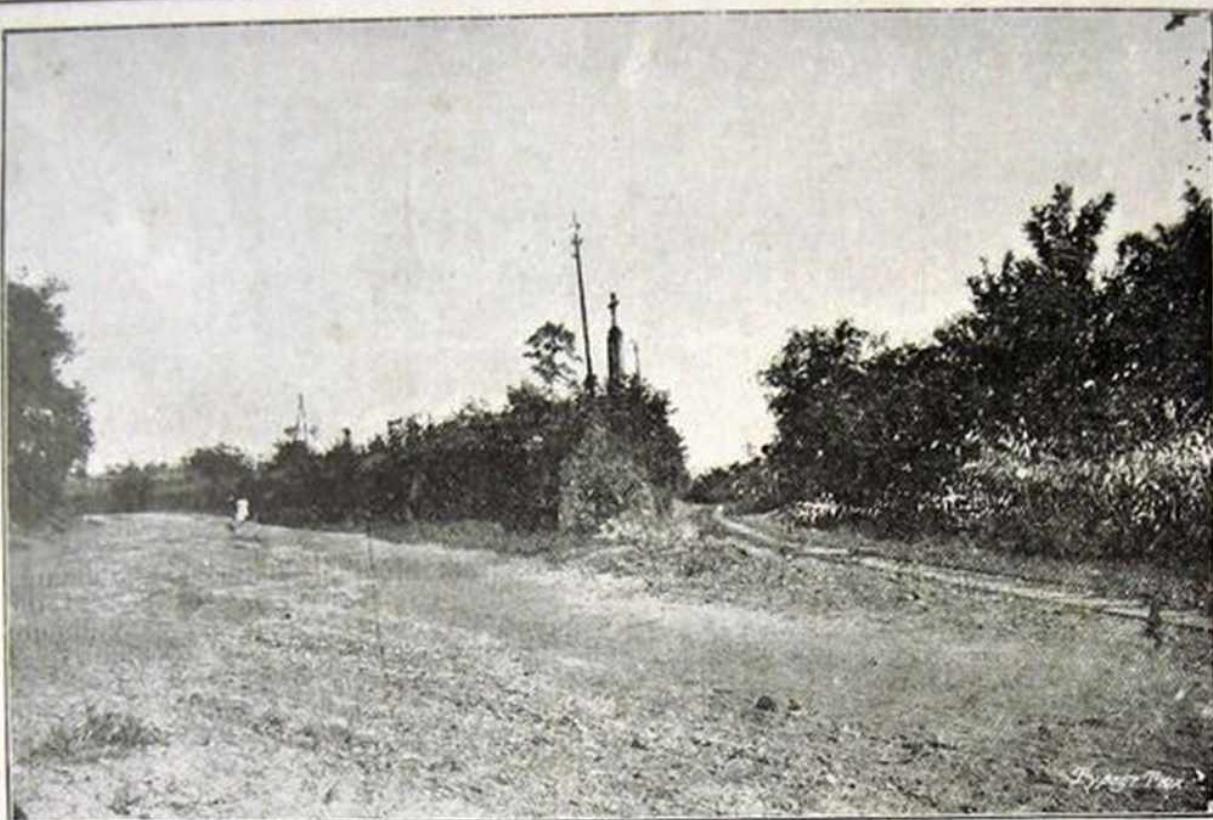
Os exames do fim do anno passado foram, ainda no diser dos informados, um verdadeiro sucesso. Os discípulos deram provas inconcusas de seu aproveitamento e os mestres revelaram a sua alta capacidade educativa, tudo assistido por um auditório numeroso e essencialmente católico, com exclusão virtuosa dos hereges e dos ímpios. E, para coroar condignamente a festa e levar ao auge a santa alegria de todos, um dos alunos tomou batina e entrou para o curso teológico e espera-se que este anno o mesmo suceda a mais alguns, com manifesto e indiscutível proveito da vinha do Senhor.

Entraram em seguida as férias; ensinantes e ensinados foram para o repouso, a cobrar novas forças afim de prosseguirem no honrado e nobi-

litante trabalho donde ha de sair, ainda no diser dos informados, a regeneração moral do Maranhão e, o que mais é, o preenchimento das innumerias vagas existentes no cabido d'esta capital.

Agora, começos de anno, o reverendo Reitor do internato que ainda mantém a designação de Seminário de Santo António, anunciou pelas folhas a reabertura do mesmo em 1.º de Março vindouro, publicando ao mesmo tempo o programma do ensino que lá se ministra, organizado, segundo diz, sob um *plano methodico e destinado a estender o mais possível o beneficio da instrucção*. Essas duas declarações, seja dito de passagem, parecem-me perfeitamente inuteis, pois é geralmente sabido que tudo o que as congregações religiosas fazem é com método e com ordem e o que o seu maior interesse é exactamente esse: *espalhar o mais possível os benefícios da instrucção*. Ha, é certo, alguns espíritos atrasados e ignorantes, inimigos da verdade e do bem estar do gênero humano, que não pensam assim e que afirmam, com uma audacia que anda mesmo a pedir uma fogueirinha do Santo Ofício, que o que elas querem é justamente o contrário do que apregoam, isto é: *restringir o mais possível os benefícios da instrucção*. Pertencem ao numero d'esses ignorantes e desses malvados, Jules Ferry, Paul Bert, Waldeck-Rousseau, Yves Guyau, Combes, Félix Le Dantec, Berthelot e outros, para não falar senão na França, onde as pobres congregações andam presentemente gemendo sob o peso da mais cruel e da mais revoltante das opressões. Mas, esses que assim pensam são heréticos e excommunicados, que não estão absolutamente na altura de apreciar o valor do ensino congreganista. Deixemol-os pois em paz, que todos terão a sua recompensa, como já o tiveram os tres primeiros que a estas horas ardem de certo por entre as labaredas eternas, e voltemos ao nosso assunto.

O programma do reverendo Reitor, em que pese aos informados, não anda absolutamente na altura dos elogios tecidos ao internato em que é executado. Não se justifica o criterio que



ARREDORES DO MARANHÃO—OUTEIRO DA CRUZ

presidio à escolha das matérias e a respectiva distribuição pelos annos do curso.

As sciencias físicas e naturaes que em toda a parte civilizada formam hoje a base do ensino, foram relegadas para o ultimo anno, figuram apenas como um apêndice perfeitamente dispensável ás outras matérias já estudadas. E apenas no 5º anno que se estuda Phisica, Chímica e Historia Natural, quando semelhantes disciplinas, methodicamente seriadas, deveriam vir acompanhando todo o curso, desde o primeiro anno.

Não se comprehende que as noções indispensáveis para habituar á criança a conhecer o seu proprio corpo e o meio físico que a cerca, só lhe sejam ministradas depois de permanecerem seis annos no internato. O programma do reverendo Reitor não estabelece idade para a matrícula; suponhamos, pois, tomando o limite mínimo, que entra para o internato um alumno com oito annos: só aos quatorze é que virá a saber de que é composta a agua que elle bebe e o ar que elle respira !

Por outro lado o latim, que hoje só tem uma utilidade puramente erudita, o latim, cujo estudo nos cursos secundários foi reduzido pelos pedagogistas modernos a simples noções indispensáveis, relativas á origem das línguas neo-latinas, é ensinada no Internato desde o curso elementar ! Podem as crianças que lá aprendem ignorar a diferença entre o ar que lhes penetra nos pulmões e o que delles sae, mas com certeza sa-

berão o *hora, horae* de cér e salteado, de dante para trás e de trás para diante.

A gymnastica que é e deve ser a preocupação constante de todos aqueles que tomam sobre os hombros a tarefa de preparar as gerações do futuro; a gymnastica que é a garantia do vigor físico, sem o qual não poderá haver nem vigor mental, nem vigor moral; a gymnastica, cuja utilidade nas escolas não mais se discute, porque é um axioma que todos aceitam, sejam quais forem os credos religiosos ou as seitas filosóficas a que pertençam; a gymnastica é ensinada no Seminário de S. António *apenas uma vez por semana !* Mas porque não estabeleceu logo o reverendo Reitor que toda aquella petisada só faria exercícios físicos *uma vez por anno, durante as ferias, em casa dos respectivos papás ?*

Tudo isto, porém, e muita coisa mais que no citado programma se vê, ainda não é nada, comparado com a monstruosidade final. Sabem os senhores que me lêem o que é que os reverendos Lazaristas ensinam aos alumnos do seu Internato, no 5º anno do respectivo curso? RHETORICA, santo Deus ! a velha, bolorenta e caducada rethorica de Quintiliano, o melhor caldo de cultura até hoje conhecido para o microbio do sofisma cujas toxinas andam há longos séculos lentamente destruindo as celulas vitaes do organismo latino !

A hypertrofia da palavra, a paixão do verbo campanudo e balófo, dos artifícios de frase,

sonoros e ócos, ja é hereditaria em toda aquella criançada, rebento de uma raça gasta que durante todo o decurso da sua vida historica tem feito da arte de dissimular o fundo sob a forma, de dar á mentira as aparenças da verdade, a preocupação capital das suas elaborações intelectuaes.

Agora avaliem como essa diathese se acentuará sob a ação de um regimen educativo que, longe de a combater e corrigir, busca pelo contrario cultiva-la com interesse e com amor, ofertando-lhe todos os ensejos de franca e larga exteriorização.

Não, reverendissimo Reitor! tudo posso perdoar ao vosso programa: o desprezo das sciencias fisicas e naturaes, o menoscabo da gymnastica e dos exercícios fisicos, o culto exclusivo do latim, com prejuizo até mesmo do portuguez, porque este é ensinado em tres annos e aquelle em cinco; mas a maldita rhetorica, isto é que não, nem que me rachem em mil pedaços. Pois se essa malvada é que tem sido a causa de todas as nossas desgraças, a *asa negra* que nos tem perseguido em todas as nossas tentativas de melhoramento e de regeneração, mantendo-nos sempre sob a ação hypnotisadora das apparenças mentirosas, das superficialidades illusorias, dos enganosos europeis da irrealidade! E ainda quer V. Rvd.^{ma} agravar-nos esse mal, ensinar sistematicamente aos nossos filhos aquillo que elles já trazem na massa do sangue e que a educação deveria corrijir e nunca favorecer! Mas veja V. Rvd.^{ma} que semelhante procedimento chega até a ser falta de caridade e a caridade foi a virtude soberana de tanto esmolar de Margarida de Valois, o fundador da Missão a que pertenceis.

Abandone V. Rvd.^{ma} o caminho encetado, que ainda está em tempo de o fazer, suprima a Rhetorica de programma de seu Seminario e substitua a malvada por qualquer outra disciplina que seja de particular agrado de V. Rvd.^{ma} por exemplo: por uma cadeira especial de *Provas de livre Arbitrio*, em que se demonstre ás crianças que um Hotentote poderá no dia em que quizer ser tão virtuoso como S. Vicente de Paula, ser tão sabio como S. Thomaz de Aquino. E se V. Rvd.^{ma} tomar este meu humilde conselho, ouso lembrar a V. Rvd.^{ma} para livro do texto d'essa cadeira a interessantissima obra de Visconde de Saboia, intitulada *A vida Psychica do Homem*, que amontoa no seu capítulo V, um verdadeiro rosario de prosas do estado *livre arbitrio* entre as quaes figura a da **REVELAÇÃO PELA CONSCIENCIA**. Posso garantir a V. Rev.^{ma} que diante d'esta ultima prova aduzida pelo ex-professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todos os modernos partidarios do determinismo biológico ficarão mesmo, como lá se diz, de *crista murcha*...

Assim procedendo, isto é abolindo a Rhetorica, terá V. Rev.^{ma} o ensejo de merecer um voto de louvor nesta secção d'A REVISTA DO NORTE, se bem que o autor, nem mesmo com essa

modificação do programma, seja capaz por prego algum de pôr os seus filhos a aprender no Seminario tão proficientemente dirigido por V. Rvd.^{ma}.

HENRIQUE NEIVA.

Manhã na barra

Remonta o sol as cristas altaneiras
Dos morros! Entre flócos pardacentos
De nuvens, osculados pelos ventos,
Vêem-se flores gentis de trepadeiras.

Alem, por sobre o mar, alviçareiras
Barquinhas abrem sulcos alvacentes;
E das vagas nos dorsos poeirentos
Refulge o sol em rútilas esteiras!

As andorinhas cruzam-se nos ares:
Descem beijando a clamye dos mares,
Sobem perdendo as formas e o tamanho;

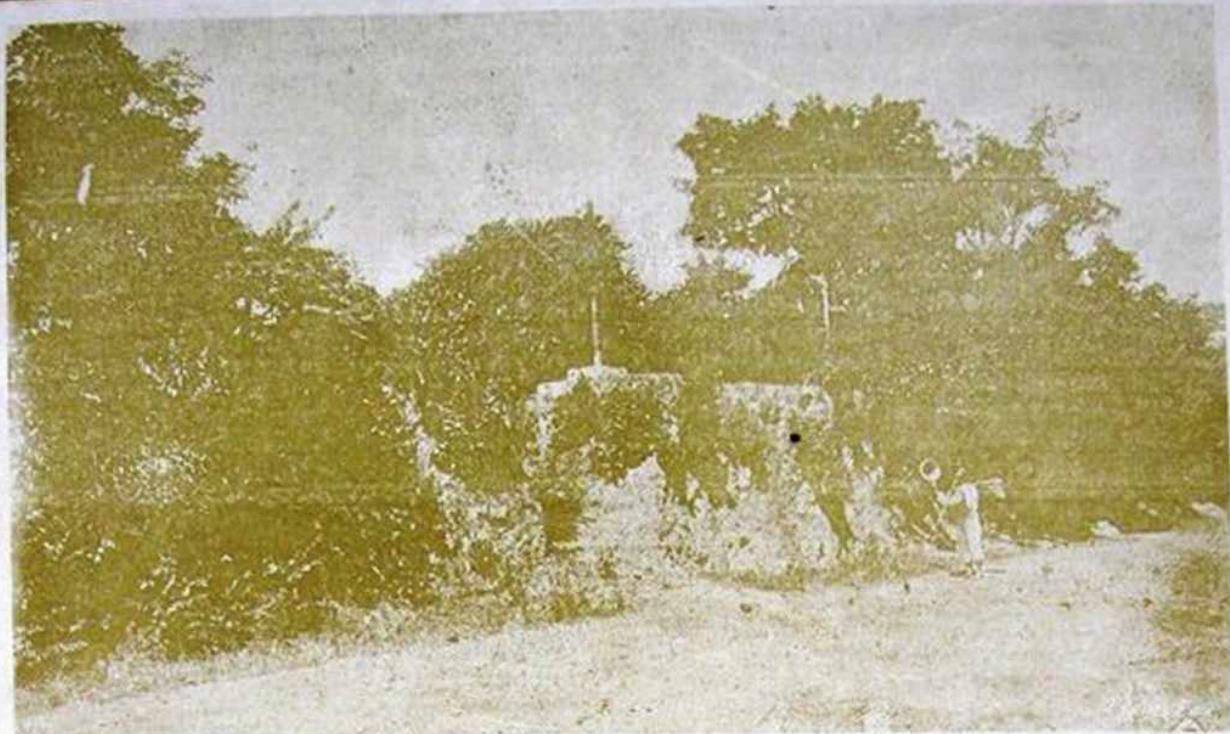
E nas areias humidas da praia
Cerulea vaga vem beijando a saia
Da menina gentil que sae do banho.

ALCIBIADES NEVES.

Vida e actividade



A actividade social é o resultado immediato da observação directa da vida. *Vida* e *actividade* são, num certo sentido, sinónimos; e só quem se inspira no fluxo e refluxo das sociedades se pode entusiasmar pela vida. Quem permanece ao lado dos acontecimentos, por não saber observá-los, quem é capaz de se impressionar por elles, nunca se interessará pela corrente de sucessos, d'onde resulta o progresso, nem procurará participar delle. A actividade social presupõe uma sensação precisa — quaequer que sejam as tendências do individuo — uma sensação precisa das necessidades sociais; d'ali deriva a intuição das soluções possíveis e adequadas. A leitura, só, fóra da observação, conduz apenas à contemplação, que torna o homem inactivo e estéril como um monge virtuoso. Não significa isto que, aqui, os homens publicos não trabalhem. Sim, trabalham; mas o seu labor faz-se como uma tarefa, quando deveria ser uma campanha, entusiástica e ardente, como o trabalho se apresenta aos que avançam convencidos do exito — porque marcham em contacto directo com os acontecimentos. Em nós outros os esforços estão condenados, de antemão, a ser ineficazes; a actividade social é paroxística; passada a crise, vem o desânimo, e, em seguida, o desinteresse pelas causas publicas, ou o clamor indeterminado contra os que ocupam o poder. E é natural: se



ARREDORES DO MARANHÃO—OUTUBRO DA CRUZ

todos confiam numa formula, e acreditam que uma conquista politica ou social está obtida quando essa formula foi inscripta, a todos invadirá ou o desanimo ou a colera, quando sentirem que, apesar da reforma escripta, as cousas continuam como d'antes. Disto resulta que, dentre os progressistas sinceros da America do Sul (e da Peninsula), 3/4 estão sempre desilludidos, a blasfemar contra os principios que apregoavam na vespera, prontos a accusar toda a gente. Pensam que os maies sociaes se reformam pelo simples effeito das palavras escriptas; decretam reformas, e deixam de lado os costumes; transigem com todas as reviviscencias e tradições, e querem que as injusticias e atraços cessem—pelo effeito mirifico das leis impressas e esquecidas!... Pretendem que a vida sempre renovada, sempre imprevista, se venha fixar, sob formulas tiradas de condições peculiares a épocas archaiccas. Falta-lhes essa observação das cousas, onde aprenderiam que a evolução é continua, e que vicios longamente accumulados só por um esforço longo podem ser corrigidos. Falta-lhes compreender que á tenacidade dos habitos defeituosos é preciso oppôr uma educação igualmente tenaz e aturada. Vontade, energia e tenacidade são qualidades que se desenvolvem pela observação directa dos factos; é ahí que se aprende o quanto são vivaces e permanentes as forças da natureza: para vencê-las é mister oppôr-lhes energias geralmente vivas e permanentes. Só quem sabe ver e medir os pequenos resultados, obtidos dia a dia, por um esforço continuo, é capaz de conceber esperan-

cas fortes; assim se reanima a confiança e fortifica a tenacidade. Esses, que d'este modo educam o seu espirito, não desfalecem nas alternativas da accão, nem são colhidos, nunca, de surpreza.

MANUEL BOMFIM.

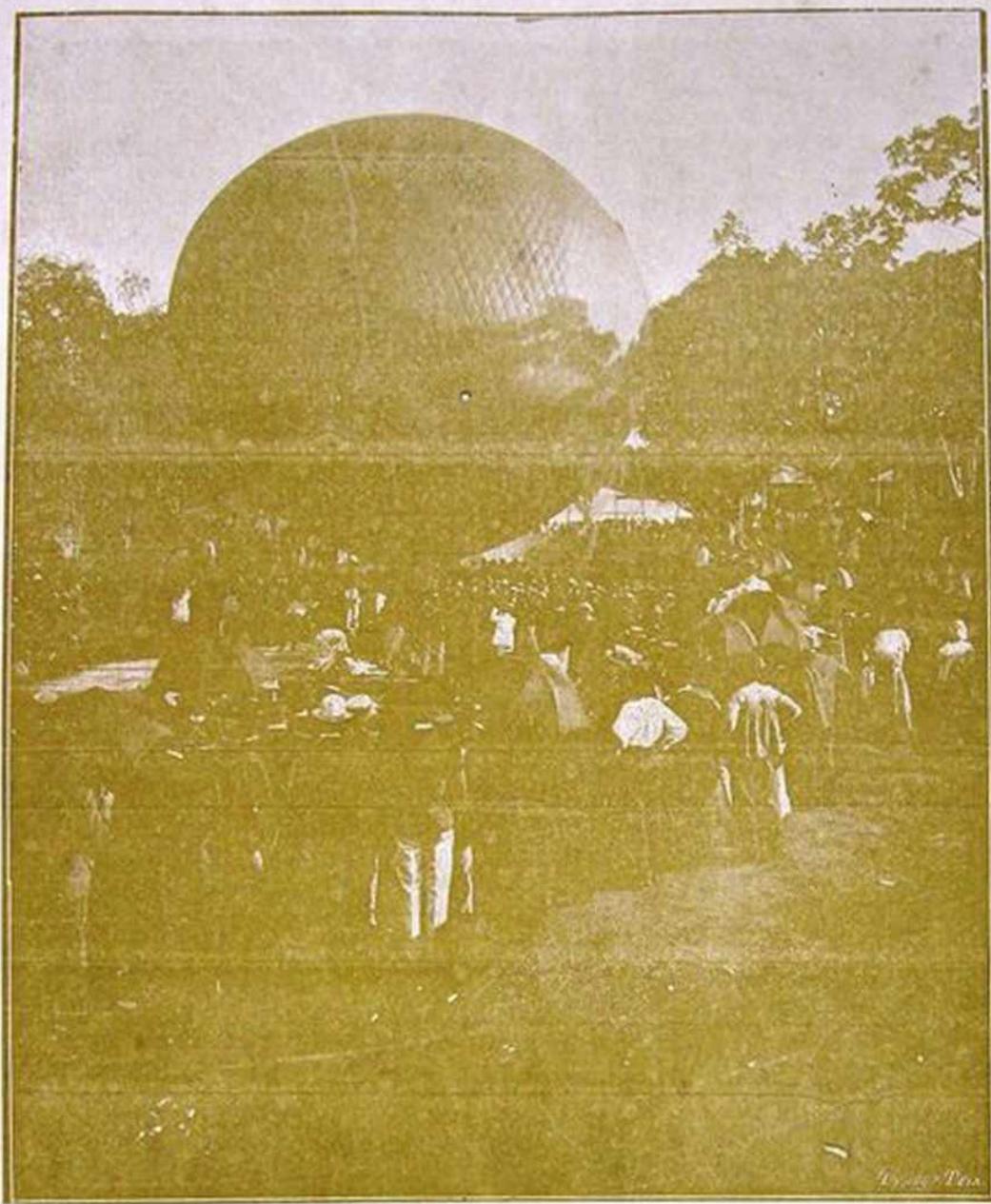
A Biologia Chimica



A biologia não é uma sciencia simples, ao contrario, é a mais complexa de todas as sciencias. Os fenomenos vitaes são a síntese de uma *multidão* de fenomenos fisicos e de fenomenos chimicos; antes de buscar compreender a *vida*, é necessário conhecer as leis geraes que regem a materia inorganica, o que exige estudos longos e trabalhosos que a maior parte dos homens não fizeram e não querem fazer. E, todavia, todo o mundo fala de biologia, todo o mundo quer ter o direito de discutir os sistemas propostos para a explicação da vida, da morte, da formação das espécies, etc.

D'ahi o grande sucesso das teorias que *empalham* as dificuldades. Quantos filosofos vivem bem disendo Darwin e Weissmann por lhes haverem ensinado uma biologia que elles logo compreenderam sem esforços?

O fim que se propõem os espiritos curiosos



BELEM-PARÁ—ASCENÇÃO D'Ô NACIONAL—AERONAUTA FERRAMENTA—Assoc. D. RECREATIVA E BENEFICENTE (Photograph Oliveira)

é explicar os fenomenos que tem por sêde os corpos; mas é preciso notar que há *propriedades e propriedades*. Se, para me faser compreender que um ovo dá nascimento a um pinto dizeis-me que o ovo tem uma propriedade germinativa, será isso uma verdade, mas que em nada me adiantará; se, para dissimular a ausencia de explicação da frase precedente, me contardes que o ovo contém um grande numero de partículas, cada uma das quais tem a *propriedade de determinar a formação de cada uma das partes constitutivas do pinto*, formulareis assim uma hipótese gratuita; supondo mesmo que eu aceite a vossa hipótese, ficarei ainda na mesma, por-

que esta *propriedade* das vossas partículas determinativas não é mais simples do que a propriedade germinativa total do ovo da galinha. Todavia, as *gemulas* de Darwin e as *determinantes* de Weissmann por muito tempo irresistivelmente seduziram o público. Porque? Precisamente porque, uma vez admitidas essas complicadíssimas propriedades, a interpretação dos fenomenos tornava-se infinitamente simples, ao alcance de toda a gente, sem exigir estudos científicos aprofundados.

Mas, com franqueza, se há espíritos que se sentem satisfeitos com esse gênero de explicação aparente, mais vale então aceitar sem rebuço a interpretação vitalista e dizer que todos os fenomenos biológicos são dirigidos por uma força vital especial, cujo estudo escapa ao domi-

nio físico-chímico. Por outro lado, se recusarmos conceder *a priori*, às substâncias vivas, propriedades de uma essência especial, se consentirmos em reconhecer-lhes sómente propriedades elementares da mesma ordem das dos corpos brutos, a interpretação dos fenomenos vitaes apenas por meio destas propriedades torna-se de uma grande dificuldade; a complicação dos fenomenos chega mesmo a parecer tão fóra de proporção com a simplicidade das propriedades físico-chímicas dos corpos, que seremos naturalmente levados a cavar entre esta complicação e esta simplicidade um abismo invencível, o abismo da hipótese vitalista.

Torna-se, com efeito, necessária uma certa dose de coragem para tentar explicar, sem o auxílio de hipótese alguma especial, o fato do ovo da galinha dar nascimento a um pinto; semelhante empresa exige um trabalho considerável, uma série de deduções tão cerradas como aquelas das partes mais arduas da geometria; muitas pessoas não podem ou não querem impôr-se este trabalho e preferem apegar-se às teorias que suprimem todo o esforço; essas são vitalistas por convicção, mas também por preguiça.

Se vos dessem a escolher entre duas astronomias, uma fundada unicamente sobre o princípio de Newton, outro atribuindo a cada astro a propriedade especial de executar precisamente a revolução que executa, não hesitaríeis um só instante em considerar a primeira como a única verdadeiramente científica; todavia, qualquer pessoa poderá, sem esforço, aprender a segunda, ao passo que para aprender a primeira seria necessário começar por familiarizar-se com as fórmulas mais delicadas das matemáticas.

Acham todos natural que sejam necessários estudos especiais para a compreensão das ciências astronómicas, mas quando se trata de biologia não se reconhece a mesma necessidade; assim é que de duas biologias análogas às duas astronomias hipotéticas de ainda há pouco, escolhe-se imediatamente a segunda, a que nada tem de científico e que, no fundo, nada explica, e a razão de semelhante escolha reside no fato de estar essa biologia ao alcance de todo o mundo e querer todo o mundo saber Biologia.

Na época atual as teorias análogas à de Weissmann parecem definitivamente abandonadas. Durante largo tempo tiveram essas teorias um crédito enorme, e não é de esperar que as teorias químicas da vida e da hereditariedade tenham um sucesso tão rápido, por causa das dificuldades que suscitam. Pode-se, no entanto, esperar que o seu sucesso seja mais duradouro, porque a bioquímica, se é uma ciência ardua, é também uma ciência verdadeira, baseada sobre propriedades reais e experimentalmente conhecidas e não sobre virtudes análogas às que reconhece no opio o médico do *Malade imaginaire*, de Molière.

FÉLIX DE DANTEC.

Novos ensaios



Mais um trabalho acaba de dar à luz o infatigável intelectual Sr. Dr. Arthur Orlando.

Referimo-nos aos seus «Novos ensaios», obra modesta, mas de incontestável valor filosófico.

Quem os ler sente a impressão de um espírito altamente preocupado com as mais importantes conquistas da inteligência.

Sem ater-nos a uma apreciação detalhada, o

que seria longo, apreciemos, contudo, os seus dois primeiros capítulos, que são bem curiosos.

Abre o livro a these «Nova concepção da matéria», assumpto transcendental que muito deve despertar a atenção dos que se dão às pesquisas científicas tendentes ao conhecimento da substância cósmica que entra na composição de todos os seres, orgânicos e inorgânicos.

Ahi aborda o autor a teoria da matéria radiante, de cujo estudo se pode concluir que alguma coisa existe menor que o átomo, servindo de fronteira entre a matéria e a força, e em que estas parecem fundir-se. Acompanha assim as experiências de William Crookes, que vêm assinalar um marco na história da química e abrir ás ciências mais largos horizontes, deitando por terra muitos dogmas científicos, taes como o da inércia e indestrutibilidade da matéria, pedestal em que estavam assentados a física e a química.

E uma ilusão de menos entre as idéias que, perante o espírito humano, haviam adquirido força de axioma. Grandes aquisições da experiência baqueiam á luz das novas investigações, que nos levam a paragens mais longínquas, até ao ponto de intersecção entre o material e o que se não pode propriamente dizer do domínio da matéria.

O estado pré-atómico da matéria, a descoberta dos raios catódicos, a dos raios X e a demonstração de que a radio-actividade é um atributo geral da matéria, vêm estabelecer novas verdades científicas e dar uma nova feição ás concepções philosophicas.

«A evolução da matéria se opera sob um duplo ponto de vista, ella vai do imponderável ao ponderável pela associação de seus elementos e do ponderável ao imponderável pela desassociação.» E a desmaterialização dos corpos, até agora descurada, constitue a energia intra-atómica, que é o laço de união entre o mundo do ponderável e o do imponderável.

Os esfluvios produzidos por este processo regressivo de desmaterialização constituem o maravilhoso fenômeno da radio-actividade, cuja universalidade confirma o cientista Gustavo le Bon.

Os corpos, como em menor quantidade os átomos que os compõem, são, pois, grandes reservatórios de energia ou, como diz o autor, a matéria é energia concentrada em forma estática que pode produzir imensa força com a desassociação de seus elementos.

«Transformar a energia em matéria e a matéria em energia sem que nada de exterior lhes seja fornecido, é o grande ciclo da evolução». E é da transição entre o ponderável e imponderável que surge uma substância a que se dá o nome de *electron*, nem sólida, nem líquida, nem gaseosa, que atravessa quaisquer obstáculos, assemelhando-se mais ao ether que á matéria propriamente dita. É indefinível como o ether, *realidade misteriosa* que se estende pelo espaço infinito, entrelaçando os mundos, passando atra-



Typogr. Peix.

BRÉM - PARÁ - AGÊNCIA D'«O NACIONAL» - AERONAUTA FERRAMENTA - ASSOC. D. REGBENTIVA E BENEFICENTE (Photograph Oliveira)

vés dos corpos e unificando o conjunto da criação.

Grandiosa concepção, bella hypótese científica que parece um sonho, mas cujo valor se não pode contestar. E como negar o ether si alguma coisa sentimos superior aos nossos sentidos e incomprehensível, em sua natureza intima, ao nosso raciocínio! Porque não comprehendemos um phénomeno ou a sua causa eficiente, nem por isso podemos contestar a sua existência.

O ether existe, podendo ser considerado, como hoje mais acentuadamente pretendem physicos e chimicos, a essencia do mundo, o *substractum* de todos os seres.

nentes. Os individuos que o compõem-as cellulæ—exercendo as funcções que lhe são peculiares, como o homem no exercicio de suas funcões sociaes, acabam por chocar-se umas sobre as outras, rompendo assim o seu conjunto harmonico para, como Samsão, morrer debaixo do mesmo edificio em que estavam encerradas e a que elles mesmas serviam de columnas.

A impossibilidade, porém, de manter a boa harmonia entre elles, não é motivo para desesperar da possibilidade de prolongar-lhes o laço de união, tornando assim a vida mais longa e a velhice mais supportável.

Como, porém, conseguir isto?

O recurso seria o revigoramento das cellulæ

E das ultimas investigações da sciencia resumbram, incontestaveis, dados preciosos para melhor aquilatar o que somos, de onde vimos, para onde vamos, — velha these naturalista de ha muito batida pelos espíritos de esco.

Passa depois o autor ao problema da velhice, do conhecido escriptor russo Metchnikof, a quem contradicção com a dissertação primeira, dá o nome de—Um problema a resolver—e que visa o prolongamento da vida do ser, como o homem, polycellular.

A vida que, no dizer de Hækel, é uma unidade apparente, pois que, na realidade, é um conjunto de celulas, que são outras tantas vidas, não encontrará, por certo, um meio de perpetuar-se objectiva ou subjectivamente. O corpo é a cidade cellular, não tem as garantias das organisações sociaes que se conservam indefinidamente, mantendo sempre certos laços que prendem os seus elementos compon-

superiores ou as mais diferenciadas, que são destruídas pelas menores complexas, as phagocytas, leucocytas e macrophagias. Estas, quaeas raças inferiores que vencem as superiores, o que alias é contra a doutrina do predominio dos fortes sobre os fracos, vencidas as cellulas superiores, ficam dominando em seu lugar, mas, não podendo desempenhar as elevadas funções do inimigo abatido, produzem a morte do organismo, que não podem sustentar, morrendo elles proprias no mesmo campo de accão.

O biologista Loeb já descobriu o meio de prolongar a vida das cellulas, em geral, por uma fecundação chimica. Com o cyanuro de potassium, afirma o autor, conseguiu aumentar-lhes o poder de resistencia em ovos não fecundados de certos animais; o que, sem duvida, deve ser um grande passo na solução do problema da senescência, para aumentar-nos o mais precioso dom, a vida,—esta unidade apparente que tanto nos apraz conservar.

S. Luiz, Janeiro de 1906

ARAUJO COSTA.

JOSÉ DE ALENCAR



A selva e o indio desaparecerão um dia: a selva—o coração virginal da nossa natureza; o indio—a alma simples da nossa nacionalidade.

O egoísmo invasor da civilização urbana do Occidente ha de ir brutalmente derrubando a nossa flora.

O natural, cioso da sua raça e de sua liberdade, continuará a ser barbaramente eliminado pelo abandono egoístico do creoulo civilizado e cada vez mais degenerado pelos novos cruzamentos.

Em um futuro remoto, do que foi a nossa Pátria em flor, só se encontrarão tradições obscuras. Pela ciência, se descobrirão a custo poucos traços indeleveis.

Nas artes enas letras, entre milhares de esboços grosseiros e ephemeros, apenas raros monumentos de valor.

O espírito philosophico, porém, através das nossas gerações extintas, de investigação em investigação, ha de chegar fatalmente a formular a lei sociologica de que, entre nós, a corrente do Genio veio do Norte.

No Brasil actual encontravam-se então os tres pontos culminantes na Bahia, em Sergipe e no Maranhão; e nessa rota retrospectiva, depois de parar-se um momento diante do vulto de Tobias Barreto, chegar-se-á por fim aos dous im-

mortais precursores da independencia da nossa literatura—Gonçalves Dias e Alencar.

E, de facto, Gonçalves Dias cantou o coração da nossa selva: José de Alencar romantisou a selva do nosso coração.

Não se pode falar em um sem recordar o outro, commemorar este sem aquele.

E no dia em que os cearenses, em solemne romaria, comboiando os outros brasileiros, elevaram diante do monumento tosco, que perpetuá o nosso grande romancista, as suas preces cívicas,—o espírito nostálgico do maranhense voltou insensivelmente para a terra amada, onde alveja também a estátua do genial cantor dos seus dourados palmeiras.

Mais feliz, porém, do que Alencar, cuja memória gloriosa pouco passou até hoje além da pátria, Gonçalves Dias vio-se ainda em vida glorificado entre povos estranhos; e mais feliz ainda, do alto da rama agreste talhada no marmore alvíssimo e singelo, parece contemplar ainda na sua immortalidade a onda espumante que tanto amou e que com um ciúme voraz de amante fetichista o arrancou para sempre ao seio maternal.

José de Alencar, como o seu irmão gêmeo no amor e no talento, deve também ter uma estátua no Ceará, para que em uma prece unisona e vibrante vivam eternamente a beijar-lhe os pés os verdes mares bravios d'aquela terra sagrada, onde canta a jandaia nas frontes da carnaúba.

No mais ninguém pode separar o cantor dos Guaranyes do cantor excelsos dos Tymbiras. E o Norte, que os viu nascer, o Norte que, proclamando a liberdade do Genio, fez descer o genio da Liberdade pelo resto da pátria, o Norte, que ainda é a selva e ainda tem o indio, o Norte não os esquecerá jamais, porque foram ellos que lhe compuseram os hymnos com que ha de celebrar a ultima epopeia da história americana.

DUNSHEE DE ABRANCHES.

O Livro de Basílio Telles



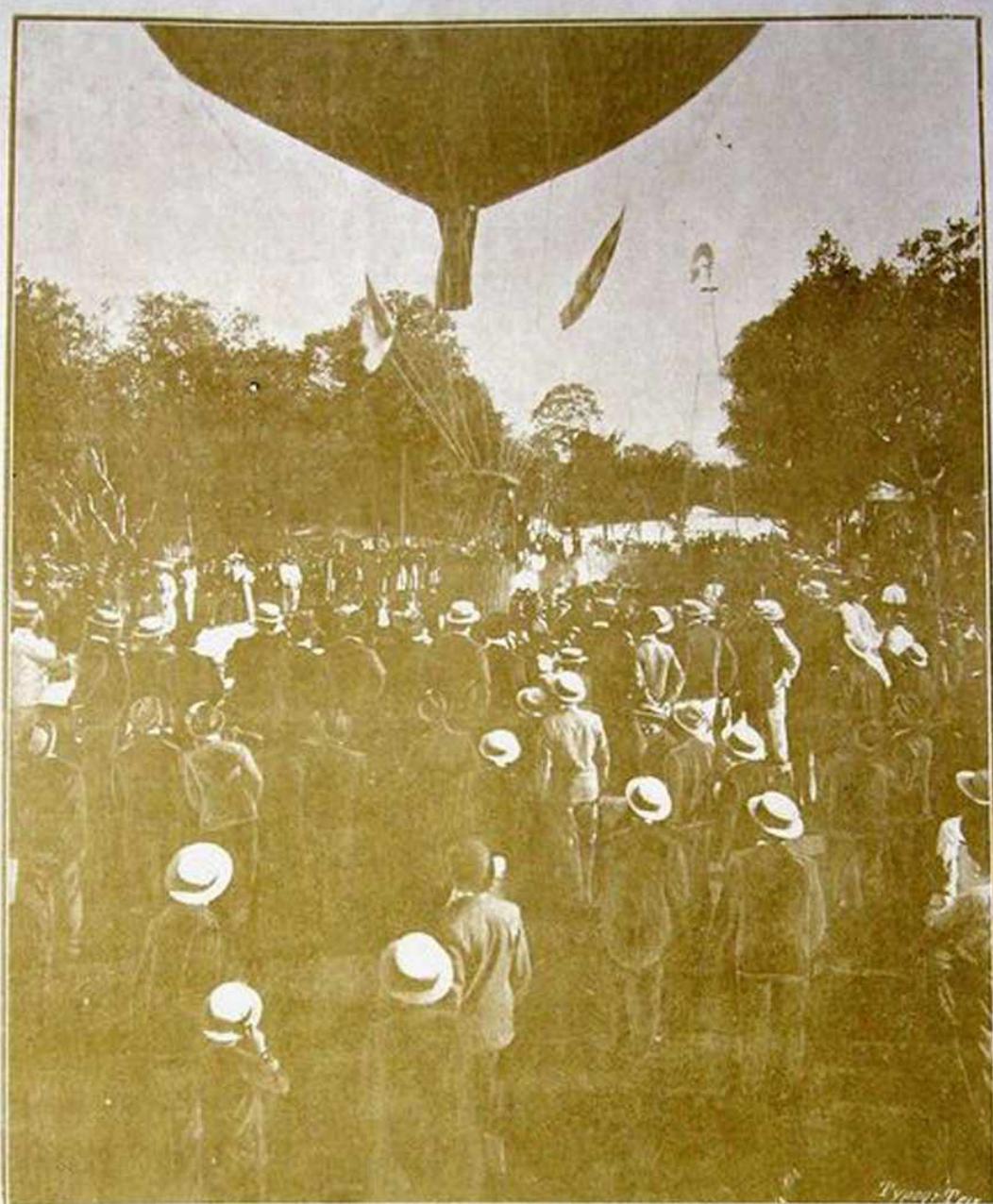
Foi indubitavelmente o acontecimento do mes. Nem podia deixar de o ser. Mesmo que o seu authentico valor se não impusesse à atenção do público, bastaria a ação coercitiva que sobre elle se exerceu, para lhe dar as características da mais palpável actualidade. Com efeito, a obra de Basílio Telles foi o primeiro livro apprehendido nas livrarias, depois do estabelecimento do regimen constitucional em Portugal. Apesar de habituados às quotidianas violências do Poder, a medida governativa

surprehendeu. Caso estranho, porque em tal assumpto vamos perdendo o habito da surpresa. Mas como veu, é o facto,— e por isso mesmo deu ao livro uma extracção enorme, mais ou menos clandestina essa inesperada consequencia da violencia exercida, que alguns jornais lhe chamaram o melhor dos reclamos. Contudo como tal facto denunciou uma situação para a liberdade do pensamento, que o mesmo é dizer para a civilisação e para o futuro do nosso povo!

O característico fiel dos regimens que tomam como divisa o que um par do reino portuguez denominou flagrantemente o absolutismo bastardo é precisamente o odio á expansão das idéas e á critica dos factos e dos costumes. Denuncia-se assim o proposito firme de manter na escuridão mental todo um povo. E um trabalho de morcegos. Nocturno e nevoento deve ser o antro onde se premeditam estes inexplicaveis attentados contra a consciencia humana.

O livro de Basílio Telles é um livro de analyse politica, mas é sobretudo um livro de historia. Concebeu-o um alto espirito de imparcialidade, muito embora, apesar do exame feito d'um delicto publico não deixe de surgir a commovida condemnaçao do pensador. O homem que o escreveu é um dos escriptores probos de Portugal, e simultaneamente um dos homens de maior character de que a nossa patria se possa orgulhar. Figura austera de spartano, não lhe falha perante a rigidez dos principios e a emo-

cão do apostolado, a indulgencia, propicia a attenuantes, do homem de coração. Só é severo quando fala dos fortes que não duvidaram sacrificar aos interesses mesquinhos d'um dia a gloria da sua patria e a paz da sua consciencia. Não, não estamos como poderia suppôr-se, ao abrir as paginas do livro de Basilio Telles, em frente d'um pamphleto impiedoso e sarcastico em que as indignações de Juvenal se não eximam ao veneno das frechas do Aretino. Não é ao bloco de Pasquino que se poderiam gravar as formulas lapidares do pensamento puro que uma nobre alma extraiu do amor á liberdade, do preito ao seu paiz e da adoração á humanidade



BELÉM—PARA—ASCENÇÃO (U.O. NACIONAL)—ARROCHA FERRAMENTA—ASSOC. D. BECORA-TIVA E BENEFICENTE (Photographio Oliveira)



AS SOLEMNES EXEQUIAS CELEBRADAS NO MARANHÃO PELAS VÍTIMAS DA CATASTROFE DO AQUIDABAM
A ORNAMENTAÇÃO INTERNA DA CATEDRAL

progressiva. Basilio, escrevendo o *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*, rubricou o seu título com a designação d'um *estudo*. O homem que estuda não é um homem que se confunde na *mélée* tumultuosa da batalha das paixões: é alguém que desinteressadamente procura a augusta, a clara, a divina Verdade.

Pois este livro foi perseguido! Fiseram-se busca nas livrarias depositárias, apprehendeu-se um jornal que transcrevera um dos seus trechos. E,— pormenor que demonstra a cobardia latente em todas as arbitrariedades, — Basilio

Telles não foi sujeito ao juizo dos tribunaes. O seu livro era um perigoso frasco de veneno. Pois bem! O envenenador não foi processado!

Que quer isto dizer? Simplesmente que, mais de que o homem, se odeava a sua palavra. Simplesmente que ha uma cousa que mais enraivece os regimens despóticos do que propriamente o braço dos agitadores: é o pensamento dos philosophos. Cortadas as mãos que escrevem e as línguas que bradam, o Existente não se importa que haja corações e cerebros indignados. Morta a repressão do pensamento,

os mutilados podem viver. Repito: o livro de Basilio Telles não é uma obra violenta. Ainda que o fosse, a lei tem sancções para os que, pela injuria ou pela calunia ou pelo grito subversivo, pretendem allucinar as multidões. Mas não tem. Se de vez em quando um amargo desprezo n'elle transparece, esse desprezo é tradusido nas formas nobres que se não compadecem com a linguagem dos pasquins. Bem sei que é, por isso mesmo, formidável. Mas que quem não quer merecer o desprezo das grandes consciencias o não motive com osseus crimes e as suas baixezas.

Dito isto, cumpre accentuar os predicados da bella obra de Basilio Telles. Tomando como ponto de partida para o seu estudo o exame da consciencia portugueza depois da revolta da geração coimbrã de Theophilo e Anthero, e analyzando o problema nacional sob os aspectos dos interesses coloniaes no ultimo quartel do seculo transacto, Basilio Telles filia n'esses acontecimentos as caracteristicas do movimento que se seguiu ao *ultimatum*.

Eram fataes, tanto a insurreição dos espiritos como a derrota da sua manifestação armada, que em 31 de Janeiro accordou a cidade do Porto aos gritos de *Viva a Republica!* Mas a crise persiste: não se perderam totalmente as iniciativas generosas que contra ella reagiram como tambem se não desarmaram as premeditações egoistas que se obstinam em ligar a um throno carunchoso os destinos vitaes d'uma nação. E uma pergunta dolorosa assoma aos labios: «Em que findará isto?»

Com ella principia o livro de Basilio, com ella enciosamente termina.

Ha, n'essa obra, que apesar do incidente que a poz em foco se não converteu n'uma obra de escandalo, porque paira n'uma atmosphera bastante elevada para o consentir, paginas magistraes de observação e previsão. Destacarei entre elles as que se dedicam á refutação da velha senda de que não seria possivel uma república em Portugal, em consequencia dos obstaculos internacionaes. Ponto por ponto, nação por nação, Basilio Telles desfaz a argumentação que serve de base a esse estafado *truec*. Não! A humilhante presumpção só representa uma imbecilidade ou uma astucia. Portugal pode ainda, felizmente, dado que um raio de energia o transfigure, dispôr livremente dos seus destinos.

Em toda a agitação que os factos relativos ao seu livro desencadearam, — há uma nota sympathica: é a serenidade de Basilio Telles. Nem uma só vez veio a imprensa, como lhe poderia suggerir o momento, para implicitamente o aproveitar no sentido de vincar e impor o sua personalidade á attenção das turbas. No isolamento casto e nobre a que se devotou, sereno fez o seu livro, sereno recebeu os golpes que o feriram. Da sua attitude magnanima e austera, extrahe-se a maior lição de dignidade que possa ser dada aos escriptores. Vê-se n'ella o que significa, e a que pontos exalta, o cumprimento do dever. Não é modestia nem orgulho o

que essa attitude interpreta: é isenção consciente e pura. Communicando o seu pensamento ao publico não lhe ligou a vaidade do seu nome. Disse o que pensava, o que sentia. O seu pensamento, o seu sentimento já lhe não pertencem. Diffundidos na grande intelligencia, na grande consciencia anonyma, — são como os grãos de semente que o braço do cultivador arremessa, no «gesto augusto» de que fallam as *Contemplações*, aos sulcos avidos da terra. Se fructificarem, que seja para bem do mundo! O semeador já não pensa n'elles, nem na gloria da sua germinação. Pensa, sim, nos que, no dia seguinte, ha de arremessar a outro ponto da mesma terra, com a mesma serenidade e a mesma placida confiança no Futuro.

MAYER GARCÃO.

Impressões de viagem

(Continuação)



DIA 25. Oitavo dia de viagem!

Correram-me agradavelmente as primeiras horas do dia, não me causando nenhum mal o banho frio que tomei pela manhã. Alguns achavam que este banho seria uma temeridade, podendo prejudicar-me a saude. Dei-lhes, porém ouvidos de mercador. Não sou muito amigo da medicina, ponho quasi sempre á margem os seus preceitos, e devido a isto tenho vivido

muito bem, sem gastar dinheiro com medico e botica.

Sendo o ultimo dia de viagem no Carlos Coelho, chamei a contas o empregado de bordo que talvez deva chamarar-caxeiro do Carlos Gonçalves. Soube então que o Paulo Amaral negou-se peremptoriamente a pagar o vinho que em seu nome pedi para fazer-lhe a manifestação de apreço. Tive de pagal-o; mas declaro desde já que fica sem efecto qualquer referencias lisonjeiras que por ventura lhe tenha feito. E vou escrever ao Antonio Lobo para que as retire das minhas primeiras notas que lhe enviei.

Adquiri importantes conhecimentos sobre a individualidade do falecido Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão, notavel sacerdote e politico que falleceu ha pouco na Bahia, deixando uma vaga na representação maranhense.

Como ja disse, vinha no vapor a familia do Aristides, tambem homem publico e muito estimado entre nós.

D. Eufrosina, sua sogra, era a irmã mais ve-



ASPECTO EXTERIOR DA CATHEDRAL (phot. C. Cunha)

lha do falecido sacerdote e, por isso, bem no caso de saber onde elle nasceu.

Um primo do padre, cearense, e creio que residente na Fortaleza, combatendo a opinião da imprensa carioca, que o dava natural do Maranhão, afirmou ter elle nascido no sitio Buracos, no município do Ipú.

Ficou esta sendo a opinião corrente. O Ceará ficou com a gloria de servir-lhe de berço.

Engano manifesto.

Disse-me a sogra do Aristides que entre os irmãos, apenas ella nascera no sitio ou fazenda Buraco, no Ipú, e que Monsenhor Mourão nascera na fazenda Gruta, município de Príncipe Imperial, da então província do Piauhy, onde lhe nasceram dois outros irmãos. Os tres mais moços nasceram em Passagem Franca, neste Estado.

Explicou-me mais a veneranda senhora a razão porque seu irmão dizia ter aqui nascido. Precisando elle fazer prova de idade, que não tinha, aconselhou-lhe um advogado que a fizesse por meio de justificação de que se encarregou; declarando as testemunhas que elle nascera em Passagem Franca.

Com efeito, elle me pareceu um tanto contrafeito uma vez que lhe perguntei qual o seu Estado natal. Não se sentia bem negando-o, mas se sentia peior contestando um documento que, por necessidade de homem publico, teve de exhibir.

De resto, não era desairoso dizer-se elle maranhense, que o era de coração, pois veio

muito creançá para este Estado e a elle tudo devia.

Mas, isto não é motivo para que deixemos de restaurar a verdade,—missão que não compete somente ao historiador, mas a todos que escrevem.

O meio dia correu-me desagradavelmente devido ao asfixiante calor que fazia.

Associei-me aos atiradores para esparecer e dei bons e certeiros tiros.

Só ao escurecer desprezamos as armas, com pesar de não mais poder manejá-las. Eramos uns verdadeiros japonezes, e tínhamos como russos os jacarés e camaleões, que, se não caíam na arena do combate, é porque fugiam á nossa presença.

Substituimos então a caçada pelas historias do Othon Franco de Sá, inteligente e espirituoso companheiro que, como o Salô da machina photographica e o bom e ingenuo Othon Braga, vai ao interior do Estado inspecionar collectorias.

Depois das 8 horas da noite começou o vapor a dar apitos, anunciando sua chegada ao nosso muito desejado porto de Caxias. Todos nos sentimos de alma nova.

Passadas as 9 horas, chegamos finalmente. Antes do vapor aportar, notamos esquisito movimento. Foguetes estrugiam no ar e duas afinadas bandas de musica tocavam excellentes peças.

Indagando, soube que alguns bons caxien-

ses moviam aquelle alegrão, em signal de apreço á minha humilhação de pessoa.

Mas, perguntava de mim para mim mesmo, o que fiz a esta boa gente para merecer tão festiva recepção? Imaginei que, embora à medida de minhas pequenas forças e, como o permite a minha posição, já tenha dispensado alguns esforços pelo bem comum; e só isto repercutindo n'aqueles corações generosos, podia justificar tanto apparato. Festejava-se de facto a minha chegada à rainha deste serião.

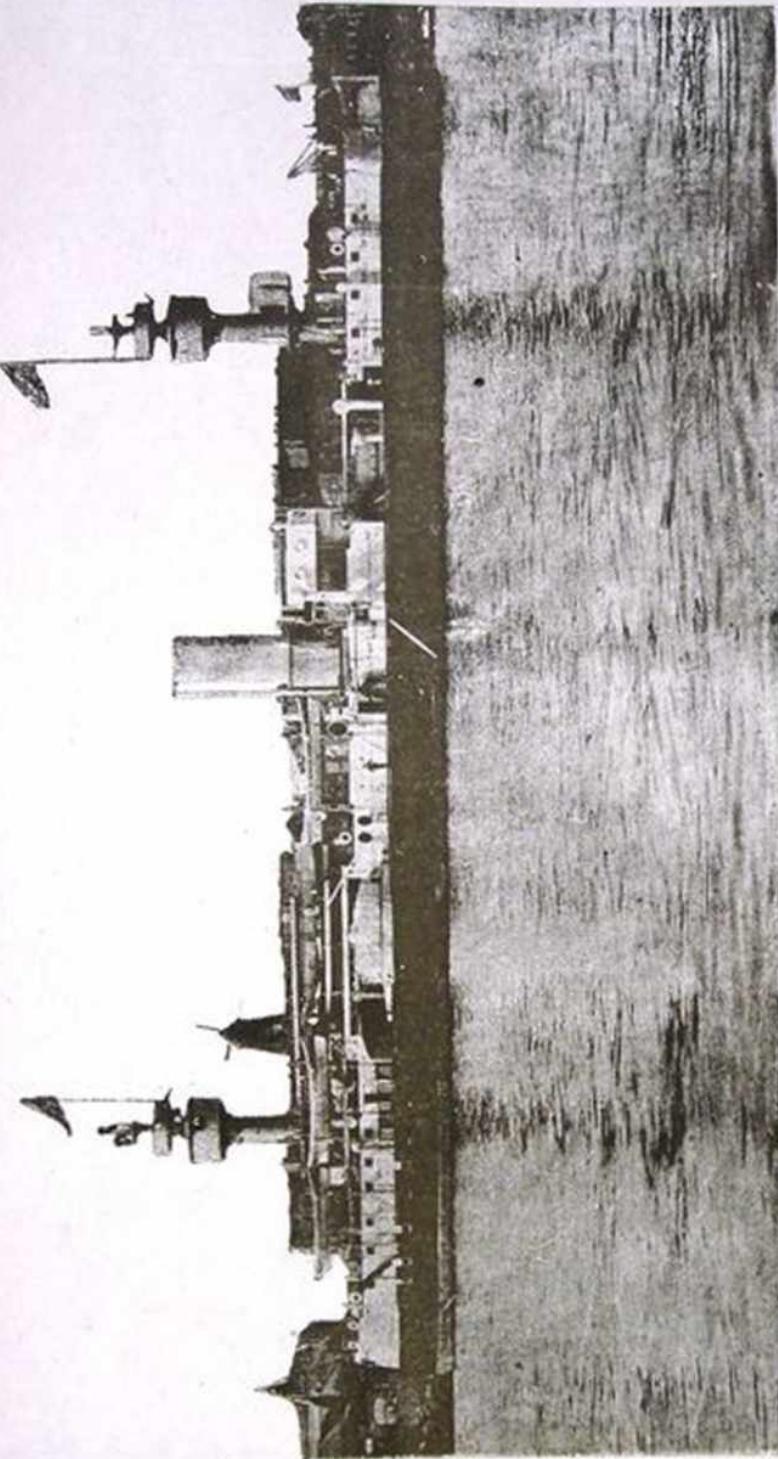
Abracados os amigos, segui com elles para uma das casas do Coronel Leoncio Machado, pois, devo dizer que entre o coração bondoso do velho Leoncio e a alma spartana do Leoncio Filho, me sinto feliz e satisfeito. Com elles, a quem me prendem velhas relações de família, me hospedei.

(Continua)

Bordo do vapor «Carlos Coelho», município de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.

A catástrofe do «AQUIDABAN»



MARINHA DE GUERRA BRAZILEIRA — o «AQUIDABAN»

vítimas desse tremendo desastre, inserindo na sua parte artística do presente numero as gravuras referentes ao triste facto.

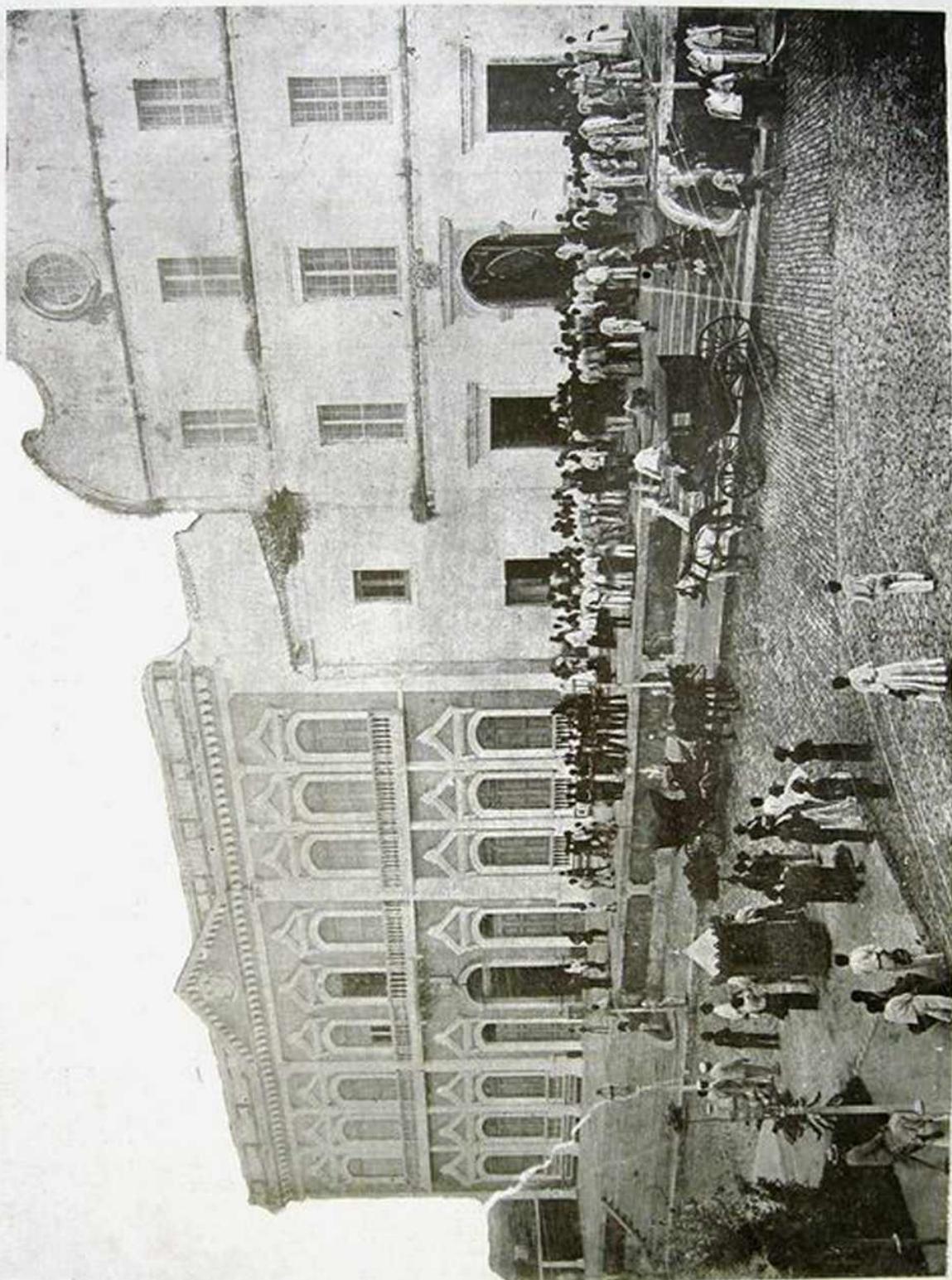
Uma delas é a do vaso submerso, e as outras reproduzem alguns aspectos das exequias solenes que os officiaes de mar residentes nesta capital, fizeram celebrar em memoria dos seus companheiros desaparecidos.

Foi um acto imponente esse, assistido por todo o nosso mundo oficial, pela élite da nossa sociedade e por grande massa popular.

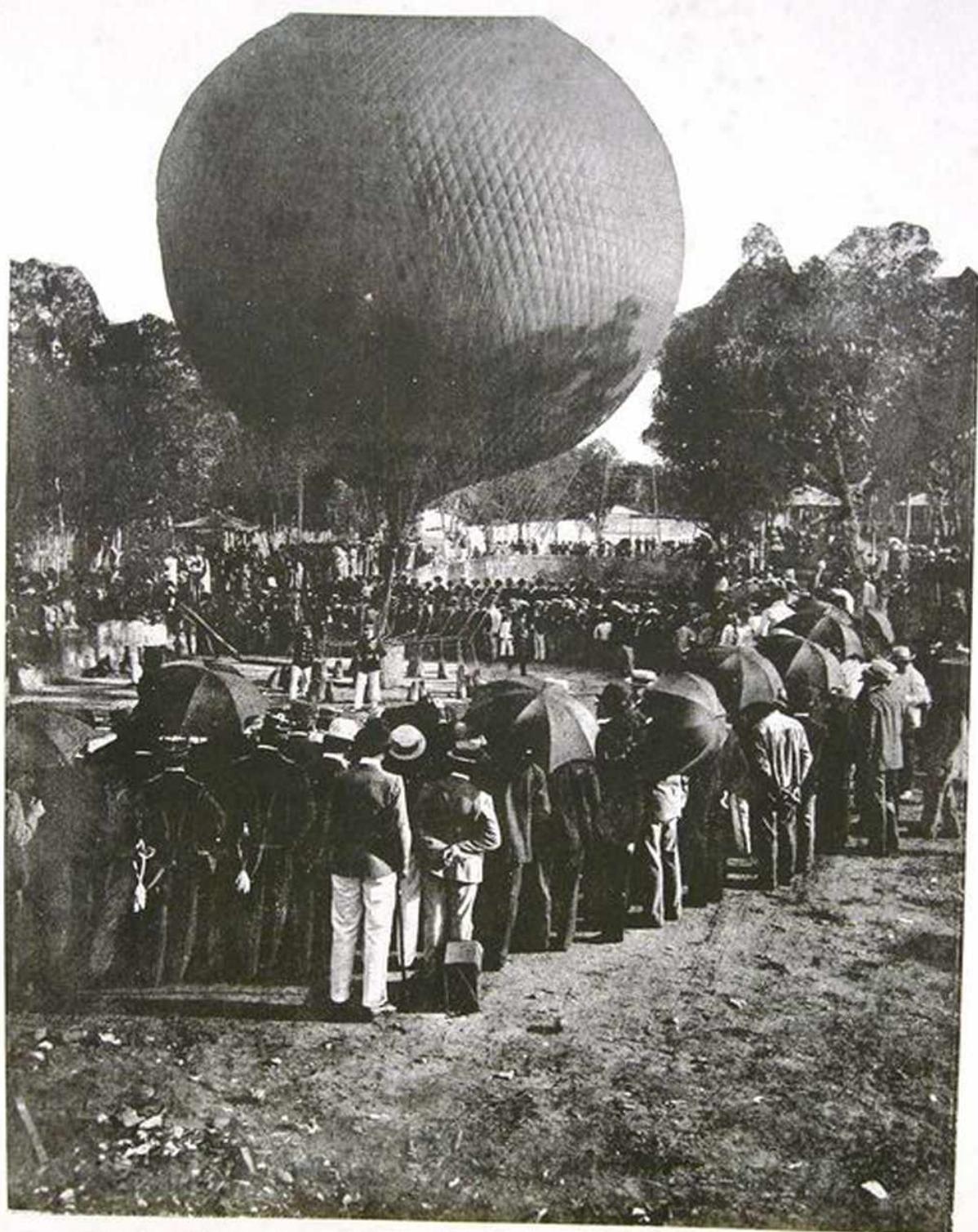
Os maranhenses souberam condignamente demonstrar e seu pesar profundo pela irrepável perda sofrida pela nação, venerando a memória dos martyres que uma fatalidade sem nome feriu imprevista, quando desempenhavam o seu dever.

A memoria dos bravos e inditos marinheiros perdurará para sempre no espírito dos brasileiros, cercada de uma aureola de saudade e de respeito.

A REVISTA DO NORTE, associando-se á dor nacional causada pela catástrofe do *Aquidaban*, rende homenagem aos valentes marinheiros,



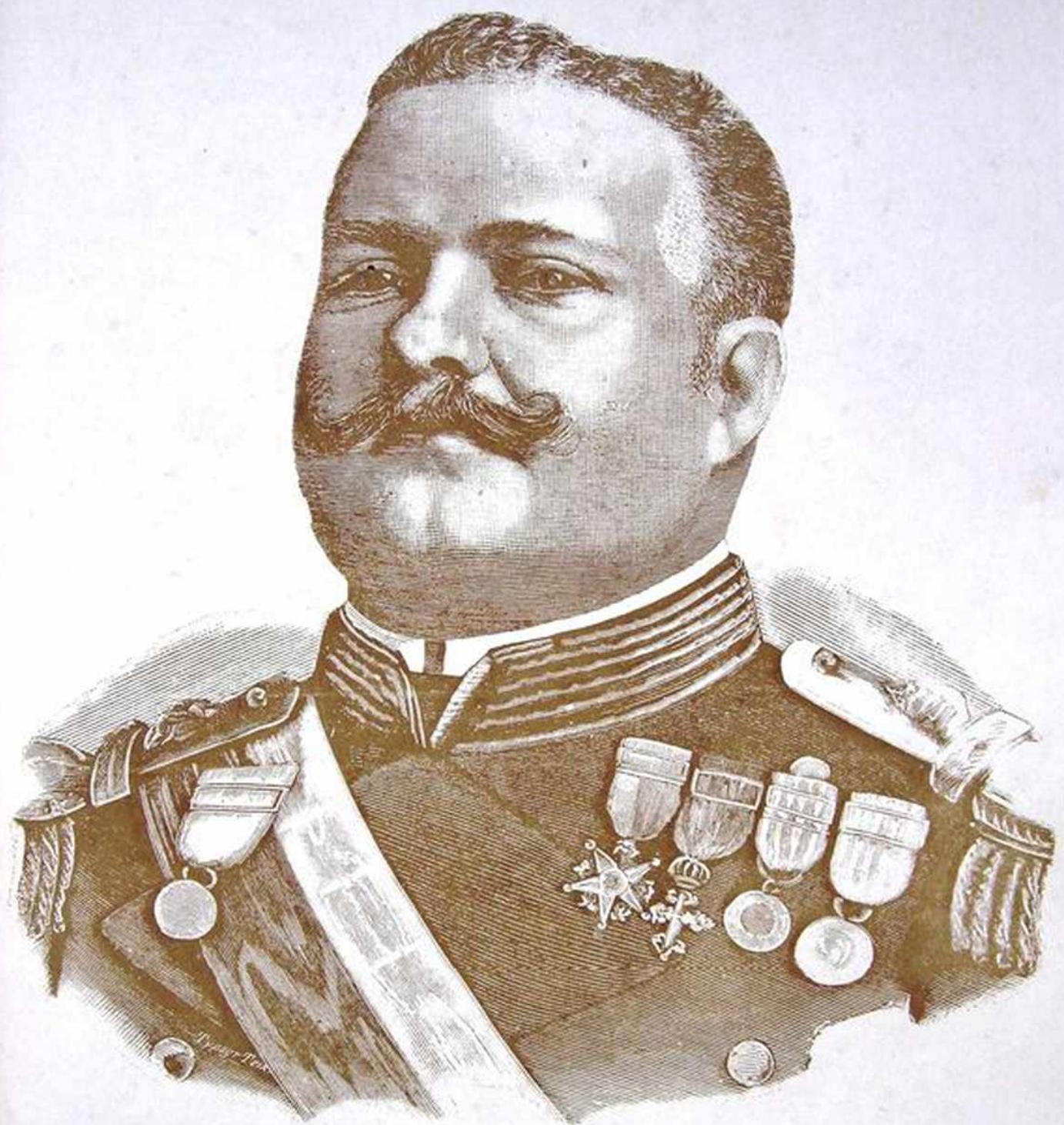
ASPECTO EXTERIOR DA CATHEDRAL (phot. G. Cunha)



BELEM-PABÁ—ASCENÇÃO D'«O NACIONAL»—AERONAUTA FERRAMENTA—ASSOC. D. RECREATIVA E BENEFICENTE (Photographo Oliveira)



A MODA DA REVISTA



D. Carlos, Rei de Portugal

A REDISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 7

Março de 1966



O MEZ

OS TRES VISO-REIS

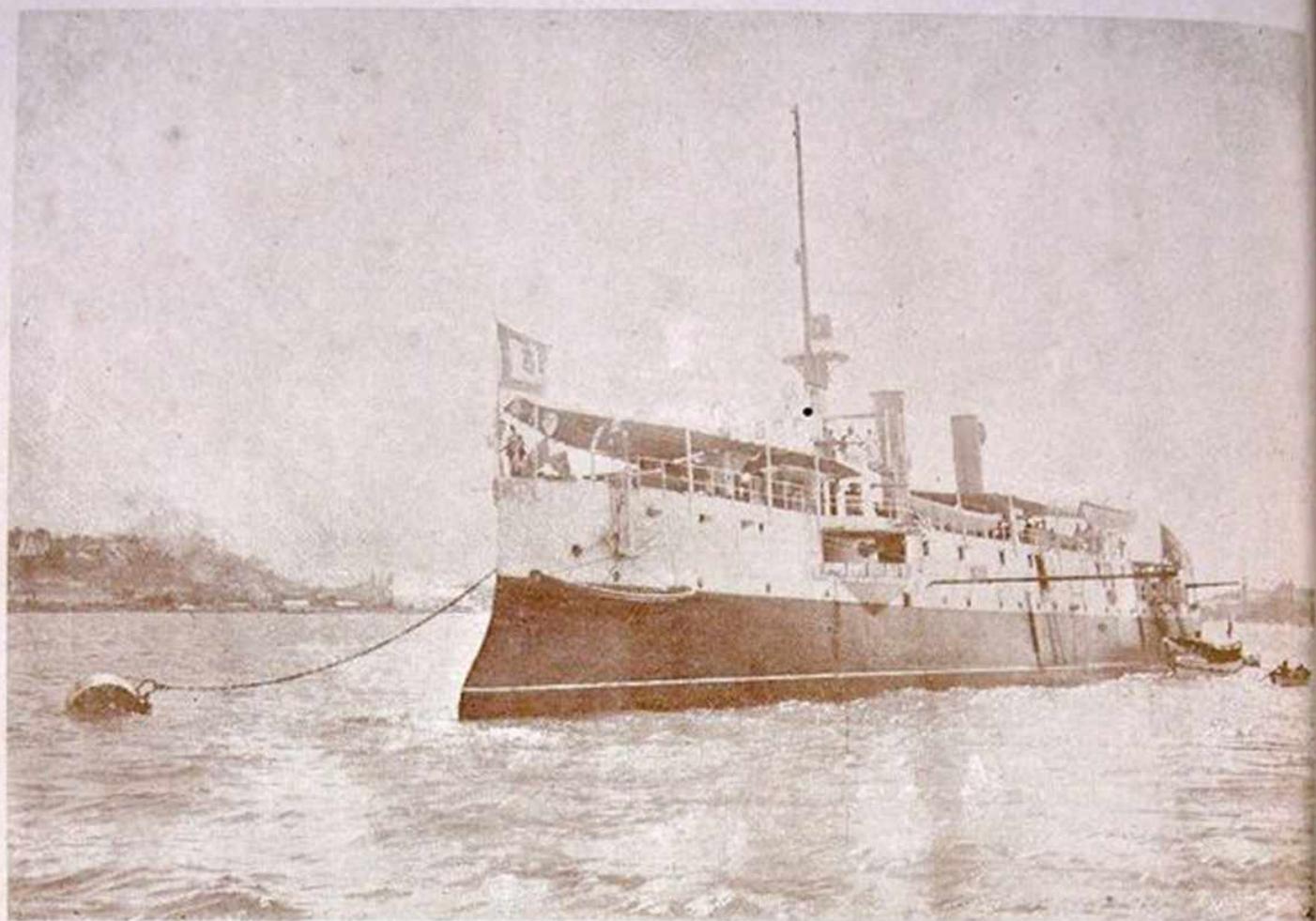
Neste periodo heroico da vida de Portugal, que vai do seculo XVI.^e à segunda metade do XVII.^e, fulgem tres nomes gloriosos que encarnam as mais bellas virtudes civicas e os mais nobres ideaes humanos.

O primeiro é o d'essa figura mascula de D. Francisco de Almeida, o primeiro vice-rei da India, que reune á valentia lendaria do soldado a sobria e habil virtude do estadista. No seu espirito lucido, amadurecido pela experientia e educado pela observação, surgiu logo a idea de que o dever primacial da monarchia lusa, para garantir as suas gloriosas conquistas no Oriente, era solidificar-se no mar, para depois apropriar-se da terra. Cuidemos em dar cabo destas gentes novas, dizia elle numa carta a D. Manoel, referindo-se aos arabes, ethiopes e turcomanos, e depois estenderemos por maior longe o dominio. Asseguremos para nós a posse do nosso mar, pela força das nossas esquadras e só assim será duradouro e real o nosso dominio na India.

Não lhe escapavam as dificuldades da empresa e os imensos e quasi insuperaveis embaraços que á realização dos seus planos se oppunham, mas o ardor do seu patriotismo e a rijeza ferrea da sua coragem davam-lhe forças para caminhar desassombrado. O seu governo não andou revestido dos europeis brilhantes das administrações espectaculosas, não buscou aparelhar-se da estadeação vaidosa de altos planos; foi comedido e energico, modesto e tenaz.

As suas victorias foram sangrentas, mas decisivas.

A frota que o sultão do Egypto, de parceria com o rajah de Calicut, aparelhou para roubar a Portugal o rendoso e lucrativo commercio das Indias, foi totalmente derrotada pelos navios do rei fidelissimo, e do chapiteu da sua náu, o almirante impavido, calando a dor intima que lhe causara a morte do filho, encorajava os seus homens, mostrando lhes o immenso alcance da victoria que lhe vinha cobrir de louros o pavi-



A «PATRIA» FUNDEADA NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO

lhão. E como se o destino, em paga da sua bravura, lhe quizesse poupar as humilhações, veio a morte colhe-lo no sua derrota de volta para o reino, libertando-o assim da masmorra e as intrigas perfidas dos invejosos lhe haviam preparado na corte.

O segundo nome é o de Affonso de Albuquerque, o *Marte portuguez*, o verdadeiro fundador do domínio portuguez na India. Se o primeiro foi um grande estadista, este foi um guerreiro audaz, da tempora desses conquistadores lendários, ousados como o leão nos campos de peleja, mansos como a pomba no recesso da família. A tomada de Ormuz é o canto mais brilhante da vasta epopeia da sua vida. «Eis ahí, disse elle mostrando sabres e granadas aos embaixadores do rei da Persia que vinham, em nome do seu soberano, exigir-lhe tributo, eis ahí a moedas dos tributos que costuma pagar o meu amo.» Phrase nobre e forte que bem pinta a al-tiva coragem d'aquelle espirito de heroé.

O terceiro nome, finalmente, é o de D. João de Castro, immortalizado pela candida fidalguia do seu carácter, pela sua pericia de navegador

e de guerreiro e pela invejável vastidão do seu saber. Asceta e místico, toda a sua vida é um delicioso poema de docura e de mansidão. A sua munificencia rara enriqueceu todos os que com elle trabalharam, reservando para si a pobreza. Quando a morte o colheu entre os braços de S. Francisco Xavier foi com um sorriso que se despediu da vida onde a sua alma boa só espargira benefícios.

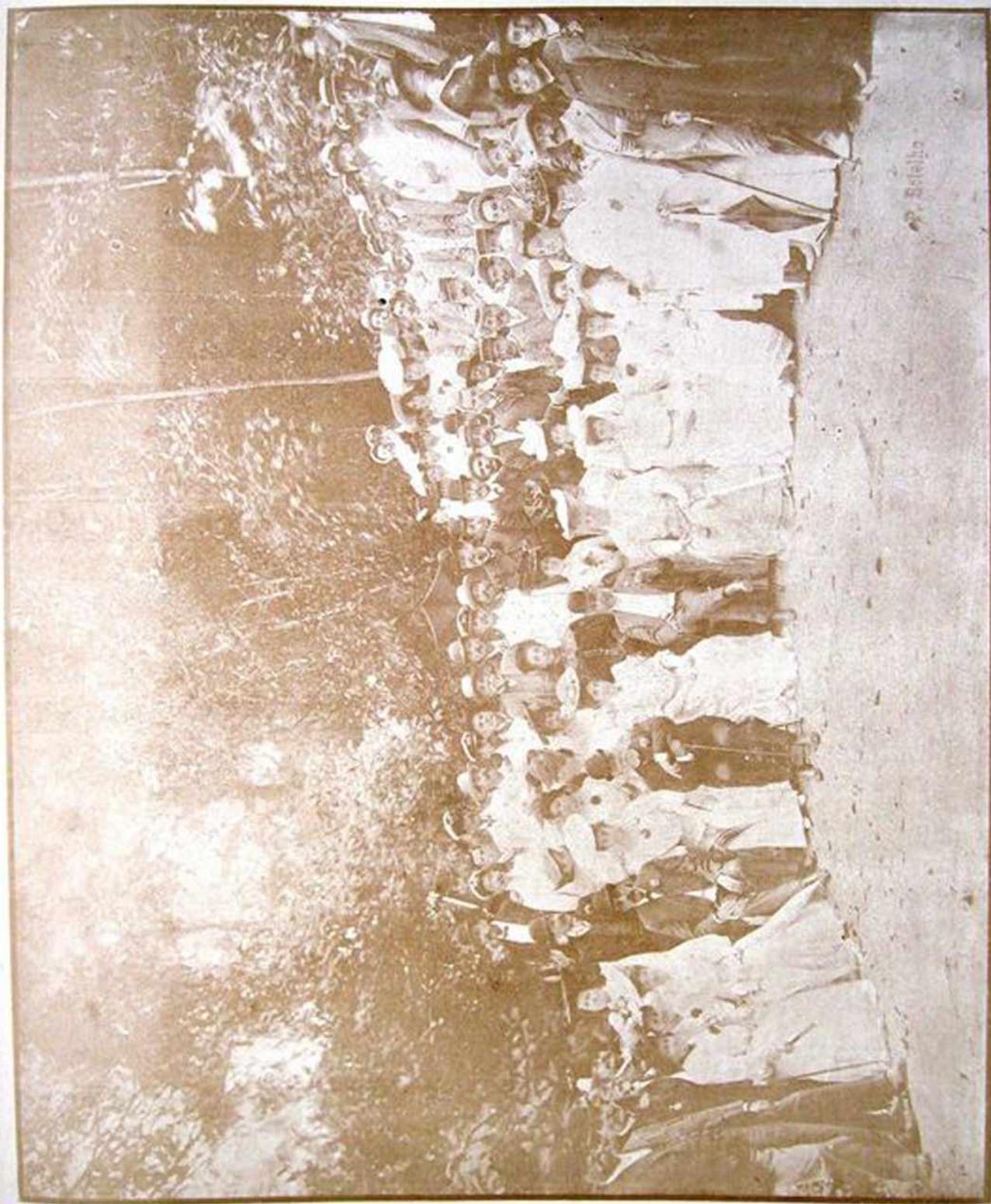
Seja a evocação d'esses tres nomes gloriosos a melhor das saudações que enviamos aos marinheiros do PATRIA, ao pisarem terras maranhenses.

J. SEIXAS.

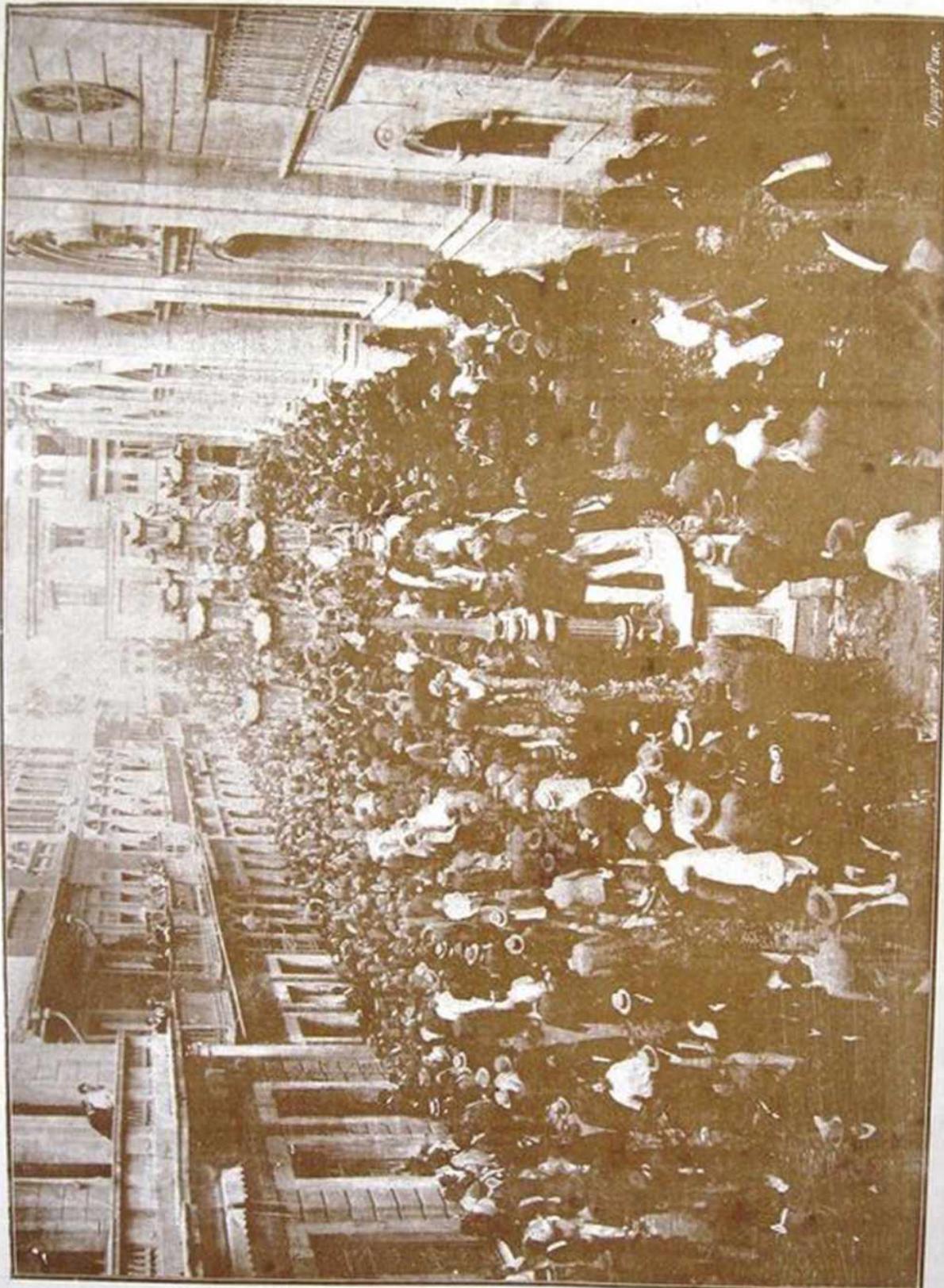
— — —

O homem que uma vez comprehendeu o que é o estudo e o methodo ou direcção científica, nunca mais pode voltar atrás a gartar tempo com devaneios sentimentaes, a transigir com a imaginação, a tomar imagens metaphisicas por ideias.

TH. BRAGA.

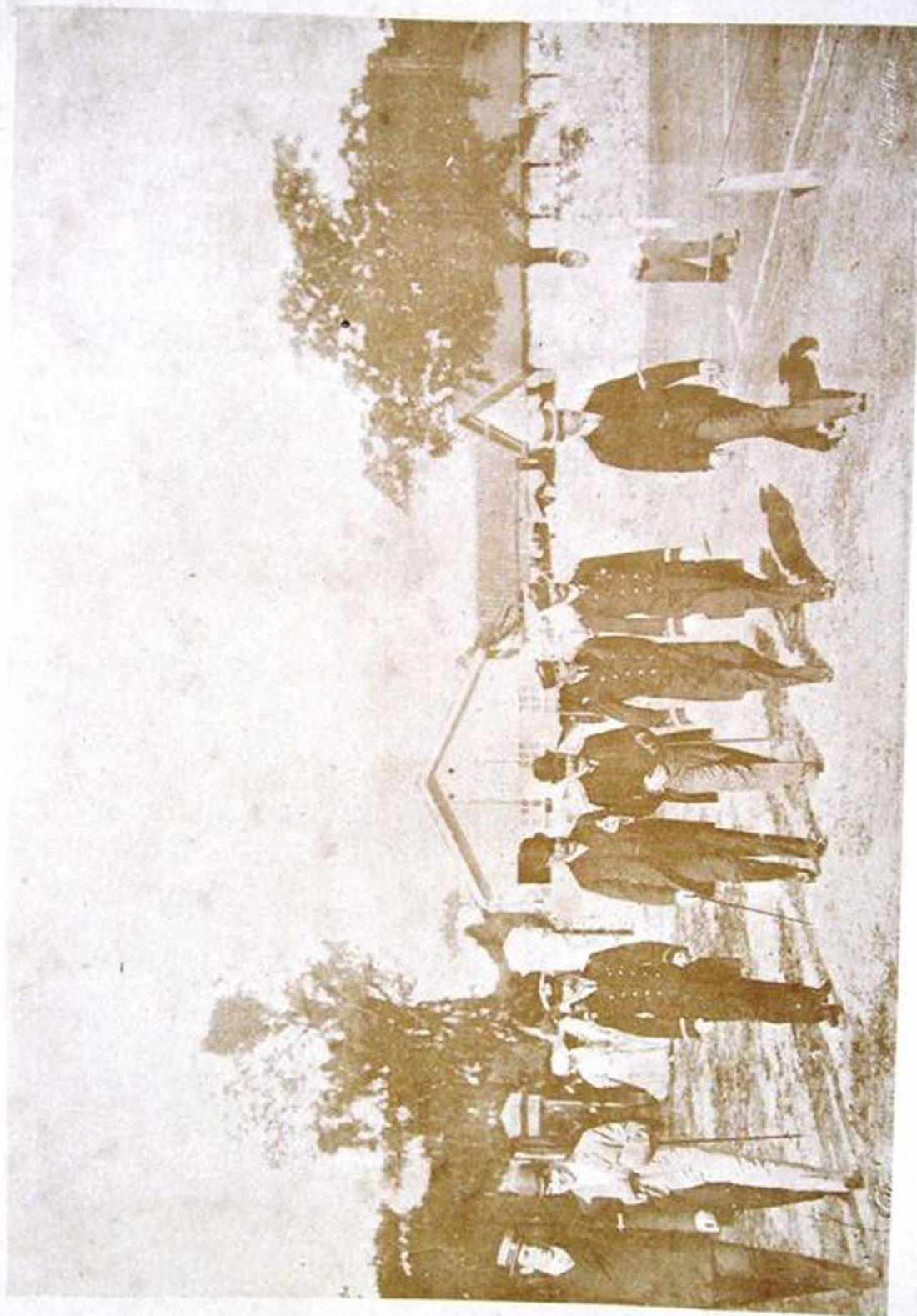


A «PÁTRIA» NO RIO DE JANEIRO—PICNIC NAS PAINELAS (CORCOVADO)



A «PÁTRIA» NO RIO DE JANEIRO—TEDEUM NA IGREJA DA CANDELARIA





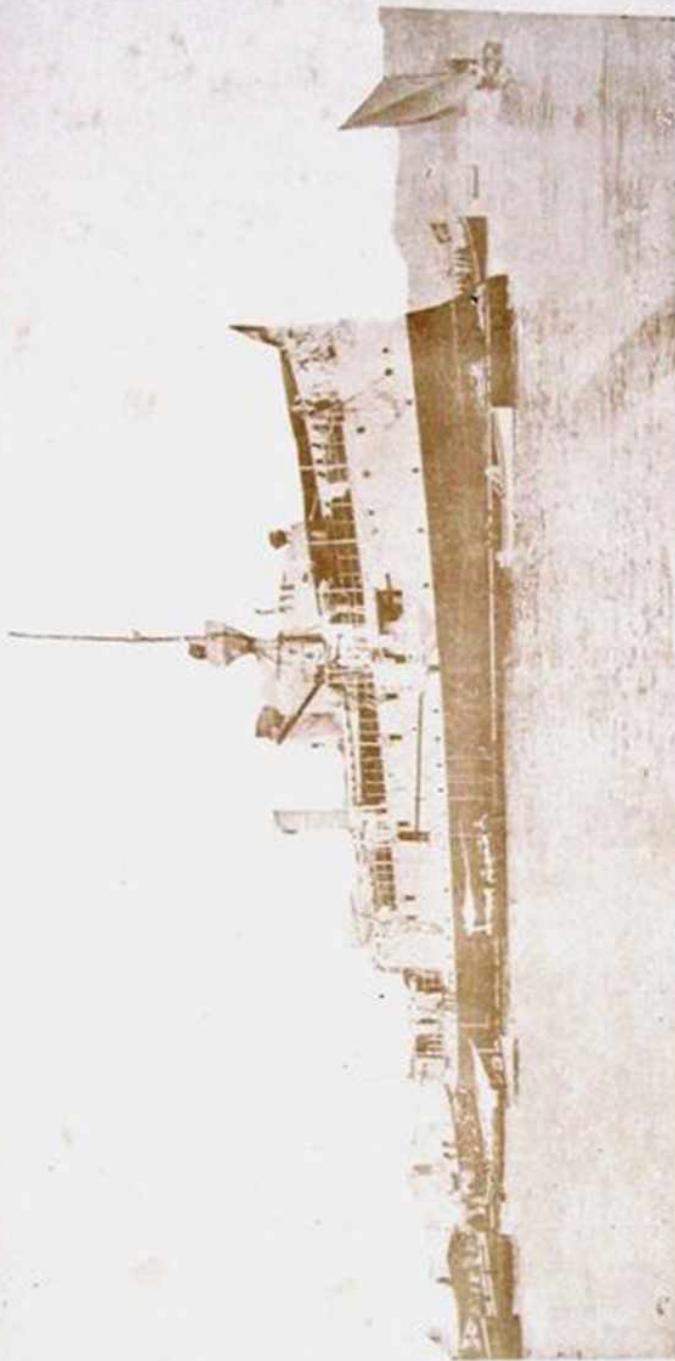
A «PATRIA» NO RIO DE JANEIRO—CORRIDA NO JOCKEY CLUB.



A «PÁTRIA» NO RIO



DE JANEIRO — CORRIDAS NO FOOT BALL.



A CHEGADA DA «ATHUA» AO RIO DE JANEIRO

Patria

Singrando o pantufo revolto das vagas azuis-torqui ali vem, mar a fora, vexillum de paz e concordia, desdobrado nos esguios mastreos, a elegante canhoneira «Patria» abraçar os filhos da velha lusitania que longe estão da terra amada.

E ella vai, ouvinho o tamborilhar suave das ondas arqueadas e plumbeas que vão quebrar-se de encontro à quilha aliva, desfazendo-se, sob o velário constellado das nossas noites entuadas, em alvíssimos e labirintais lençóis de espuma.

A «Patria» ali vem dominarosa, descrevendo tortuosas curvas de requintada saudade de irmãos, de pais, de filhos, que lá ficaram a acenar nervosamente, dizendo tremulas e agitadas lembranças áquelas que longe estão da terra querida.

E a visita de coroçac à coração.—é a Patria que ali vem cheia

de sentimento afectivo, de carinho, de saudades estreitar os filhos dilectos n'um amplexo fraternal de amor.

A alma portugueza também espera, na terra de Gonçalves Dias, o pedaço da sua pátria que é essa nau que ali vem cheia da mais indizível das alegrias, dessa alegria que recorda sentimentos de cante e fúgida saudade da pátria, saudade muda e indefinível, que nada exprime, mas que tortura, que não grita, mas que sufoca.

Manhãs claras de Março, sol vivo de luz, festejai essa flambulha que ali vem agitando-se nervosamente sobre os esguios mastreos da «Patria» que fluctua no linho alvíssimo de Halicarnasso que é esse estendal inegualável de brancura architetado pela grena volta das cradas, ora sentidas como uma elegia, ora rendosas e festivais como um hymnário de alegria.

Que bellissima peregrinação é essa itinerada pelo sentimento do amor, da saudade a procurar, em terra estranha, corações que tenham o mesmo palpitar, almas que sintam a mesma saudade!

E a «Patria», ali vem, veloz e invencível, rasgando o estreito

branco e luzidio das nossas aguas, lançando ao espaço, de instante a instante, densos blocos de fumo que partem aligeros das chaminés e vão lentamente espiralando-se pelo azul infinito n'uma dança infernal de serpentinas.

Esperemol-a de braços abertos!

Ditosos filhos que longe da patria vão sentir palpitante o coração da propria Patria que é essa nau que ahi vem baloiçando-se garbosamente sobre o torvelinho encrespado das nossas ondas!

HERMILIO PEREIRA

(*Da Oficina dos Novos*)

PORTUGAL



Portugal é, sem duvida, a unica nação do Mundo antigo que na balança do progresso pesa mais sacrifícios que proveitos.

Povo pequeno e arrojado, deitando as vistas sempre para fora do proprio continente, evitando quanto possível a guerra contra nações civilisadas, fez «mais do que promettia a força humana», fez tanto que por pouco não pudera se ter com os proprios feitos e viu-se de repente a braços, em dificuldades, com uma enorme tarefa que se propôz realizar perante os seus coévos, tarefa para a qual tudo lhe era contrario e principalmente os dois grandes factores de successo em semelhante empreza: a riqueza publica, que não a tinha para gigantescos emprehendimentos; depois, a população, diminuta que era para provar tão immensos dominios e espalhar o sangue dos gloriosos aventureiros pelas civilisações que assim se preparavam. As colónias se desenvolveriam com os proprios recursos do solo despovoado e inculto. Elles, os portuguezes, dedicavam-lhes o arrojo com que sempre triumpharam, era tudo quanto lhes podiam dedicar. Tinham dificuldade em apparelhar as proprias frotas com que atravessavam o Atlântico; outros dominios em regiões diversos e distantes mereciam-lhes atenção; mesmo os vizinhos mais poderosos e aguerridos já não occultavam a cubiça que os dominava; ao lado desses estorvos, o maior de todos, a carencia de gente, numerosa e disposta, para domar o gentio e firmar, ao menos ethnicamente, a preponderancia lusitana nas terras descobertas. Pezar de taes empregos, pezart também da cupidez insensata de outras nações civilisadas, enquanto estas se guerreavam mutuamente como bons filhos que eram dos barbaros que atassalharam Roma, Portugal, vencendo a propria fraqueza, sem sonhar com *mare clausum*, nem com o reino onde o sol não se escondeu nunca, avançava a passos certos, desbravava regiões selvagens, lançava o germen do progresso em outros mundos, confundia raças, difundia a civilisação; cumpria, enfim maravi-

lhosamente a pezada obrigação que assumira perante o futuro.

Entretanto, estava escripto que seria a nação que menos aproveitaria desse labor de séculos. Perto de si, outras nações tinham em grande conta, em melhor conta o *para bellum*; tornaram-se fortes, com população densa e industria desenvolvida; cresceram, progrediram dentro do proprio territorio e então só lhes restava... concluir a tarefa prodigiosa dos *varões assignados*. Portugal lutou; porém, apenas pôde contemplar a sua grande obra.

O Brazil—predilecto—ajudou-o na medida de suas forças ja augmentadas pelo prestígio do patriotismo latente que mandava repellir qualquer novo domínio: expulsou os franceses e os hollandezes; odiou o poder dos Filipes, acompanhando na desgraça a metrópole; empregou finalmente todos os esforços para conservar nessa immensa porção americana, os vestígios já hoje inapagáveis da immorredoura raça que melhor representa e guarda, senão em tudo, ao menos na linguagem, as tradições glorioas dos latinos.

Roma para sobreviver aos barbaros, legou-nos de seu riquissimo diadema, o Código Civil e os monumentos.

Portugal ha muito já que se fez para a imortalidade com a Historia de seus feitos—os Lusiadas, e o maior de seus feitos—o Brazil.

O arquivo da Historia não precisa de documentos mais preciosos para registrar a grande dívida da Civilização para com a Patria de Camões e de Cabral.

B. VASCONCELLOS.

SONETO

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Reposa lá no céu eternamente
E viva eu cá sem ti p'ra sempre triste . . .

Se lá no assento ethereo onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esquecas d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste . . .

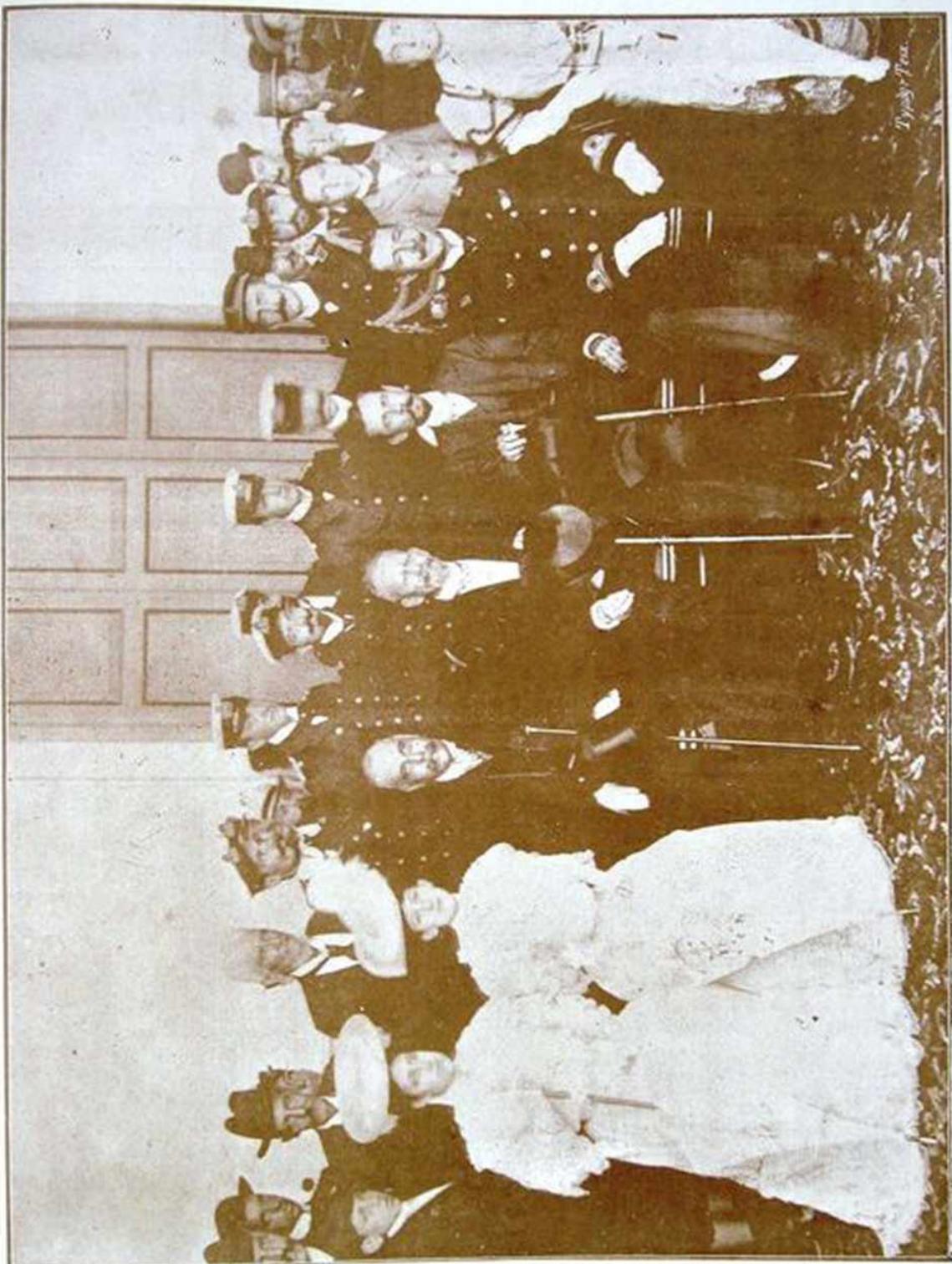
E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da magua sem remedio de perder-te,

Roga a Deus que teus dias encurtou
Que tão cedo me leve d'esta a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te roubou.

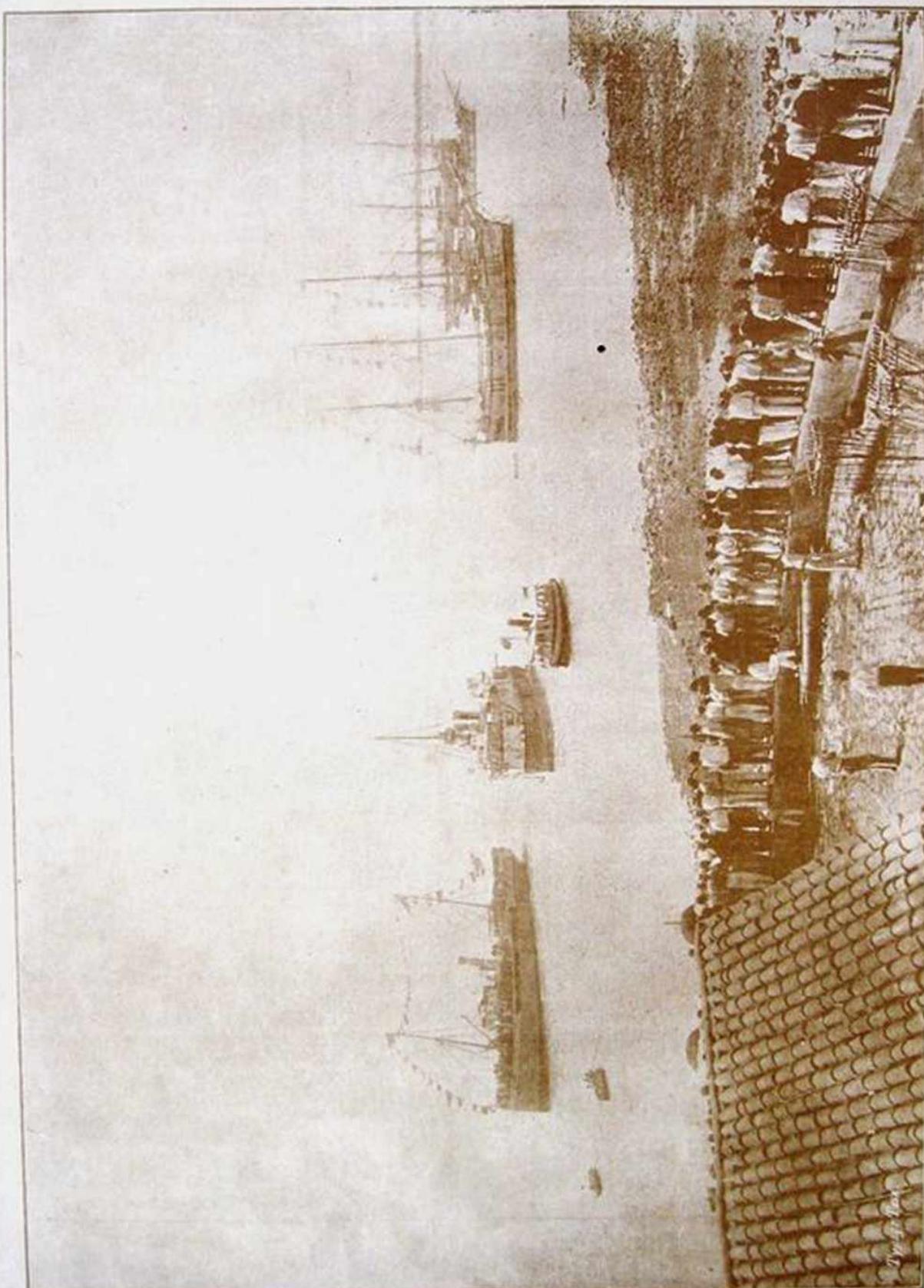
LUIZ DE CAMÕES.

Só a sciencia é que nos pode livrar da credulidade e do sceptismo.

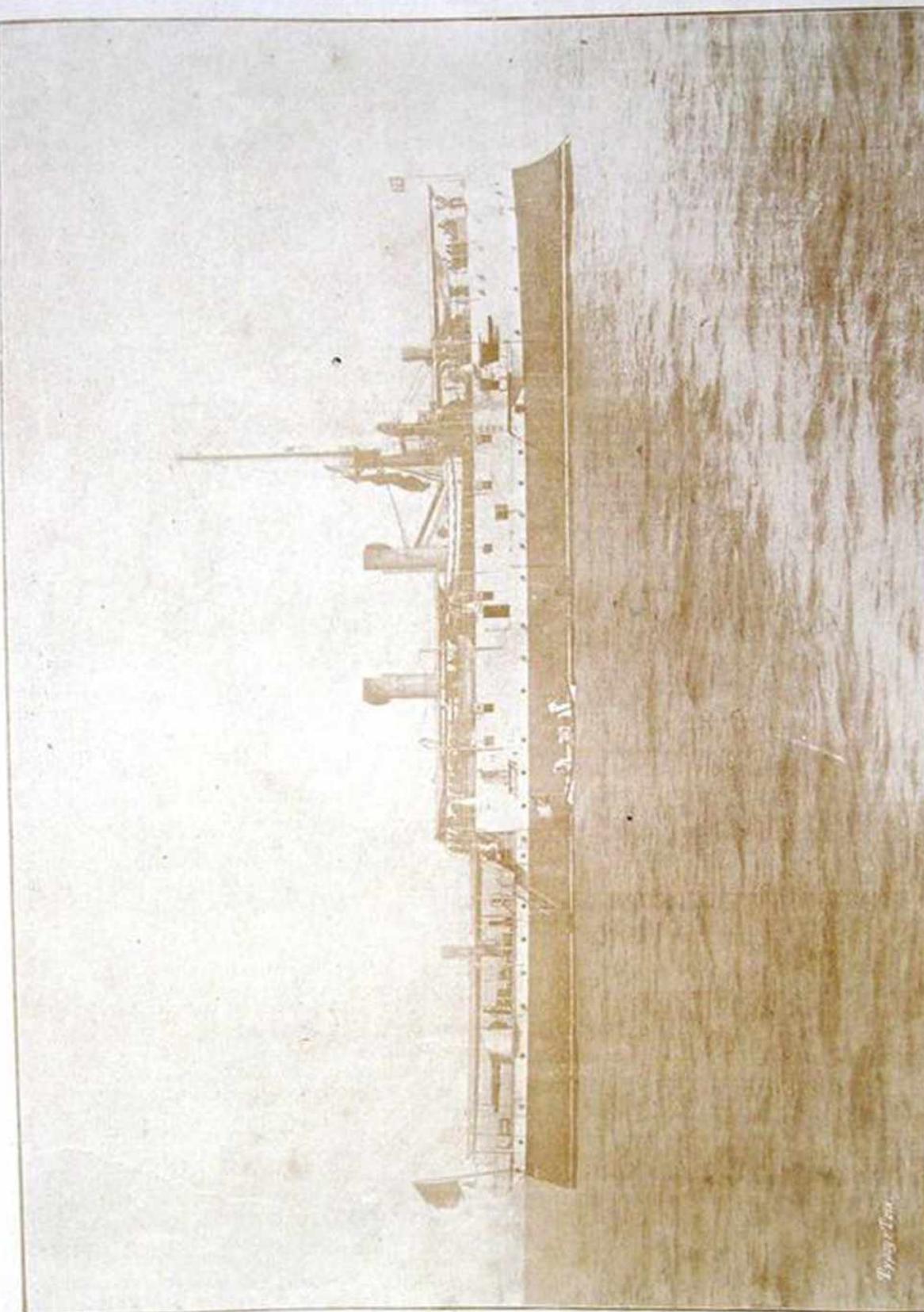
PAUL BERT.



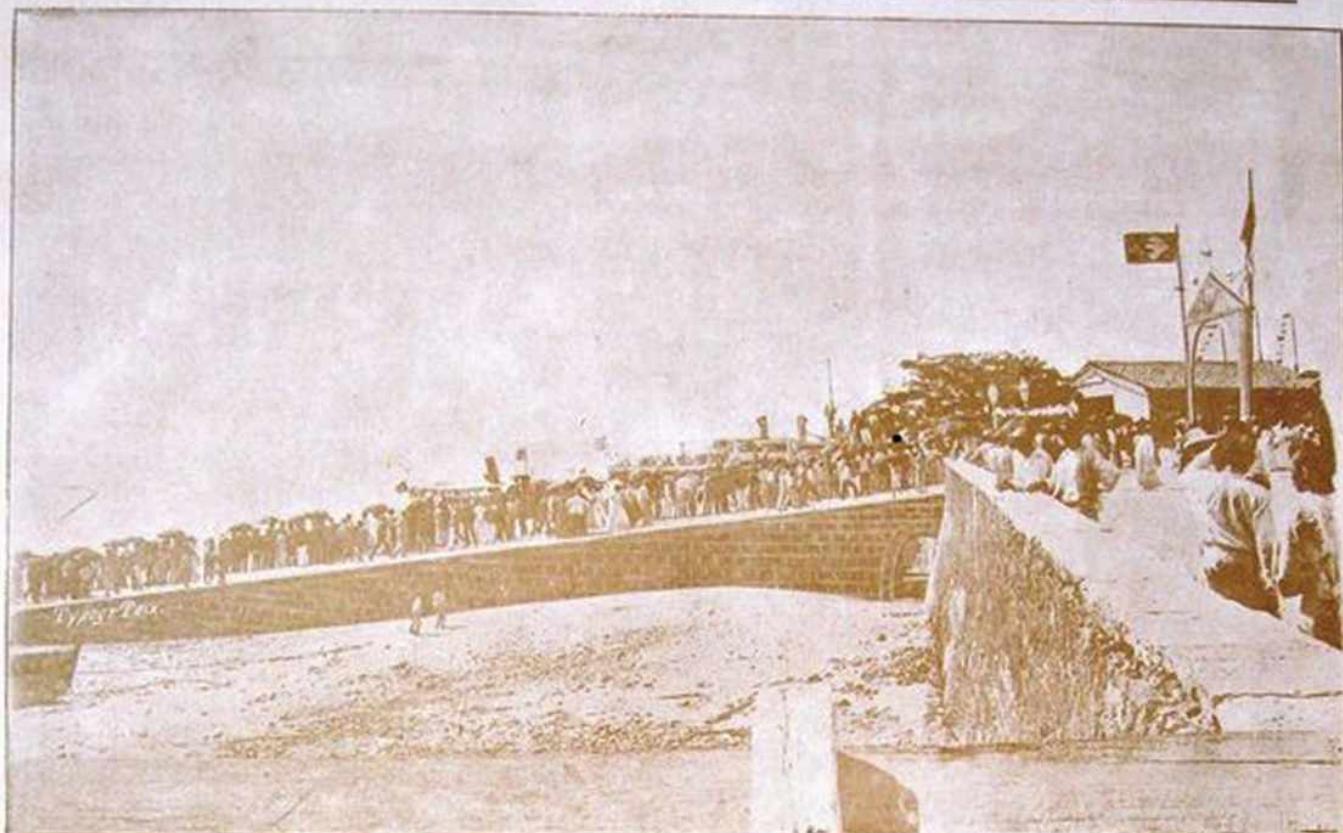
A «PÁTRIA» NO RIO DE JANEIRO—CORRIDAS NO JOCKEY CLUB



MAFANHAO—A CHEGADA DA «PATRULA» (Photograph Costa Sobrinho)



MARANHÃO—A "PATRIAS" FUNDEADA DEFROTE DA RAMPA DE PALACIO (Photograph Costa Sobrinho)



MARANHÃO—O PRIMEIRO DESEMBARQUE DOS OFFICIAES DA «PATRIA» (Photo-amador J. Bacellar)

ODE A PORTUGAL

Recitada pelo autor na Biblioteca Pública, por ocasião da visita dos officiaes da canhoneira «PATRIA»

Portugal glorioso,
Velho titan de barbas luminosas
No sereno repouso
Das formidaveis luctas assombrosas,
Do formidavel batalhador honroso !
O grande heroé no bem encanecido,
Hoje que para nós moves teus passos,
Vem o povo sandar-te, commovido,
E ao contemplar-te, ó cyclope querido,
Todos abrem-te os braços !
Todos ! E ao ver-te o venerando aspetto
E ao escutar a pulsação valente
Do nobre coração resplandecente
Que brilha no teu peito,
Toda a nossa alma jubilosa sente,
Vê jubiloso o nosso olhar amigo,
Nas alegrias limpidas dest' hora,
Que ésinda o mesmo Portugal antigo,
Que ésinda o mesmo Portugal de outr' ora,
Com o mesmo grande povo altivo e terno,
Que é cordeiro e leão de garra adunca,
Tendo nos olhos o fulgor eterno
Dos que não morrem nunca.

Regio condor—no caminho alcandorado
Em pleno coração da imensidão,
Tu repousas das luctas do passado,
Cheio de majestade.
Repousas, mas de ouvido attento, à escuta,
Na tua glória que jamais se abate,
Promplo a voar, sereno, para a lucta,
Para qualquer combate.
E ao resoar o desejado instante
Pegando a espada, ó velho Deus do Mar,
A espada da Luz, altivo, diante,
Diante dos povos te verão marchar.

Este formoso povo que te acclama
E à sombra augusta do Cruseiro cresce,
Este povo que te ama
E que nunca te esquece;
Que ri contigo e que comtigo chora,
No sorriso ou na lagrima fatal,
Sente-se cheio duma luz sonora,
Sente-se alegre ao murmurar agora
O teu nome immortal !
Porque além da affeção com que concorres
Para estreitar-nos em cadeias santas,
Nas nossas veias, Portugal, tu corres,
Nos nossos peitos, Portugal, tu cantas !
Eis porque toda a gente brasileira
Empunhando trofeus, flores e ramos,
Vem oscular-te essa immortal bandeira
Que nós todos amamos ;



MARANHÃO—O COMMANDANTE E OFICIAIS DA «PÁTRIA» NA AVENIDA MARANHENSE (Photograph da Revista C. G. Cunha)

Vem oscular-te o pavilhão lusente,
Onde tu' alma invicta se encerra,
O pavilhão que viu primeiramente
Este sol rubro e ardente
E este formoso céu de nossa terra.
Quando dos ramos verdes o fitaram,
Quando nas nevoas do horizonte o viram,
Todos os nossos passaros cantaram,
Todos os nossos roseiraes sorriram!
Reunindo-se, unisonos, em bando,
Em sonorosos pelotões, cantando
Cheios os bicos de milhões de rosas,
Os nossos passarinhos multicores
Foram saudar as tuas náus glorioas
Com diluvios de flores.

E hoje que, como outr' ora, em nossos peitos
As mesmas fortes affeções se geram,
Vimos todos em bandos, satisfeitos,
Rendendo te mil preitos,
Fazer os que os passaros fizeram.
Vimos em bandos, esquecendo magnas,
Cobrir de flores o real navio
Que se balança herculeo sobre as aguas
Do nosso mar bravio.
Aqui está, o Portugal amado,
O Maranhão inteiro ajoelhado,
Nos santos gosos que esta festa expande,
A oscular, no jubilo em que o vés,
A bandeira dum povo sempre grande,
—O povo portuguez.

CORRÉA D'ARAUJO.

PENSAMENTOS

Se tivessemos a coragem de formular claramente o que confusamente sentimos, descobri-riam que, além de certos limites, o sacrificio proprio é um mal para todo mundo—para aqueles em favor do qual se realiza como também para os que o realizam.

H. SPENCER.

Uma recordação só é verdadeira quando representa exactamente, para a nossa consciencia, os fatos que determinaram no nosso cerebro a disposição particular de que provém depois a recordação.

FELIX LE DANREC.

O governo nada mais é do que o administrador dos principios moraes sobre os quais repousa a vida social.

HERBERT SPENCER.

O culto da verdade não exige martires; bas-ta-lhe um numero crescente de fieis.

A mentira tende a desenvolver-se num meio social à medida que este meio se torna mais complexo.

L. DUPRAT.



MARANHÃO—A PARTIDA DOS OFFICIAES PARA VISITAREM A ESTATUA DE GONÇALVES DIAS (Photograph da Revista — Cândido Gonçalves)

SAUDAÇÃO AOS MARINHEIROS PORTUGUEZES

Recitada pelo autor na Biblioteca Pública, por ocasião da visita dos officiaes da canhoneira «PATRIA»

Marinheiros ! Feliz, o povo desta terra
Em vós saúda agora a pátria de Cabral,
Pois todo o coração de brasileiro encerra
Amor de portuguez ao velho Portugal !

Lembrando o fulgurar da vossa trajectoria
Em busca do futuro—ó vivida belleza !—
Deslumbram-nos o sol dessas manhãs de gloria
Que fazem sempre grande a terra portugueza.

E é desse resplendor que vem ao brasileiro
A vida que hoje vive e o sonho que hoje tem :
—Herdou da Liberdade o instinto condoreiro
E o ancelo viril de se elevar também !

E herdou esta suprema e estranha maravilha,
Essencia de rosaes, essencia de clarões,
Que estranhamente canta e estranhamente brilha
A lingua sem rival da Musa de Camões . . .

A lingua em que nos veio ao labio a vez primeira
O poema que é de Mai o nome encantador,
E ouvimos sobre nós, aromada e fagueira,
A primeira expressão de carícia e de amor !

O Genio da Nação que toda a humanidade,
Sublime, deslumbrou, deslumbrará, deslumbrá,
E o genio que, na força eril da mocidade,
Ainda nos eleva e ainda nos alumbrá !

Benvindos sede, pois, à plaga que hoje honra !
Aqui tudo relembrar a gloria sobrehumana,
—A terra, como o mar de escuros penetraes,—
A gloria perennal da gente lusitana.

Desfraldastes aqui antigamente, embora
A furia do caboclo e o mar inexplorado.
O luso gonfalão, que foi como uma aurora
Iluminando o chaos de um mundo abandonado !

A onda, que ora embala a vossa canhoneira,
Já out' ora embalou as grandes caravellas,
E recorda talvez a intrepidez guerreira
Do nauta lusitano em meio das procellas . . .

E ainda cuida ouvir, tão languidas, plainando
A' noite no silencio e no misterio do ar,
As saudosas canções da maruja, cantando
O amor, o doce amor das virgens de Além-Mar !

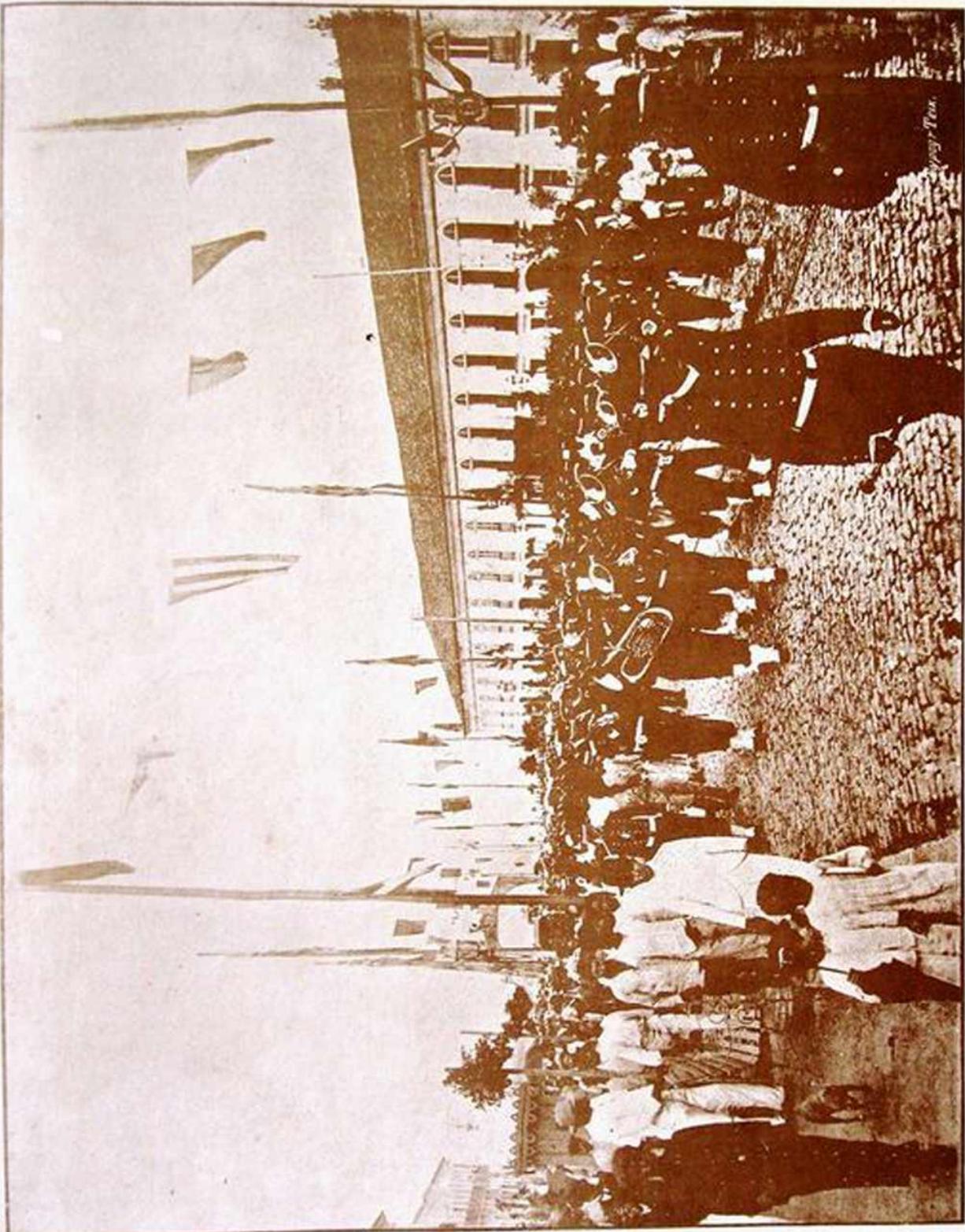
Ah ! ficou-nos em cada irradiação da vida,
Como um claro luar de immacula pureza,
A alma que nunca morre, a alma jámais vencida,
A alma de bardo e herói da gente portuguesa !

E por isso feliz, o povo desta terra,
Pois que somos irmãos dos netos de Cabral,
Dá-vos em cada peito um coração, que encerra
Amor de portuguez ao nobre Portugal !

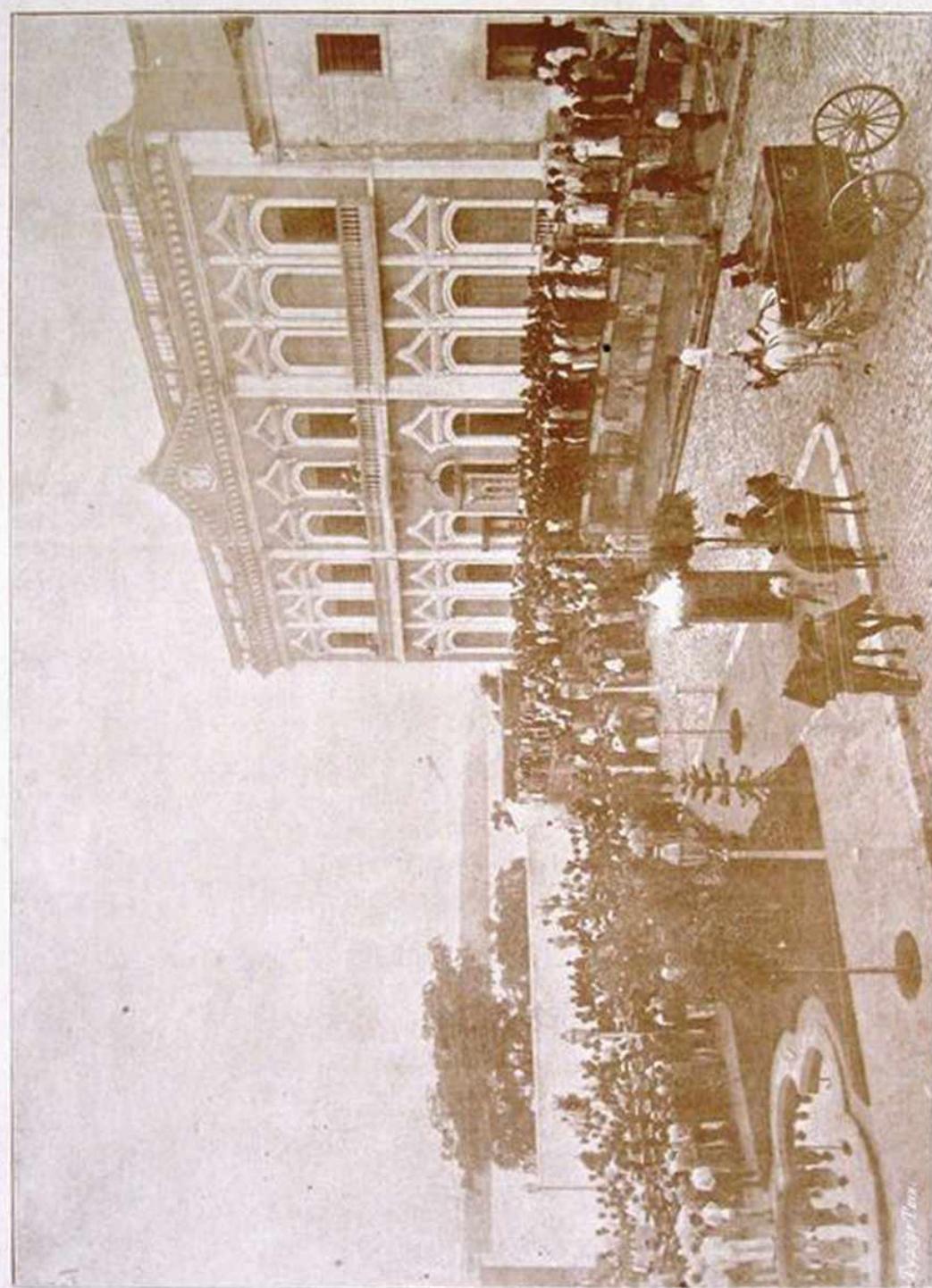
ALFREDO ASSIZ.

Ha sempre uma alma de bondade nas coisas más e uma alma de verdade nas coisas falsas.

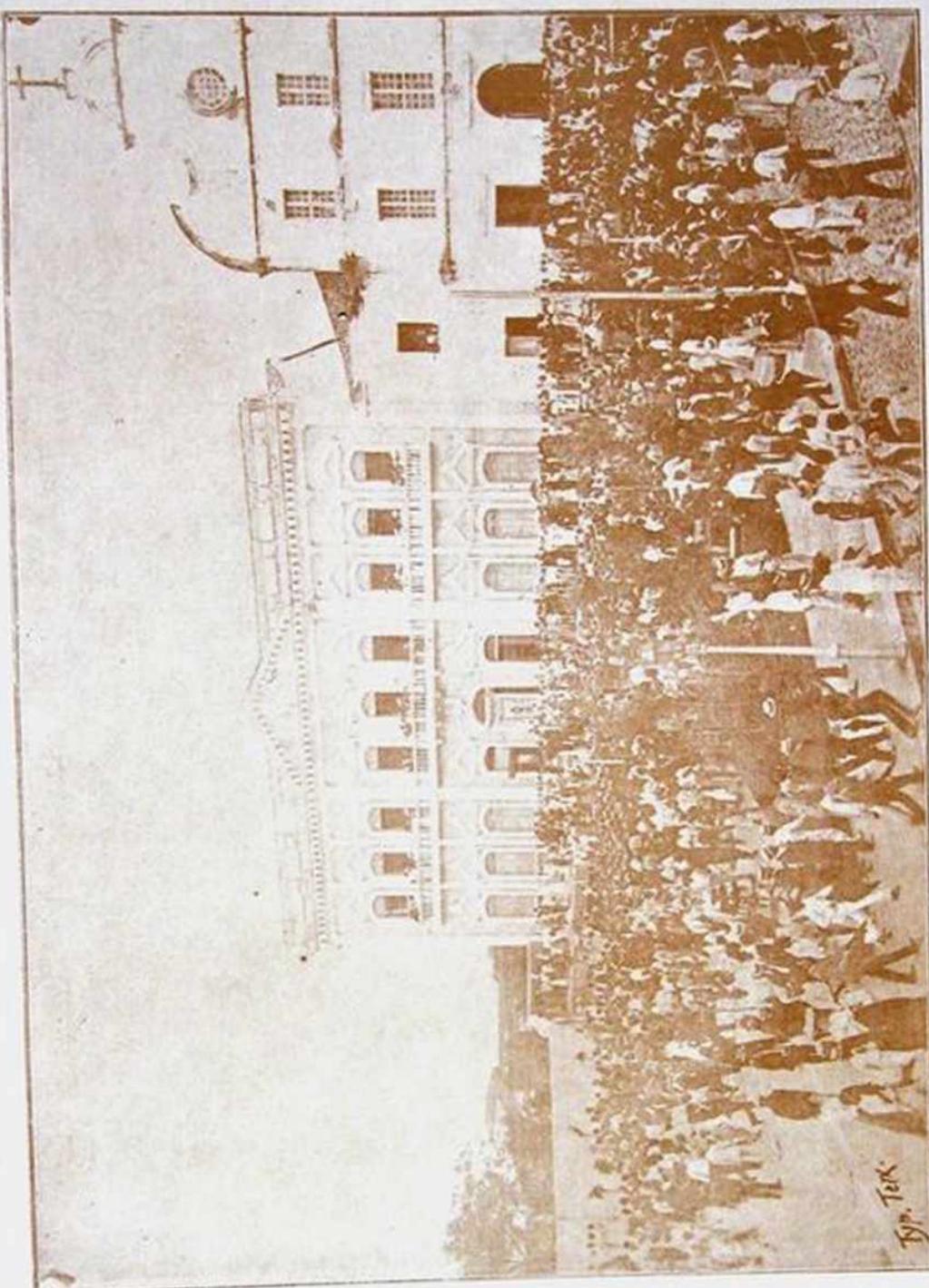
H. SPENCER.



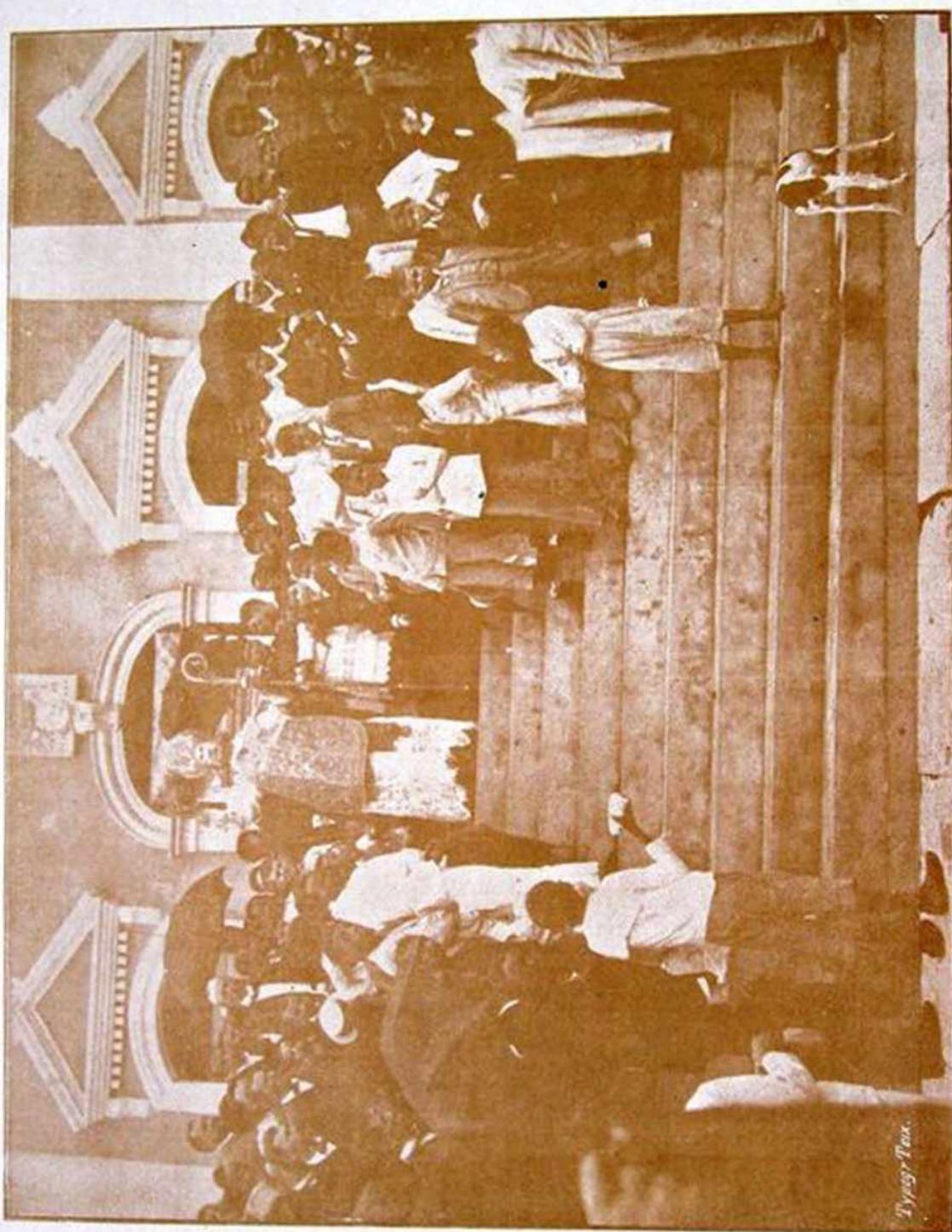
MARANHÃO—O DESEMBARQUE DA GUARDAÇAO DA «PATRIAS» PARA ASSISTIR Á MISSA CAMPAL (Photo-amador Carlos Neves)



MARANHÃO—ANTES DA MISSA CARNIVAL. (Litografia da Revista—C. Canha)

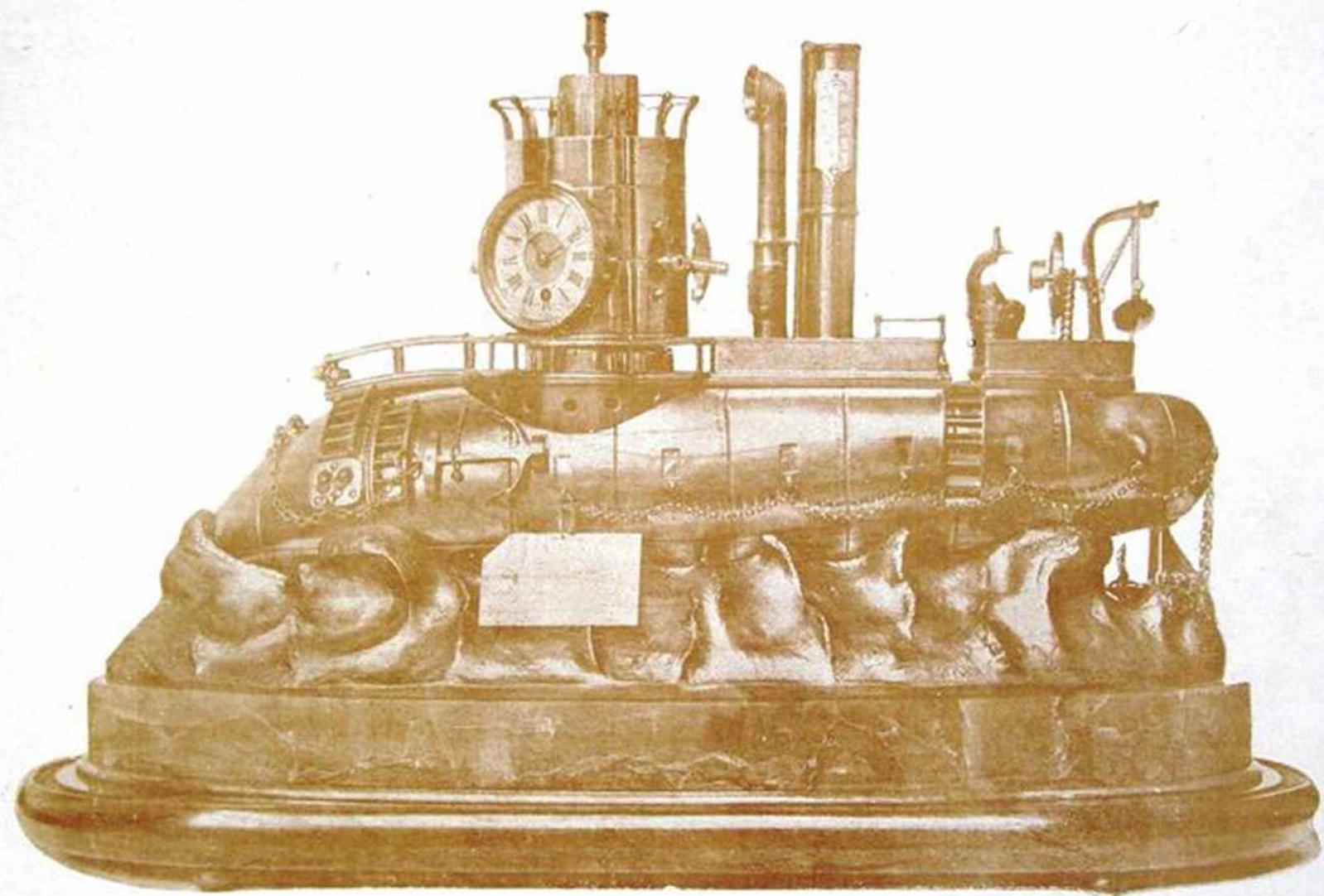


MILANHÃO—A MISSA CAMPAL. (Photograph da Revista—Candido Gonha)

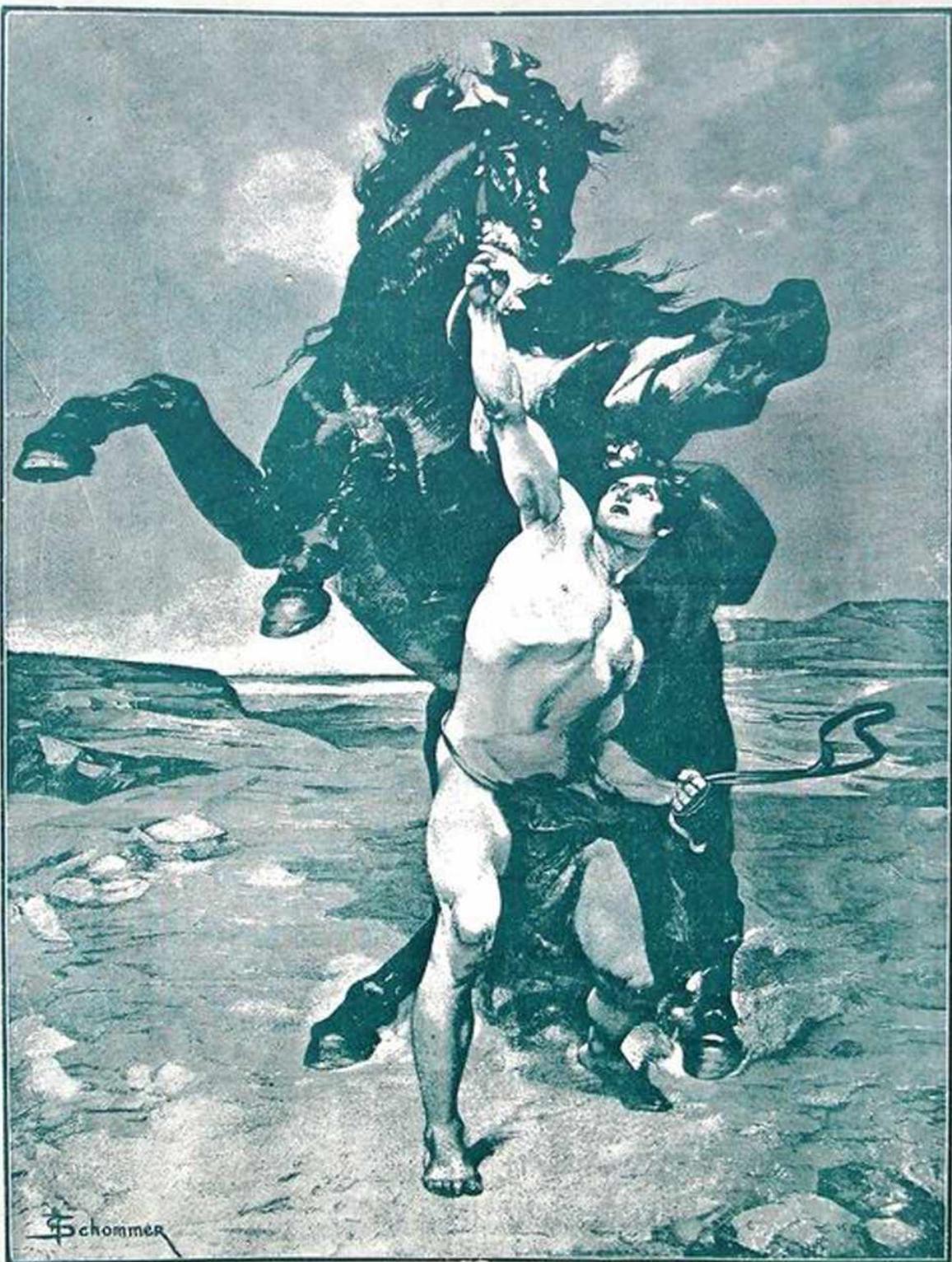


MARANHÃO — A MISSA CAMPAL. O SERMÃO DO BISPO DE RETIRESIDA (Photo-amador J. Farias)

D. Rego Pox.



BRINDE OFFERECIDO PELA COMISSÃO DOS FESTEJOS, EM MARANHÃO, AO COMMANDANTE DA CANHONEIRA «PATRIA»



A Revista do Norte, 5º, ANNO N. 8

Alexandre da Macedo η ia domando o seu cavallo Bucephalo

A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 8

Abril de 1906



O MEZ

Desabou, no Rio, o predio que se estava construindo para o Club de Engenharia.

—Boneca! me dirão os leitores, a notícia já é mais velha do que a Sé de Braga.

De acordo, mas o que também é certo é que eu, depois da catástrofe, ainda não tive ensejo de confabular com os assignantes d'A REVISTA e transmittir-lhes as minhas impressões à cerca do acontecimento, que é deveras de espantar.

Não pode mais a gente, depois disso, viver com o coração tranquillo debaixo dos tectos que nos abrigam.

Pois se uma casa, construída por engenheiros, de acordo com as plantas de engenheiros e para servir de reunião a engenheiros, desaba assim sem mais aquellas, antes mesmo de estar terminada, que poderemos esperar das outras, feitas p'ra ahí assim, a trôche-môche, por pedreiros sem curso nas polytechnicas e apenas como fontes de rendas a burgueses apatacados?

E fiquei, desde que o telegramma noticiando o fato foi publicado pelas folhas diárias, a matutar sobre o caso, sempre alerta ao menor rumor que ouvia no meu telhado. Por vezes, tarde da noite saltava assustado do leito, bruscamente despertado por um barulho de telhas no meu tecto:

—Não tem dúvida, é a coisa que vem abaixo! dizia com os meus botões. Pois se o Club de Engenharia do Rio desabou, quanto mais esta estupida, pesada e inartística construção que habito.

E acto continuo, ainda estremunhado, começava a tomar as minhas providencias para pôr-me ao ar livre o mais depressa possível.

Felizmente, porém, antes de me ver forçado a ganhar a rua numa hora ingrata d'aquellas, vinha um miado propício tranquilizar o meu espírito, dando-me a explicação do ruido que me despertara.

Era um casal de gatos que, inofensivamente para mim e benficialmente para a sua espécie, andava a passear os seus amores pelo meu telhado. E reflectindo filosoficamente sobre as vantagens de ser gato numa terra em que há engenheiros que constroem clubs que desabam, mergulhava de novo nos braços carinhosos de Morpheu.

E assim vivi por largos dias, num sobresalto constante, vendo a todo o momento a minha casa a oscilar sobre os seus alícerces, ameaçando sepultar-me sob os seus escombros.

Finalmente, numa bella tarde de alegria e de sol, vieram os jornaes dar-me a causa da catastrofe do Rio.

O culpado do desastre não foram nem os engenheiros, nem os auxiliares dos engenheiros, nem os pedreiros, nem os serventes dos pedreiros, nem ninguem. A culpa toda foi da argamassa que não secou no tempo devido. Os srs. engenheiros, confiando nas promessas tacitas da argamassa de secar no prazo de tantas horas, promessas aliás justificadas pelo longo e respeitável passado da mesma argamassa que sempre secou no prazo desejado, deixaram correr as coisas a revelia e não tomaram as suas providencias. E vae se não quando a argamassa prega-lhes a peça que todos nós sabemos! Mas isto não é de arrancar a paciencia a um santo?

Pois então a desvergonhada d'essa argamassa não sabia que a sua obrigação, o seu dever a que absolutamente se não podia furtar sob pena de quebra da sua dignidade, era secar dentro do lapso de tempo que lhe foi, para tal fim, concedido pelos srs. engenheiros? Ignorava porventura a perfida que, procedendo de forma contraria, punha os mesmos srs. engenheiros em apuros de nossa morte e abusava negramente da confiança que elles na sua palavra haviam depositado?

Os srs. engenheiros, durante o seu curso na Polytechnica, estudaram a resistencia dos materiaes, mas nunca pela sua cabeça nem pela dos seus mestres passou a suspeita de que uma argamassa pudesse ter tão negro procedimento qual esse de levar a secar mais tempo do que o estritamente requerido. Entre as multiplas obrigações da argamassa para com os srs. engenheiros e constructores, figura em primeiro lugar a de secar no prazo de tantas horas, conforme a sua consistencia e a temperatura em que estiver mergulhada. Ora, desde que uma e outra lhe assignalem para semelhante mister um prazo fatal, ella, dê por onde der, se quiser gosar dos fôros de argamassa de vergonha, tem de secar dentro desse prazo. Com a do Club de Engenharia do Rio deu-se o contrario, e eis ahi o motivo porque o Club veio abaixo antes de tempo.

Essa falta, com todos os inconvenientes que acarretou, trouxe-nos tambem, a nós outros profanos, uma lição. De agora em diante, quando tivermos de construir um predio, devemos ainda ouvir os engenheiros, mas, sobretudo, devemos ouvir a argamassa que vae ser utilizada e procurar por todos os meios possiveis arrancar-



Estado do Paraná—União da Victoria—Triângulo de reversão da Estrada de ferro S. Paulo-R. Grande (phot. amador Egydio Pinto)

lhe a confissão do tempo que pretende levar a secar. E se houver divergência entre a opinião dos dois, a dos engenheiros e a da argamassa, parece-me que o mais prudente é seguir a da ultima, de preferencia á dos primeiros, em que pese a profunda sciencia dos srs. polytechnicos no tocante a resistencia de materiaes.

Jayme de Avelar.

JOAQUIM LAMÉGO

(À MEMÓRIA DO 2º TENENTE MAGALHÃES BRAGA)



O Joaquim Lamégo era um português patriota até a medulla.

Natural de Figueira da Foz, o seu verdadeiro nome era Joaquim da Purificação e Souza.

Adiante se verá a origem da alcunha por que era elle conhecido. Domiciliado no Maranhão, havia vinte e tantos annos, quando foi decretada a grande naturalização, o patriota Joaquim lá se foi rumo do consulado português declarar que não aceitava as regalias que o decreto do Governo Provisório facultava aos estrangeiros residentes no Brasil.

Era notoria e lisongeiramente apregoado o entrinchedo carinho e o amor, que tocavam ao fetichismo, do Joaquim pela marinagem dos navios de guerra, de qualquer paiz cuja bandeira arvorassesem.

Tal dedicação, tão fervoroso carinho pela marujada, tinha a sua explicação no episodio de que elle nunca se esquecia e que contava, com tristeza e ufania, ao mesmo tempo, ocorrido com

elle no Tejo, numa bella manhan, quando embarcava para estes Brazis, no anno de sessenta e tantos.

Ao passar dum saveiro para o *Ribeira d'Oiro*, o brigue que o havia de conduzir ao Maranhão, Purificação e Souza pizou em falso na escada do voleiro e zas ! de catrapuz n'agua.

Senhor de regular corpanzil e sem nadar pavina, imaginou-se logo ás portas da morte, e tratava já de encommendar aos céus a sua alma quando, de bordo dum fragata da armada real, fundeada perto do brigue, um marinheiro, num assomo de agilidade, atirou-se ás aguas do formoso rio e, instantes depois, arrastava preso nos seus herculeas braços para bordo do saveiro o pobre naufrago, que nada mais sofrera, além do susto e do banho.

Galgando depois a escada do *Ribeira d'Oiro*, o Joaquim, molhado como um pinto, corroborou as fibras sorvendo forte talagada de aguadente, mudou a roupa e as botas e quando, passado o susto, subiu ao tombacilho do brigue, já este se fazia de vela, deixando a santa terrinha, onde elle deixara o umbigo.

Então, grossas lagrimas ensoparam-lhe o rosto e o lenço. O Purificação e Souza chorava soluçadamente. Chorava de saudades da patria e dos parentes, chorava de pezar por não poder recompensar o marujo que o restituira á vida, momentos antes em perigo.

Chegando ao Maranhão, não foi difícil ao naufrago do saveiro encontrar quem lhe desse a mão, tanto valor tinha a recommendação que elle trouxera para uma casa de alta nomeada no commercio.

Não decorreram poucos dias, e elle abria lá p'ros lados do Pau d'Arára, uma casquinha de coco, que, progredindo, passou a bodéga e transformou-se, dentro de pouco tempo, numa quinta importantissima a que elle deu o sedutor nome de *Esperança*.

A quitanda progredia incessantemente. Já em 1881 atingira á maior culminancia.

Admirava-se ali, grudados por todas as paredes, entre as mantas de toucinho e carne seca, retratos vistas, cortados de jornaes ilustrados, do Marquez de Pombal, de D. Luis I, do explorador Serpa Pinto, de Vasco da Gama e do couraçado homônimo, D. Henrique, o Palacio de Cristal, no Porto; Bartholomeu Dias e a corveta homônima, e outros homens e coisas portuguesas.

Sob o relogio, em lugar de honra, uma imagem de Santo Antonio de Lisboa era cultuada pelos devotos do taumaturgo português, que frequentavam a *Esperança*.

No que dizia respeito ao Brazil, via-se os retratos de D. Pedro II, Almirantes Barroso e Tamandaré, dos encouraçados *Javari* e *Rio Grande*, da corveta *Amazonas* e do intrepido marinheiro Marcilio Dias.

No porto do Maranhão estacionara muitos annos a canhoneira da armada nacional *Lamégo*.

Os marinheiros da guarnição dessa nave de guerra eram geralmente conhecidos pelo nome do vaso a que pertenciam, e assim ficaram debols todos os dos demais navios de guerra que, désssa época para cá, aportam ao Maranhão. Para o vulgo, qualquer que seja a unidade, ha de ser — *brigue de guerra* e os da sua guarnição — *Lamégos*.

O Joaquim acolhia na *Esperança* com o maior prazer a marinhagem do *Lamégo*. Era duma prodigalidade a toda prova pelos homens, desde o guardião até ao simples marinheiro. Presenteava-os com vidros de óleo de babosa, cosméticos, canudos de pomada «Macaçar», maços de cigarros «Exposição» e «Pachorrinha» e outros objectos mais.

Mas a lamegada, quando se pihava em terra, provocava disturbios de toda a sorte pela cidade, e todos os quitandeiros e baraqueiros tinham medo que se pelavam dos revolucionarios homens, que quase sempre iam ter á quitanda do Purificação e Souza, depois de campearem impunes pela cidade, palmilhando relusentes e cortantes navalhas.

Elles bem que sabiam que na *Esperança* estavam debaixo de coberta enxuta. Por isso, feito o disturbio, abrigavam-se lá e, quando os guarda urbanos ou policias chegavam, para reclamar a entrega dos turbulentos, o amigo dos marinheiros mandava a mão num cacete, que jazia de promptidão debaixo do balcão ou atrás da porta, e, enfrentando os soldados, ameaçava-os e quase sempre fazia uma preleção sobre a inviolabilidade do lar, que a Constituição imperial garantia.

Do balcão para fóra, dizia, podiam algazarar á vontade, elle pouco que se importava; mas, de lá para dentro, era sagrado! e elle não admitia sécas e mécas!

E terminava sempre a disputa pondo os soldados no olho da rua.

Se acontecia o commandante da guarda comparecer em pessoa pretendendo valer as reclamações, elle procurava dissuadi-lo, inventando que fóra os proprios soldados os provocadores, que os *lamégos* eram pacatos, que nem navalha traziam consigo naquella occasião, e outras coisas mais.

Se o oficial ou sargento era calmo, deixava-se embair docilmente pelas artimanhas do português e voltava ao seu posto; ás vezes até, ainda por cima, castigava os soldados. Se, porém, era um homem pérra e zangava-se, o protector da lamegada enviava á socapa o caixearo com um bilhete urgente ao consul português, o Capella, seu amigo íntimo, dizendo que a *Esperança* estava ameaçada de ser invadida pela polícia em peso, que andava á cata dos *lamégos*, e que elle não tinha outro remedio senão recorrer á protecção do genuino representante de Sua Majestade Fidelissima.

O Capella percebia o caso, mas sempre enviava o seu chanceller a ter com a polícia. As coisas ficavam arrumadas, punha-se uma pedra sobre o facto e o amigo Purificação e Souza dava escapula aos sediciosos *lamégos* por elle acoitados.

A's vezes acompanhava-os até a bordo da canhoneira e, procurando o capitão Mancebo, o commandante do navio, narrava-lhe o caso, adulterando-o sempre. Os marinheiros haviam sido provocados, e, como não fossem cobardes, reagiram. Achára correcto o seu procedimento e, dizia, tinha certeza de que o commandante não castigaria os seus subordinados tendo como motivo um simples conto, uma insónia, que teciam contra os pobres marinheiros imperiais.

O capitão Mancebo ouvia-o atentamente, acercava-o de gentilezas e testemunhava-lhe o seu reconhecimento pelo interesse que elle tomava pelos marinheiros da guarnição da canhoneira sob o seu comando.

..

Um bello dia, era já nos últimos annos do regimen monárquico, a *Lamego* teve ordem de recolher-se ao Rio de Janeiro, em cujo arsenal deveria sofrer radicaes concertos. E nunca mais voltou ao Maranhão, deixando o Joaquim da Purificação e Souza immerso na mais profunda saudade e, como titulo de gratidão, pelo muito que elle fez em prol da sua marujada, a alcunha de Joaquim Lamégo, que calhou admiravelmente, e fôra obra dum cabo foguista daquella nave da marinha imperial.

O Joaquim ficou por alguns annos sem lograr ver um marinheiro que fosse. Via-os, é certo, de anno em anno, mas pelo carnaval, caracterizados, nas Cheganças e Canninha-verdes. Então as saudades cresciham, arrancando muitas vezes do patriótico proprietário da *Esperança* lágrimas sinceras.

Quando, em 1888, veiu ao norte a esquadra brasileira, sob o commando do Wandenkolk, o homem rejubilou.

O marinheiro de qualquer navio dessa esquadra, que lograva penetrar na Currupira, era atraido à *Esperança* e ahí recebia todos os afecções que ao Joaquim era possível prodigalizar-lhe.

E o homem contava sempre a todos, com gudio, a origem da sua veneração pelos marinheiros, imperiais ou estrangeiros.

Proclamada a República, vieram estacionar no Maranhão a *Traripe*, primeiro, a *Cabedello*, depois, e por fim, a *Guarani*. Esta, demorando-se em concertos, no Caes do Raposo, aos Remedios, teve logo toda a sua marinhagem relacionada com o Joaquim Lamégo, que além de te-a já afreguezada na sua quitanda, dando-lhe mostras do mesmo interesse que alimentava pela da *Lamego*, ia visitar todos os domingos, à tarde, a canhoneira.

Numa noite de sábado, houve uma tempestade bernada lá pr'os confins da Currupira, do Tor-

quato Milhão, a quem até então se pedia licença para erguer o cacete naquele tumultuoso bairro.

O caso foi que um soldado da guarda da Cadeia, assombrado pela visão da *Manguda*, fantasma que naquelles tempos atemorizava aquelas cercanias, pavorisando transeuntes e moradores, andava doidejando rua da Alegria afóra a clamar: Aqui d'el-rei! Socorro! Misericordia! Encontrando-se a infeliz praça como um grupo de *lamégos* da *Guarani*, estes o espancaram barbaramente, deixando-o quase inanimado.

No dia seguinte, ao circular a notícia das atrocidades de que fôra alvo o infeliz policial, o Joaquim Lamégo apresentou-se voluntariamente a bordo da canhoneira e, procurando o imediato, que já havia ordenado se castigasse os marinheiros turbulentos, jurou pela alma da sua santa mãe que elle assistira o conflito e que o provocador fôra o proprio soldado...

E, não havendo outras provas em contrario, foi suspenso o castigo que estava sendo infligido aos marinheiros.

Mas a *Guarani*, terminados os reparos, foi mandada para o Pará, e dahi seguiu para o contestado, no Amapá.

O Maranhão ficou por muito tempo a ver navios... de guerra.

..

A colonia portuguesa e os nacionaes, confraternizados, aguardavam com impaciencia a visita que o cruzador *Adamastór*, ancorado em Belém, viria fazer ao pôrto do Maranhão.

Estava já tudo aprestado para que na capital maranhense tivesse recepção brilhante o vaso daquella marinha, que encarnava tantas tradições, tantos feitos de honras e glórias.

Um sumuoso baile, num dos mais vastos palacetes de Sam Luis, constituia a parte mais importante do programma escrupulosamente confeccionado pela commissão promotora dos festejos. As lojas, numa azafama desusada, esvaziavam as prateleiras e os caixeiros não tinham mãos a medir, embora medissem, vendendo, as fazendas que, naquella época, eram o *clou* da moda. O João de Deus Ser a compuzéra uma polka retumbante, obrigada a flautins e figles, com uma introdução semelhando os sinais das manobras a bordo, e deu-lhe o nome de *Adamastór*, a cuja oficialidade e guarnição era dedicada.

Em lõim, reinava um entusiasmo vivo entre a população, anciosa pela chegada do cruzadór da armada real portuguesa,

Purificação e Souza ou Joaquim Lamego — a mesma entidade — não se continha, de alegre que estava. Vibrava-lhe n'alma o calor do patriotismo, aliado ao indizível contentamento em ter de estreitar apertadamente nos seus rechonchudos braços um genuino representante da classe, que o livrará de perecer estupidamente afogado nas águas do Tejo.

Elle faria tambem, ao seu modo, uma demonstração áquelle que trazendo o nome do de cantado gigante, dentro de poucos dias viria ba-

Iouçar-se soberbamente nas águas maranhenses, com o pavilhão das quinas a tremular no mastro. Seria um pedaço da sua Pátria estremecida aquela nave, que também trazia no seu bojo a imagem do seu salvadór.

Haviam de ver para quanto elle prestava! dizia jubilosamente aos da sua rôda.

A patacada de que estavam rovestindo o programma dos festejos, considerava, não era uma coisa de patriotas e sim de desmiolados. Seria elle quem iria dar a nota única, era só o que afirmava, sem dizer, entretanto, em que consistia essa nota. Que aguardasse a sua surpresa para quando o cruzador estivesse no pôrto do Maranhão, explicava aos curiosos que o interpellavam.

.. .

Numa tarde o Joaquim Lamégo estava, como de costume, sentado num banco à porta da *Esperança*, quando chega o Feijão entregando-lhe o *Diário*.

Percorrendo avidamente o noticiario, depôs-se-lhe a triste nova de que o *Adamastor* seguiria directamente do Pará para a Europa; não mais viria ao Maranhão, em consequencia de grassar febres entre os marinheiros da sua guarnição.

Aquella notícia entrelinhada da folha do Alberto, a princípio, quase que fulmina o nosso homem.

A pallidez que se manifestou na sua fronte, transfigurando-lhe o semblante, foi tão visível que os da rôda se acercaram logo amparando-o carinhosa e amedrontadamente, arrebatando-lhe das mãos a folha mensageira daquella nova tão perfidamente desconsoladora.

Mas a crise foi passando, à proporção que, no ocaso, o sol se ia escondendo. E o amigo dos marinheiros, tornando a si, prorompeu em improperios.

Não havia febres nem nada! Aquillo sórava uma combinação ás ocultas, á surdina, e elle não sabia onde estava que não dizia logo a verdade nua e crua: Quem sabe se não andaria em tudo aquillo o déodo da propria colónia, no Pará!

Era um desafôro! continuava. Então que o Pará valia mais que o Maranhão para receber a honra da visita, enquanto este ficava a chuchar nos dedos, chupando uma barata! Sim um desafôro! uma alta e refinada patifaria! O Maranhão, que em tempos idos dominara o Pará, em tudo, dando-lhe até de comer e de vestir, não teve no seu pôrto o *Adamastor*! Ahi é que elle chorava um consul como o Capella e um ministro como o Pombal!

E assim permaneceu o Joaquim até às tantas da noite a verberar o caso, culpando uns e outros, responsabilizando a este e áquelle, até que, exausto, cessou de falar.

Suspendeu um instante o despejo das verinhas, concentrando o pensamento. Subitamente, porém, explodiu:

— Sabem que mais? Eu não sou palmatoria do mundo. Se cá não vieram foi porque não qui-

zeram, e eu não vou por isso ralar-me aqui, criando aneurisma para, no fim de contas, os outros ficarem a palitar os dentes! Eu sou patriota, e não palmatoria do mundo.

E assim arrematava a saraivada de composturas.

Todos concordaram com as justas palavras do Joaquim Lamégo, e a roda dissolveu-se, cada qual procurando o caminho dos penates.

Do lado da Estação da Ferro Carril vinham os sons do relogio, que dava, forte e compassadamente, as dez horas.

E a *Esperança* trancando-se, patrão e caixeiros procuraram os fios, onde se esticaram logo.

O Lamégo, como que prostrado por uma fadiga estupenda, adormeceu pesadamente.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, quando os amigos procuraram indagar se a saúde do patriota sofrera alteração, pelo abalo da véspera, o Joaquim não era mais o homem que, doze horas antes, fremente de colera, impando de raiava, desabafava a ira em vocabulos prenhes de azedume, exacerbando-se, respirando odios. Ao contrário, apresentava-se-lhes calmo e vivaz e deixava descerrar os lábios num sorriso delicioso, a afirmar a ternura da sua alma . . .

.. .

Hoje a *Esperança* mudou de dono e nome.

O advogado dos *lamégos* comprou uma casa e umas apólices, pondo-as no nome da Margarida, uma crioula de Guimarães, com quem viveu durante vinte e cinco annos e o auxiliara imenso, negociando juçá e buriti, de dia, e peixe frito, à noite, num portão junto a *Esperança*; e, liquidando os seus negócios, tomou passagem no *Brunswick* e foi-se de muda para Portugal, a ser *brasileiro* e, numa eterna immobilidade, viver dos seus rendimentos.

Levava, quando partiu do Maranhão, o firme propósito de fazer, na capital portuguêsa, a manifestação, que, ao seu modo, pretendia fazer no pôrto maranhense á guarnição do *Adamastor*, propósito este até hoje aqui ignorado se foi traduzido em facto . . .

S. Luis—Março—1906.

ASTÓLFO MARQUES.



Je pense à vous quand le soleil s'élève,
Je pense encore quand il finit son cours . . .
Et se parfois à la nuit je rêve
C'est au bonheur de vous aimer toujours . . .



Impressões de viagem

(Continuação)



Ahi fui tratado gentilmente, sendo, ao chegar, alvo de penhorante manifestação. Houve muitos discursos, que agradeci.

DIA 26. Foi-me oferecido um excellente almoço em casa da família do Coronel Leoncio Machado. Ergueram-se muitos brindes, correndo tudo com a maior animação.

A tarde, com o ilustrado clínico, Dr. Bento Urbano, fui percorrer a cidade.

Caxias pode se dizer, desde muitos anos, a rainha do sertão maranhense; e orgulhosa do seu trono, ella manterá ainda por muito tempo a realeza, que é uma conquista de sua excelente posição geográfica e do espírito culto, altivo e nobre de seus habitantes, que têm alguma coisa dos velhos hábitos cavalheirescos.

Situada à margem do Itapecurú, a mais importante arteria fluvial do Estado, pouco distante do caudaloso rio Parnaíba, que separa o Piauí do Maranhão, e a elle ligada por uma estrada de ferro, que termina defronte da capital do Estado vizinho, é a cidade do Maranhão, onde mais irradia a vida maranhense entrelaçada com o espírito piauhyense.

Demais duas circunstâncias cooperaram no seu progresso: é o ponto terminal da navegação a vapor no Itapecurú e um ponto de transito dos piauhyenses que por mar se destinam a outros pontos da República, porquanto ao porto marítimo da Amarração, prefere-se o embarque no porto de S. Luiz.

Devido a isto é ella um importante centro comercial. Os produtos do interior, em busca de melhores mercados consumidores, aqui têm de passar, e não somente estes, mas também muitos produtos da indústria piauhyense.

Ella tem também brilhante tradição histórica. O morro do Alecrim, que fica a leste da cidade, foi o ponto estratégico onde se acastellou o português Fidié, que, atacado no Piauí em 1822, para aqui se dirigiu no intuito de se reforçar e poder investir contra as hostes libertadoras, no tempo da nossa independência.

Estas hostes, vindas do Piauí, com um contingente que lhes mandaram do Ceará, com o entusiasmo do santo amor às liberdades patrias, ali deram combate ao fiel subdito de D. João VI, que batido de todos os lados, teve al-

nal de depor as armas. Foi então menos feliz que em Campo-maior, onde, tripudiando sobre o espírito liberal dos nossos antepassados, deixou o campo juncado de cadáveres.

Apreciei muito o morro do Alecrim, em cuja conquista, n'aquelle época heroica, figuraram alguns membros de minha família. D'elle se desconta a cidade em magnífico panorama, salvo uma parte de seus arrabaldes pittorescos.

Aos primeiros albores da manhã, Caxias apresenta o bello espetáculo de uma officina de trabalho, cujos operários se movimentam ao grito agudo da voz do progresso sabendo pelos volumosos labios dos canos das máquinas, que os convidam ao labor diurno. Em quatro fabricas de tecidos e outras diferentes empresas concretisa essa actividade industrial de que ha pouquíssimos exemplos entre as nossas cidades distantes do litoral. Therezina, cidade nova e florescente que lhe suga grande parte das forças, e outras cidades do centro, mesmo capitais, não lhe levam a palma no tocante às indústrias.

Aqui fazem-se tecidos de diferentes qualidades, jornaes que levam ás portas dos habitantes as novidades do mundo culto, faz-se bom sabão, o excelente assucar do Engenho d'Água e produtos e artefactos outros, que por si sós recomendam bem a inteligência dos caxienses.

A cidade tem importantes estabelecimentos comerciais, ruas calçadas, boas pontes e outros serviços que indicam a iniciativa dos habitantes e o zelo dos poderes públicos, a despeito da opinião popular, actualmente, contra a edilidade, no que diz respeito á limpeza das ruas e praças.

Dir-se-á que quem vem de um importante fóco da civilização, avido de saborear os encantos da natureza, não poderá aqui saciar os seus desejos. Perfeito engano!

Em um dos arrabaldes de Caxias, na Ponte, a natureza americana, soridente dos seus dons inefáveis, ostenta-se em toda sua belesa virginal.

Semeado esse trecho da cidade de pequenas casas, umas aliás graciosas, mas que lhe não tiram os naturaes atractivos, uma alma de filósofo ahi se sente inebriada ante os bellos desampados, as árvores verdejantes e o doce susurrar das águas crystallinas.

O riacho Ponte, cuja lympha é a melhor que tenho bebido no Estado, qual grande cobra serpenteando, ora deslizando suavemente, ora dando saltos sobre a rocha e formando cascatas, é o ponto pittoresco onde vae refestellar-se a cidade civilizada, cançada dos artifícios do progresso, para se abeberar da poesia campesina.

DIA 27. Apesar de continuar defluxado e bastante rouco, fui a Ponte tomar banhos em companhia do Bento e do Leoncio Filho. Este passeio fizemos a cavalo, pois, não era pequena a distância que tínhamos a percorrer; tendo, para isto, o Capitão Domingos Rabello me cedido gentilmente o seu bom e bonito ginete, que de então em diante disse ficar á minha disposição.

Chegando alli, sem demora nos atiramos á agua; e não fosse a ocupação dos companheiros, demorar-me-ia muitas horas.

Não conheço banho melhor. Fala-se muito das thermas romanas e outros logares de ablucões, que inflammaram a imaginação de poetas e prenderam a atenção de escriptores, mas duvido muito que qualquer d'elles fosse mais apreciavel que os banhos da Ponte.

N'elles é tão grande a satisfação que se sente, que quasi se perde por completo a lembrança dos afazeres do dia, o que, de resto, é o unico mal que podem fazer ao banhista, que ahí não deve receiar comprometter a saude.

O Bento manda para lá os seus doentes, recommendando banhos diarios.

Tendo voltado e depois de ter almoçado com o melhor appetite, visitei ou antes paguei as visitas de alguns amigos, que sempre os tenho, apesar de ser esta a primeira vez que venho a Caxias.

Cahiu doente um dos companheiros de viagem, sendo o Bento chamado a medical-o. Fui em sua companhia á casa em que se acha o enfermo, interessando-me pelo seu restabelecimento.

Creio muito no Bento, pois, se não gosto da medicina, nem por isso tenho direito de desgostar e descrever dos bons facultativos. Elle ha de curar o doente, que longe da familia e quasi sem recursos, se sente muito desanimado.

E' bem triste ver-se a gente prostada em um leito sem os carinhos do lar ou de um coração amigo, qualquer que elle seja!

DIA 28. Estamos em pleno dia da votação da actual Constituição do Estado e da adhesão da ex-provincia ao movimento liberal que separou o Brazil da metropole portugueza.

Fui convidado para uma sessão cívica, mas não me sendo possível falar, neguei-me a comparecer.

Fui novamente a Ponte. Desta vez em companhia do Antonio Lopes e do mesmo Bento, que nos proporcionou um magnifico *pic-nic*.

Almocei como um gastronomo, com licença do Paulo, atirando-me ao perú com o ardor bellico de um brasileiro patriota, que não teme as caretas do inimigo que nos disputa a posse do Alto-Juruá.

Tomei tres banhos, pois, convenci ao companheiro medico que, não podendo transportar o riacho Ponte para a Capital, onde tenho a minha residencia, ou para o meu Estado, onde pretendo me demorar alguns meses, seria erro imperdoável não aproveitá-lo na minha estada entre os caxienses. Elle, que é um apreciador do bom e do bello, deu-me razão, que acrediito tanto mais sincera por quanto, si por ventura se



Estado do Paraná—União da Victoria—Estação da Estrada de ferro—Inundação de Maio (phot. anônimo Egydio Piatto)

aggravasse os meus incommodos, elle me trataria com desvelo, como a todos costuma fazer, e desinteressadamente, como faz a poucos.

Só depois das tres horas voltei da excursão, passando pela casa de residencia do Rodrigo Octavio, Juiz de direito da comarca, que no dia anterior me havia visitado. Não obstante o tratamento cordial, não me demorei, indo logo para o centro da cidade, onde estava hospedado.

Como previra o Bento, peiorei um pouco, a ponto de ficar com a fala quasi imperceptivel. D. Mariana—e assim se chama a digna consorte do coronel Leoncio Machado—sem alardear sciencia e pedir cautella, applicou-me um chá de limão, que deu bom resultado. O chá, ao contrario dos remedios de botica, é saborosissimo. Si todos os medicos fossem como D. Mariana!

Enfermo impertinente, disse, porém, a todos que me quizessem ouvir que não me respondia pela dieta, pois, perdoo a Ponte o mal que me faz pelo bem que me sabe.

Os dois Leoncios não foram, como eu, à festa cívica. Curtimos em casa o nosso patriotismo, apesar de sabermos que o Dr. Berredo iria discursar com toda sua enlitratura patriotica.

Depois de amavel palestra adormeci, e dormi, não como um padre cura, mas como um justo.

Coisa boa é ter o estomago cheio, amigo na praça e uma consciencia tranquilla. Para cumulo de maior felicidade só me faltava dinheiro na caixa.

DIA 29. Tomei o dia de hoje para alguns afazeres intellectuaes, maxime porque os companheiros de banho, ou por preguiça, ou por ocupações, ou porque mais realistas que o rei quizessem velar pela minha saude, não me procuraram.

Recompus as minhas notas diarias que estavam em atraso e conservadas só de memoria.

Ainda pela manhã fui com alguns amigos ao edifício em que funciona a sociedade maçônica Harmonia Caxiense. É esta uma corporação que completa o quadro descriptivo d'esta culta cidadade sertaneja. Seria realmente para causar especie que, sendo este um importante centro de população, dotado de tantos melhoramentos materiaes e alguns intellectuaes, como o instituto Benedicto Leite, não exhibisse, entretanto, o selo indicador do progresso moral em sua melhor característica.

Caxias não podia se furtar ao dever da criação de uma sociedade d'este gênero para boa disciplina dos espíritos e constante evocação das grandes datas moraes dos nossos antepassados para exemplo e estímulo de seus filhos.

A Harmonia Caxiense foi fundada há pouco tempo, mas, segundo me garantiram, já tem um quadro superior a cinqüenta membros e mantém a perspectiva de um futuro lisonjeiro.

Conta iniciar brevemente em seus misterios vultos importantes do logar, e—o que aliás é ocioso dizer de uma associação que visa os mais elevados fins moraes,—é constituída por uma boa parte da elite da sociedade caxiense.

Disse-me, porém, o Dr. Alarico Costa que o templo é situado em logar pouco higiênico, o que realmente é para lamentar. Seu digno venerável, coronel Leoncio Machado, cogita, porém, fazer n'ele importantes melhoramentos, e é natural que, ao realisal-os, não esqueça os preceitos da hygiene.

DIA 29. Pretendo seguir depois da manhã para Theresina, não tomei banhos e consegui alguma melhora durante o dia, que passei, quasi todo, sem sahir de casa. Só a tarde fui à casa do Bento, tomado uma chicara de excelente café, que me ofereceu D. Mariquinhas, digna mãe d'aquelle amigo.

Sahi, com elle, a passeio, não valendo a pena descrever os passos que demos.

Foi um dia para mim de pouca vida.

DIA 30. Ainda passei sem tomar banhos. Que horror! Si passar mais um dia assim, não terei coragem de me apresentar em público.

A tarde sahi a cavalo com o Enéas Frasão e outros.

Cavalgando um bonito russo, castiguei-o bastante de esporas. Bom japonez, trato bem o inimigo, mas provando sempre poder mais que elle.

Percorri diversos trechos da cidade, que ainda não conhecia, e certifiquei-me ainda mais de que ella é bem populosa.

Vi os logares, onde, segundo m'o afirmaram, se postaram as forças combatentes de um e outro lado ao tempo da guerra da balaiada, que se originou em Caxias.

Aproximei-me também do grande predio da fabrica Manufactora, obra do eminentíssimo engenheiro dr. Palmerio Cantanhede, residente em S. Luiz. É um bonito e bem trabalhado edifício, cuja construção, à primeira vista, revela a mão do artista.

A noite fui assistir a uma sessão da socieda-

de Harmonia Caxiense, que se transformou em uma homenagem á minha pessoa. Os Srs. Alcebíades Vilhena, Daniel e Leoncio Filho dirigiram palavras tão honrosas que deixo de mencioná-las com minha letra para não parecer vaidade. Em todo caso, conservarei a copia da acta da sessão na parte que me diz respeito.

Despedi-me de todos os amigos, declarando partir no dia seguinte para Theresina, e pondo a disposição de todos os meus serviços. Nomou-se então uma comissão para acompanhá-me até a estação da via ferrea.

DIA 31. O coronel Leoncio Machado que é como uma ave da minha terra, que está sempre alerta, acordou-me ás 5 horas da manhã. Approximava-se a hora da partida do trem, ou locomotiva, como chamam em S. Luiz. Que trem aborrecido!

Tomei café e puz-me a caminho, passando pela casa onde se achava o Aristides, que com os demais companheiros, sem mais incomodos de saúde, se aprestava para seguir viagem a cavalo em direção ao Mirador.

Às 6 horas estava eu embarcado.

Decorridos uns trinta kilómetros, mais ou menos, desenrolou-se-me á vista o agradável panorama dos campos cultivados do Engenho d'Água. Enormes tractos de terra sob a imediata acção do homem, cortados pelo arado, são ali o que ha de mais importante na agricultura maranhense.

Aquella laboura intensiva honra aos industriais que lhe dedicam os seus esforços patrióticos. É em todo o Maranhão a melhor tenda do trabalho consagrado á cultura dos campos, sendo ao mesmo tempo uma escola em que se aprende a ter amor á terra que nos fornece os seus preciosos fructos e se adquire estímulo ao trabalho que nos proporciona o bem estar.

Vendo e admirando aquella officina do progresso mais se firmou no meu espírito a ideia da utilidade da criação de escolas de agronomia e campos de experiência.

Vivemos no paiz mais rico do mundo quanto ás forças criadoras da natureza. A avaliar pela fertilidade e condições habitáveis, o nosso Brasil é maior mesmo que a Russia, e a China, pois, não temos desertos, nem regiões fríidas, onde não medre a planta humana e a terra negue os seus fructos.

Entretanto, até palitos nós importamos!

Na estação do Engenho d'Água o cidadão Pedro Neves ofereceu-me uma ligeira refeição, na qual tomaram parte o João Bastos e sua digna mãe, meus companheiros de viagem.

Tendo o trem partido ás 8 horas, só ás 10 chegou a Flores, estação terminal da via ferrea que fica ao lado esquerdo do Parnahyba.

Os piauhyenses receberam-me com festas e agasalho.

Uma comissão composta dos jornalistas Drs. Clodoaldo Freitas e Miguel Rosa e diversos outros patrícios nossos recebeu-me na gare ao som de uma banda de musica.

Transportamo-nos para o outro lado, atra-

vessando o rio em uma pequeno embarcação. Que triste, que dolorosa impressão me causou o patrício Parnahyba! Está hoje, no maximo, com duas larguras do Itapecurú, o que significa dizer que está reduzido a muito menos de metade de sua grande largura na época invernal.

Mas, a grande corrente do rio natal terá, em breve, ao contrario dos homens, restabelecidas as suas forças, voltando sempre às alegrias da quadra primaveril

«Lá virá então a fresca primavera!
Tu voltarás a ser quem eras dantes
E eu não sei se serei quem dantes era..»

A margem direita estavam tambem muitos patrícios á minha espera. Abracei-os, e, com todos eles, segui para o edifício da sociedade Caridade 2^a, onde fui saudado pelo Dr. Miguel Rosa e meu velho amigo José de Castro.

Dali fui para a rua Grande, hospedando-me com o Luiz Rego, parente e amigo e companheiro de viagem até Caxias. Ele foi com o Julio Nogueira, seu genro e tambem parente nosso, residente na capital do Estado, esperar-me na villa das Flores, proporcionando-me bondosamente todas as commodidades em Theresina.

Acceitei-lhes o convite, não obstante já me ter sido reservado um aposento no Hotel do Commercio.

Almocei, recebi muitas visitas e tomei banho á tarde, reservando-me para no dia seguinte, percorrer a cidade.

DIA 1 DE AGOSTO. Saí com o Dr. Luiz Nogueira, chefe de polícia, em visita á cidade.

Achei Theresina com alguma diferença do estado em que a deixei. Pouca diferença, sim, mas em todo caso digna de atenção.

Percorri o edifício do Forum ha pouco construído, tendo uma impressão tristissima. O ninho da justiça é o que ha de mais immundo, admirando-me muito ainda não ter ella se embriagado com o mau cheiro de tanto morcego morto e tanta materia excrementicia d'aquele viveiro de andorinhas.

A bem d'este Estado, a quem muito amo, devo consignar aqui e divulgar a contrariedade que tive ao penetrar n'aquelle santuário.

Mudem o templo consagrado á sabedoria, si não podem mudar os seus empregados.

Na mesma praça estão sendo construidos dois grandes edifícios: um para a Delegacia Fiscal, que está prestes a ser concluido, e outro ainda em começo, destinado ao Congresso ou Assembléa Legislativa do Estado.

Vi o magestoso templo de S. Benedicto, dominando toda a cidade, em cuja parte posterior tem ella augmentado de ricas construções.

Os terrenos que no centro deixei desocupados e que no Maranhão chamamos—chãos vazios—acham-se todos ou quasi todos transformados em boas vivendas.

Por ahí se vê que a capital de meu Estado não permanece estacionaria. Vae cada vez mais se desenvolvendo.

Quanto ao serviço publico nota-se muito accentuada a tendência do governo em dar-lhe incremento.

O governo do dr. Arlindo Nogueira deixou iniciada a empresa de canalização das aguas do Parnahyba para abastecimento da população; e este se viço vai progredindo.

Fui a Palacio, onde estive com o governador dr. Alvaro Mendes de quem sou parente e amigo, e o primeiro assumpto da nossa palestra foi o prolongamento da estrada de ferro de Sobral a Theresina com um ramal para a Amarração. Mostrou-me elle um pedaço do «Jornal do Commercio», noticiando a sanção da lei n'este sentido, e que censura com indisível satisfação.

Disse-me ainda o governador que conta iluminar a cidade á luz electrica, e que, para isto, ja foram apresentadas algumas propostas.

Almocei com o chefe ou antes secretario de polícia, deixando-o logo depois. Anda elle bastante ocupado com um roubo que se deu na Delegacia Fiscal, fazendo investigações policiais!

(Continua)

Bordo do vapor «Carlos Coelho», município de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.



A Frederico Figueira.

Alma de brilhos estellares, cheia
De transcendente, vivida belleza;
Alma que soffres a amargura alheia
E procura lenir toda a tristeza . . .

Alma do Bem, Alma serena! ateia
No imo dest'alma de dolencias preza,
Toda a chamma idéal que te incendeia,
Que te arrebata á maxima grandeza!

Baixa ao meu ser endolorido e expelle
Para longe de mim—quanto me abate,
Quanto os meus passos para o lodo impelle!

Faze que eu possa, illuminado e forte,
Ganhar, do Bem no limpido combate,
Vida que vença os vendavaes da Morte!

ALFREDO ASSIZ.

O centenario de Bocage



O centenario de Bocage, que ha dias transcorreu, presla-se a varias e suggestivas considerações. Não se pode negar que foi um documento de quanto se deve ainda esperar da educação portuguesa, mas tambem não é lícito occultar que não realizou ainda as esperanças que porventura houvessem nutrido no seu íntimo aquelles que pensam que Portugal deve ser uma nação intellectual, susceptível de os colocar a par das que marcham à frente do pensamento humano. Foi alguma cousa,—o que quer dizer que podia ter sido mais e podia ter sido menos.

Já n'um remoto artigo aqui publicado, eu, tratando da projectada homenagem a Garrett, tive ensejo de consignar que somente podem esperar as grandes consagrações públicas os poetas que tenham exprimido o sentimento d'uma raça ou as maximas aspirações da humanidade. Camões fôra a gloria portuguesa, tangendo uma lyra grave que reproduzia as vibrações e os echos magestosos e fortes do Mar Tenebroso; João de Deus fôra o amor portuguez, impregnado d'uma melancolia que deu aos cantos do poeta algarvio o mysterio sonhador e vago das lendas em que é rica a sua terra de moiras e fadas. Não ha nada que mais exalte o engenho humano de que a epopeia genial ou o lyrismo singelo. Não remonta a maiores alturas o cerebro que concebe as transformações históricas do mundo do que o coração que adivinha, commovido, a humilde lagrima em que transborda todo o terreno desejo a uma felicidade celeste. No mesmo nível se encontram, como irmãs se fitam, e se comprehendem, e se abraçam e vibram,—essas duas cordas tão bellas da lyra que o genio enflora e ilumina.

Terceira corda tangeu Bocage,—e foi a corda da Liberdade. No domínio das idéas a sua voz soou rouca, desvairada, turbulenta, mas por vezes singularmente animada por um maravilhoso poder de eloquencia. Note-se que eu não estou aqui apresentando Bocage como um d'esses fortes temperamentos de artista, que dedicam á accão d'uma poderosa propaganda todos os recursos harmoniosos da sua garganta feita para os cantos divinos da Poesia. Elle não teve bandeira, elle não teve seita: mas teve,—oh, se o teve!—o instincto formidavel da Liberdade. Por vezes o desconheceria, outras o renegaria: mas elle orientou, dominador e vivaz, a sua existencia inteira. Fez a guerra ao Preconceito, fez a guerra á Oppressão,—e fel-a no terreno mais fa-

voravel á eclosão de todas as anciadas mal contidas: no terreno da natureza, bella, forte e suggestionante, que a nenhum poder se subjuga e só segue, imperturbavel na sua apparente desordem, as mysteriosas leis da vida.

Convenções, costumes, prejuízos, abusões, usos, praxes, tudo comprimia brutalmente o espirito da sociedade em crise em que Bocage viveu. Essa rede, esboracou-a elle, ás cabeçadas,—e quando das suas malhas se desprendeu, sentiu-se ferido, contuso, lacerado, mas respirando o ar livre. O povo para quem tudo era crime, tudo era peccado,—punidos com as prisões dos reis ou com as camas puras do inferno ou com o desprezo das classes superiores,—teve assim n'ella um vivo symbolo do seu aneio realisado.

Portanto, a glorificação de Bocage reunia todos os caracteristicos para resultar numa comemoração imponentissima. Não o foi, mas também não foi uma festa de friesa ou indifferença.

Faltou-lhe, mercê da escassa educação publica, a expansão que deveria ter possuido. Não se comprehende, na verdade, que só Setubal se interessasse pelo centenario do grande poeta. Não consta que elle escrevesse n'um dialecto, a que podessemos chamar o dialecto setubalense. Foi n'esta formosa e sonora lingua portuguesa que a todos nos foi dada como lyra que raros sabem desfrir, que elle exteriorisou, em resplandecentes versos, o seu pensamento de eleição. É certo que nasceu na linda cidade do Sado, mas a sua vida aventurosa passou-se em muitos pontos da patria portuguesa, sem exceptuar aquella India em que parece ter o destino fixado um dos passos mais amargos do Calvario dos nossos poetas. Não! Bocage não foi um poeta regional, à maneira d'aquelle delicioso Mistral de que os provençais se orgulham. Foi um poeta que abrangeu ideias e levantou vôos que o collocam ao par dos que mais vastamente contemplaram e apprehenderam as lições do universo. Não se concebe, pois, que Portugal inteiro o não celebrasse, e que Lisboa, em que parece ainda ouvir-se a sua voz sarcastica resoando no Botequim das Parras, não tenha tomado a peito faser-lhe uma d'aquellas apotheoses que só as capitais têm recursos para effectuar.

Faltou-lhe tambem a contribuição dos poetas n'este preito que a um grande poeta se rendia. A commissão de Setubal, que tomou a iniciativa do centenario, não se esqueceu de a solicitar, tentando mesmo a organização d'un *sarau de poetas*, como numero do programma das festas, e que inteiramente fracassou, porque nem um só dos convidados compareceu, limitando-se meia duzia d'elles a enviar poesias que foram lidas por diversas pessoas. Li já a este respeito uma queixa d'um correspondente de Setubal para um jornal de Lisboa. «Convidaram-se centos de poetas!—disia elle.— Não veio nenhum!» Pois exactamente por se ter convidado centos é que foi melhor que nenhum apparecesse. Porque? A resposta dá-a o proprio correspondente: «Queria-se fazer uns jogos floraes...» Ora ahi está.



ARREDORES DO MARANHÃO--No Anil

Uma commemoração de poetas a Bocage não podia ter esse carácter. Os jogos florais fizessem-se para avaliar do mérito de principiantes. Nenhum poeta consagrado a elles concorre, porque seria até uma concorrência desleal. E para entoar os louvores de Bocage requeria-se um grave e eloquente tributo. Era preciso que essa homenagem, a realissem apenas os raríssimos poetas que em Portugal tem deixado vislumbrar nos seus cantos a scintelha maravilhosa do Génio. Quem poderia produzir trabalho, digno de Bocage, — um dos cinco ou seis grandes poetas que Portugal pode apresentar ao lado dos excelentes nomes da literatura europeia? Verdadeiramente só um homem: Guerra Junqueiro, que é o único que realiza as condições de perfeição que desenham definitivamente, na história da arte, o vulto d'um grande artista. Incensar a memória de Bocage com balbuciamientos de subalteros, seria diminuir-a aos olhos do público, e não engrandecê-la.

Mas se Bocage não teve o seu centenário celebrado, como devia ter em todo o país, se Lisboa apenas lhe tributou a homenagem oficial d'uma lapide na fachada da humilde casa em que faleceu, se não houve uma lusida representação de poetas que, se não deviam lá ir-se-lhe dirigir como eguaes, deviam com tudo encorpar-se no cortejo que se lhe dedicou, como discípulos, — em compensação teve uma bella homenagem ao seu espírito, nos discursos que Theophilo Braga a seu respeito proferiu, na cidade Sadina, e um quente agazalho ao seu coração no peito de todo o povo da sua terra que nesse dia commovidamente o saudou. Theophilo uniu á sua memória, n'um caloroso amplexo, o espírito do pensamento moderno, que tantas vezes elle visionou, nos seus raptos de inspiração poética. O grande pensador pôz em foco o alto valor intelectual, social e philosophico da obra de Bocage. Esse sim, que era digno de chegar ao pé do admirável artista, e apertar-lhe a mão, como um camarada, n'essa altura resplandecente a que Victor Hugo chamou a «região dos Eguaes».

Por sua parte, o povo, com a sua intuição formidável e lógica, não esqueceu o que devia ao homem que despedeçara grilhões idênticos aos que ainda hoje lhe comprimem a ação e o espírito. Não esqueceu que elle se dava melhor, vivendo no seu pobre meio, do que nas arcadas decadentes em que poetas fraldiqueiros esbrugavam ossos arremessados das cosinhas dos fidalgos. Não esqueceu que elle ia buscar á viva fronte das suas emoções o segredo das suas liricas e das satyras. E acompanhou-o, tão devotada, tão unanimemente, que até se deu o caso de, no dia seguinte ao cortejo, não haver peixe em Setúbal porque todos os pescadores tinham deixado de ir ao mar, para acompanhar a grande manifestação feita em honra do seu poeta.

Por isso eu disse, no princípio d'este artigo, que se o centenário de Bocage podia ter sido mais, também podia ter sido menos. Foi alguma cousa, repito, — porque é alguma cousa ver este

admirável dança da alma popular, vibrando de forma tão singela mas tão commovente, ao ouvir proferir o nome do immortal vate que em tantos delírios se abraçou, mas que tão formosas cousas disse, correspondendo a sentimentos tão bellos. Entre a Poesia e a alma popular ha uma estreita comunhão que se não pode quebrar, sem que a Poesia resulte inexpressiva e estéril. Poeta que apenas queira referir sensações restringidas e exclusivistas nunca passará do minúsculo âmbito de cercles, ou academias. O sentimento tem que se universalizar para ser comunicativo, eloquente e fecundo. — porque, na realidade, o que todos procuram nos cantos d'um poeta não é mais do que a emoção que já sentimos e que os nossos labios impotentes não podem pronunciar nem a nossa débil imaginação exprimir em forma que seja tão bella quanto essa emoção foi viva.

MAYER GARCÃO.



A Astolfo Marques

Espalmo-a, vejo-a bem. Vulgar; as unhas rombas.
Se o destino quisesse, a dextra aristocrata
De um príncipe seria ou, sacudindo bombas,
Mão de nihilista; mão de rei; mão de pirata.

Ensopada de sangue em torvas hecatombas
Mão bandida apertando uma adaga de prata...
Mão de poeta a escolher, voando assim como pombas,
Rimas no escrinio idéal de perola e escarlata.

A um gesto do destino ella seria tudo,
Tudo! Un sceptro, punhal, mesmo um bordão que fosse!
— Peregrina, fidalga, homicida... Contudo

Se me arrancasse d'alma a menor dor sequer,
Beijára a propria mão, porque é sagrada e doce
A mão que cicatriza uma chaga qualquer.

Curytiba.

EUCLIDES BANDEIRA

O amor na mulher é como o perfume na flor; evolado aquelle fica esta sem valor.

CALINO JUNIOR.

A evolução da vida

Quando attentamos no «homem pre-historico», inerme, tendo de lutar com uma natureza cheia de hostilidades, desputando as mais das vezes ás feras o alimento de cada dia,—e quando o comparamos com o «homem actual», precavido por mil modos contra as durezas do clima e por mil modos garantido dos rigores da fome; quando attentamos no homem armado de uma tosca lamina de silex, ou (quando muito) possuindo uma faca de pedra polida, alguns furadouros feitos d'ossos e de espinhas, e um pilão (que, servindo-lhe para moer os grãos, fazia ao mesmo tempo o officio de martelo),—e o comparamos com o homem actual, servido por milhares d'instrumentos e de utensílios que lhe são ministrados pela industria moderna, possuidor da bussola, do relógio, e da balança; quando attentamos no homem que, dispondo apenas dos instrumentos de pedra e do simples esforço dos seus músculos, não conhecia a alavanca, nem o sarilho, nem a roda,—e o comparamos com o homem moderno, senhor de uma infinitade de máquinas servidas pelo carvão, pelo vapor, e pela electricidade; quando comparamos o homem da *edade de pedra* como o da *edade de ferro*; quando confrontamos o homem primitivo com o descobridor do vidro e das substâncias explosivas; quando comparamos o homem que pelo esforço limitado da sua marcha se achava confinado n'uma pequena área, imbaraçado a cada momento na passagem de uma serra, de um barranco, ou de um regato, com o homem que tem ao seu serviço toda a especie de veículos e a força dos animaes, o homem que tem o caminho-de-ferro e a navegação-a-vapor, o homem que corta o istmo de Suez e o de Panamá, e pratica os túneis do Monte-Cenis e de Monte de S. Gothardo: quando, ao homem que apenas podia comunicar com o seu similiante por uivos e por gritos, antepomos o homem que fala, que lê, que escreve, expande as suas idéias por meio da imprensa, do telegrapho, e do telephone; quando antepomos ao homem simplesmente reduzido aos seus sentidos aquell'outro que pode multiplicá-los por meio de instrumentos taes como o microscópio e o telescopio; quando collocamos frente a frente o homem nu, dormindo á sombra das ramarias, nas tocas das arvores e nas cavernas, e o homem que vive em sumptuosos palácios, cercado pelas magnificencias da comodidade e do luxo; quando comparamos a singeleza da vida primitiva com a complexa ingrenagem que caracteriza a sociedade moderna no governo, no comércio, na industria, nas artes, nas

letras e nas sciencias; quando com a singeleza do sentimento, das paixões, e da concepção do homem pre-historico, comparamos a variedade de paixões e sentimentos que agitam o homem moderno, bem como o poder d'observação e a grandeza das concepções scientificas de que elle é capaz; quando finalmente pômos de um lado o *troglodyta*, ou ainda mesmo algum exemplar de certos povos hoje existentes (os Papuás, os Hotentotes, os Australianos), e do outro lado, em confronto, homens taes como Newton, Darwin, Tyndall, Lamarck, Pasteur, e Haeckel:—sentimos á primeira vista que um abysmo insuperável separa essas entidades em dois grupos distintissimos. E todavia a simples reflexão, ssae observação superficial sobre as raças humanas, ou mesmo em volta de nós, dentro do nosso círculo social, mostra que de uns para outros se passa por transições insensíveis e graduadas, sem ficar sombra alguma de duvida. O saber adquirido e acumulado de geração em geração, capitalizado e legado desde muitos milhares de séculos, constitue a famosa herança que tanto insubvertece a sociedade actual, que tanto a diferença dos seus antepassados, cujos vestígios certos encontramos nos utensílios pertencentes á *edade de pedra*.

Muito de propósito chámamos a atenção dos leitores para estes factos,—banas talvez, mas que representam a serie dos progressos, por que se ligam o homem antigo e o homem moderno (entidades tão diferentes á primeira vista que chegam a assumir a apparencia de espécies diversas). Quizemos obrigar os leitores a que acreditassem pela sua reflexão no extraordinário progresso feito pela especie humana,—progresso indubitável porque assenta sobre documentos incontestáveis (ossadas humanas, instrumentos silex e diferentes pedras, instrumentos feitos de ossos, e mais tarde vestígios de fogo, assim como sepulturas,—descobrimentos estes que em variadíssimos pontos da superficie do globo se tem realizado). E' hoje indubitável que o *Homem*, depois de uma vida errante, se reuniu em grupos, e que desde esse momento começou o maravilhoso poder da divisão do trabalho: fez-se sucessivamente caçador e pescador; introu na vida pastoril, na vida agrícola; fez-se guerreiro e industrial; dividiram-se officios e mestérios; crearam-se pouco a pouco as aptidões mais variadas. O homem saído das cavernas levantou tendas, aldeias, villas, cidades, imperios.

Acceito, como não podia deixar de ser, o progresso de que falamos,—o espírito dos leitores fica preparado para abranger mais largos horizontes, porque vamos tratar de uma serie mais vasta de progressos, vamos tratar da *serie animal* incadeada de um extremo ao outro por uma serie não interrupta de gerações.

Se procuramos classificar e ordenar os seres do reino animal pela ordem das suas maiores similaridades exteriores, prestes ficamos impressionados pela circunstância de se acharem elles grupados em serie principaes, sobre as quais se inserem a diferentes alturas series secundárias,

sobre estas outras, e assim por deante. Nota-se sempre que para um lado ficam os animais mais simples, e para o outro os animais mais complexos; que esta complexidade se mostra tanto no numero dos órgãos como na sua perfeição, como ainda na esfera d'acção que cada um dos seres tem sobre o meio que o cerca. Se profundarmos mais o estudo intrando pela estrutura interna d'esses animais,—as relações entre elles mostram-se cada vez mais intimas; a idéa da serie arraiga-se mais no espírito do observador; a idéa de um parentesco resalta claramente; e as series de que falamos parecem converter-se por um modo natural em uma arvore genealogica cujo tronco fosse commun a todos os ramos animais. Poderia, entretanto, dar-se o facto de ser simultanea, e não successiva no seu aparecimento, esta complicação crescente de que falamos; d'este modo as series ficariam, mas teríamos de abandonar a hypothese genealogica.

O estudo da Paleontologia incarrega-se de resolver esta questão. Sabe-se que a Terra passou por uma *idade de fogo* ou *idade plutonica* durante a qual toda a agua se achava na atmosphera, reduzida a vapor. Pelo resfriamento cessou a *idade de fogo*, e passou-se á *idade das aguas* ou *idade neptunina*; n'esta idade a chuva em torrentes dissolia e desagregava as rochas, formando uma vasta inundação de aguas carregadas de materiais terrosos cujo deposito lento e gradual no fundo dos mares foi deixando esses estratos mais ou menos paralelos e sobrepostos que cobrem quasi toda a superficie do globo, depositos que teem continuado até aos nossos dias, ainda que n'uma escala decrescente; esses depósitos chamam-se *terrenos estratificados* ou *neptuninos* para se distinguir dos *terrenos plutonicos*. Sabe-se, por outro lado, que a vida organica começou á superficie da Terra depois

que esta introu no periodo neptunino; nem de outro modo podia ser, porque não se concebe a existencia de seres vivos antes que se formasse a agua liquida, facto este que é demonstrado pela existencia de restos animais em todas essas camadas, somente n'essas. Ora, se nós inventariássemos o espolio dos seres organizados nas diferentes camadas geológicas, visto como cada uma d'ellas contém restos d'animais seus contemporâneos, sucede que á proporção que nós vamos caminhando no exame d'esse espolio, a contar das camadas mais antigas (os *terrenos archilíticos*) para as camadas mais modernas (os *terrenos anthropopolíticos*), sucede que as formas a principio as mais simples se vão sucessivamente complicando á proporção que subimos para as formações geológicas modernas, e que esta complicação se vai fazendo pelo mesmo modo e com a mesma ligação que encontramos nas series vivas sobre que fizemos o nosso primeiro estudo. Não resta, pois, dúvida alguma de que houve uma verdadeira successão no tempo em que essas formas apareceram á superficie do globo; a descendência é manifesta, e tanto mais, quanto mais se estudam e compararam essas formas successivas; a arvore genealogica do reino animal, toda proveniente de uma mesma raiz, é um facto provado.

Os organismos complicam-se em virtude de duas leis principaes: *herança* e *adaptação*. Uma geração lega á outra as suas qualidades; esta adapta-se e adquire novas faculdades que transmite á geração seguinte, e assim por deante. Capital e juros acumulados: capital de herança, e juros de adaptação.

Como se os argumentos exhibidos por Darwin não bastassem para provar a teoria genealogica,—outra ordem de estudos veio lançar sobre a questão a mais brillante e inesperada luz que poderia imaginar-se. Referimo-nos aos estudos da Embriologia,—dos quais Haeckel com o seu extraordinário talento fez uma sciencia nova. Antes de intrarmos, porém, n'este assumpto, cumpre-nos dizer duas palavras sobre a estrutura dos corpos organizados.

Quando se estuda anatomicamente um animal, vemos logo que o seu corpo se divide em diferentes distritos ou *apparelhos* (tais como: o *apparelho nervoso*, o *apparelho digestivo*, o *apparelho locomotor*, etc.) Estes *apparelhos* dividem-se ainda em partes mais pequenas (*órgãos*); assim no *apparelho locomotor* ha ossos, ligamentos que prendem esses ossos, e músculos que os movem. Estes órgãos decomponem-se ainda em *tecidos*; e os tecidos decomponem-se por ultimo em elementos mais pequenos, chamados *cellulas*. As *cellulas*, são unidades vivas; a vida de um órgão, de um *apparelho*, de um animal, é a soma das actividades de todas as *cellulas* que o compõem; a *cellula* não pode multilar-se sem que seja ferida de morte; a *cellula*, mesmo quando vive em comunidade, tem uma vida que lhe é propria; a *cellula* nutre-se;—isto é absorve principios de um meio ambiente, com que se re-



Estado do Paraná—União da Victoria—Bate estacas a vapor da ponte provisória sobre o rio Iguaçu (phot. amador Egydio Pilotti)



A MODA DA REVISTA

param as perdas que ella sofre na sua actividade,—e deita fóra os resíduos d'essa mesma actividade; a cellula reproduz se,—isto é, divide-se, dando origem a novas cellulas que crescem, e se reproduzem por sua vez; a cellula sente; a cellula move-se; e são estes os caracteres da vida que se observam em todas as cellulas.

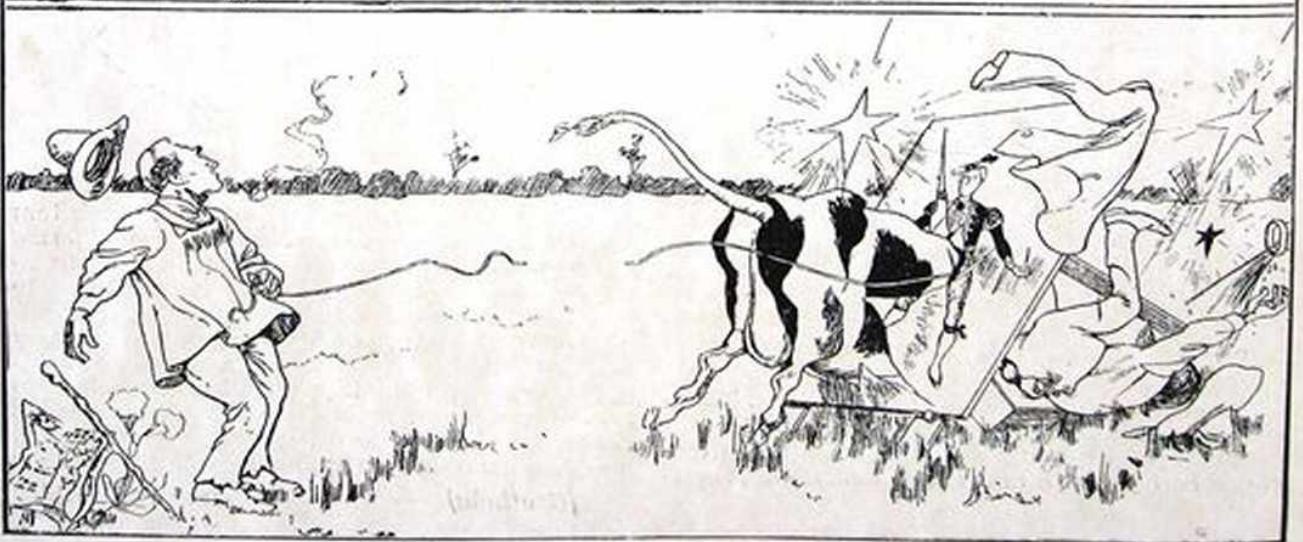
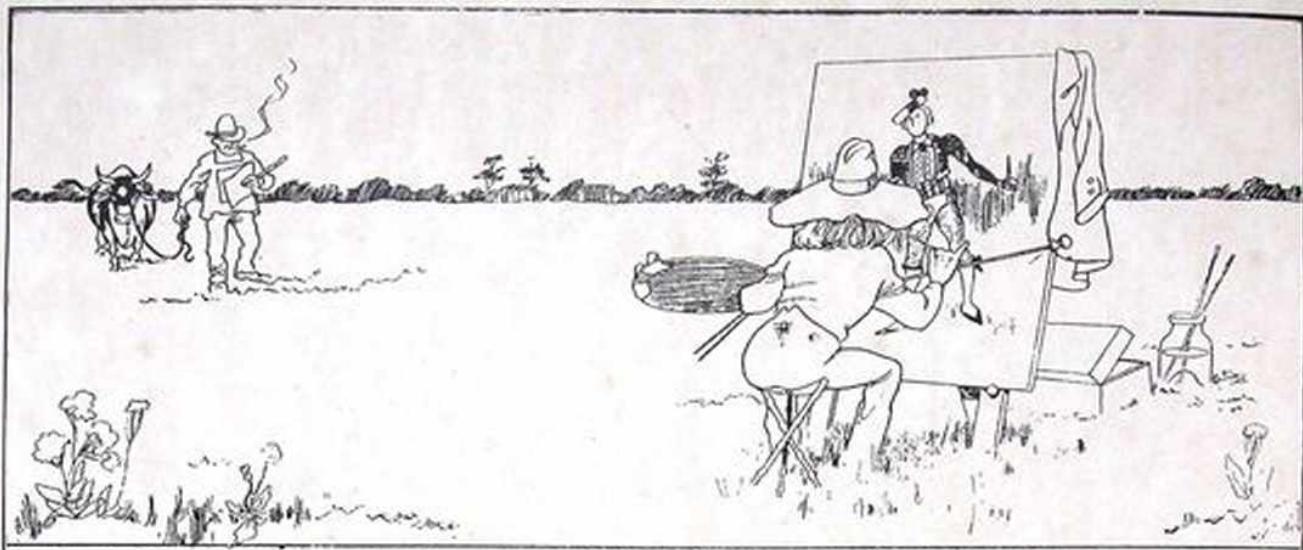
As cellulas são formadas por uma substancia albuminoide, analoga à gelatina e à clara-d'ovo; compõe-se de um *nucleo* interno (uma espécie de caroço) e de uma substancia molle, semi-

fluida, que o envolve e cerca (esta substancia tem o nome de *protoplasma*). *Nucleo* e *protoplasma* são as partes fundamentaes de uma *cellula*; todavia este organismo complica-se frequentemente de partes secundarias, entre as quaes figura principalmente a formação de uma membrana ou pellicula que envolve o protoplasma (taes são as cellulas que se encontram por toda a parte, no reino organizado, mais ou menos modificadas conforme o destino e o papel que representam no organismo de que fazem parte).

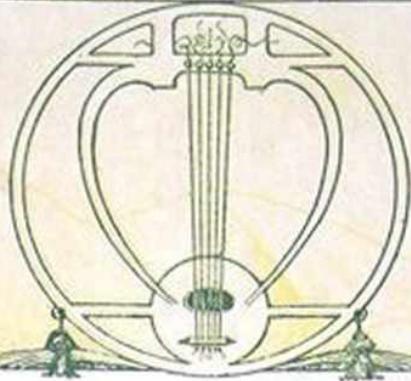
(Continua)

RODRIGO PEREIRA

HISTÓRIA MUDA



A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 9

Maio de 1906



O MEZ

O Jayme de Avelar e o Henrique Neiva furtaram-se covardemente á responsabilidade da crônica do presente mez.

O primeiro, acobertando-se com a sua classica neurasthenia, declarou-se incapaz de traçar duas linhas que se pudessem ler; o segundo dizendo-se ainda estremunhado pelas noites que perdeu com a Companhia Tomba, igualmente confessou-se abaixo da tarefa exigida.

Nestas condições, o Alfredo e o Lobo lembraram-se da minha humilde pessoa e incumbiram-me de rabiscar as linhas que se vão ler. Quiz também recusar-me, mas os dois rapazes de tantas lamurias usaram que, afinal de contas, aqui estou de pena em punho, tendo diante de mim uma rumia de tiras brancas a encher.

O mez foi um mez cheio, não ha que ver: Companhia Lyrica no S. Luiz, Exposição da Festa Popular do Trabalho, na residencia do Professor Fernandes, festejos marianos nas principaes egrejas da capital.

A despeito de tudo isso, porém, não me sinto disposto a bordar extensos commentarios ácerca de nenhum desses tres acontecimentos.

De musica nada entendo; a não ser a *Maria Caxuxa*, a *Carolina*, que horas são estas e outras modinhas de igual jaez que desde a minha infancia ouço cantadas pelos trovadores indigenas, tudo mais entra para mim na categoria do incomprehensivel. A *Traviata*, a *Bohemia*, a *Cavallaria Rusticana*, etc., etc., de que toda a gente fala e que toda a gente aplaude, deixam-me, quando as oiço, inteiramente em jejum. Por mais que me esforce, não consigo tomar pé naquelle mare magnum de sons e de claves. Os outros



CARLOS HUMBERTO REIS

Primeiro Bacharel em Ciências e Letras pelo Lyceu de Maranhão

acham tudo muito bom; eu fico para aqui assim, nem carne, nem peixe. Não entendo.

De trabalho, muito menos. Acho que o ideal seria viver a gente na santa pandega, sem consumções e sem suor. Não posso, portanto, compreender o intuito dos que tiveram a triste ideia de criar entre nós uma Festa do Trabalho, como se o trabalho fosse coisa que se festejasse. Trabalho é coisa a que a gente se sujei-

ta, porque não tem outro remedio e de que estaria a humanidade livre se não fosse a pouca vergonha do Adão com a Eva no Paraíso.

Deixo, portanto, de parte a Exposição e passo adiante.

Resta-me o mez de Maria. Nessas coisas de devocão, sou muito circumspecto, para não melindrar susceptibilidades, de forma que só o que me resta faser é pôr aqui o meu nome, pedindo aos leitores da «Revista» que aguardem o mez vindouro, em que o Jayme e o Henrique de certo lhes contarão coisas dignas de serem lidas.

Eustachio RAMOS.

A FELICIDADE REPUBLICANA



Impregnados dessas idéias—sobre o papel de Estado, os políticos sul-americanos são conduzidos fatalmente a considerar os regimens políticos como cousas que existem e que devem existir por si mesmas, independentemente dos interesses geraes das populações.

A muitos republicanos sinceros se afigura que a *República* tem razões de ser abstratas, fóra da felicidade dos povos. Para elles a *República*—por effeito de qualquer virtude intrínseca destas quatro syllabas—basta para se justificar a si mesma. Adopta-se o regimen republicano para possuir-se esta causa mirifica—*REPÚBLICA!*...

Não pensam que tal regimen tenha sido adoptado por ser aquelle capaz de dar ao povo a maior dôse de felicidade, e que é por isso, unicamente e exclusivamente por isso, que elle deve existir. Era um estado social *melhor* que se pedia, quando se pedia a *República*. Sim, esta palavra, só ella, transportava os corações, porque em cada letra ardia um ideal: justiça, reparação, solidariedade, beleza nas almas e nas cousas. Se a sonoridade destas syllabas inflamava os entusiasmos, é porque estávamos certos de que o dia em que pudessemos acclama-la na praça publica seria o dia do renovamento, e que ella traria consigo todos os progressos políticos e sociaes—a eliminação de todos os abusos, liberdade e amor entre os homens, um pouco de felicidade para os que esperam justiça e carinho desde as primeiras idades. Era isto o que se acclamava na *República*, e não esta em si, que, abstracta, nada significa. E dos estadistas exige-se que a façam concreta. Longe de se contentarem por haver proclamado o regimen republicano, elles devem inquirir das convicções sociaes; indagar se as populações se sentem

mais felizes, examinar e estudar as causas dos males que ainda as atormentam, para combatê-las eficazmente, para ir, a pouco e pouco, preparando essa felicidade que a *República* deve dar aos povos. Ha trezentos annos, já, que Bacon reclamava das leis: tivessem como objectivo exclusivo fazer os cidadãos felizes. Taes idéas, porém, não os occupam. Procedem, esses republicanos, como se a *República* fosse uma realidade á parte, cujo papel é o de conferir às nacionalidades uma nobreza política especial, e cuja posse, por si só, as deva contentar. Por isso elles pedem, os mais puros, ás gentes: que se *sacrifiquem*, que se resolvam a *sofrer pela República*—por esta causa existente apenas no papel, e cujos principios essenciaes são diariamente transgredidos pelos mesmos que os inscreveram em leis, e que julgam haver cumprido, assim, o seu ultimo dever (1).

E, apezar de tudo isto, exigem que os cidadãos, em nome da *República*, não vejam taes cousas, e sofram silenciosos e resignados quanto fôr preciso para que os homens que encarnam o Estado, e o manteem tão oneroso, tyrânico e inutil como se fôra o domínio monárquico—para que esses homens se possam orgulhar do titulo de *Republicanos*. E' como se dissessem: «Pois vocês não tem a *República*; que mais querem?... Contentem-se e arranjem-se, que o Estado nada tem que saber—se o povo é feliz ou não». O dever do *Republicano* seria abdicar a qualidade de cidadão, desistir de melhorar de sorte, renunciar aos seus ideaes, ou, pelo menos, adia-los para os longes das utopias inacessíveis, e transigir com a iniquidade... E por ahí que se chega a aberrações como esta. Fez-se a *República* no Brazil, e adoptou-se o regimen da democracia pura, o sufragio universal; o governo seria, apenas, um mandatário—o delegado, representando a vontade da maioria da Nação. Tal é a essencia do regimen—um órgão governamental em nome da maioria. Não sendo, assim, não concorrendo a maioria das vontades para instituir os poderes publicos, está falseado o sistema. Ao mesmo tempo, comprehendendo, e comprehendendo muito bem, que, hoje, o individuo analphabeto não é um cidadão completo, e que, numa democracia, todo o cidadão deve conhecer os seus direitos e deveres—comprehendendo isto, a constituição republicana estabelece que: «só serão eleitores os indivi-

(1) No Brasil, por exemplo, decretou-se a separação da Igreja do Estado, plena liberdade de consciência. Para ser completa e radical, a *República* desistiu mesmo—erroneamente—de fiscalizar esse poder espiritual, que ali existe, influindo grandemente sobre as populações, e empregando, geralmente, essa influencia para contrariar as idéias republicanas; decretou-se a inteira neutralidade do Estado, sendo-lhe defeso até o defender-se. Depois, o próprio estadista que subscrevera o decreto, por espírito de mera cabotinagem, vae, no esplendor das suas funções, ao som de todas as fanfarras nacionaes, inclinar a sua autoridade, ajoelhar o Estado e as forças republicanas diante dos deuses católicos, arvorados na festança com que o patriotismo de ultramar comemorou uma das suas boas descobertas...

duos que souberein lér e escrever». No entanto, ocorre que, no paiz, apenas 10% dos cidadãos sabem lér e escrever, e vem d'ahi que, mesmo quando as eleições fossem purissimas, ainda assim, o régimen estaria falseado—porque apenas 10% dos cidadãos iriam ás urnas. Em hypothese nenhuma seria uma *República* democrática, pois que o governo representa a vontade de uma minoria insignificante, e o sufragio universal—uma burla, visto a ignorância absoluta das massas. Dado isto, qual o dever do Estado-República? Mandar ensinar a lér e a escrever a esta população de analphabetos. Bem, ha treze annos que existe a *República*, e, em todo esse tempo, nenhuma voz reclamou contra este absurdo, ninguém se occupa do assunto.

Quem quiser ter a impressão bem sensivel d'essa despreocupação leia os relatórios dos Ministros de *Instrução Pública*; nem uma palavra sobre a instrução popular; mesma quanto aos outros ramos de ensino, nem uma nota sobre o progresso da instrução em si; reformas, programmas, etc., tudo vem tratado sob o ponto de vista estritamente administrativo, sob o ponto de vista dos interesses privativos do Estado (1).

Qual o resultado ultimo de tudo isto? Desapareceu a autoridade que se impunha em nome de direitos privativos, sem—direitos de essencia divina; vem uma outra, em nome da vontade collectiva; mas esta vontade não existe—é o que está na consciencia de todos; não existe, porque a oligarchia, interesseira e sceptica, já perdeu todo o poder politico, e distribue entre si os cargos e as funções, não escondendo, nem nos actos, nem nas palavras, o desprezo pelo chamação *voto popular*; não existiria, ainda que as classes dominante o quizessem, porque falta ao povo a consciencia dos seus deveres e direitos, e a intelligencia para usar delles. E o resultado final é uma successão de mentiras, chimeras apodrecidas, à lembrança das quaes os ingenuos, os crentes, de hontem se lamentam e choram desillusões, enquanto os «arrivistas» os olham com o desprezo superior de quem vae alcançando alguma cousa. Lamentam-se aquelles, desfiam queixumes, esquecidos de que foram elles proprios que prepararam as desillusões—mentindo ao programma que hontem pregararam, realizando uma *República* que desconhece ou esquece o ideal que era a sua razão de ser, uma *República* adaptada ás instituições e costumes monarchicos que pretendera eliminar, não repellindo senão aquillo que devera afirmar, uma *República* onde só os reaccionarios se sentem bem... E permitem, com isto, que a accusação se formule: «A *República* mentiu ás suas promessas». Não: foram os homens que mentiram ás suas idéias.

MANOEL BOMFIM

(1) Nesta hora não ha, no mundo official do Brasil, quem possa dizer qual o estado da instrução popular, nem sequer o numero de escolas.

Impressões de viagem

(CONCLUSÃO)



O Piauhy tambem accusando roubo nas repartições federaes!

Quem diria que elle até nisto havia de acompanhar o progresso da *República*!

Soube, porém, que o roubo não excede de uns dez contos de reis, com quanto houvesse muito dinheiro no cofre violado. Por este motivo, já se disse que não devem as autoridades divulgar semelhante noticia para que os outros Estados não lancem o ridiculo sobre o nosso.

DIA 2. Ainda percorri a cidade no intuito de adquirir novas impressões.

Nunca vi lugar tão quente. O que vale é que as ruas, que são todas bellamente alinhadas, são bastante largas e as casas não são de sobrado, facilitando, por isto, a ventilação, si tal nome se pode dar a branda aragem que sopra de longe em longe, mal attenuando os ardores da canícula. Também pouco os abrandam a feia e espaçada arborização.

Mesmo de cliapéo de sol aberto, sente-se um calor de rachar. Que pena, em uma cidade de tanto futuro!

Não tem calçamento e creio que peior seria si o tivesse, porque as pedras aumentariam o já demasiado calor. Só si fosse um calçamento de madeira, que seria enormemente dispendioso e sujeito a constantes reformas.

Dahi resulta que, sendo o local bastante arenoso, constantes nuvens de poeira estão sempre a nos empocalhar a roupa, fazendo-nos aspirar um ar muitas vezes viciado.

Urge levar avante a empresa de canalização d'água, fornecendo o precioso líquido por preço muito modico. E' o unico meio de pôr termo ao transporte d'água em costas de animaes, cujas caravanas, percorrendo as ruas diariamente, fazem levantar o pó em todas as direcções.

E' desagradável para quem chega de S. Luiz, hoje optimamente ajardinada, bem calçada e soprada pela virada marítima, expor-se aqui á poeira e ao desapiedado sol equatorial.

Recebi á noite uma comissão da sociedade de Caridade 2.ª que veio convidar-me para uma sessão literária em homenagem á minha pessoa. Como de meu dever, accedi ao convite, contando aparecer no dia e hora aprasados.

Tive noticias de meu companheiro, o dr. Homem Bom, que está fazendo furor. Que o cha-

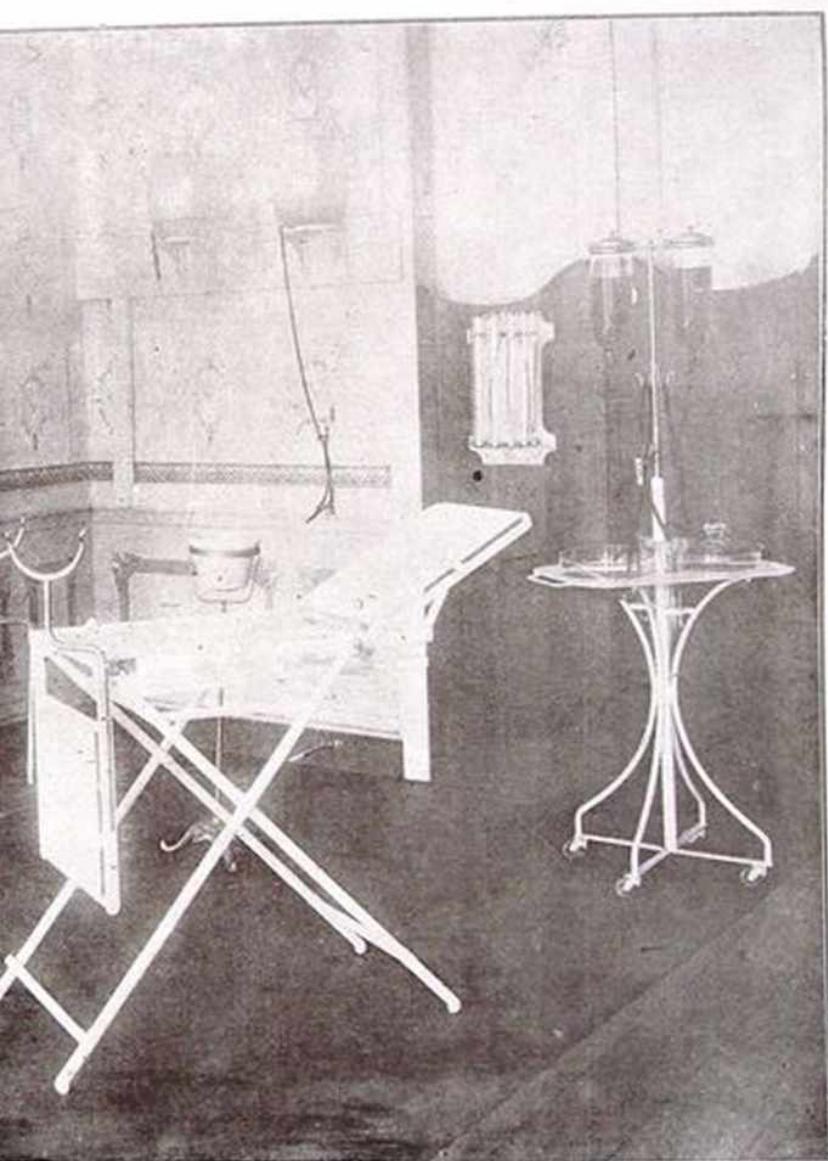


CONSULTORIO DO DR. ALMIR NINA—GABINETE DE CONSULTAS E DE ANALYSES

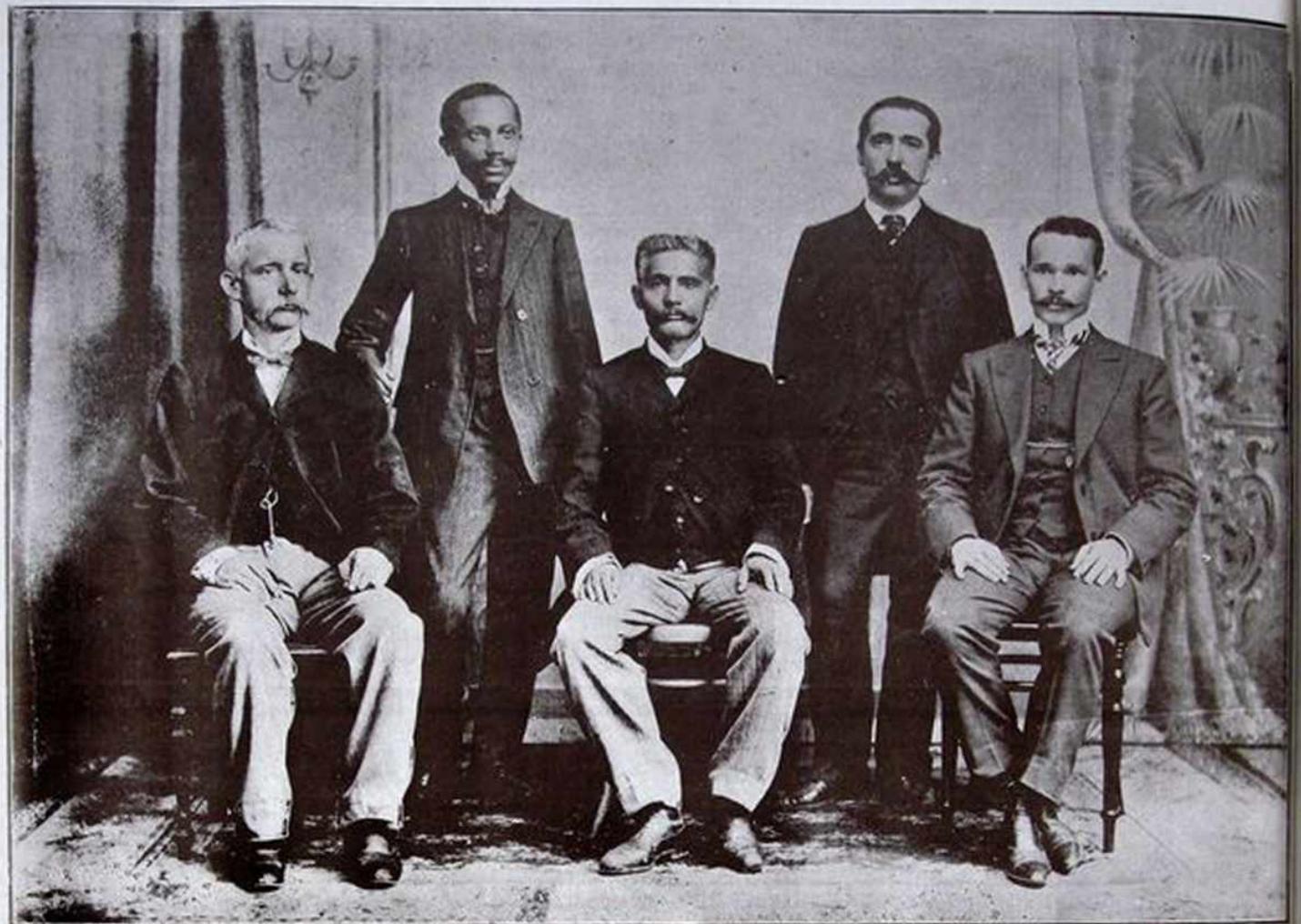


Typegr Taxe.

CONSULTORIO DO DR. ALMIR NINA —



GABINETE DE EXAMES E INSTRUMENTARIUM



FESTA POPULAR DO TRABALHO—OS REORGANISADORES DA SOCIEDADE

mem a vontade ! Eu é que o não quero á minha cabeceira.

De medicos, bastava, para mim, os que têm juizo, os quaes, entretanto, contam nos nossos cemiterios grande numero de monumentos para perpetuar-lhes a memoria.

DIA 3. Pretendia ir amanhã a Caxias, mas, em virtude de uma carta do Bento, hoje recebida, mudei de resolução. Não me é possivel, pois, tomar novos banhos na Ponte antes de minha volta de Oeiras.

Nada se tem sabido sobre o roubo da delegacia fiscal. São taes e tantos os boatos que correm, que será melhor deixal-os todos de quarentena. Já se chegou mesmo a dizer que no balanço dado verificou-se, não desfalte, porém um saldo ! O diabo é que o thesoureiro pode reclamar-o.

O Piauhy daria uma nota brilhante si tal coisa acontecesse n'esta quadra chamada com muita propriedade —a época da roubalheira.

Passei bem o dia. Tomo sempre dois ba-

nhos, não tão bem como os tomava em Caxias, mas banhos de cuia, que é a peior instituição destes ultimos tempos. Isto acontece, porque o intendente Domingos Monteiro, por excesso de zelo, prohibiu os banhos no rio, onde *in illo tempore* faziamos tantos exercícios de natação.

E' conveniente fazer preces publicas, pedindo-se que termine o governo municipal do Domingos. Si ha um Deus nas alturas, é preciso que elle tenha alguma utilidade.

Visitei o dr. João Cabral, patrício distinto, que acaba de chegar de Manáos.

Não podia deixar de cumprir este dever.

O Cabral é um piauhyense que honra o nosso Estado. Caráter inquebrantável, não ha vicio que o possa corromper. Foi contemporaneo, em Pernambuco, e creio que até companheiro de casa, de dois outros patrícios nossos, o que o Piauhy tem produzido de peior, sem excluir mesmo o lixo das praias. Entretanto, nunca se deixou impregnar pelo vírus corruptor.

Reside actualmente no Amazonas, mantendo



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE MARCINARIA

sempre invulneráveis as suas qualidades moraes.

E' um moço equilibrado. O desenvolvimento da intelligencia nunca lhe causou alteração no senso moral. E é um espirito bastante cultivado, muito amigo do torrão natal e, sobretudo, um forte, um trabalhador.

Pauperrimo, passou debruçado sobre os livros a quadra de seus dias mais florida, percorrendo toda a escala de privações, mas, vencendo, por fim, todas as dificuldades.

Foi meu professor de alemão no Recife e parece consagrarme boa somma de affeição, o que é para mim motivo de desvanecimento.

Recebeu-me com o riso nos labios e apertou-me duas vezes contra o seu grande coração.

Gosto immenso do Cabral.

DIA 4. Passei o dia optimamente, a despeito do grande calor que fazia. Para evitá-lo resolvi dormir de dia, quando elle se torna mais insuportável, o que faço depois de um banho frio; e

trabalhar à noite, quando elle é menos intenso. O que sucede é que, quando acordo, estou alagado de suor.

Em todo caso, parece que me darei bem n'este regimen. O peior é que o Julio Nogueira acorda-me constantemente, oferecendo-me sorvete, (felizmente já se encontra gelo em Theresina), café, almoço, jantar e outras coisas mais, o que for longa enumerar; e regando as refeições com vinho, mesmo sem se pedir. Parece que este Julio nunca recebeu lições do Amaral.

Assentei-me à tarde defronte da casa comercial de Antonio Campos, de quem o Julio é socio, pois é habito aqui e coisa do bom tom sentar-se a gente na calçada, como se chama em Theresina, ou passeio, como se diz em S. Luiz, das 6 horas da tarde até às 8 e 9 horas da noite.

Este uso nasceu naturalmente da necessidade de fugir ao calor interno das habitações,



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE ARTES E INDUSTRIAS

quando o sol tem a generosidade de nos deixar em paz.

D'ali observei um espectáculo curioso:—duas nuvens negras e movediças dirigindo-se da cidade para a matta.

E, coisa interessante, vemo-las sempre tomar aquella direcção, sahindo do centro da cidade, mas não as vemos terminar: estão sempre a sahir do mesmo lugar até ao anoitecer quando as perdemos de vista.

Advinharão o que isto seja? *Hoc opus, hic labor.* Não é o ar que se condensa, não é nuvem de chuva, nada d'isto. São morcegos que se retiram de suas habitações, que em regra são as egrejas e outros logares inhabitados, demandando a Chapada do Curisco, onde vão chupar frutas e sugar o sangue de outros animaes.

Voltam, segundo me disseram, pela madrugada, afim de dormir de dia, o que aqui não lhes posso censurar.

Nunca vi tanto morcego.

Já um dos jornais desta terra noticiou uma occasião que o governo resolveu dar combate a esses importunos habitantes da cadeia publica. Pois bem, destelharam o edifício, que aliás não é desocupado pelo homem, e terminada a luta contaram doze mil morcegos mortos no campo de accão, ficando, porém, estafados, vencidos pelo cansaço os defensores da legalidade.

Theresina, 5 de Agosto de 1905.

ARAUJO COSTA

PENSAMENTO

Os homens que pensam valem mais do que as mulheres que amam.

CALINO.



A Revista do Norte, 5. ANNO N. 9

Raio X radiographia feita pelo dr. ALMIR NINA



Tony Tex.

FESTA POPULAR DO TRABALHO—SEÇÃO DE ARTES E INDÚSTRIAS

O theatro livre em Portugal



Aproveitou-se em Lisboa o mez de verão, por excellencia, que está a findar por algumas horas, para uma dupla tentativa, sobremaneira interessante em materia de arte. Procurando acclimar ás iniciativas audazes do moderno theatro no estrangeiro,

e sobretudo em França, duas empresas se arrojaram ao commettimento de, em dois theatros da capital, e paralellamente, porem em scena obras de caracter mais ou menos revolucionario, quer na esphera das idéas, quer na dos costumes,—umas originaes, outras traduzidas. Nós somos sempre assim. Ou tudo ou nada. Depois de uma inercia larguissima, que não deu azo á possibilidade da mais timida tentativa no genero, aparecem aos pares os emprehendimentos,—dir-se-hia que precisamente para que, de forma mutua, se aniquilassem um ao outro.

No theatro do Gymnasio, arrendado para esse fim, e com uma companhia em que entraava certa quantidade de artistas feitos, taes como Maria Pia, Adelina Abranches, Pinheiro e Gil, iniciou os seus espectaculos a cooperativa do Theatro Livre. No theatro do Príncipe Real, o novel auctor Araujo Pereira, com uma troupe de desconhecidos á excepção de Luciano e Palmyra Torres, abriu o palco ao conflicto das idéias e ás justas litterarias dos dramaturgos novos,—que as outros theatros, de índole conservadora, não haviam ainda recorrido, ou d'elles tinham sido repellidos.

Digamol-o desde já: as tentativas dos dois theatros, um dos quaes se denominava *Livre* e o outro *Moderno*, se não foram de grande fortalecimento para a arte, deram, em compensação, importantes subsidios para a orientação da critica. Puzeram principios novos e autores novos em frente do publico, de cujas impressões se pode somente aferir o estado social, moral e mental d'uma sociedade. Fizeram a experientia: deram a theoria em pasto ao facto. Posto em equação o duplo problema de saber quaes as idéas representativas das novas aspirações e a maneira por que os nossos artistas as interpretariam, e qual a opinião e a sensação do publico perante a obra de arte assim constituída, deu-nos soluções correspondentes a eloquentissimas respostas. Ha idéas avançadas em Portugal? Ha autores dramaticos que vantajosamente as interpretem? Ha publico que aceite umas como norma de nova moral, e outros como esperanças d'um novo theatro? E' a isto, que ha tempo andava no espirito de todos que com cousas de educação e arte se preocupam,—é a isto que as duas tentativas realizadas dão resposta.

Comecemos pelo principio. Ha ideias avançadas em Portugal, procurando exteriorizar-se em obras de arte? Ha. Mas começa por não haver orientação precisamente para as orientar. Segundo se deprehendeu,—em geral, é claro,—dos trabalhos representados, reina confusão, delírio no domínio de tais idéias. D'ellas recuma, consoante Theophilo Braga ha tempos lucidamente o notava, um *anarchismo de bota a baixo*. Não se procura, por meio d'um estudo profundo, e despido de paixões sectarias, analisar o que realmente ha de mau e de bom no que actualmente existe, quer a principios nos refiramos quer de costumes e instituições tratemos. Não! O intellectual avançado, desde que encontre na sua frente qualquer que, por antiga, que se lhe assigure conservadora, trata logo de a deitar a baixo, sem querer saber do que ia dentro do edifício que demoliu, nem se preocupar de substituir o que arrazou. Vejamos, por exemplo, a familia. Ha vicios que a corroem, preconceitos que a maculam? Sem duvida. Mas, a familia é um instituição natural, que dignifica a especie, e que em si resume, não uma tyrannia odiosa, como alguns dos seus aspectos a denunciam, mas essencialmente o pequenino mundo, amoroso e expansivo, que é a imagem primeira d'uma humanidade futura, que, por eternamente se amar merecerá bem o nome de familia humana. Mas a grande palavra do *amor livre* está dita, e, como é preciso espalhar-a aos quatro ventos, não se trata de resolver em que condições o amor verdadeiramente livre, e por isso verdadeiramente puro, se poderá applicar á familia, e dar-lhe mais vida, luz e felicidade. Não: proclama-se antagonico da familia o que nella se deve integrar, e a familia é arrasada, para que o amor livre campeie,—sem que á mente acuda a idéa de que, na realidade, se está mais excitando inconfessaveis paixões do que sinceramente consolando os espíritos.

Um escriptor espirituoso disia que toda a sua vida se passara a esforçar-se por se conservar no difícil equilíbrio de ser revolucionário sem ser maluco. Outro tanto é preciso tentar para não cair da integral liberdade na absoluta relaxação. Só uma moral forte, realmente sentida e severamente pensada, pode salvaguardar dos exageros fatais das insubmissões e revoltas do pensamento.

Foi este escolho que raro evitaram os autores dos theatros livres. Na sua maioria saltaram a pé juntos sobre o bom senso; atropelaram a tolerância, que é a unica garantia da liberdade; viram tudo em negro, mesmo o que ainda é asul e luminoso. Um dos autores do Gymnasio fez a condenação geral e inapelável da sociedade por causa d'um presunto roubado, e de haver um tribunal que velava pela propriedade dos presuntos. Outro, este do Príncipe Real, o sr. Mario Gollen, levou-nos nos *Degenerados*, a uma cadeia onde os presos se absolviam uns aos outros, apesar de haverem roubado e assassina-



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE BELLAS-ARTES

do,—a pretexto de que a sociedade tambem exerce o roubo e practica o assassinio, o que não é rasão, visto que um crime pode attenuar, mas não justifica outro crime. O Gymnasio só deu permanencia relativamente larga no seu cartaz a uma peça francesa, fresquinha e acanhada, *O Pac Natural*, que em nada differe da dissolvente litteratura boulevardière, tão condenada pelos intransigentes, quando se exhibe no palco de D. Amelia. E no Príncipe Real dois autores novos, os srs. Eloy do Amaral e Carrasco Guerra, pretenderam, no *Mau Caminho*, dar lições de virtude a propósito d'um rapasola ter uma amante, já largamente mundanizada, e querer casar depois com uma rapariga honesta, que, por coincidencia, é irmã da outra. Estes parecem mesmo que estavam mais dentro da *Moral em ação* do que nos dominios da mais feroz demolição doutrinaria.

A par d'isto, que realização artística ? De-

plorável ! Preoccupados com as *ídias*, os novos autores dramáticos raro attenderam á forma litteraria e mesmo aos processos technicos da scena. Comtanto que proclamassem os seus violentos pensamentos, pouco lhes importava que o espectador, fechando os olhos, imaginasse, apenas ouvir um artigo de fundo, uma chronica ou uma conferencia. Ora isto será tudo, menos theatro. Disia, com justiça, Larroumet: «Defendam as idéias que quiserem, mas deem-nos uma obra de theatro !» E é mesmo o que explicitamente declara um dos autores novos, representados no Príncipe Real, o sr. Alfonso Gayo, nas seguintes linhas d'um prefacio ao seu drama : «Tentei alliar o theatro de idéias ao de situações.» E a verdade. Melhor diria mesmo : fazer theatro. Porque idéias expressas n'um palco sem situações dramaticas não é theatro.

Já que falei em Alfonso Gayo, cumpre-me diser que a sua peça — *O Quinto Mandamento*, foi a melhor de toda a serie de obras até agora

representadas nos dois theatros. E' a que tem mais arte, e comprehende-se porquê. Além de ser um espirito muito inteligente, Alfonso Gayo é,—permittam-me o termo,—um *litterato de carreira*. Tem annos d'um permanente labor artístico. Conheceu as dolorosas iniciações da forma: fez o trabalho mau, o trabalho mediocre, o trabalho rasoavel. Está agora, de posse dos seus recursos de escritor, fazendo o seu trabalho, já brilhante, de affirmatione segura de muito. Sabe o que é pegar n'uma penna para, com harmonia e flagrancia, exprimir sentimentos, descrever meios, traçar caracteres, movimentar tipos. Os outros, sabem lá o que isso é! Para elles a forma artística nada vale. Basta-lhes, ao que supõem, ter *ideias*,—quer dizer, affirmar theorias extravagantes, e muitas vezes odiosas.

Além de Alfonso Gayo, cujo trabalho, note-se, não aponto como impeccable, porque a sua these, sendo justa, é representada por um personagem fruste, o medico Angelo, salientou-se tambem um espirito moço de poeta, o sr. Rama da Curto, cuja peça, o *Stygma*, abriu a serie de spectaculos do Príncipe Real. O *Stygma* é um trabalho accentuadamente romantico. Isso dá-lhe um carácter *demodé*, mas insufla-lhe tambem muita paixão, muito entusiasmo, que resalta, não de longas tiradas rhetoricas, que costumam acompanhar o genero, mas das situações e carácter dos personagens que envolve. O *Stygma* que se combate reside no preconceito que faz recalhar sobre os filhos os crimes dos pais. Um excellent rapaz, filho d'um assassino, ama uma menina, e não pode ser seu esposo, porque a familia d'ella nunca se resignaria a que a filha usasse um nome polluido. O rapaz mata-se. A face dos bons princípios, não deveria matar-se, mas sim reagir. Ninguem deve sacrificar-se pela estupidez malevolia dos outros. Mas o facto dá-se. Deu-se mesmo, ainda não ha muito, entre nós. Cumpre, pois, curvar a cabeça, visto que o theatro é o espelho da vida, e não se pode arguir um espelho pela imagem que reflecte. Mas accentuemos tambem que a peça do sr. Rama da Curto é uma peça apenas realista, e não de educação. Ha, porém, nella, uma chama de talento. Feliz de mim, se podesse de todos dizer o mesmo!

..

Vejamos agora o publico, para terminação d'esta pequena analyse. O publico não gostou; desinteressou-se mesmo d'estes spectaculos. O Gymnasio perdeu; o Príncipe Real perdeu. E, porque não dizel-o? os novos perderam tambem. As duas tentativas passaram, e o seu insucesso economico vae amanhã ser uma arma para as gerencias dos outros theatros, que recusarão trabalhos dos nossos jovens autores, fazendo finca-pé n'esse tremendo argumento. Até aqui, o desejo latente do publico, em conhecer theatro novo e autores novos, era afirmado com a segurança que dá a certeza de não poder receber um desmentido. D'aqui em diante, quem

continuará a afirmar, pelo menos entre a maioria dos que deram agora as suas provas?

E, todavia, o argumento não deve colher, e escorar-se-ha sempre na malevolencia e na má fé. Por que o que se tentou em Portugal foi apenas, salvar as raras excepções que apresentei, a *caricatura* do Theatro Livre! Assumam cerebros equilibrados e pennas firmes de artistas a missão de traduzir com brilho, interesse e talento aquellas genuinas idéias, que, encontrando-se em conflito com o nosso actual modo de pensar e de viver, não necessitem de ser desvairadas para serem justas,—e no theatro portuguez poder-se-ha então assistir a um desfile de obras de arte que sejam eloquentes interpretes do nosso vivo sentimento e da nossa latente aspiração. O *anarchismo de bota a baixo* deu o que tinha a dar. Faça-se, pois, alguma cousa com juizo, com justiça e com arte.

MAYER GARCÃO.

A evolução da vida

(Continuação)



Deve advertir-se, porém que a cellula vive muitas vezes isolada, e constitue por si só um animal ou um vegetal. E, ainda mais deve advertir-se, que ha organismos inferiores áquelle que ora acabamos de descrever:—esses organismos, chamados *citodes* ou *cellulas sem nucleo*, são constituídos por uma massa homogenea de substancia albuminosa, na qual se não distingue vestigio algum de estructura. Estes curiosos seres, indecisos (nem vegetaes, nem animaes), são conhecidos sob o nome de *Moneras*; é forçoso admittir para elles ou pelo menos para alguns d'elles a geração espontânea,—embora que as *cellulas nucleadas*, apresentando já divisão de funcionalismo, exigem certo numero de gerações que concorreram para a divisão do trabalho.

Admittida a «theoria da descendência», procurou saber-se, qual era a ordem pela qual se sucederam, desde o começo da vida organica até hoje, os tipos ou espécies que constituem naturalmente a serie dos avós pertencentes aos diferentes grupos de animaes existentes na época presente; e procurou-se referir, quanto possível, esses tipos aos tipos ainda hoje vivos. Chama-se a isto:—*serie phylogenética*. Esse estudo tinha já dado nas mãos de Darwin uma base solidá à theoria,—quando novos trabalhos de Embryologia recolhidos e aperfeiçoados por Haeckel vieram dar um apoio inabalável à theoria

darwiniana. Haeckel, observando as phases sucessivas pelas quais passa um embrião desde a fecundação do ovulo até ao animal perfeito, chamou a essa série — a *série ontogenética*, — série de fórmulas pelas quais passa cada indivíduo durante seu desenvolvimento.

Tudo que é vivo, nasce de um ovo; e esse ovo é em todos os animais e por toda a parte sempre uma célula, constituída por um protoplasma e por um núcleo; e essas células são tão parecidas em todo o reino animal que no começo do seu desenvolvimento se confundem os ovulos dos Mammíferos e o próprio ovo humano com os ovulos pertencentes aos grupos inferiores do reino animal; mesmo depois de completamente desenvolvidos, o ovo humano e os dos outros Mammíferos não podem distinguir-se pelo mais minucioso exame; confundem-se os ovulos do rato, do elefante, da baleia, e os da espécie humana. Quer isto dizer: — na sua primeira fórmula, o Homem não se diferencia de qualquer mamífero, e começa por uma fase que representa o mais simples organismo conhecido.

O ovo humano, como os dos outros Mammíferos, tem pouco mais ou menos 0⁰⁰⁰¹ de diâmetro; a membrana desta célula chama-se *zona pellucida*; *vitellus*, o seu protoplasma; e o núcleo, *mancha germinativa*. A fecundação deste ovo faz-se pela conjugação da célula masculina em forma de virgula, cuja cauda serve aos seus movimentos quando esta célula de pequenas dimensões penetra no *vitellus* do ovo depois de atravessar a membrana pellucida. Então o ovo fixa-se no útero; vai começar o trabalho da geração. O primeiro fenômeno que então se observa é surpreendente! O núcleo (*mancha germinativa*) e juntamente a célula masculina (*espermatozoide*) dissolvem-se no *vitellus*; o ovo nucleado retrograda ao estado de «célula sem núcleo», ao estado de *monera* perfeitamente comparável aos organismos infímos, ainda hoje existentes (as *Moneras*). Logo depois o núcleo reaparece e o embrião toma a forma de *amiba* (perfeitamente comparável aos animais conhecidos pelo nome de *Amibas*). Em seguida o *vitellus* e o núcleo começam a estrangular-se até ficarem divididos em duas células nucleadas perfeitamente similares; estas células crescem e dividem-se sucessivamente em 4, 8, 16, 32, etc. células, perfeitamente similares entre si; a membrana pellucida vai-se alargando sem tomar parte n'esta divisão; através d'ella e para as células vitelinas passa o líquido nutritivo proveniente das mucosidades uterinas. N'esta fase o embrião representa uma esfera sucessiva formada de muitas células e similar a uma amora (d'onde o nome de *morula*) — fase comparável aos animais conhecidos pelo nome de *Synamibas*. Em seguida, no centro d'esta esfera forma-se uma coleção líquida que repelle para a periferia todas as células, convertendo a esfera sólida n'uma esfera óca ou bolsa formada por uma única ordem de células (é a vesícula blastodermica), — e temos assim a *pla-*

nula (phase representada pelos animais do grupo das *Gastréadas* (*Medusas*, *Córeas*, e *Espumas*)). Nestes animais a bolsa de dois folhetos (*gastrula*) forma-se pelo imboçamento ou invaginação de uma metade da vesícula blastodermica (*planula*) dentro da outra metade; à proporção que se vai fazendo a invaginação, vai-se fechando a abertura da cavidade d'esta bolsa secundária. Imagine-se um barrete, a que se tenha tirado o forro, — e teremos uma cavidade fechada, formada por uma parede simples (esta cavidade representará a imagem da vesícula blastodermica primária); reponhamos agora o forro no seu lugar, franzindo ao mesmo tempo a abertura do barrete, e teremos uma cavidade de parede dupla com uma pequena abertura para o exterior que é perfeitamente comparável ainda (como vamos ver) à vesícula blastodermica humana e dos vertebrados superiores, formada por desdobramento. Até aqui o embrião não apresenta nas suas fases ontogenéticas divisão alguma de trabalho, como sucede também nos animais da série filogenética que representam essas fases. N'uma e n'outra série, cada uma das células reúne em si todas as propriedades características da vida; se na série filogenética a nutrição se faz directamente à custa dos materiais existentes no líquido ambiente, na série ontogenética a nutrição faz-se à custa das mucosidades uterinas em que o ovo se acha mergulhado. Quando se chega, porém, à fase da vesícula blastodermica de parede dupla (que representa de passagem o tipo da *gastrula*), achar-se-á operada uma grande divisão do trabalho; efectivamente a *gastrula* com os seus dois folhetos primários (dos quais o interior se chama *entoderme* e o exterior *exoderme*), representa pelo lado de fora um aparelho de proteção, e um aparelho de relação com o mundo exterior (d'onde o nome de «folheto nutritivo» que se deu ao entoderme, e o de «folheto sensorial e protector» que se deu ao exoderme).

Coisa notável: — em todos os animais acima dos *Protozoários*, em todos os animais que têm tubo digestivo e que por isso se chamam *Metazoários*, aparece sempre a phase de vesícula blastodermica dupla, e sempre e por toda a parte (qualquer que seja a complicação do futuro animal) um folheto interno dá origem aos órgãos da nutrição, enquanto que o folheto externo dá origem a todos os órgãos de relação; cada um d'estes folhetos tem o seu papel traçado, tem um futuro invariável e definido; mesmo quando os dois folhetos não são todos empregados na construção do animal (como sucede nos grupos superiores em que parte d'esses folhetos concorre para a formação de órgãos secundários do embrião), sempre os órgãos anexos à nutrição derivam do entoderme, enquanto que os anexos de proteção se originam à custa do exoderme.

Logo que o tubo digestivo está formado, outra divisão de trabalho se opera: — aparecem os órgãos de reprodução na sua máxima simplicidade; nas *Espumas* (representantes da *gastru-*



A Moda d'A Revista

la) destacam-se cellulas que teem por função reproduzir o animal; e (facto curioso!) essas celulas são tão parecidas com as Amíbas livres que foram julgadas como parasitas até ao dia em que Haeckel demonstrou o seu verdadeiro papel (essas cellulas, das quaes uma é masculina e outra é femenina, parecem ser representantes a primeira do folheto externo e a segunda do folheto interno).

A visicula blastodermica dupla do embryão humano continua a complicar-se: em uma parte limitada na sua superficie, desenha-se a área

germinativa ou a porção d'onde se origina o embrião humano, porque o resto vai formar os annexos d'este embrião de que acima falamos; na area germinativa, pois, os dois folhetos primarios desdobram-se em quatro folhetos secundarios. Dos dois folhetos internos (derivados do entoderme) o mais interno formará o epithelio do tubo digestivo e de todas as glandulas e orgãos seus annexos,—entanto que o outro (o folheto fibro-vascular) fomará o revestimento muscular do tubo digestivo e suas dependencias, bem como os orgãos principaes do sistema vascular;

dos dois folhetos externos (derivados do exoderme) o mais externo formará o revestimento epidermico e os órgãos sensoriaes,—entanto que outro (o folheto fibro-cutaneo) formará os órgãos de locomoção, a derme, os músculos, e os ossos. Enquanto no embrião os quatro folhetos são formados por uma camada unica de cellulas, esta phase é comparável á todos Vermes inferiores, que representam esse tipo durante toda a sua vida. E é bem de notar que em alguns Polypos e Mudusas, constituídos ainda por dois folhetos, já as cellulas do exoderme apresentam o começo de diferenciação,—visto como se observa claramente que no exoderme a mesma cellula é sensorial pelo lado de fóra, e motriz ou muscular pelo lado de dentro.

Ao passo que o folheto epithelial, acompanhado pelo folheto fibro-vascular, se vai enrolando em tubo digestivo, ao qual fica annexo o resto do folheto interno do blastoderma constituindo um orgão accessorio de nutrição (a *vesicula umbilical*) separado do tudo destivo por uma estrangulação que constituirá mais tarde o *umbigo intestinal*,—observam-se nos folhetos externos modificações importantes: no durso do embrião, no folheto epidermico, aparece um rego longitudinal, que se afunda mais e mais pelo levantamento dos bordos, os quaes, convergindo um para o outro, acabam finalmente pela formação de um canal, que emigra pouco a pouco para dentro do folheto fibro-cutaneo; o canal medullar está formado; entre este canal (que fica superior) e o tubo digestivo (que fica por baixo desenha-se bem depressa no meio do folheto fibro-cutaneo um eixo formado de cellulas especiaes que vai em seguida ser envolvido de cellulas cartilagineas, as quaes mais tarde hão de transformar-se em tecido osseu; esse eixo é a corda dorsal (*chorda dorsalis*), em volta da qual ha de formar-se a columna vertebral.

O folheto fibro-cutaneo acompanhado pelo epidermico alarga-se em expansões lateraes formando a derme e as massas musculares, e curvando-se ao mesmo tempo regularmente para formar um largo cylindro que ha de envolver o tubo digestivo, dar origem á ampla cavidade vicinal, e constituir d'este modo as paredes do *cælum* ulteriormente dividido pelo diafragma em cavidade peitoral e cavidade abdominal.

Ao mesmo tempo formam-se á custa do folheto fibro-intestinal o coração e os grossos vasos sanguineos, envolvendo n'um circuito completo o tubo digestivo. Na parte inferior e abdominal d'esse circuito acha-se o coração e o sangue corre da parte caudal para a parte cephalica; na parte superior, entre o tubo digestivo e a corda, acham-se os grossos vasos arteriaes, e a corrente do sangue tem direcção inversa. O coração e os vasos affectam no começo uma grande simplicidade:—o coração é simples, fusiforme, e tem uma cavidade unica; por esta e muitas outras particularidades a circulação do embrião humano é perfeitamente comparável á dos Vermes superiores; por essa razão, esta phase

representa os Vermes Cœlomatas e entre elles o tipo *escolecidida*.

E n'esta altura do desenvolvimento que na parte média do folheto fibro-cutaneo se separam dois filetes ao longo da corda dorsal, filetes que brevemente se dividem transversalmente, originando-se por este modo uma serie de massas cuboides que se formam da extremidade cephalica para a extremidade caudal; estas massas ou *melanemas* (que são uma herança da divisão transversal dos Vermes) vão constituir (involvendo a corda) a parte (a principio cartilaginosa e depois ossea) das vertebres, e as massas musculares correspondentes, dando ao mesmo tempo duas expansões posteriores que hão de envolver n'um tubo protector a medulla espinal, a qual tem emigrado já para junto da corda. Afinal o folheto fibro-cutaneo, que para o lado abdominal deu já um largo cylindro involvente ao tubo digestivo, dá também para a parte dorsal um tubo involvente ao cylindro medullar.

O embrião atinge n'este ponto o tipo vertebrado na sua maxima simplicidade e pureza. A columna vertebral, que até aqui era apenas representada pela corda, acha-se agora completamente constituída. Imagine-se uma serie de peças que da cabeça para a cauda se ajustam sucessivamente, tendo cada uma d'ellas a forma de um 8; imagine-se mais, que o anel abdominal d'este 8 se converte n'um disco, e teremos que a serie de discos juxtapostos constituirão o eixo solido, verdadeiramente esqueletico, da columna vertebral,—entanto que a serie dos aneis constitui o cylindro protector da medulla. Ora, esta columna interna e articulada, formada por um cylindro solido, que dá apoio a todas as partes do corpo, e que se acha ligada a um cylindro óco protector do sistema nervoso central, é o que constitui a característica dos Vertebrados; n'esta phase o embrião sem craneo e sem cérebro é perfeitamente comparável ao mais humilde dos Vertebrados conhecidos—o *amphioxus lanceolatus*—vertebrado sem craneo e sem cerebro, pertencente por isso ao grupo dos *Acraneotas*.

Vem agora a appélo dizer duas palavras sobre o modo como se preencheu a larga lacuna que até ha pouco existia ainda para demonstrar o parentesco dos Vertebrados com os animais inferiores. Duas descobertas quasi simultaneas patentearam os traços d'este caminho.

(Continua)

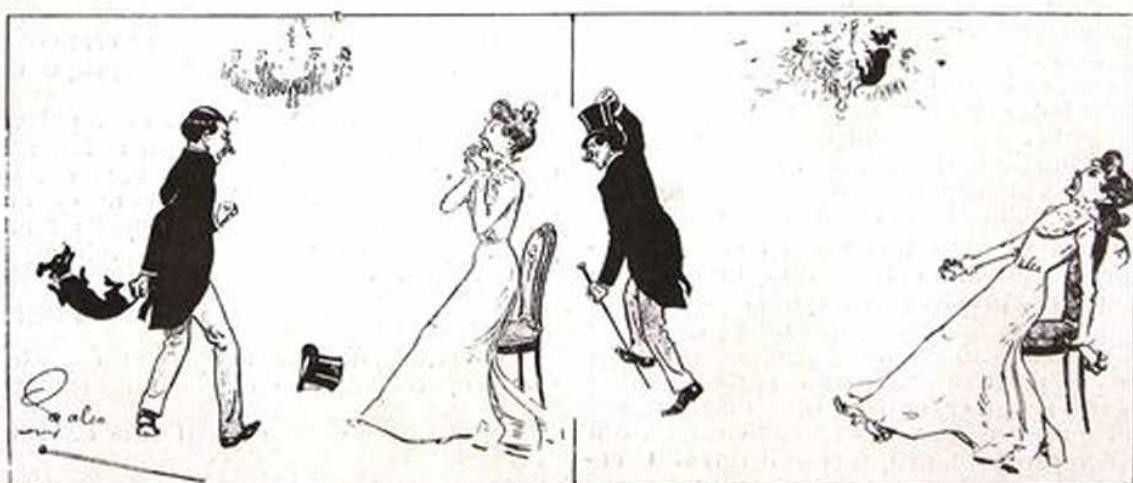
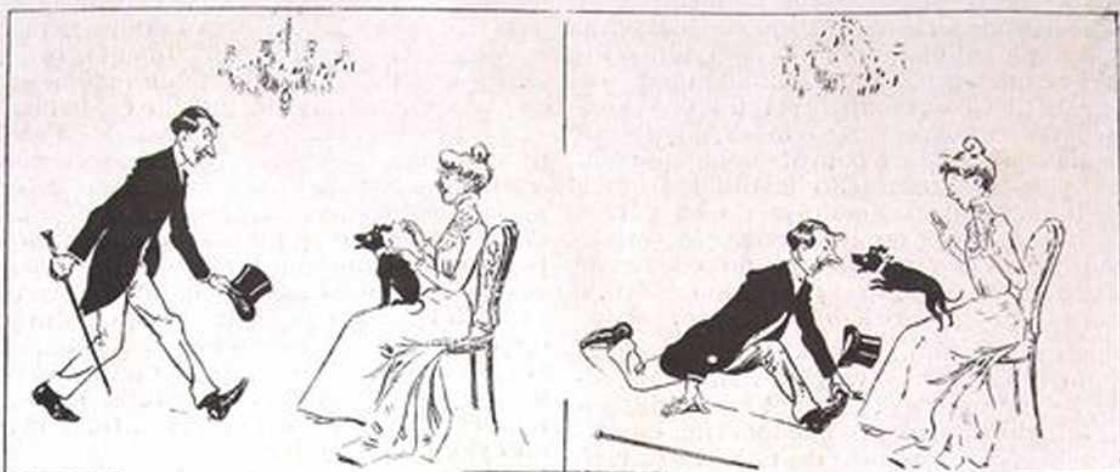
RODRIGO PEREIRA

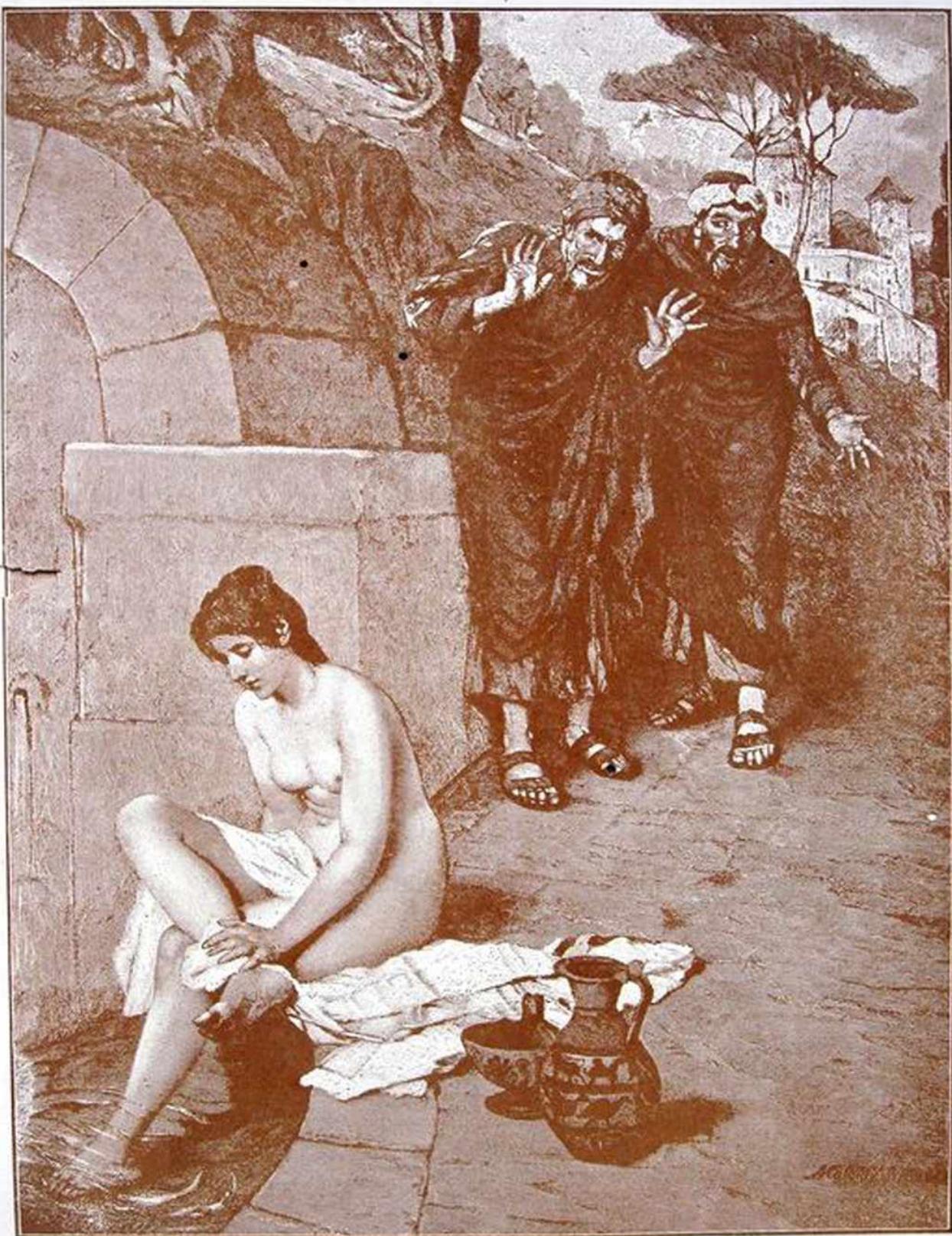
O acaso só pode aproveitar ás intelligencias preparadas para d'elle se utilizarem.

LOUIS PASTEUR



HISTORIA MUDA





A Revista do Norte, 5, ANNO N. 10

Suzana no banho

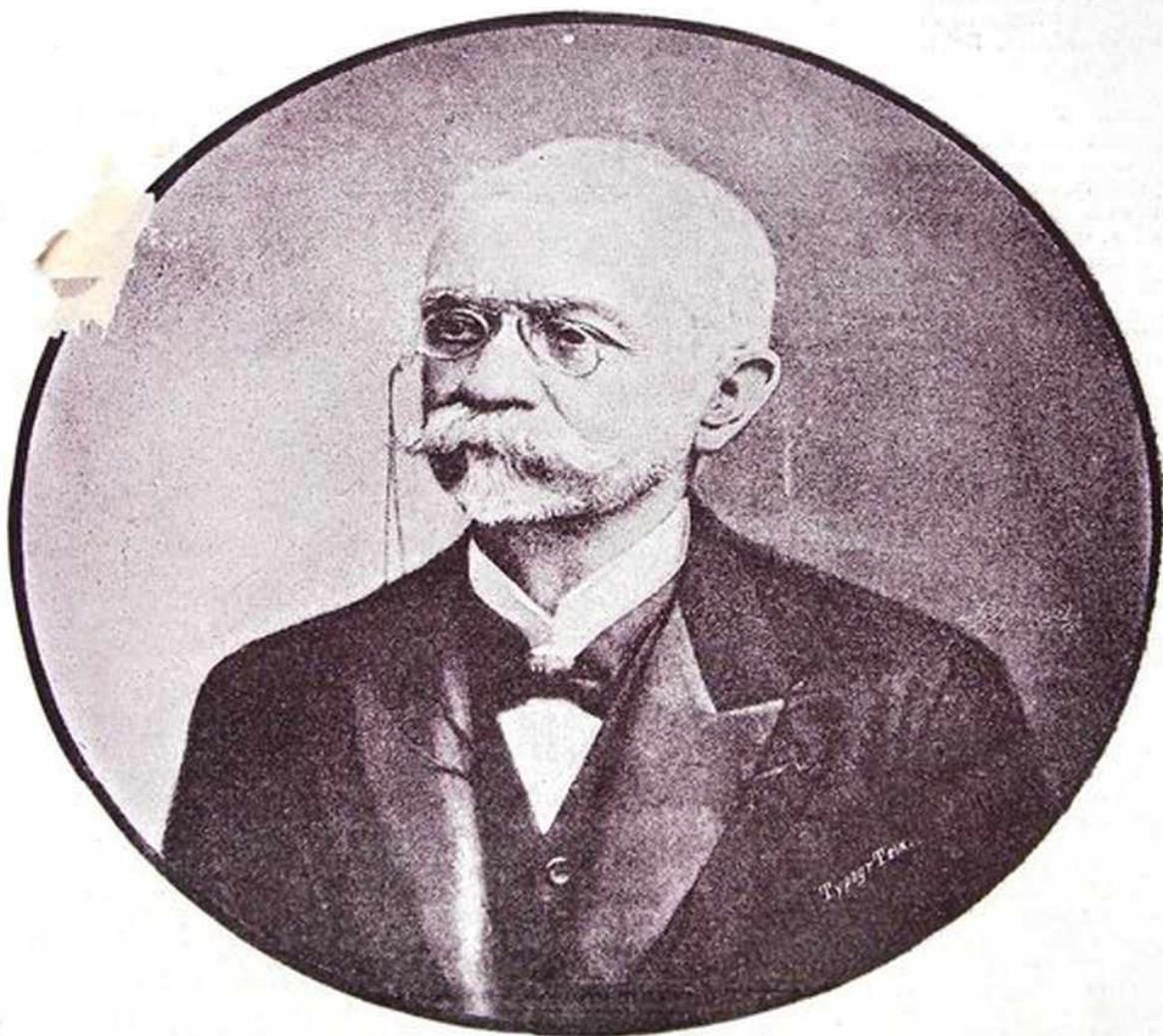
A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 10

Junho de 1906



DR. AFFONSO PENNA



O MEZ

Ahi pelos fins do anno passado ou começos d'este, uns ilustres desocupados lembraram-se de manter, pelas ineditórias do *Diário* e da *Pacotilha*, uma engraçadíssima polemica sobre assuntos religiosos. Entraram na dansa o catholicismo, o espiritismo e o protestantismo, puxando cada um a maior quantidade possível de brasas para a sua sardinha e deixando sobre cinzas a sardinha dos outros. Affirmaram-se coisas monstruosas, negaram-se verdades evidentíssimas, fizeram-se revelações estupefacentes, descobriram-se factos de cuja existencia nunca ninguem suspeitou e, quando terminou o *charivari*, ficou tudo no mesmo pé em que d'antes: as religiões continuaram com o mesmo numero de fieis, sem que tivessem a registar uma só conversão nova.

Apesar, porém, dessa comprovada improficiência das discussões jornalísticas para favorecer o proselytismo religioso, penso que os apóstolos não emendaram a mão, porque nestes ultimos dias, quasi seis meses depois de terminada a primeira sarrafusca, uma outra começou, provocada por uma intolerável xaropada estampada nos *A pedidos da Pacotilha*, por um sr. Lucio de tal, sob o título de *Cartas de um ateu*. Mal terminou a *Pacotilha* a publicação dos disparates de sr. Lucio e para logo iniciou a de outros, desta vez firmados por um tal sr. Ampère, e rotulados com a epigrafe de *Resposta de um catholic a um ateu*.

Os dois contendores, está claro, militam em campos diametralmente opostos, apregoam-se sectários de doutrinas que naturalmente se repellem, mas, quer queiram quer não, ha um ponto em que ambos se irmanam e confundem, de forma a não poder mesmo a gente distinguilos um do outro: é na falta de bom senso e no desplante com que se abalançam a tratar de assuntos de que não entendem.

O mais engraçado, de tudo, porém, ainda não é isso; que o ateu avance que a ciencia demonstra a não existencia de Deus e que o catholic afirme proposição contraria; que o primeiro faça um *molho de pasteleiro* de tudo o que até hoje se tem escrito sobre o valor das religiões como factor da moralidade dos povos e que o segundo estabeleça um paralelo entre a força coerciva do inferno e da cadeia na repressão do roubo; que o primeiro sustente que a apparção do sol não pode ser devida a uma *causa final* porque aquele astro tem uma função determinada no espaço, e que o segundo, numa pennada, reduza a cinzas as conquistas positivas da astronomia moderna, pelo facto de se haver

ultimamente encontrado um erro no cálculo da distancia do sol á terra; tudo isso, afinal de contas, e mais outros despauterios iguaes que nos dois escriptos se ostentam, já era de esperar de quem vem, nas solicitadas de um jornal diario e sem o preciso preparo, discutir questões como essas que se prendem ás verdades fundamentaes da ciencia e da religião.

O que, para mim, toca ao auge do comic e do grotesco, é a seriedade e o ar de compunção com que o catholic cita, em apoio das suas doutrinas, e cercando-o de uma adjectivação encimastica e hyperbolica, o nome de... vejam lá se advinham... Com certesa lhe acodem á mente o Gousset, o Bergier, o Gaume, o Glaire, ou mesmo o Bourget e o Brunetière que nestes ultimos annos deram p'ra theologos. Pois redondamente se enganam: o nome citado pelo sr. Ampère é nada mais nada menos de que o do sr. Ruy Barbosa, o do sr. Ruy todo inteirinho, em corpo e alma!

E que foi que disse o sabio sr. Ruy que tanto dêsse no góto do virtuoso sr. Ampère? Apenas esta enormidade: QUE APESAR DE NÃO HAVER RELIGIÃO DE ESTADO, O GOVERNO DEVERIA MANDAR ENSINAR O CATHECISMO AOS SOLDADOS!

Ora vejam os que me lêem para que haveria de dar o sr. Ruy Barbosa, com toda a sua incommensurável e aparatoso sabença livresca: para querer a todo o transe que os soldados brasileiros aprendam a doutrina christã!

Mas, o sr. Ruy quando escreveu o seu celebre Relatorio sobre a Instrução Pública, fez um barulhão de nossa morte, apenas porque encontrou, nas escolas da Bahia, adoptado um cathecismo que ensinava aos meninos as excellencias do escapulario do Carmo! E são de ver as exclamações, as invectivas e as metaforas com que o homensinho denuncia ao governo e ao paiz semelhante monstruosidade!

Depois de transcrever um trecho em que o piedoso cathecista explica ás crianças a origem do culto do escapulario, dizendo-lhes que Maria afirmara, numa apparição ao papa João XXII, «que livraria das chamas do Purgatorio os associados do Escapulario, no sabbado immediato á sua morte», e que «todo aquelle que morrer revestido do santo escapulario não arderá nas chamas do inferno», exclama o sr. Ruy:

«Tal é, pois, o ensino que nas nossas escolas circula sob o nome de moral religiosa: uma casta de moral (os grifos são do sr. Ruy) que, depois de afrontar a primeira condição de toda a moralidade real, a sinceridade, embahindo a imaginação infantil com a impostura de fabulas ridiculas e abominaveis, em que a idéa do omnipotente se presta ao ludibrio das invenções mais indignas, acaba por fazer da felicidade vindoira, promettida aos bons pela eterna justiça do céu, um privilegio explorado por uma associação de devotos imbecis ou hypocritas e inherent ao uso de um trapo.»

Ora, estou a jurar que o sr. Ampère pertence á confraria do Carmo e usa o respectivo es-

capulario; não passa, portanto, na opinião do sr. Ruy Barbosa, de um devoto *imbecil ou hypocrita*. E' só escolher entre os dois adjetivos e dizer-nos depois qual o que mereceu as suas sympathias.

E no meio de tudo isto que figura de caneco que anda a faser o sr. Ruy Barbosa! De que lhe serve ter lido tantos livros, percorrido tantos autores, armazenado no cerebro todo esse assombroso material erudito com que vive a embasbacar o paiz? De que lhe serve conhecer tão bem a sua lingua, trata-la com tanto amor e tan-

regimen monarchico: «E' um erro, clama o sr. Ruy, ensinar a essas creanças os dogmas da religião que o seu governo mantém e prestigia!»

Trata-se dos soldados de uma Republica sem religião oficial: «E' um dever imperioso, pregão o mesmo sr. Ruy, mandar ensinar a esses soldados o cathecismo catholico!»

Já viram os senhores maior dislate do que esse? Fósse isso escripto por qualquer um de nós outros, humildes mortaes que para aqui vimos na penumbra modesta dos humildes, fazendo das nossas pennas o melhor uso que pode-



DR. AARÃO REIS.

to requinte, ser tão profundo nos conceitos e tão elegante no diser? De que lhe serve tudo isso, se quando se trata de ter uma opinião própria, inspirada no estudo criterioso e norteado dos problemas fundamentais da nossa vida nacional, o homem doideja como uma ventoinha ao sabor da viração que a agita? Como poderá a gente fiar-se num homem destes, escudar na sua as nossas opiniões?

Trata-se de crianças que frequentam as escolas públicas de um paiz que mantém como religião de estado a Catholica Apostolica Romana, porque o Relatório a que alludo foi escripto no

mos, de acordo com as nossas consciências e com as nossas opiniões, sem o aparato impressionante da citação de autores estrangeiros vivos e mortos, cahia-nos o mundo em cima a taxar-nos de ignorantes e de desorientados. Mas, quem avançou semelhante disparate foi o sr. Ruy Barbosa, o homem que entre nós mais sabe do que se passa lá por fóra, que a propósito de qualquer coisa que queiramos fazer logo nos conta como é que as coisas similares se fazem na Belgica, na Inglaterra, na Hollanda, na China e no Japão, e é quanto basta: curvam-se logo todos reverentes, acatando de espinha do-

brada as opiniões de mestre. Mas eu é que não vou por esse caminho, nem que me rachem ao meio. O sr. Ruy Barbosa em matéria de erudição e de estylo é um assombro, não ha nega-lo; mas em se tratando de coherencia de opiniões é assim uma especie de pau para toda a obra, não comparando mal; afirma hoje o que nega amanhã, pronto a afirmar mais tarde o que negou e a tornar a negar o que afirmou.

Por esse motivo, enquanto o sr. Ampère não me apresentar outra opinião mais séria em favor do ensino de cathecismo aos soldados, continuo a pensar que as coisas vão muito bem no caminho que vão seguindo. A Republica não tem erligião do Estado, logo não deve nem pode mandar ensinar aos seus soldados esta ou aquella doutrina religiosa. Para não pegar em armas, já bastam dentro des quarteis os medicos e os farmaceuticos. Não se precisa lá por enquanto de capellães.

HENRIQUE NEIVA.

A comunhão do Romualdo

(Scena da roça)



Era em 1888, na fazenda Santa Rosa, do coronel Gonzaga, à margem do Mearim.

Situada, como quase todas as outras da província, num quadrilatero, cercada de acapú, havendo em três pannos de cerca cancellas dando facil acesso a outras tantas tortuosas e estreitas estradas, a Santa Rosa era importante e obedecia a sagaz e produtiva direção.

A casa de vivenda, *casa grande* ou *casa dos brancos*, como a chiamavam os escravos, vistosamente erguida do lado do poente, ficava ao término de dois renques de coqueiros paralelos que, simetricamente estendidos, iam tocar ao cercado que lhe ficava fronteiro.

Ladeavam a *casa grande* o engenho de açucar e a bolandeira.

Atrás do coqueiral erguia-se a rancharia, pequenas casas de porta e janella, tescas, cobertas de telhas, sem reboco, mais ou menos bem alinhadas.

Pelo meio do sitio cresciam arvores frutiferas — mangueiras, cajueiros, bacuriseiros, jaqueiras, oitiseiros — com espessos troncos, junto dos quaes se viam pesados carros com as cangas.

Também aos lados da casa de vivenda situavam-se outras casas, como as de carpintaria, da ferraria, o armazém de açucar e a morada do feitor da fazenda.

Os escravos, além da sua habitação, no andar terreo, possuíam uma outra, a que chiamavam girau, onde depositavam os surrões, os bahús, as canastras e o côfo, companheiro in-

separável de todas jornadas, na caça, na pesca, na colheita, na salga, na matulagem.

Na habitação dos brancos, um edificio assobradado, tinha-se entrada por uma escadaria fóra do corpo da vivenda, que levava do patamar á larga e comprida varanda que circunda a casa por três lados.

São originaes as varandas no norte do Brasil, pois não formam nem terraço, nem o térmico propriamente dito, e sim um complemento da casa. E tão grandes são elas que, as mais das vezes, servem de salas de visita, de jantar ou de trabalho; salão de dança e — quantas vezes! — alcova, além de que constituem o logar predileto do larvadôr.

O fazendeiro, ao regressar da inspeção á roça ou ao canavial, estafado, moido, com as pernas doridas, não se farta á confortante tarefa de estirar-se numa rede atada á varanda, dar uns quatro embalos, cachimbo ao queixo e a dormecer um sonno de abade.

Isso quando o regresso é já tarde. Ao contrário, vai ao vasto e florido jardim, que viceja carinhosamente tratado quase que só pelas delicadas mão da esposa ou das filhas, e lá se senta por alguns instantes.

Esse jardins são também a parte precedente de bem cuidadas hortas.

As paredes e os caibros das varandas estão pejados de gaiolas com perequitos, papagaios, corrupções, sabiás e outros passaros que, ao alvorecer, alegram a casa inteira, numa cantata infren.

Geralmente no fim da varanda ha as portas dum grande oratorio, fazendo as vezes de capella.

Na Santa Rosa, porém, o coronel Gonzaga tinha uma capella especial, a uns metros de distância, soberbamente zelada por sua esposa, sob a invocação da padroeira da fazenda.

• •

Todos os annos, invariavelmente, pela Páscoa da Resurreição, na Santa Rosa aguardava-se a visita do vigario Mirasol, um aparentado dos Gonzagas, que lá ia administrar os sacramentos da penitencia e da eucaristia.

Naquelle vasto e progressivo estabelecimento agronomico ninguem faltava á pratica desses mandamentos da Santa Madre Igreja. As pessoas que constituiam a avultada familia do coronel e a sua escravatura prosternavam-se narrando as suas culpas e os seus erros ao sacerdote desobrigante.

Havia, porém, na Santa Rosa uma pessoa que circunstancias imprevistas e ocorridas todos os annos por aquella época arredavam do confessionario. Era o preto Romualdo, um dos mais queridos dos escravizados dos Gonzagas e que nunca se confessara, uma vez que fosse na sua vida, que ia já por uns quarenta janeiros. Viajens a pontos longinquos, ora como guia de viajores, ora como tanjedor de gado vacum que era, formavam sério obstáculo para que a mira do vigario assestasse o sol do remissio pecadôr.

Naquelle anno dos tres oito, exatamente no em que por uma lei aurea foi assinalada a fraternidade dos nacionais, quando o padre Mirasol, montado no seu burrinho castanho, chegou ao portal da Santa Rosa, foi o Romualdo quem o ajudou a desmontar e desarreando o animal, conduziu este á estrebaria.

Do jardim veiu galopeando o *Quebra-ferro* fazendo soar o seu latido, a principio feroz, depois alacre, logo que reconheceu o visitante. E, farejando o vigario, o cão, com a cauda a agitar, olfataava as fivelas de prata dos envernizados capatos do confessor, que o amimava com dura.

O sacerdote não reparára naquella cara nova que lhe ajudara a desmontar, e só veiu a saber que era do involuntario remisso quando a petizada do coronel, pululando em torno da sua batina, a receber a sua bençam, lhe anunciara jubilosa que o Romualdo daquella vez se confessaria, para o que já se havia exercitado no *Eucpecador* e no *Acto de contrição*.

A parceirada do preto trazia-o num cortado de nossa morte, fazendo-o passar por uma tremenda saraivada de motejos. Queriam ver como elle, tapado e molleirão, se haveria de atar diante do confessor. E depois, a penitencia, o jejum, as rezas...

Mas o Romualdo pouco ou nenhum caso fez da assuada que crescia em redor da sua pessoa; além de que as práticas que as senhoras moças lhe haviam ensinado, o tranquillizavam, por alguma forma.

Dentre essas práticas, porém, havia uma única que o embaraçava fortemente: era sofrer fome com o jejum, privação obrigatória na fazenda pela Pascóia.

Então, tanto imaginou que um plano se lhe deparou a concertar e o qual foi levado a cabo.

Assim foi que, no dia da sua communhão, logo que o cantarolar sonoro e prolongado dos gallos anunciou a madrugada, o preto, que se havia confessado na tarde anterior, no proprio dia da chegada do Mirasol—sem passar, entretanto, pelas atrapalhações que lhe predestinavam—ergueu-se, balbuciou a sua oração e, munindo-se dum faca parnahiba, foi ao terreiro.

A lua clareava bonita como dia.

E foi sob essa luz radiante que o Romualdo, chegando ao poleiro em que repousava somolenta a criação, pegou num dos reis do terreiro, talvez um dos que minutos antes desferiram as mais alegres notas na cantata das quatro horas, e, passando a parnahiba no pescoco daquella majestade sem immunidades, em tres tempos fe-la entrar a fervor numa panella collocada sobre três negras pedras, as itacurubas, com as quaes improvisára o fogão no meio do quintal, por detrás da rancharia.

O gallo cosinhou depressa poderosamente auxiliado por três grãos de milho e um caco de prato, e passou para o figado do Romualdo, acompanhado, já se vê, dum górdia farofa. Tão gostoso estava o petisco que o homem comeu até pedir, e ainda lambeu os dedos, um por um.

Quando o feitor fez retinir a sineta, para acordar a escravatura penitente, esta achou-se atropeladamente a postos, aguardando o desobrigadôr para presidir o banquete espiritual.

Eram cinco horas da manhan.

Instante depois, na Casa grande, o vigario despertava do sonno cheio de conforto, que lhe tinham facultado as atenções e os extremos carinhos dos Gonzagas, e, chegando á grade do janelão, cuja sacada de madeira deitava para os fundos da Santa Rosa, mirou no Oriente o clarão rubro e forte do seu homônimo, que vinha dos outros hemisférios a illuminar e enseivar com a sua luz bem-dita aquelles campos vastíssimos, todos verdejantes pelo milharal e pelo feijoal e outros cereaes que constituiam a estupenda riqueza das regiões do Mearim.

O Mirasol, fitando com continuidade aquelle espectáculo grandioso, só foi distraído no momento em que o coronel, envolvido no seu inseparável rodaque de brim pardo, batendo-lhe de manso no ombro, o saudou, estendendo-lhe a mão amiga, todo sorriso e mesuras.

E agora os dois, debruçados, olhavam farramente para os bois que pastavam na verde relva, e ouviam o berrar contínuo dos bezerros; observavam extasiados as manadas de carneiros alvos e felpudos que pasciam choramingando e os magotes de porcos que fuçavam e grunhiam nos portões dos chiqueiros, enquanto nas arvores a passarada ressoava alacre de galho em galho, trauteando, em mayosas e sublimes notas de saudação ao albor virginal da manhan, sujeitivo himno de esperança e de vida.

Quando imersos em tal fascinação se achavam contemplando aquelle bello despertar entre paz e alegria, o pequeno sino da capella de Santa Rosa vibrou clamando para a missa.

E, d'ahi a momentos, para lá se encaminharam todos.

Eram dez horas do dia.

Já quase ninguem se lembrava de que tinha tomado o Senhor, quando um grande murmurio se levantou entre os escravos recém-sacramentados.

O Nanico, uma das aves mais bonitas do terreiro, desaparecerá.

Recriminavam-se mutuamente como responsáveis pela falta quando, qual anjo da paz, surge das matas o Romualdo, trazendo num côfo a cabeça e as peneiras da vitima e exclamando:

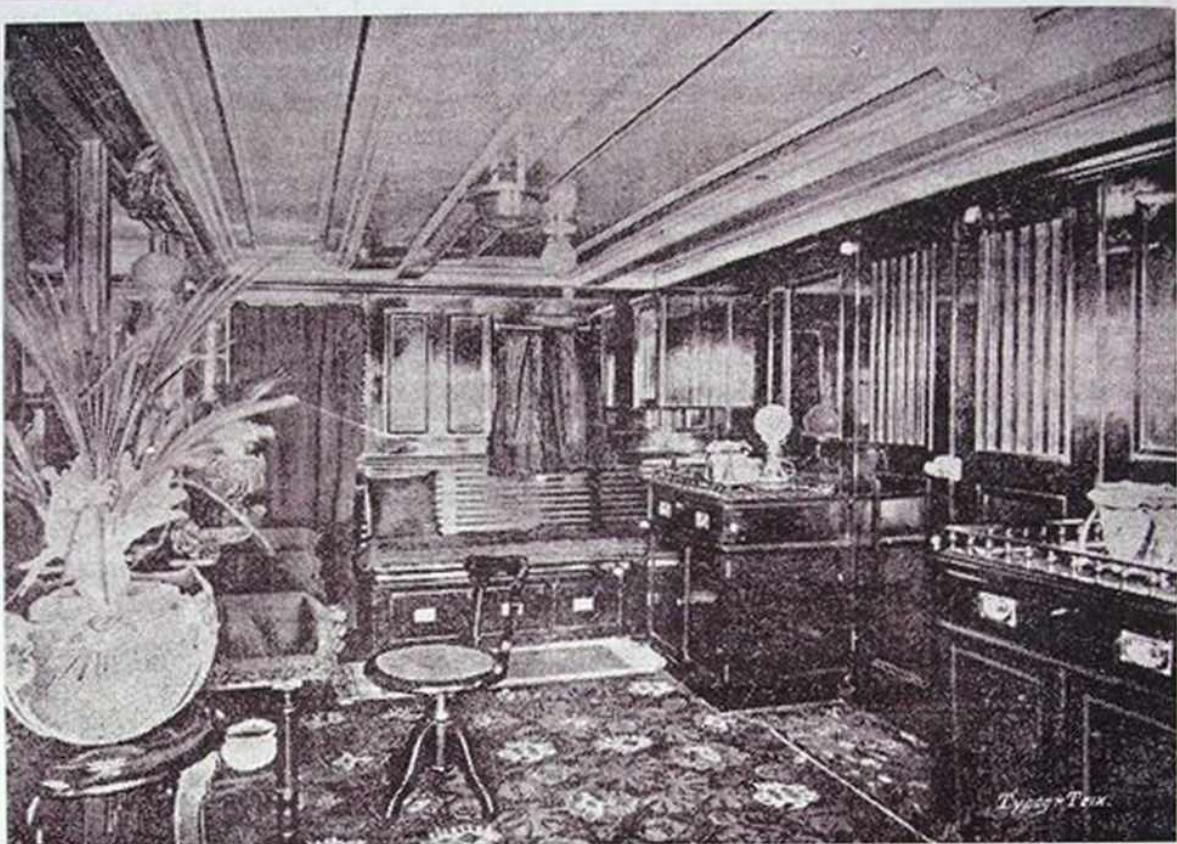
—Aqui está Nanico, que eu matei, não por maldade (Deus Nossa Senhor me livre!) mas p'ra comér...

—Quando?! indagaram espantados.

—De madrugada, respondeu impassível o preto.

—Sacrilegio! bradaram. Comer antes de tomar o Senhor!

Mas o Romualdo explicou-se, procurando



O VAPOR «MARANHAO»—GABINETE DE LEITURA DE S. EXC.

mostrar que tinha a razão ao seu lado. Ouvira falar que um gallo anunciará o nascimento de Christo, e fôra por isso que achando que o seu estomago, que nunca receberá o corpo do Senhor, estranharia a visita, se ella não fosse pre-cedida da dum gallo anunciante tomára tal resolução.

Todavia, o verdadeiro motivo que levára o Romualdo a almoçar o Nanico fôra, como já vimos, o temor do jejum. E como elle não achasse outra justificativa e se quizesse livrar dos apodos que continuavam crescentes, concluiu fazendo-se lôrpa:

—Então que vocês queriam? Eu havia de botar o gallo p'ra dentro por cima do Noeo Senhor?! Deus Nossa Senhora é que devia ir por cima do gallo!

Uma gargalhada estridente reboou pelo pateo da rancharia afôra, ás ultimas palavras do preto. Só levando o caso em pilheria, resolvêra a escravatura.

A esse tempo, o coronel e o vigario, mostrando, este, a encanecida cabéça e, aquelle, a sua luzidia corda, passam solennemente diante do rancho, de volta de reconfortante banho no rio que corria no fundo da fazenda; e o Romualdo, sorrindo de satisfação pelas visitas que naquelle hora lhe honravam o estomago, a um sinal do fazendeiro, seguiu o caminho da estrebaria a arreiar o animal em que montava o pa-

dre, para, d'ahi a pouco, reconduzi-lo aos seus penates.

O desobrigador, antes de partir, rompendo com as práticas já tradicionais nos dominios dos Gonzagas, ainda assombrado pelo grandioso progredir que observára na Santa Rosa, com surpresa geral, dispensou o jejum.

E o coronel, festejando a Resurreição do Senhor, concedeu três dias de descanso á escravatura, que se entregou logo ao folgueôdo.

A viola estrugiu, os pandeiros chocalharam vivazes com maestria, acampanhando-os a marimba e a harmonica. Tão immensa era a alegria, tão vibrante o prazer que dizia-se começar a refletir aos olhos daquella gente uma como que luminosa miragem, sondando o Futuro ou—quem sabe?—festejando já os preludios da confraternização social, que, um mês após, irmanava os brasileiros.

E o vigario, seguido do seu pagem, tendo passado o coqueiral, cavalcando o seu burrinho, seguia estrada afôra troteando lentamente, redadas descansadas, sorvendo a enebriantes haus-a pureza do confortante ar e observando, contemplativo e absorto, aquelle panorama todo reluzente de oiro que lhe projetavam os raios do sol, que subia incessantemente vitalisando aquella terra da Santa Rosa, abençoada, feliz e prodigiosamente fecunda.

ASTÓLFO MARQUES.

A mão de marmore

À Arthur Azevedo



Um excentrico, o Luciano, esse tipo bem acabado de artista my-santropo, meio philosopho, meio poeta, todo sensibilidade e platonismo, vivendo a seu modo uma vida calma de doente incurável.

Preoccupava-me como um problema difícil, como um mysterio impenetravel, aquella simples caixinha de veludo azul claro, sempre no mesmo lugar, em cima da secretaria, misteriosamente immovel, numa quietação teimosa de esphinge, enchendo, ella só, todo o pequenino gabinete, de não sei que boa e sugestiva alegria.

Todo poeta oculta algo absconso e nebuloso que se traduz em melancolias profundas e recolhimentos de asceta. O meu amigo não escapava a essa lei fatal que muita vez transforma um artista n'uma especie de animal selvagem... D'ahi, talvez, o seu modo original de ver as cousas, de encarar a vida, e as suas frequentes extravagancias de bohemio incorregivel. Em materia de amor, por exemplo, ninguem mais pueril, ninguem mais exigente. Não admittia, sob pretexto algum, que a amante lhe falasse com entusiasmo noutro homem, fosse elle muito embora o Sr. Armand Duval, o Sr. Conde de Camors ou o Sr. primo Basilio, que, por fim de contas, são meros personagens de romances.

Arrufava-se vinte vezes ao dia sem o mais pequeno motivo, por um excesso de amor egoista; raro entrava em casa que não fosse de cara fechada, batendo as portas, furioso, maldizendo as mulheres sem exceção, num desespero quasi feroz.

—Umas perfidas! Desde Eva até Magdalena, todas a mesmíssima coisa, os mesmos artificios, as mesmas labias, o mesmo processo de commover pelas lagrimas!... Não, elle decididamente não se prenderia mais!

E no dia seguinte (fraquezas de poeta...) lá ia rua abaixo, cigarro ao canto da bocca, trauteando baixinho, direito como um fuso, à casa da Rosita, como si nada tivesse acontecido.

Ella recebia-o como de costume — atirandose-lhe aos braços n'uma furia de amor selvagem...

—Adoravel, esse Luciano! dizia ella.

Rosita era uma esplendida *muchacha*, uma formosissima rapariga de vinte e tres annos, nas-

cida em Buenos Aires, espirituosa, terna e insinuante como um fructo prohibido. Via-se-lhe a alma através dos olhos muito meigos, de longas pestanas e onde havia um quer que era demoniaco e irresistivel. Fugira aos vinte annos com Luciano e nunca mais o deixara por coisa alguma deste mundo, assim como tambem nunca mais puzera os pés no palco, trocando todas as suas glórias de bailarina admiravel pelo grande amor, pelos caprichos incoerciveis de um artista apaixonado.

Muito sensivel e franzina, labios escarlates de lysica, foi desfinhando, desfinhando cada vez mais, até que um bello dia (por signal arrulhavam pombos no telhado...) —pobre Rosita!— mandaram-n'a, sem dó nem compaixão, para debaixo da terra, dentro de um caixão forrado a setim còr do céo, toda de branco (extravagancia de Luciano), em trajes de Nossa Senhora de Lourdes, com uma faixa azul na cinta, muito alva, duas rosetas de carmim nas faces... Cortava o coração ver aquella creatura, uma santa que nunca fizera mal a ninguem, que dava esmola aos pobres e gostava de flores e creanças, tão boa, tão tenra, e cuja vida fôra um rosario de dedicações impagaveis, ir-se para o cemiterio, deitada num esquife, inteiriçada e feia como um qualquer bloco de marmore...

Eu, por mim, confessô, achei aquillo uma iniquidade.

Luciano, esse recebeu o golpe de frente, sem uma queixa, sem uma lagryma, os olhos enxutos de dor!

Mumificava-se diante do cadaver da amante.

..... Ah!... ia-me esquecendo a caixinha de veludo azul claro.

Foi justamente sete dias depois do enterro de Rosita, num domingo, que a vi pela terceira vez sobre a secretaria do meu amigo.

Não me contive:

—Que é isso, ó menino?

—Nada... Um presente de annos...

—Segredo?...

—Sim, segredo...

Calei-me para não ser indiscreto, mas Deus sabe a curiosidade que me torturava o espírito.

Elle, porém, o bom Luciano, comprehendeu a minha afflition e, condescendendo, entregou-me a chave do *inviolavel segredo*.

O' manes de Phidias, o espírito immortal de Praxiteles, o alma illuminada de Benevenuto Cellini, si visseis o que eu vi dentro da mysteriosa caixinha azul de Luciano, certo o vosso divino orgulho de artista se abateria, mestres, ante a mais perfeita e a mais bella de todas as creaçoes humanas, essa assombrosa mão de marmore, e esse primor de escultura, genialmente feito pelo escopro de um bohemio das ruas, essa mão tina e aristocratica, tão distincta e tão delicada que dava vontade á gente de beijal-a, mordel-a e adorar-a de joelhos como a um amuleto sagrado!

—Que primor! murmurei crendo assistir a uma resurreição.

—E a mão de Rosita, fez Luciano com um sorriso desconsolado.

—E porque não lhe esculpiste antes o coração em marmore? Seria até mais poético...

—Sim, mais poético... Fôra preciso, porém, rasgar-lhe o peito, e eu amava-a muito, meu amigo. Primeiro o amante, depois o artista...

E duas grossas lagrymas cristalizaram-se nas faces do maior artista que eu já conheci.

(Dos Pequenos Contos, livro póstumo).

ADOLPHO CAMINHA.

A evolução da vida

(Conclusão)



Em quanto o *amphioxus lanceolatus*, estudado cuidadosamente, demonstrava a existência de um vertebrado sem crânio que por todas as particularidades da sua estrutura tinha de collocar-se abaixo dos Craneotas conhecidos e approximar estes

dos animais inferiores,—por outro lado o estudo cuidadoso dos Ascídos, confrontado com o do *amphioxus*, demonstrava pela Anatomia comparada, e sobretudo pela Embriologia, que os Vertebrados provinham dos Vermes; os Ascídos, classificados entre os Vermes Coelomatas, revelam na sua embriologia o famoso segredo d'este parentesco. Segundo paralelamente o desenvolvimento dos Ascídos, e o do *amphioxus*, vê-se que as mesmas fases se repetem de parte a parte na formação do tubo digestivo, do aparelho respiratório, e do aparelho sanguíneo; e (o que é verdadeiramente importante) aparece nos Ascídos a formação de uma corda dorsal e de um tubo medular exactamente como no *amphioxus*;—mas, em quanto n'este ultimo corda e medulla persistem durante toda a vida adulta, nos Ascídos, para o fim da evolução embryonária, corda e medulla desaparecem, assumindo o animal na sua forma adulta o tipo característico dos Vermes; pelo que diz respeito ao esqueleto e ao sistema nervoso, a embriologia dos Ascídos prova, pois, que por circunstâncias ignoradas elle é um descendente degredado de um grupo de Vermes superiores que tinham corda e medulla, vermes extintos d'onde sahiram os primeiros vertebrados; d'este modo se acha completada a arvore genealogica d'estes animais. Os Protozoários deram origem aos Metazoários; estes originaram para um lado os Zoófitos e para outro os Vermes; d'estes ultimos nasceram tipos que originaram os Radiários, os Molluscos, os Articulados, e, por fim, o grupo dos Cordonianos (vermes com corda) d'onde descenderam os Vertebrados Acraneotas.

Está chegado o momento em que o embrião humano, d'acraneota que era, passa a revestir os caracteres dos Craneotas. O canal medular, terminado n'um estreito *cego*, vai agora dilatar-se successivamente em tres e em cinco ampolas cerebraes,—ao mesmo tempo que o canal protector se dilata tambem,—resultando, portanto, um pequeno cérebro e um pequeno crânio. Os órgãos dos sentidos começam a desenhar-se; o embrião humano, que ainda não apresenta membros, atinge a forma dos Cyclostomas (lampreias). Das partes lateraes da cabeça e do pescoço, logo por deante da extremidade superior do tubo digestivo, aparecem de um e outro lado cinco ou seis prolongamentos em arco, separados por outras tantas fendas (são os arcos branchiales); n'esta época o embrião do Homem não se distingue do embrião dos Peixes; os arcos branchiales (que nos Peixes não formam a caixa branchial sobre que as guelras assentam) transformam-se no Homem por modo que concorrem para a formação de parte do canal auditivo e para a formação do osso hyoide (com exceção do primeiro arco que n'um e n'outro caso concorre para a formação da face). O coração divide-se em duas cavidades, e a aorta dá origem ás arterias branchiales (como nos Peixes). O cérebro humano complica-se como o dos Peixes. Finalmente as extremidades aparecem, recordando pela sua forma rudimentar as barbatanas peitorais e ventrais. Da parte cefálica do tubo digestivo, destaca-se inferiormente um appendice digitiforme que para logo se divide na sua extremidade; este órgão que mais tarde ha-de formar o pulmão representa fielmente o aparelho hidrostático dos Peixes (*a vesicula natatoria*). E, assim como dos Selacios (peixes primitivos) para os Amphibios se passa pelos Dipneustas (verdadeiros peixes que passaram a viver em terra, accommodando a vesicula natatoria ás funções da respiração aérea,—e tendo assim duas respirações que lhes garantem dois géneros de vida diferentes), assim também o embrião humano se encaminha na sua evolução para o tipo dos Amphibios; a aurícula cardíaca divide-se, resultando d'ahi um coração com três cavidades, enquanto que a circulação das arterias branchiales começa a derivar para as arterias pulmonares; no embrião humano aparece então o animal de respiração aérea.

Todos conhecem as extraordinárias e eloquentes transformações por que passam os *sapos* e as *rãs*:—a princípio, são pequenos animais pisciformes sem membros, e respirando por meio de guelras (chamam-se então *gyrinos*); pouco a pouco os membros começam a desinvolver-se, e a cauda a estrangular-se; a vesicula natatoria dilata-se em cavidade pulmonar, á medida que as guelras vão gradualmente desaparecendo; *sapos* e *rãs* passam a tomar suas formas definitivas; as extremidades são já n'estes animais pendactylas (isto é, com cinco dedos). Não pode exigir-se demonstração mais cabal de que os Amphibios descendem dos Peixes; todavia não é o *sapo* nem a *rã* que nós podemos inter-



O VAPOR «MARANHÃO»—SALÃO DE JANTAR

calar na serie dos nossos avós; é a *salamandra* ou a algum *amphibio* proximo que nós devemos a paternidade,—porque, sendo o embrião humano (e tambem os outros *Mammiferos*) caudado n'esta phase e ainda por muito tempo, forçá-nos é recorrer a avoengos de longa cauda.

Um novo e grande progresso se nota agora no embrião humano. Vimos como de parte do folheto interino do blastoderma se formará um orgão accessório de nutrição (a *vesicula umbilical*). Agora porém que essa reserva se acha ex-gotada pelo crescimento do embrião, um novo orgão nutritivo apparece: da parte inferior do tubo digestivo nasce um prolongamento que, sahindo do orificio abdominal do *umbigo cutaneo*, ao lado da vesicula umbilical, vai coberto de vasos sanguíneos cravar-se no parede uterina (é a *vesicula allantoidéa*, a qual na sua parte intra-abdominal constitue a *bexiga urinaria*,—enquanto na sua parte extra-abdominal se converte em *placenta fetal* que se incarrega d'ora em deante de ir buscar ao seio da mãe a nutrição para o filho). Ao mesmo tempo o folheto externo do blastoderma tem formado um sacco completo e protector do embrião (o *sacco amniotico*), sacco cheio de líquido em que o germen fluctua.

Vesicula allantoidéa e sacco amniotico, que os *Amphibios* não possuem, caracterizam os tres grupos superiores (Reptis e Aves para um lado, *Mammiferos* para o outro).

O *Homem* entra pois na phase amniotica; e,

como não podemos procurar-lhe um antepassado entre os Reptis, temos de admittir que os Proto-amniotas (um grupo extinto,—que deu para um lado os *Mammiferos*, e para outro os Reptis e as Aves) constituem certamente derivação posterior dos Reptis aperfeiçoados (facto este justificado pelo exame do esqueleto, do sistema nervoso, e pelo modo da reprodução).

Chegado á este ponto o embrião do *Homem* entra na phase de mammifero.

O coração, que se dividira primeiro transversalmente em aricula e ventriculo (como nos Peixes), apresenta já (como nos Dipneustas e nos *Amphibios*) um começo mais de divisão vertical a começar pela aricula; em seguida (como nos Reptis em parte, e de um modo completo nos *Mammiferos*) divide-se o ventriculo e o bulbo aortico, constituindo por esta forma dois corações independentes como o exige a respiração aerea (um para a circulação geral, outro para a circulação pulmonar). O cerebro, até agora predominando pela sua parte média (como nos *Amphibios* e Reptis), começa a desinvolver-se pela sua parte anterior. As glandulas mamarias aparecem mas sem mammilo, como nos *Mammiferos inferiores* (*Ornithodelphos*); e, como n'estes ultimos, a cavidade genito-urinaria e a cavidade rectal formam um seio commum chamado *cloaca*; em breve esta cloaca se divide, e o embrião se aperfeiçoa até ao tipo dos *Marsupiaes*, superior ao dos *Ornithodelphos* e é n'este

momento que a allantoidéa, convertida em verdadeira placenta, se crava no utero materno, porque (como é sabido) as duas primeiras ordens de Mammiferos (possuidores já de allantoidéa) não são ainda placentários, como as ordens superiores.

O embrião, que no fim do primeiro mês atinge a forma de vertebrado inferior e no fim do segundo a phase de amniota, acha-se agora aproximadamente no terceiro mês e entra rapidamente na phase dos Prosimianos e dos Macacos, para revestir afinal a forma verdadeiramente humana; a extremidade caudal reduz-se gradualmente às proporções dos coccyx; todos os órgãos se aperfeiçoam sucessivamente; a face architeta-se bem como o pé e a mão, no tipo humano; e o cérebro (como sucede na escala dos Mammiferos), crescendo e avolumando-se pela sua extremidade anterior, vai sucessivamente enchiendo pela maior parte a cavidade craneana de modo que cobre o cérebro médio ou o cérebro posterior (caracter este comum no grupo dos Primates que abrange com o Homem todos os Macacos).

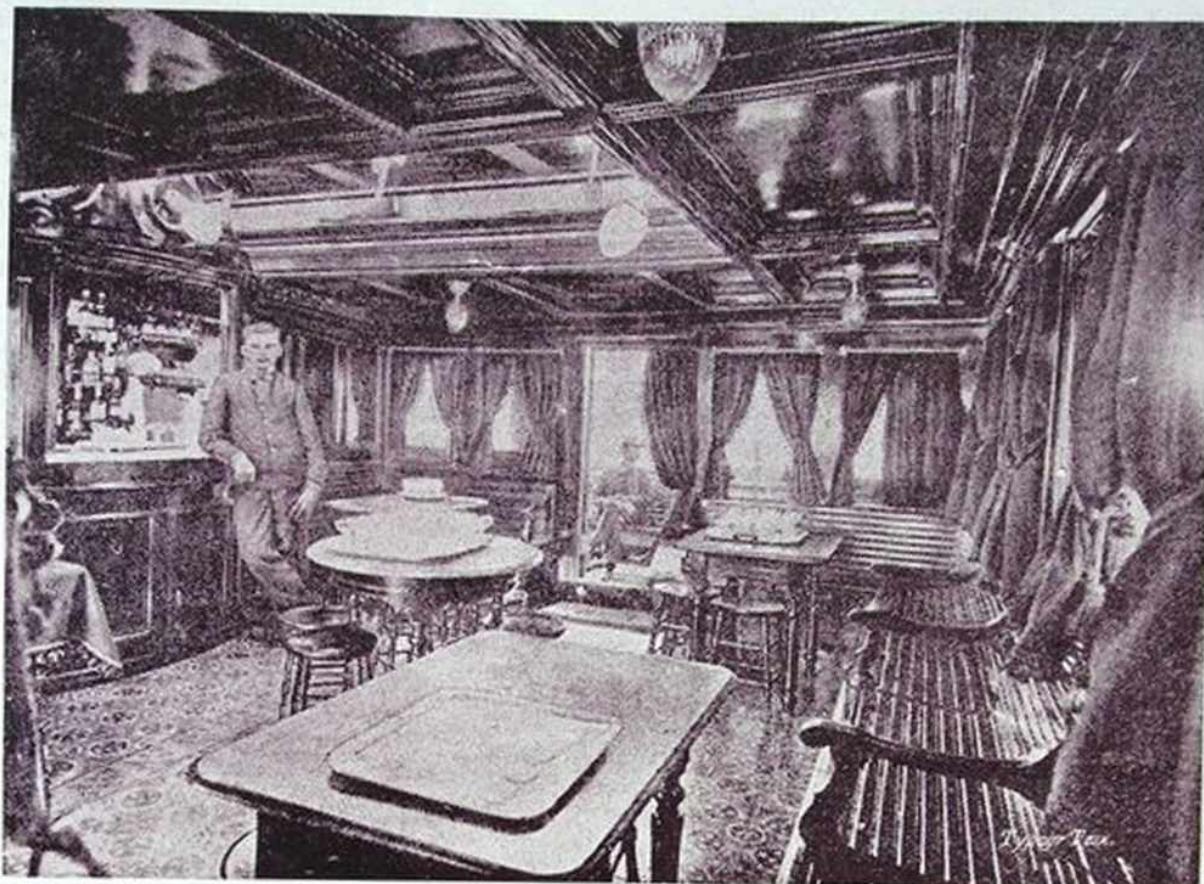
Seria curioso seguir aqui passo a passo a evolução do apparelho genito-urinário; prescindimos, porém, de intrar nesse assumpto, por achar-se elle já minuciosamente tratado no vol. CXXVIII da *Biblioteca do Povo e das Escolas*, («O macho e a femea no reino animal»); aqui diremos apenas que o embrião humano, asexuados nas primeiras phases, apresenta depois as partes essenciais do hermafroditismo que se aperfeiçoa durante um certo tempo como todos os órgãos accessórios, até que finalmente um dos sexos se determina e se desenvolve, —ao passo que o outro se atrofia, deixando todavia vestígios e restos evidentes.

A ordem dos Macacos divide-se naturalmente em duas sub-ordens: — *Catarhinos* (que habitam no «antigo continente») e *Platyrrhinos* (ou «Macacos americanos»). Os Platyrrhinos distinguem-se dos Catarhinos pelo menor desenvolvimento do cérebro, porque tem as fossas nasais divididas por um largo septo, e pouco desenvolvidas as azas do nariz, d'onde resulta que as narinas se abrem para fora, e, além disso, pela existência de 36 dentes; — por seu lado, os Catarhinos tem as fossas nasais divididas por um septo delgado, as azas do nariz tem desenvolvidas, as narinas dirigidas para baixo, e possuem 32 dentes, — caracteres estes que lhes são comuns como o Homem, o qual por estas razões tem de ser classificado na sub-ordem dos *Catarhinos* (separados desde muito tempo dos Platyrrhinos, visto que até os fosseis americanos apresentam sempre nos esqueletos três pequenos dentes molares em cada meia maxila, em vez de dois que se encontram constantemente nos fosseis do «velho continente»).

Qualquer quer que seja o grupo de órgãos (dizem Huxley e Haeckel) que se estudem na série dos Catarhinos até ao Homem, chega-se forçosamente à conclusão de que o gênero humano descendente dos Macacos; e, se compararmos

os «Macacos Anthropoides» (*gorilla*, *chimpanzé*, *orangue*, *gibbon*) com o Homem, achamos entre este último e os Anthropoides similaridades maiores que as existentes entre os Anthropoides e os Catarhinos inferiores. De facto, os trabalhos de Huxley demonstram por modo indiscutível que a estrutura do pé e da mão do Homem é a mesma que a dos Macacos superiores pelo que respeita ao esqueleto e à musculatura, e que os Anthropoides são tão bimanos como o Homem, ou o Homem tão quadrúmano como os Anthropoides; uns e outros a placenta apresenta na sua inserção e na sua estrutura as mesmas particularidades. De mais (como é sabido) os Anthropoides tem (como o Homem) cauda reduzida e um coccyx sub-cutâneo, e no cérebro a mesma estrutura fundamental que o Homem. Todavia o Homem não descende diretamente de nenhum dos Anthropoides existentes; embora que o *gorilla* se lhe aproxima mais pela configuração do pé e da mão, o *chimpanzé* possua o crânio, mais humano, o *orangue* tem um cérebro mais perfeito, e o *gibbon* uma caixa torácica mais desenvolvida. Admitte-se pois um antepassado comum, do qual descendem direcionalmente os Anthropoides e o Homem. E admite-se, mais ainda, que entre a forma anthropoide e a forma verdadeiramente humana existiu uma forma intermédia, humana já pela forma, mas ainda sem linguagem, (*homo alalus* ou *pithecanthropus*), nos terrenos terciários; este elo da nossa árvore genealógica é ainda hoje representado pelos microcéfalos dos quais nos possemos um magnífico exemplar na celebre Bemvinda (existente no Hospital de Rihafolles), exemplar que tão profunda sensação causou ao Congresso Anthropológico de 1880 quando aí foi apresentado pelo professor Oliveira Feijão, — como se a *mulier alala*, por incanto mágico, houvesse ali resuscitado dos terrenos plioceanos no intuito de convencer os incrédulos!

Temos feitos a largos traços o paralelo entre a «série phylogenética» e a «série ontogenética» do Homem. Resta agora reforçar, se é possível, este paralelismo com um esboço rápido da «série paleontológica». O estudo dos fosseis mostra que durante a idade primordial ou «idade arquolítica», a qual representa metade dos terrenos estratificados, se desenvolveram todos os Protozoários, os Metazoários inferiores, os Vermes, os Cordados, as primeiras formas vertebradas (*amphioxus*, *Cyclostomas*), e os Peixes primitivos (*Selacios*), encontrando-se os restos destes últimos nas camadas superiores desta idade no terreno siluriano. Na «idade paleolítica» o grupo dos Peixes expandiu-se largamente; e, nos terrenos que então apareceram já a descoberto fazem entrada os primeiros peixes que puderam converter a vesícula nátoria em apparelho de respiração aérea (os *Dipneustas* derivados dos *Selacios*, — como destes últimos derivaram para outro lado os Peixes superiores); seguem-se os Amphibios e os primeiros Amniotas, cujos restos se encontram já no terreno carbonífero e permiano. Na terceira idade ou



O VAPOR «MARANHÃO»—O BAR

«edade mesolithica» dominam Ampibios e Reptis, ao passo que se encontra já no terreno trascico os primeiros Ornithodelphos, e no terreno jurassico os Marsupiaes (estas duas ordens de Mammiferos sem placenta apresenta já um grande desenvolvimento no terreno cretaceo). Na edade terciaria ou «edade cœnolithica» surgem os Mammiferos superiores ou placentarios, que derivam dos Marsupiaes e parecem dividir-se logo em dois grandes ramos:—Mammiferos de placenta difusa (*Individuata*) como os Ungulados; e Mammiferos de placenta confluente em anel ou em disco; são os Prosimianos que parecem ter dado origem a quasi todos os placentarios superiores (*Deciduata*), mammiferos em que a placenta fetal arrasta consigo uma parte da mucosa uterina (*caduca maternal*). E de um dos ramos dos Prosimianos de placenta discoide, proximo do genero *lemur*, que sahiram os verdadeiros Macacos.

Finalmente o Homem fez a sua apparição na edade pliocenica, ou talvez antes para se expandir largamente na edade antropolithica nos terrenos do diluvio e do alluvio.

Resulta pois a mais notável concordancia no estudo das serie phylogenética, entogenética, e paleontológica, para o fim demonstrar a verdade da theórica genealogica do reino animal: por toda a parte a successão das formas e a sua

transformação gradual. Sobretudo a successão e a sua transformação das formas embryologicas é de uma eloquencia verdadeiramente admiravel; como se tantas outras razões não bastasse, cada um de nós, cada animal, cada planta, tem na serie das formas ontogeneticas a breve recapitulação dos seus principaes avós, breve mas indelevel porque é feita em formas de alto relevo que ninguem pode apagar. Parece que a Natureza, ciosa do que lhe roubassem, a sua obra primorosa, quiz que cada individuo trouxesse consigo o sello indelevel de quantas luctas, de quantas myriades de séculos foram necessarias para chegar das formas ínfimas das Moneras até aos representantes immensamente complexos e perfeitos que cororam as cumiadas do reino organizado.

Ler (disse Pelletam) é viajar no mundo das idéias. E pode dizer-se tambem que viajar e observar é ler no mundo dos factos, ler no livro da Natureza. Ora, quem sabe observar em Embriologia, lê, na vida intra-uterina de cada um de nós, a pagina que conta a historia dos nossos antepassados; vê passar deante dos olhos a gateria dos nossos avoengos; e essa pagina é a mais authentica mais genuina, mais incontestável do que a certidão do registo ecclesiastico ou do registo civil, em que se acha exhibida a nossa paternidade. De resto, a questão divide-se em

duas palavras: o Homem, porque é um mamífero, tem origem commun com todos os Mamíferos; porque é vertebrado, tem origem commun com todos os Vertebrados, e, desde que se provou que os Vertebrados descendem dos Vermes, o Homem descende, com elles, dos Protozoários inferiores, e lá estão para atestá-lo as fases que vão da Monera à Gastrula, fases que seguem sucessivamente a fecundação do óvulo humano.

RODRIGO PEREIRA.

Philosophia de um Garoto



Mar equinocial. A praia de Icarahy, na poesia selvática das fraguas de Itapuca, emperava o seio alvíssimo com um largo collar de espumas scintilantes.

As ondas tinham as modulações das almas amorosas, grandes ancias de ciúme, coleras bruscas, entre queixas plangentes e sensuas meiguices.

E, rasgando-lhes o rumoroso coração, a lendária Cabeça do Índio, talhada na salsa penedia e coroada pela flora agreste fitava eternamente o horizonte; e ali, á beira do oceano, recordava a cada instante todo o encanto e a liberdade toda da nossa primitiva selva.

Manhã azul, manhã feliz.

Pelos *comolos* de areia alviníntente arrulhavam bandos de crianças. Cortavam o ar, tocados pelo sol nascente, cordões extensos irerés velozes, abandonado os ninhos salitrosos da costa, em busca dos baixios das ilhotas desertas do fundo da Bahia.

Não tardaria a vasante.

Sobre os abrolhos, róidos pelas vagas, pescadores estendiam os caniços, silenciosamente ouvindo o marulho monotonio dos últimos aranços dos vagalhões partidos.

E apenas, como para dar um tom mais vivo a essa formosissima paisagem, um pequeno barco se balouçava ao largo.

A' proa, um tripulante único.

A linha em punho, o anzol imerso a cobrir a presa, attento e canto, nem o movimento se lhe notava ao longe.

Concentrado o olhar sobre o dorso convulso das águas; talvez buscando em vão sondar-lhes as estranhas, certamente não reparava que, da beirada, era insensivelmente o alvo preferido de todas as vistas.

E quando elle se erguia, e, alcançando o braço sobre a fronte em um círculo rápido e certeiro, lançava em outro rumo a isca, não havia quem não acompanhasse de terra a nova trajetória que o lastro do anzol ia marcar além, fazendo saltitar a escuma.

Em uma dessas ocasiões, porém, falhara a destreza ao pobre pescador. Não alcançara o fluctuador o ponto desejado.

Houve quem lhe visse mesmo da areola arenosa da praia um gesto de paciencia.

E então, quando procurava melhor firmar-se sobre a borda da canoa, apanhando outra vez a linha para atirá-la ao ponto ambicionado, falhou-lhe o equilíbrio; e entre os gritos de susto de uns e os risos de outros, todos o viram tombar, sumindo-se bruscamente nas ondas agitadas.

Houve um instante de geral anciedade.

Disputaram todos em descobrir primeiro o lugar de onde surgira de tão grande mergulho o rude embarcadouro, de certo um desses lobos do mar, calejado nessas lutas diárias contra os elementos. Mas passaram-se segundos. E, como ninguém o lobrigasse vir à tona, não tardou que um exclamação unânime de horror escapasse de todas as bocas.

• A canoa, entretanto, continuava a balouçar-se ao largo.

Abandonada e só, nem ao menos poderia talvez servir de esquife ao velho pescador, que a amara tanto. E, diante daquella cobardia subita, em que o instinto de conservação fizera que não houvesse um só braço que ousasse confrontar a fúria do pélago, buscando salvar o pobre naufrago, apenas um pequeno garoto, parado no meio da multidão, em um mixto de indignação e terror, volvia os olhos supplices do coração dos homens, e em uma apostrophe que valia um poema, dolorosamente soluçava:

— E assim morre um homem do povo!

DUNSHÉE DE ABRANCHES.

MYSTERIO

SOBRE UM POSTAL DE LAYETTE LEMOS.

A piedosa expressão que desse olhar nos desce, Repassado de amor, de saudade ferido, Deixa vezes trair, para longe perdido, Algum sonho feliz que nunca mais se esquece.

Outras vezes, mostrando a meiguice da prece Na pupilla a boiar, de algum modo dorido, Quer nos dizer talvez o que tem padecido... — Vaga recordação que se não desvanece...

No entanto há um mysterio através disso tudo, E eu tento desvendar alguma cousa, embora Meu olhar só encontre outro olhar sempre mudo...

E em vão procuro, em vão! Se alguma cousa existe, E a saudade sem fim dos bons tempos de outr'ora Que hoje apenas lhe traz a Alma dolente e triste!

Recife—Fevereiro—1905.

ADALBERTO PEREGRINO.

A questão feminista



O nome da sra. D. Anna de Castro Osorio não é já desconhecido dos leitores d'A Revista do Norte.

Ainda não ha muito tive ensejo de me ocupar dum dos seus livros, o romance *Ambições*, em que, a par de inevitáveis hesitações, fatigas a quem queira no nosso paiz exercer a serio uma carreira de *femme de lettres*, se notavam, ainda mais do que notaveis aptidões artísticas, um sólido bom

senso, sem o qual a critica de costumes nem se exerce cabalmente, nem facilmente se tolera.

Todavia, não duvido avançar que, melhor do que no romance, a sra. d. Anna Osorio nos dá provas do seu talento e dos seus rasgados intuições numa obra de propaganda, como esta que constitui o maior acontecimento do mês de agosto, e que intitulou tão singela como expressivamente *A's Mulheres portuguezas*, visto que a ella era especialmente dedicado o seu trabalho.

Comprehende-se o facto. A sra. d. Anna Osorio é uma propagandista. Levam-a para este bello campo de doutrinação moral as premeditações do seu espírito e os sentimentos do seu coração. De ha annos a esta parte, tudo quanto signifique um propósito de instrução ou um anhelo educativo, empregados no sentido de dar protecção e ensino de alma aos humildes e aos que a ignorância entenebrece, tem sempre merecido a atenção da illustre escriptora, que por tais motivos adquire títulos á benemerência social. Ao contrario das mulheres escriptoras, que se encastellam na torre de marfim dum arte em que a sentimentalidade faz as vezes do legitimo sentimento e o purismo as vezes do espírito, a sra. d. Anna Osorio não se considera como gosando os privilegios dum carta intellectual que pretende affixar a elevação do seu trabalho muito acima do nível dos outros trabalhos que nobilitam o esforço humano. Não. Logo que o seu concurso é requerido para auxilio de qualquer iniciativa generosa, logo que o seu coração se considera no dever da spontaneamente trazer a sua palavra a uma obra que a sua consciencia reputa boa,—eis que ella aparece singelamente, nobremente, a dizê-la, com isenção e calor.

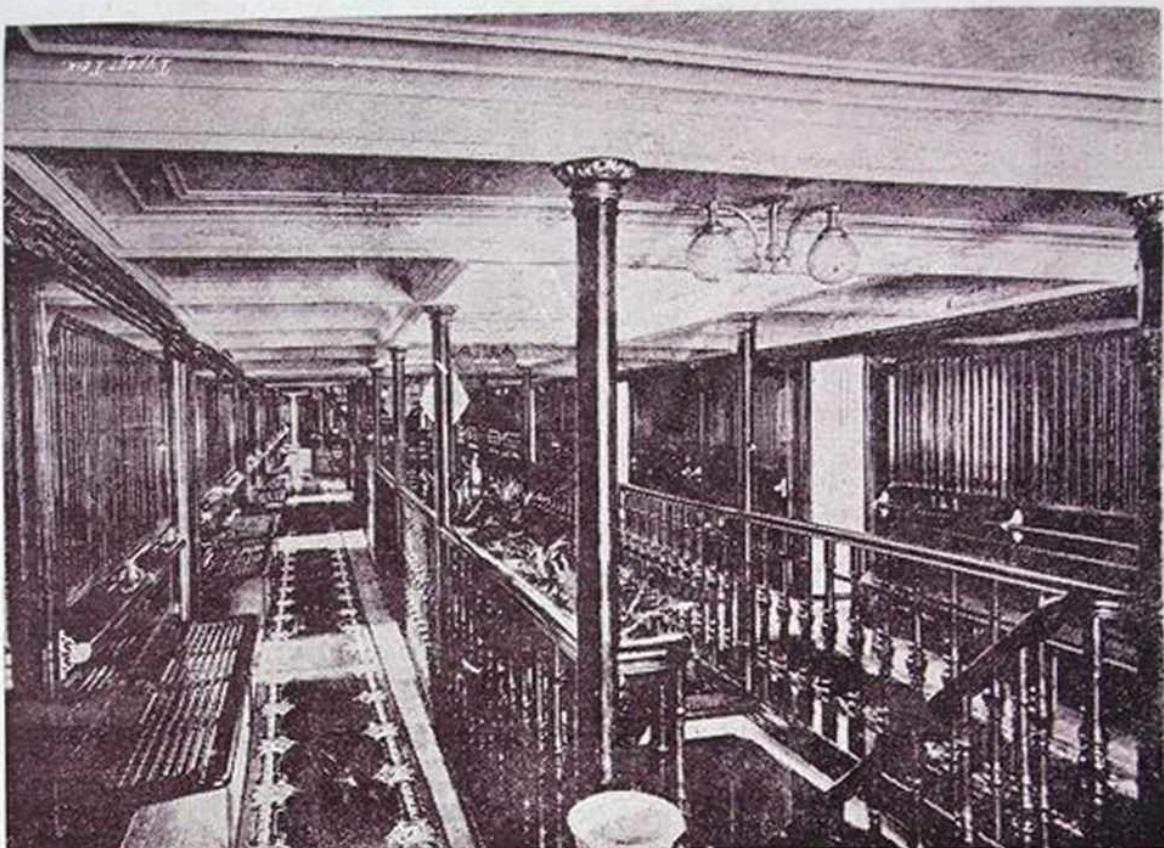
O livro que publicou agora é para mim o melhor, e o maior dos seus trabalhos. Confesso-o, com a franqueza que—deixem-me ter esse orgulho,—me inspira sempre n'estas annotações

ao movimento literario do meu paiz: quando peguei na obra da sra. d. Anna Osorio, fui com verdadeiro receio,

O movimento feminista, a que o livro se me affigurou referir-se, tem na sua historia um numero de incidentes disparatados ou ridiculos, que inevitavelmente o compromettem aos olhos de t da gente de bom senso. Para as suas reivindicações, a liberdade tem tido muitas vezes a extravagancia, como a reclamação do saber a justificação do pedantismo, e o direito ao amor puro e franco a capa das alterações do capricho e do vicio. Não temia eu que a sra. d. Anna Osorio, senhora de tão altas virtudes como talentos, viesse defender as theorias desgrenhadas de certas escolas que, a pretexto de elevar a mulher, a poem á beira de abyssos tão ameaçadores como aquelles para que impelliham as suas victimas d. João ou Lovelace. Mas receava que a illustre escriptora, embora não advogando um feminismo tão perigoso ou tão grotesco, não lhe lançasse a sua reprovação, temendo que, perante espíritos superficiais, a pura essencia da sua causa se prejudicasse com o ataque aos seus exageros, que, pelas preocupações do escândalo, tem sido erradamente tomados como as suas bases fundamentaes.

Tal não sucedeu, porém, e eu acabo a leitura deste livro com a impressão consoladora de quem se saciou com um fructo sôlo. A obra da sra. d. Anna de Castro Osorio é duma rectidão que merece os maiores elogios. Não vem aggredir os homens,—n'esse proposito inconsciente de tantos trabalhos feministas em que se procura proclamar o rompimento dos laços legaes que unem a mulher ao homem, para dár áquella o direito de multiplicar, a seu bel prazer, os laços illegaes com esse mesmo sexo pelo qual se affecta um tão anti-natural desprezo. A distincta escriptora proclama mesmo como missão idêntica da mulher e do homem essa ligação fecundante e natural d'onde dependem os destinos da humanidade. Deseja-a, porém, leal e equitativa; quer, e com justiça, que ella seja uma perfeita associação entre dois seres que comprehendam as responsabilidades da vida e se irmanem nos sentimentos do amor e nas aspirações da alma. Que o unico interesse que liga a mulher ao homem seja o da satisfação do seu coração, e vice-versa. Que nisso a mulher irá sacrificar o seu presente e o seu futuro a um homem que não ame, porque essa ligação lhe garanta a existência ociosa; nem o homem, pensando já na permanente infidelidade, venda, pelo menos a rectidão da sua consciencia, ao dote atrahente dum sposa sem outros attractivos. Numa palavra: que cesse o regimen de convenção e de mentira, em todas as relações dos dois sexos,—e para tal não vé de outro remedio que não seja o da educação tornando a mulher um ser autonomo e consciente, que possa, de igual para igual, contrahir com homem laços que, não sendo grilhões para nenhum sexo, constituam, todavia, indissoluíveis liames para todos os corações.

Neste sentido, urge que a mulher saiba, que a



O VAPOR «MARANHÃO»—CAMAROTES

mulher trabalhe e que a mulher pense. Liberte-a da atmosphera de hypocrisia ou de violencia em que, de donzella a esposa, successivamente a vimos envolvida. Fazendo-o, o homem perderá a sua dogmatica autoridade, mas eximir-se-á á traição e á fraude com que sempre os fracos, mercé da astucia, se vingam das oppressões que os esmagam. Que não seja supplice, nem escrava; que nem galanteios capciosos lhe deem a impressão de ser uma flor numa estufa, nem que essa pseudo-flor se veja depois brutalizada pela mais agreste das tyrannias. Que seja mulher, pura e simplesmente, tão imperfeita como o homem, mas tão susceptível como elle se engrandecia pela consciencia moral.

Eis a impressão que me ficou do livro da snra. d. Anna Osorio, que é um punhado de verdades sans, correspondendo a *uma bella obra do futuro*. Accentuo propositadamente a palavra *futuro*. Porque é na verdade para o futuro que este livro trabalha. Melhor ainda: o seu *desideratum* só ao futuro compete. O que não quer dizer que toda a propaganda no sentido que apostolisa não seja proveitosa e util.

O que eu desejo consignar é simplesmente que não passa dum sonho a aspiração de que em nossos dias uma tal transformação de costumes, leis e educação seja integralmente possível. Ha sobre esta questão feminista uma frase dum escritor americano, que sempre me tem forte-

mente impressionado. E' esta: «O feminismo é prematuro. Escravos não podem dar a liberdade a escravos». Com esse efeito, é a verdade. Na triste organisação social dos nossos tempos, e mesmo perante a educação moral das actuaes gerações, o homem é ainda um escravo. Onde é que elle dispõe da liberdade, tal como ella deve ser comprehendida? Em parte alguma. Sim, na verdade esse pequeno tyranno lar doméstico não passa cá fóra dum escravo tolhido nas malhas de ferro dum a rede inexorável de sistemas oppressivos e avassaladora ignorancia.

Só por meio duma escolhida educação, a snra. d. Anna Osorio o sabe, é que a mulher como o homem se pode ir gradualmente emancipando. Se hoje fosse possível dar-lhe uma liberdade ampla, o resultado seria contraprodutivo. Mais ainda: representaria um retrocesso para a humanidade. Quando há tres ou quatro annos, na Belgica, o partido socialista pensou em reclamar para as mulheres o direito do sufragio, fóra a propria esposa de Vanderolle que veio manifestar-se contra a idéa. As mulheres belgas, votando, esmagariam irreductivelmente o pensamento socialista. Fanaticas e embrutecidias, só votariam com os seus curas, ou só olhariam ao seu immediato interesse. Venderiam o voto, ou para ir para o paraíso ou para comprar um lenço.

Esperemos pela alvorada redemptora que



A Moda d'A Revista

ha de um dia raiar sobre uma humanidade inteira reconciliada e feliz. Nessa occasião estarão resalvados todos os direitos, quer os do homem quer os da mulher, por meio duma harmonia a todos extensiva. Não haverá mesmo direitos especiais. Um só existirá, que se chamará Equaldade. E' então que as aspirações tão quistas e ale vantadas como as que a snra. d. Anna Osorio exprime no seu bello livro terão uma abençoada realização. Até lá trabalha, para essa realização, forçosamente morosa. Façamo-lo sem ilusões, sempre reservadas ao duro golpe das decepções fatais; mas com fé, que é sempre uma

certeza de vitória. O que é preciso é sinceridade e bom senso. Estas duas fortes qualidades possue-a em eminente grau a snra. d. Anna Osorio,—e por isso ella é a maior escriptora feminista de Portugal.

MAYER GARÇAO.



A NOIVA

As tropas marchavam em defesa da Patria.

—Para a guerra !

Era como se dissessem:—Para a morte !

E elle ia marchar tambem !... Si casassem primeiro...—pensava a noiva.—Mas não, de que valeria, se o amor já lhes unira a alma.. e o corpo delle talvez fosse ficar para sempre estendido no campo da batalha !...

E, por longas horas a fio ficava cahida numa poltrona, junto á janella, extenuada, grandes manchas rubras no rosto ardendo em febre, os pulsos latejando-lhe com violencia.

De subito movia-se e fallava:

—Ah !... Se elle fujisse ? !...

Sim ! Sim !... Se elle fugisse para bem longe ! Fóra do alcance da Patria !... Casariamos então !

Depois, cabia na realidade e revoltava-se contra esses sonhos, consequencia do seu sistema nervoso grandemente excitado.

—Não !... Não !... jamais o aconselharei a ser covarde ! a fugir ao dever !

... Nunca !

Lá fóra, na rua, os batalhões passavam para a morte; e por entre o rufar dos tambores, ouvia-se a voz do povo :

Para a guerra !

—Sim—respondia a noiva—para a guerra !... A patria tem razão... O meu noivo que vá também... e que morra por ella... Eu não lhe sobreviverei por muito tempo, mas a Patria viverá, honrada e respeitada por todos. Que vá para a guerra !...

Nisto passava lá fóra um batalhão.

Entre os seus soldados, um suspendeo na boca da clavina um lenço branco.

—Elle !... E prende na occa da Morte, o symbolo branco da Paz...

Vae para a guerra, para muito longe de mim... tão longe, que só a Morte me poderá dar noticias delle !...

ROMARIO MARTINS.

SERENATA

Soluça a flauta.

O violão, n'uma surdina afiada, acompanha a voz maguada de harmoniosa canção. Ansiosa, palpita, estua, a encantadora Angelina, ao ouvir a voz argentina da serenata na rua.

«Quem canta em noute tão bella ?»—exclama a loura Angelina—«essa canção que ilumina, partirá de alguma estrella ? . . .»

«Será, quem sabe ? um poeta, esse Romeu inspirado, que busca a noute velado nos sonhos de Julieta ? . . .»

Abre a janella.

O luar se espalha em doce vertigem, naquela alcova de virgem, no leito, quasi um altar.

Pelo azul avelludado, onde a lua transparece, se asyla qual uma prece aquelle cantar maguado.

Voavam ledas chimeras, encantadas illusões, como um par de corações por um céu de primaveras.

E o violão sonoro requintava a melodia; e o trovador repetia esse estribilho amoroso:

*Sempre teus labios severos
me chamam de borboleta !
Se eu deixo as rosas do campo,
é só por ti, violeta !*

Fresca e linda como a flor, eis apparece Angelina, ao ouvir a estrophe divina daquelle exímio cantor.

Meigo o luar se desata, beijando Angelina bella e estende sobre a janella uma cortina de prata, como se velar quizesse, com extrema delicadeza, de Angelina essa belleza pura como a casta prece.

Ella, porém, dominada, por um firme pensamento, cedeu ao presentimento de ouvir a voz adorado.

E aquelle cantar tão puro, em su'alma de creança, fez brotar uma esperança que lhe ilumina o futuro.

Ia longe a cançoneta e Angelina inda ouvia o echo que repetia—*E' só por ti violeta !*

Conheceu que o trovador que cantava áquelhas horas, era o cantor das «Auroras», o dono do seu amor.

(Maceió)

ROSALIA SANDOVAL.

REQUIESCAT

O' coração, athleta eril, forte e robusto.
(Assim eu te julgara, assim eu te quisera,)
Que extraordinaria dôr, mais feroz que uma fera,
Faz-te gemer assim, faz-te pulsar a custo ?

O' lutador audaz, ó lutador augusto,
Que mysteriosa causa o riso que eu te dera
Fez fugir, fez morrer, da vida á primavera,
E te enche de terror e d'um estranho susto ?

Perdes todo o vigor, ó coração vencido !
E a tua dôr é muda, assim as grandes dôres
Que lagrymas não têm e que não têm gemido !...

Vaes morrer, eu bem sinto, e da morte mais bruta.
Definas sem cessar... E quando ao nada fôres
Repousa, ó lutador... descansa em paz da luta !...

CICERO FRANÇA

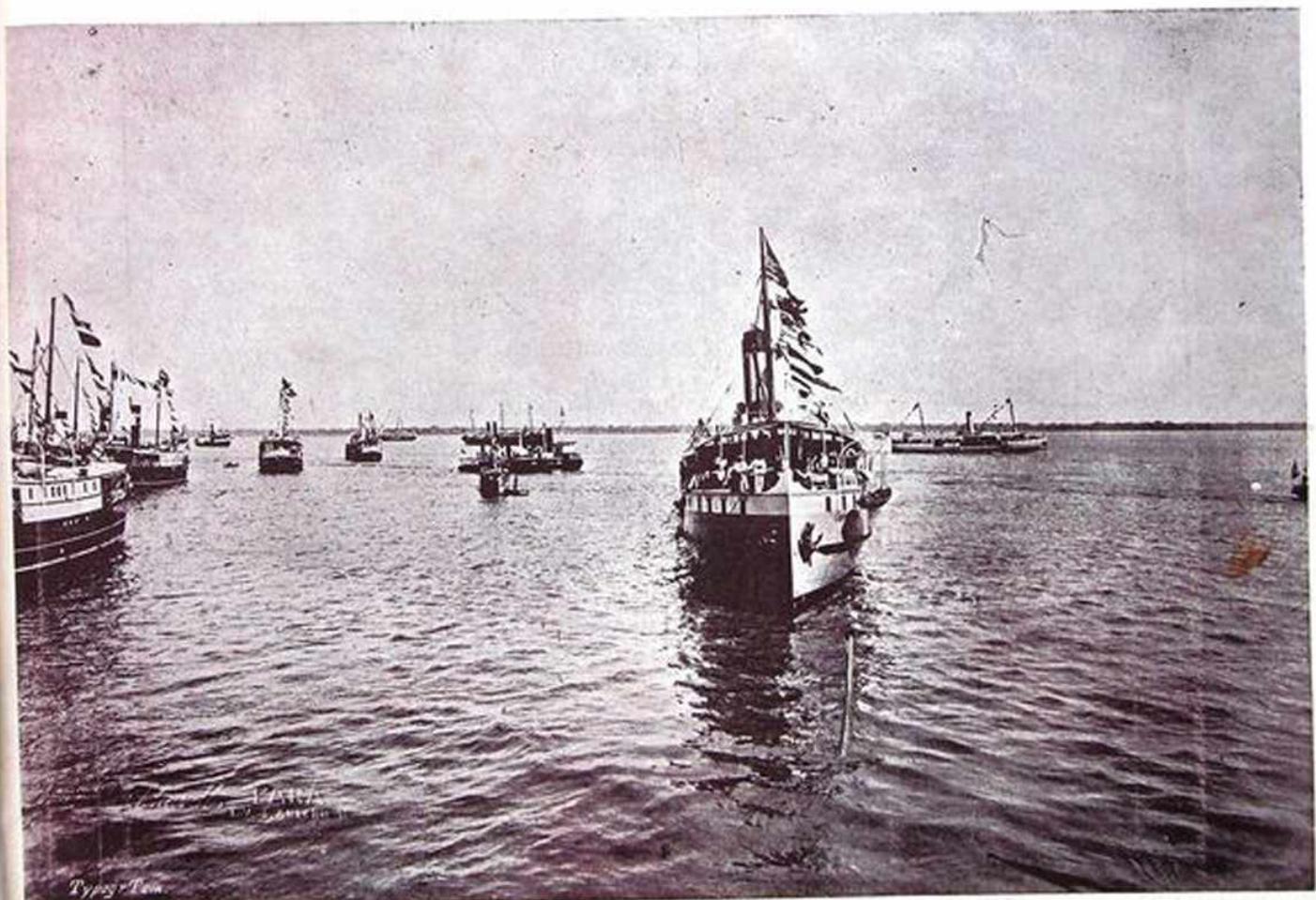
A REDISTA DO NORTE



ANNO. V

NUM. 11

Julho de 1906



Cliché B. M. Burkhardt—Park.

NO PARA'—A FLOTILHA PREPARANDO-SE PARA IR AO ENCONTRO DO PRESIDENTE



Typogr Tex.

Cliché B. M. Burkhardt—Park.

NO PARA — O «CAMPOS SALLES» CONDUZINDO O PRESIDENTE

O MEZ

A VIAGEM PRESIDENCIAL

Eu não sei se da visita do sr. Affonso Penna aos Estados do norte da Republica adivirão resultados apreciáveis para o bon ou máo andamento dos negócios publicos.

E' um ponto este em que as opiniões divergem, em que os modos de ver se extremam em duas objectivas opostas.

Pensam uns que a viagem do Presidente eleito constitue um penhor seguro de prosperidade para os Estados que tiveram a honra de hospedar nas suas capitais, durante dois ou tres dias, o candidato triunfante das eleições de 1º de Março ultimo.

Se ha nesses Estados alguma coisa de irregular ou de injusto, se os seus governos andam afastados das boas normas da administração, se

a politica que nelles domina faz da intolerancia a directriz magna dos seus actos, tudo isso cesará como por encanto, uma vez que na retina presidencial se tenham diretamente fotografado tão escandalosos abusos.

Como e por que misterioso poder semelhante reviravolta se operará é o que nos não dizem esses observadores otimistas; crêem firmemente na influencia benfica do olhar do Presidente, poderosamente reforçado pelo cristal dos oculos através das quais se vae com sobranceira fitando nas coisas que se lhe deparam — com a mesma fé com que os supersticiosos acreditam no poder oculto do amuleto singelo que traçam ao pescoço.

—O Presidente passou por cá? Ah! então vae já tudo entrar nos seus eixos, sem sobressaltos e sem commoções.

E nessa risonha esperança adormecem, felizes e regalados.

Outros encaram as coisas por prisma diametralmente oposto.

A visita do sr. Affonso Penna veio estragar tudo.

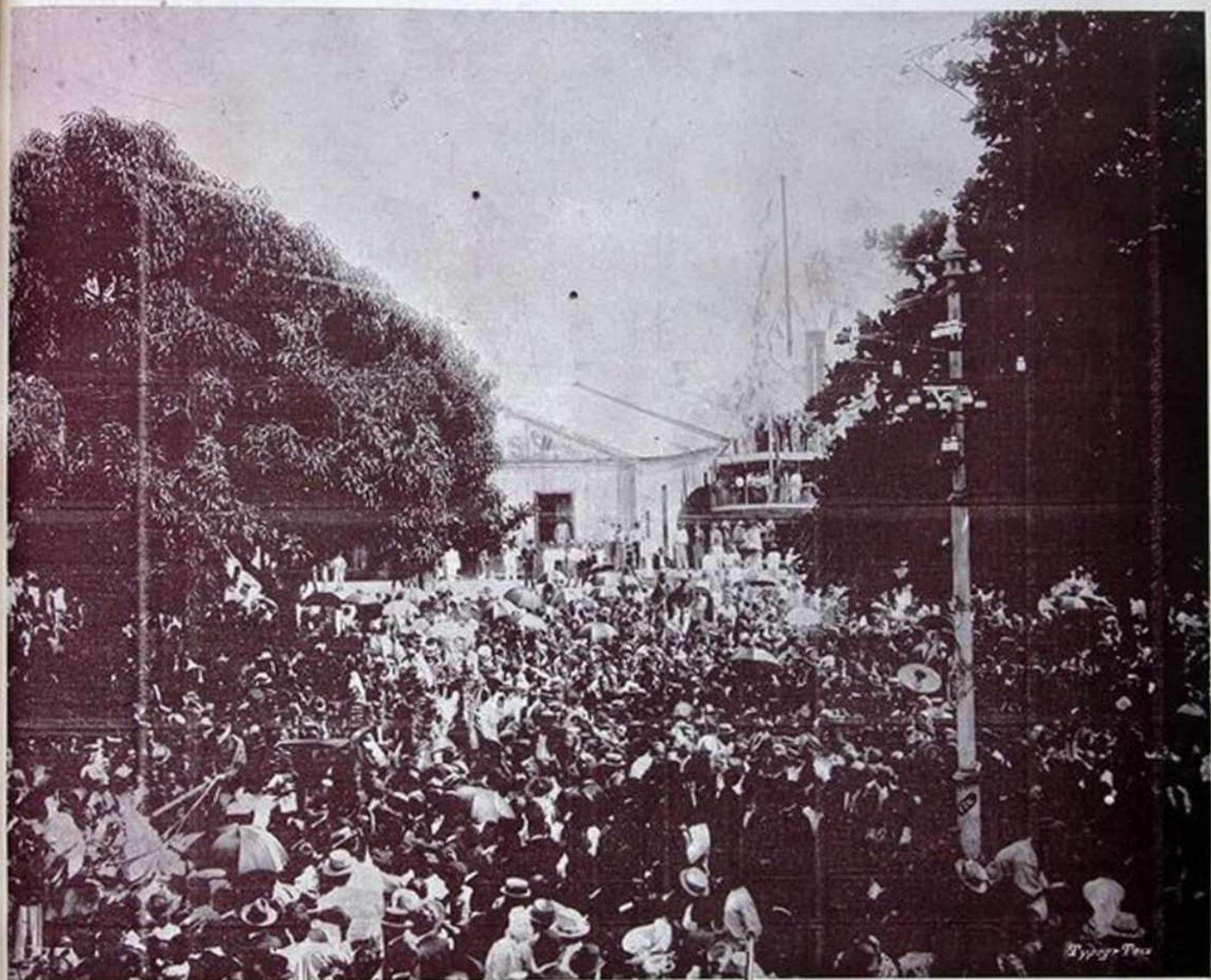
Os Estados que caminhavam bem, perderão o rumo e voltarão de novo ao ponto de partida e os que já transviados andavam deverão de vez dizer adeus à esperança de encontrar o ambicionado fanal que os deveria guiar ao porto da felicidade pública.

lar como estas para o esconjuro das figas.

— Andou por cá o Presidente ? Ah ! nesse caso estamos fritos, leva tudo o diabo !

E nesse apavorada expectativa se quedam, desanimados e infelizes.

Entre esses dois grupos estremados, campeia um terceiro que nem augura bem, nem mal da viagem do Presidente, *antes pelo contrário....*



Cliché R. M. Burkhardt.—Pará.

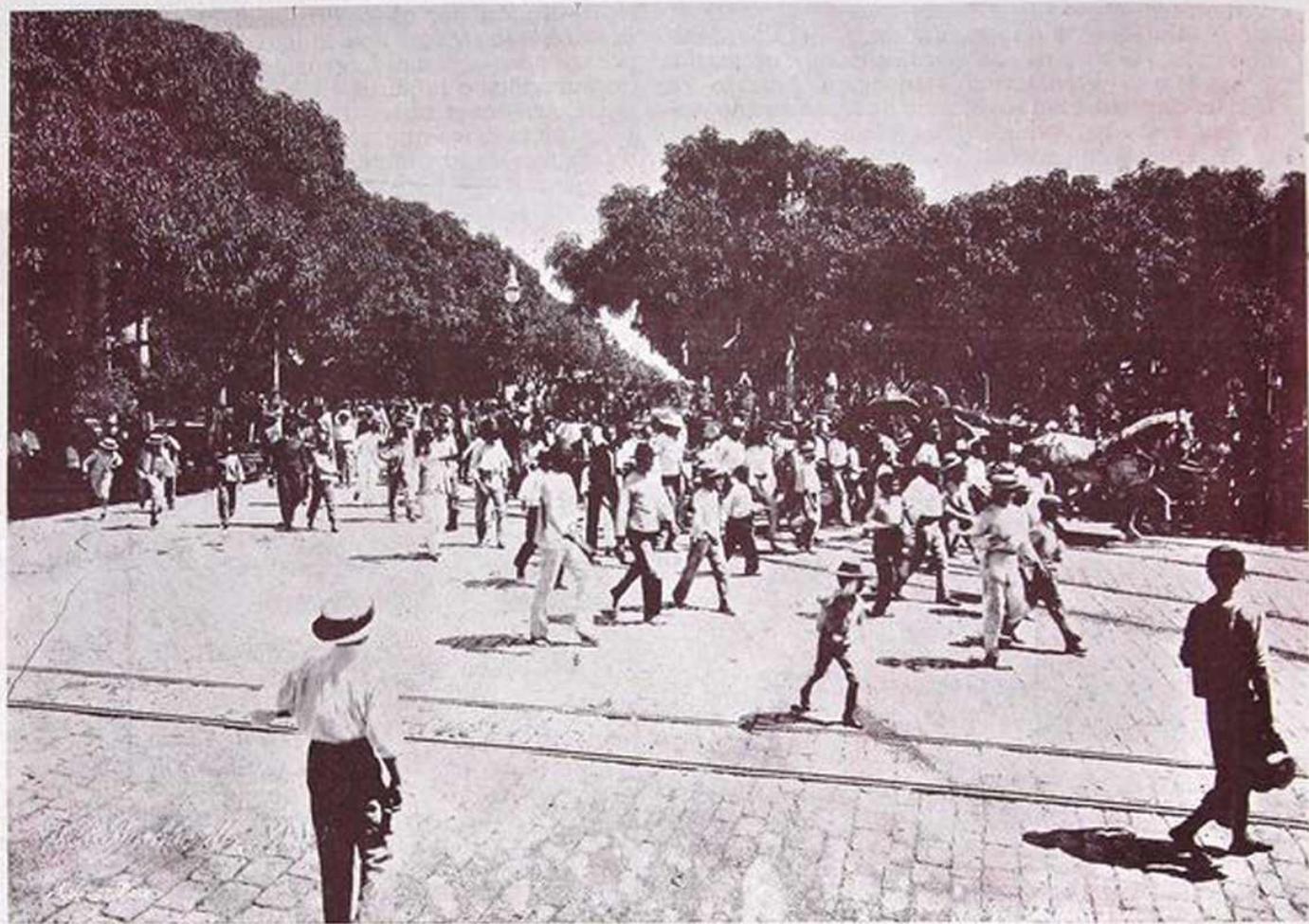
NO PARA'—O CARRO QUE CONDUZ O PRESIDENTE, NO BOULEVARD DA REPUBLICA, É RETIDO PELA ONDA POPULAR, E S. EXC. LEVANTA-SE POR VEZES PARA AGRADECER

Como os primeiros, estes novos observadores julgam-se isentos do dever de nos apontar as razões em que se fundam as suas pessimistas opiniões; crêem na influência nefasta do olhar presidencial com o mesmo convencido terror com que as mães nos *maus olhados* que lhes *encaiporam* os filhos, sem nem ao menos ape-

As coisas públicas pelos Estados continuaram na mesma em que d'antes.

— O Presidente passou por elles ? Pois será como se não tivesse passado...

Os que iam bem, bem proseguirão, os que caminhavam mal, mal continuarão a caminhar.



Cliché B. M. Burkhardt - Paris

NO PARA'—PASSAGEM DO CORTEJO PELA PRAÇA DA REPÚBLICA

Nem os governos terão mais força, nem as oposições mais esperanças.

Ficará tudo na mesma.

Ignoram-se, como para os dois antecedentes, os fundamentos do modo de ver d'este terceiro grupo.

Não crêem na influencia boa ou má da viagem do sr. Afonso Penna, porque não acreditam na influencia de coisa alguma, nem neste paiz, nem nos outros.

E nessa absoluta descrença se deixam ficar, de charuto ao canto da boca, filosofando sobre a inutilidade dos esforços dos homens para mudar o rumo ás coisas publicas.

Creio que os meus leitores me pouparão ao sacrifício de escolher entre essas tres opiniões uma para o meu uso proprio.

Com relação a assuntos assim tão discutidos, tenho por habito exercer largamente o direito, que a todos nos cabe, do silencio e da indiferença.

Todos tem opinião mais ou menos assen-

tada sobre os resultados da viagem do sr. Afonso Penna: pois bem, quero dar-me ao luxo raro de, a respeito desses mesmos resultados, não ter opinião de especie alguma, nem assentada, nem no ar...

E livre assim da maior tortura que conheço para os rabiscadores de crónicas, qual vem a ser essa de se ter de pronunciar sobre questões controvertidas, passo logo á *ordem do dia*, isto é: aos festejos com que foi entre nós recebido o Presidente e a sua comitiva.

Neste ponto penso que não haverá duas opiniões; até mesmo os maldizentes inveterados, os *trepadores* de oficio que por sistema e por indole vivem a dizer mal de tudo e de todos acordarão em reconhecer que as festas com que o Governo do Estado, como interprete fiel do sentir público, acolheu o sr. Afonso Penna e o seu seguito estiveram na altura do fim que visavam.

Foram tres dias de movimentação e de lufa-lufa, pondo uma nota alacre de vida no rãmarrão habitual em que se escodem os nossos

dias provincianos. Desde a hora em que o «Maranhão» aportou as nossas plagas até ao momento em que o «Barão» zarpou para Caxias levando a seu bordo os visitantes, a cidade assumiu um aspecto inteiramente diverso de que ordinariamente apresenta aos olhos dos que nela vivem e aos dos que por ella passam.

Visitas, recepções oficiais, passeios urbanos

Presidente. Remetto, portanto, para essas gravuras e para o artigo que se segue, os que se quiserem informar do modo por que o Maranhão recebeu o sr. Affonso Penna.

Para mim duas coisas dignas de nota sobrelevam em todo esse bulícioso e variado *maremagnum* festivo: o discurso do Governador do Maranhão saudando o Presidente eleito, no almoço



Círculo E. M. Burkhardt—Paris

NO PARA'—A MILICIA DO ESTADO AGUARDANDO O DESEMBARQUE

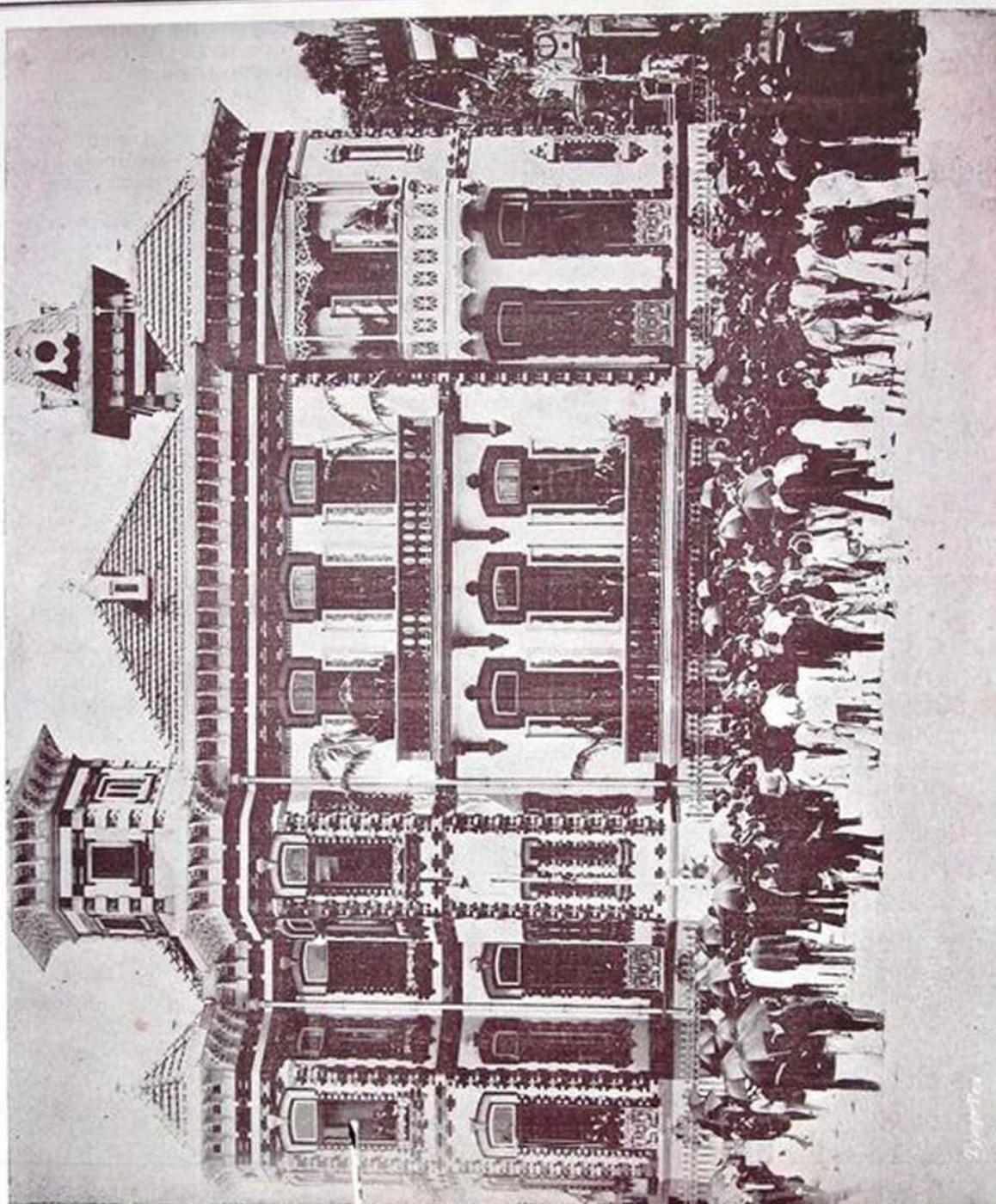
nos, festas populares, banquetes, musicas, discursos, flores, de tudo houve e em abundancia, a satisfazer plenamente o mais exquisito paladar.

O presente numero d'A Revista do Norte oferece aos seus leitores, com as magnificas gravuras que constituem a sua parte artistica, uma descrição rapida de tudo o que fez entre nós o

da chegada, e a homenagem dos jornalistas itinerantes ao Maranhão intelectual junto á estatua de Gonçalves Dias.

O primeiro encheu-me as medidas porque teve ideias e teve forma, duas cousas raras nas orações da maioria dos politicos.

O sr. Benedicto Leite foi de uma felicidade unica na sua saudação: as frases cahiam-lhe dos



Cidade de Belém - Palácio Presidencial

NO PARÁ — MANIFESTAÇÕES POPULARES EM FRENTE AO PALÁCIO PRESIDENCIAL.

labios harmoniosas e claras, num aprumo fidalgo de correção academica.

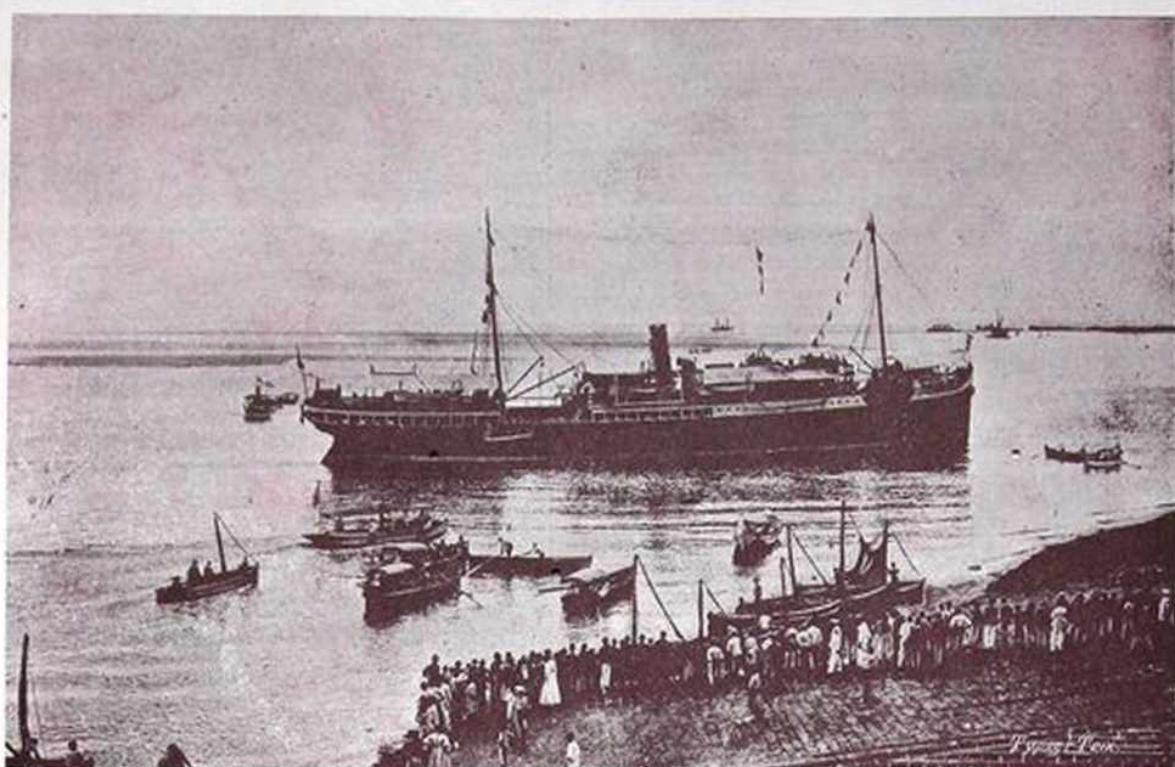
Sentia-se bem que o homem que as pronunciava era um espirito culto, familiarizado com as normas classicas do portuguez de lei.

A manifestação dos jornalistas foi singela e emocionante.

A multidão que cercava a estatua do poeta era composta de gente escolhida; tudo o que

havia de mais fino na terra ali se achava, em torno do marmore que eternisa a memoria do cantor dos *Tymbiras*.

E por aquelle adoravel pôr do sol maranhense, a voz de Raphael Pinheiro, «o rouxinol da imprensa fluminense», como lhe chamou Wanderley, sonora e clara, contava as torturas secretas da alma do poeta, e o seu grande amor trahido e o fim tragico que lhe pôz termo á existencia.



Cliché Bibo

EM MARANHÃO—A CHEGADA DO «CONTINENTE», TRAZENDO A SEU BORDO O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
GOVERNADOR DO ESTADO E COMITIVA



Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—A SUBIDA PARA A AVENIDA



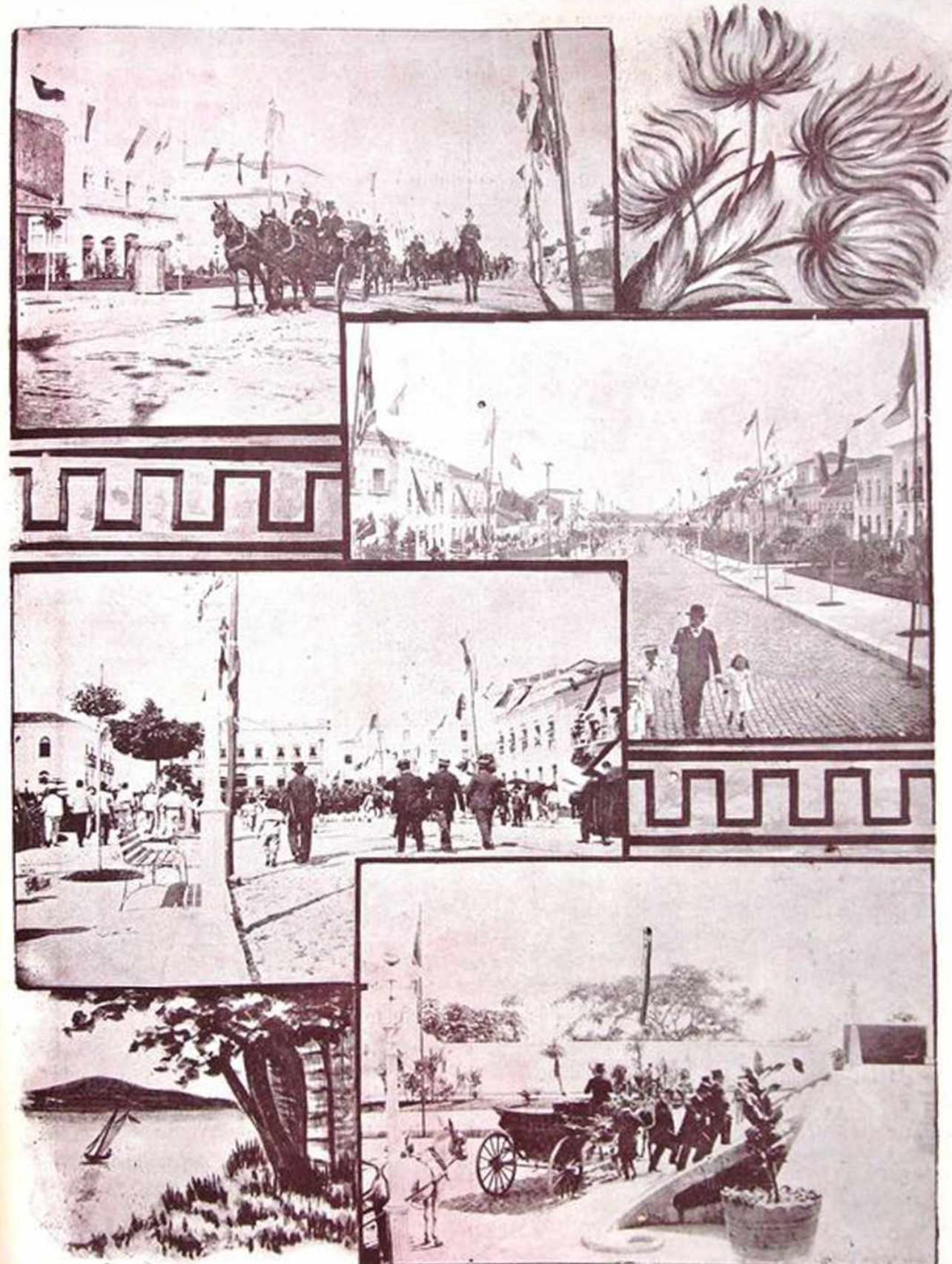
Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—A ENTRADA NA AVENIDA MARANHENSE



Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—EM CAMINHO DE PALACIO



EM MARANHÃO—O PRESTITO NA AVENIDA MARANHENSE—ASPECTO DA AVENIDA MARANHENSE
O DESFILE DAS TROPAS—O PRESIDENTE REGOLHENDO-SÉ A PALÁCIO

Cíclor Peixoto

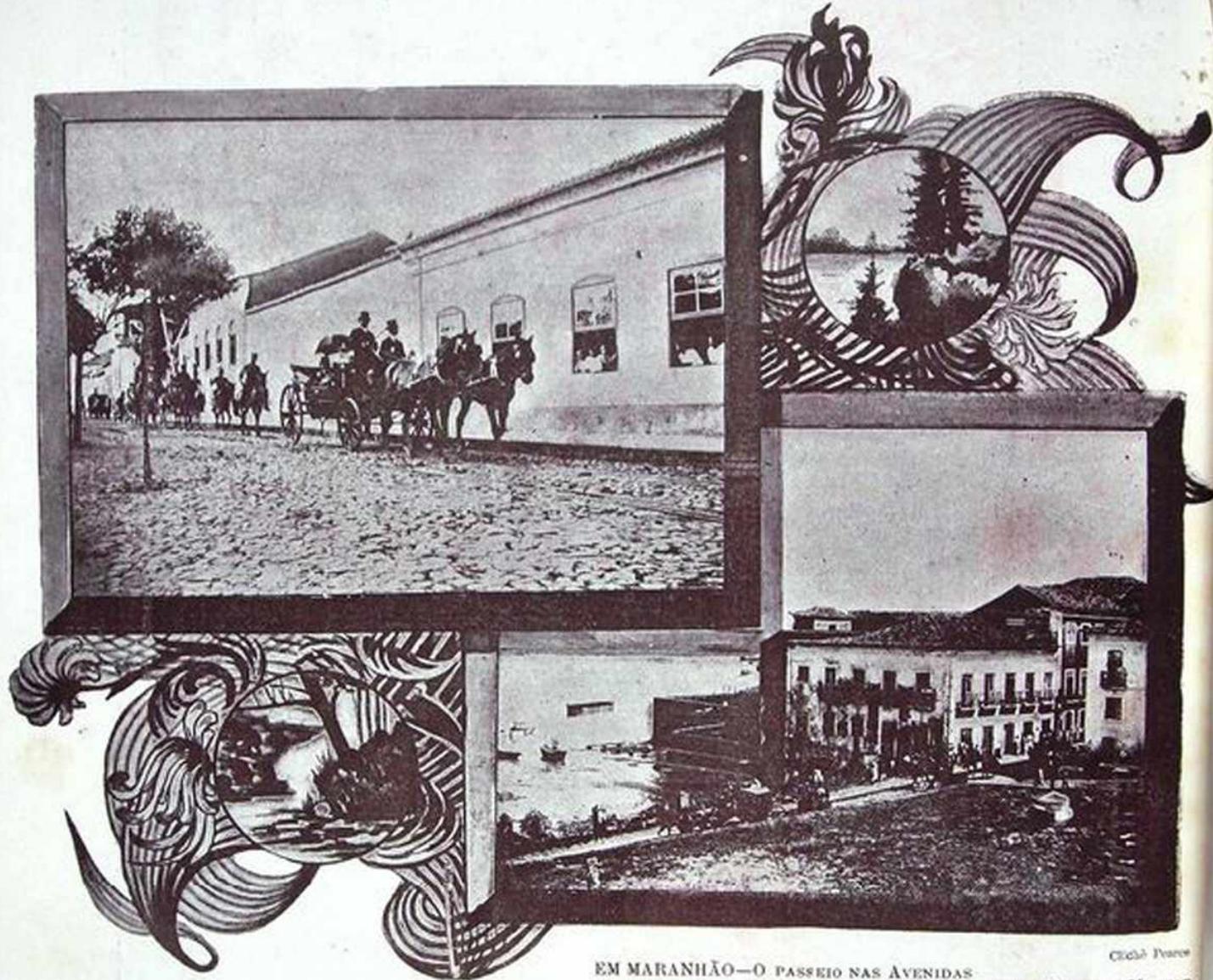
Lemos Britto, que se lhe seguiu com a palavra, tinha os olhos humidos quando deitou aos pés da estatua a sua formosa palma, ao lado da dextra, toda de rosas e folhas verdes, que o Raphael trouxera.

E assim, com essa sentida e bella homenagem ao maior dos poetas brasileiros, terminaram as festas presidenciaes.

EVANDRO BARROS.

Encontrando-se os dois vapores, salvou o «Continente», sendo imediatamente correspondido pelo «Maranhão», que entrou comboiado por aquelle.

Fundeando o «Maranhão», além da Ponta d'Areia, por causa da maré baixa não lho permitiu vir ancorar logo na respectiva boia, o Sr. Governador e as altas autoridades foram a seu bordo levar os cumprimentos ao Sr. Affonso Penna e á sua illustre comitiva.



EM MARANHÃO—O PASSEIO NAS AVENIDAS

EM CAMINHO DO HOSPITAL MILITAR

Transportados todos para o «Continente», este fez-se de rumo para o porto, fundeando ás 2 horas da tarde.

O futuro chefe da nação e a sua comitiva desembarcaram na rampa da Avenida Maranhense acclamados pela multidão.

Prestaram-lhe as continencias do estylo uma guarda de honra de contingentes do 5.^o e 35.^o batalhões de infantaria federal e o corpo de infantaria.

O Dr. Affonso Penna no Maranhão

DIA 5. Às 4 horas da manhan, partiu, ao encontro do «Maranhão», o vapor «Continente», levando a bordo o Governador do Estado, as principaes auctoridades federaes e estadoaes, os membros da commissão de festejos e outras pessoas gradas.



Typogr Tex.

Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—No QUARTEL DA MILICIA ESTADUAL



Typogr Tex.

Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—NA RUA PORTUGAL

taria do Estado com as respetivas bandas de musica, tocando tambem nessa occasião a da companhia de bombeiros.

Formou-se então o cortejo dirigindo-se para o Palacio Episcopal destinado a hospedaro illustre viajante e todaa sua comitiva.

A subida pela escadaria interna do bello palacio foi feita entre alas de crianças, alumnas das escolas estadoaes que entoavam hymnos, sendo o Sr. Affonso Penna, ao chegar ao salão de honra, saudado pelas gentis meninas Silvana e Leo-

nor Telles. Em seguida o Vice-Presidente da Republica recebeu os cumprimentos de outras autoridades, do corpo consular, magistrados, professores e outras pessoas.

Nessa occasião foram distribuidos exemplares dos *Traços biographicos do Dr. Aarão Reis*.

No patamar da escadaria do palacio tocava uma orchestra composta de 20 professores.

A's 5 horas da tarde, teve lugar no mesmo palacio o banquete de 100 talheres, oferecido pelo governo do Estado ao presidente eleito e á sua comitiva, tomando parte as autoridades federaes e estadoaes e a imprensa local, além d'outros convidados.

Ao *champagne* o Governador do Estado saudou o Sr. Affonso Penna, em nome do Maranhão, bebendo á sua saúde como representante da unidade nacional.

O manifestado, agradecendo, saudou o Estado na pessoa do seu Governador.

O Sr. Intendente Municipal brindou a comitiva e os representantes da imprensa.

O Sr. Cunha Machado, deputado federal, ergueu o brinde de honra ao Sr. Rodrigues Alves, presidente da Republica.

Terminou o banquete ás 8 horas da noite.

A Avenida Maranhense apresentava soberba ornamentação, estando feericamente illuminada a giorno.

Em diferentes pontos da mesma e na praça Benedicto Leite tocaram quatro bandas marciaes, sendo enorme a concurrencia de povo, especialmente de senhoras.

Pouco depois das 8 horas, os Srs. Affonso Penna e Benedicto Leite, o Intendente Municipal e todas as pessoas da comitiva percorreram a Avenida Maranhense, á pé, em toda a sua extensão. Depois, a carro, passearam pelas principaes ruas e praças da cidade, regressando ao palacio depois das nove horas.

DIA 6. Pela manhan, no *landau* do Estado, o Sr. Affonso Penna e comitiva, os Srs. Governador do Estado e Intendente Municipal visitaram a delegacia fiscal, o quartel do 5.^º e 35.^º de infantaria federal, a escola de aprendizes marinheiros, o quartel do corpo de infantaria do Estado, a enfermaria militar, a alfandega, a capitania do porto, a guarda-moria, o thesouro do Estado, indo mais tarde ao Superior Tribunal de Justiça, onde o Sr. Affonso Penna foi saudado pelo respectivo presidente, Dezembargador Reis Lisboa.

Depois, visitou o registro civil, a repartição de Estatística e tambem o Telegrapho nacional, do qual conversou o illustre viajante com sua familia, em Bello-Horisonte.

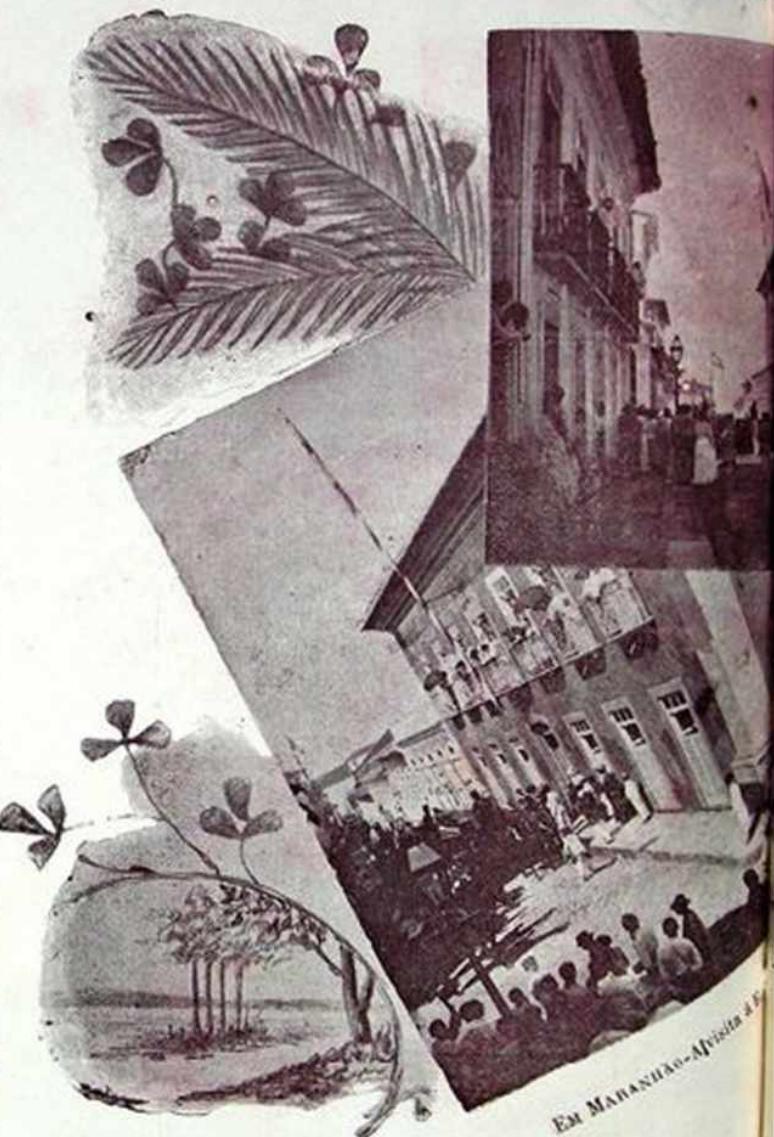
A's 5 horas da tarde, dirigiram-se os visitantes á casa de residencia do Sr. Governador do Estado, aonde o Sr. Presidente eleito cumprimentou a familia do Sr. Benedicto Leite. D'ahi se dirigiram de novo ao Palacio Episcopal, visitando de passagem a bibliotheca publica e o theatro S. Luiz.

A' noite, houve musica e illuminação na Avenida anterior.

DIA 7. A's 7 horas da manhan, o Sr. Affonso Penna, d. Anna Penna, falecida ha 34 annos.

Em seguida visitou a fabrica Santa Izabel, as obras Melhoramentos do Maranhão; o quartel da companhia de os alunos cantaram hymnos e fizeram exercícios gymna ao Congresso do Estado e á repartição do Serviço Sanitar.

Ao meio dia, a Camara Municipal, reunida em sessão



EM MARANHÃO - Visita à Escola de Artes e Ofícios

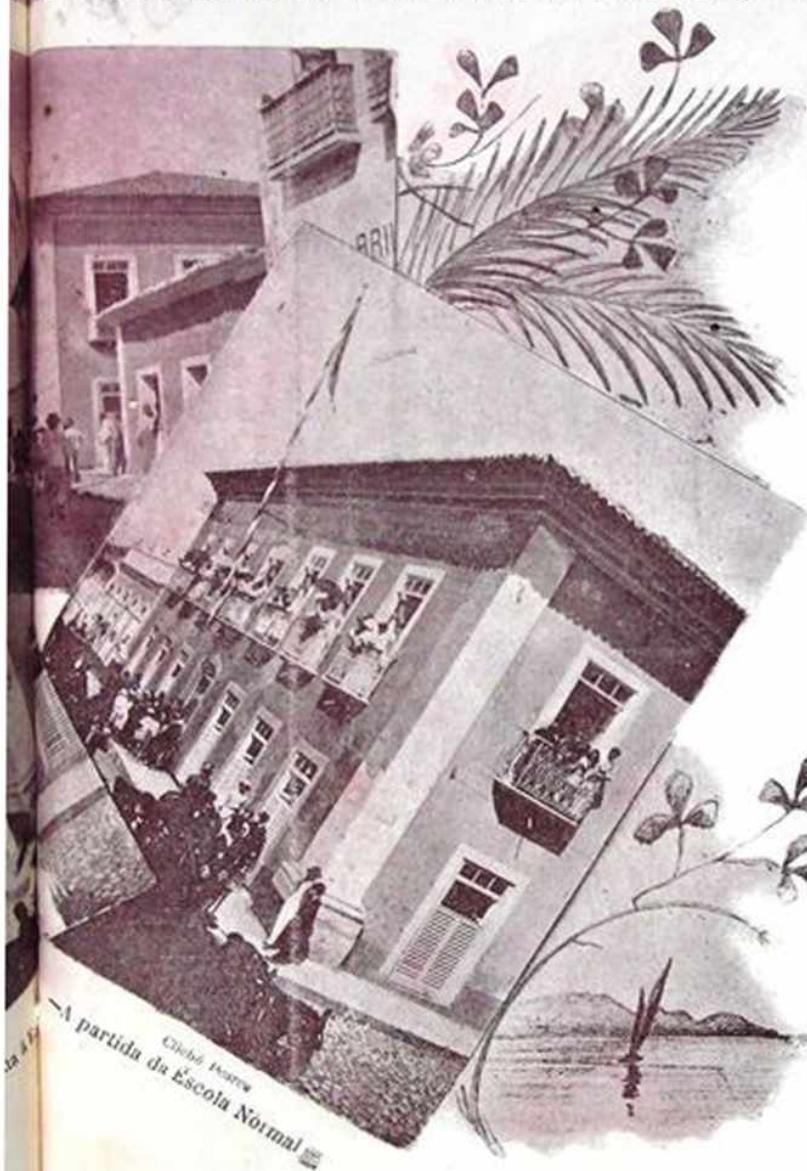
orando em nome da vereação o sr. Domingos Barbosa, que Penna, agradecendo, saudou o Estado do Maranhão.

Foi lida uma moção congratulatória pela auspiciosa resolução que a Camara tomava de denominar RUA AFFONSO PENNA.

A 11^h2 hora da tarde, teve começo, na Bibliotheca publica, a reunião de jornaistas itinerantes.

Sentaram-se á mesa, armada em forma de I, as saudadas: dr. Renascença, dr. Alvaro da Silveira, do *Minas Gerais*, dr. José d'O Paiz, da *Revista da Época* e da *Gazeta de Leopoldina*.

hense, notando-se o mesmo concurso de povo do dia anterior, na igreja do Carmo, uma missa por alma de sua progenitora, no parque 15 de Novembro, a cargo da companhia de festeiros, as escolas Normal e Modelo Benedicto Leite. Aqui, Depois, sempre acompanhado da respectiva comitiva, foi a ordinaria, recebeu a visita do illustre Presidente eleito,



A partida da Escola Normal

condou e ao seu Estado natal, Minas-Geraes. O Sr. Affonso

Pinheiro, capital maranhense, sendo aprovada unanimemente a

APENNA a antiga rua Formosa.

Almoço que o director do *Diario Official* ofereceu aos

pessoas: Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio* e d'A

Raposo, da *Gazeta de Notícias*; Belisario de Souza Junior,

Carijó, d'A *Tribuna* e d'O *Malho*; Lindolpho Azevedo,

dos *Kosmos* e d'O *Paiz*; Abelardo Tavares, d'A *Capital*; Dr. Gustavo de Mello, d'O *Fluminense*; Paulo Vidal, do *Jornal do Brazil*, Alegria Junior, d'O *Dia*; Francisco Bandeira, do *Notícias de Lisboa*; Mario Soares, do *Correio da Manhan*; Miguel Barros, director d'O *Jornal* e representante d'A *Província do Pará*; Lemos Britto, d'A *Bahia*; Arthur Gurgulino, da *Revista da Semana*; Paulino Botelho, photographo d'O *Malho*; Affonso Pinho, sub-intendente municipal; Maximo Ferreira, director do *Diário Official*; Domingos Barbosa, correspondente d'A *Tribuna*; Adolpho Paraiso, da comissão da imprensa; major Rego Goiabeira, comandante do corpo de infantaria do Estado; desembargador Bezerra de Menezes, coronel Collares Moreira, Intendente Municipal; dr. Adolpho Soares Filho, chefe de polícia; Antonio Lobo, director d'A *Revista do Norte* e da Biblioteca Pública; Hermilio Pereira, d'O *Federalista*; Pedro Rocha, do *Diário do Maranhão*; Astolfo Marques, da Oficina dos Novos e d'O *Norte*, da Barra do Corda; Carlos Gonçalves, deputado estadual; Antonio Pires Ferreira Leite; coronel Nuno Alves de Pinho e capitão Victor Castro, da comissão dos festejos; capitão Honorino d'Almeida, da guarnição federal; Eldas Ferreira.

Ia já ao meio o serviço, quando, às 21h20 horas da tarde, entrou o Sr. Governador do Estado, acompanhado do seu ajudante de ordens, tenente José Pereira Dias, sendo saudado pelo hymno maranhense, executado pela banda do corpo de infantaria do Estado.

Ao champagne, o Sr. Maximo Ferreira, director do *Diário Official*, saudou os jornalistas itinerantes, pedindo-lhe aceitassem aquella festa como inequivoca prova de estima e muito afecto.

O Sr. Pedro Rocha, do *Diário do Maranhão*, congratulou-se com os membros da imprensa.

Em seguida, o nosso director literario Antonio Lobo, glorificando o passado intelectual do Maranhão, fez a apologia do presente e convidou os jornalistas a assistirem a inauguração da estatua de João de Lisboa, a 12 de abril de 1908, 50.º anniversario da publicação dos ultimos fascículos do *Jornal do Timon* e dos *Apontamentos para a história da província do Maranhão*.

Respondeu, agradecendo, o Sr. Raphael Pinheiro, que, num brilhante discurso, pediu ao Maranhão que promovesse a compra dum casa para o grande literato maranhense Coelho Netto.

O Sr. Astolfo Marques, lembrando que naquela data completava 51 annos de idade o illustre jornalista Arthur Azevedo, pediu aos seus collegas que o acompanhasssem numa saudação ao glorioso maranhense.

Erguendo-se o Sr. Governador do Estado, saudou os jornalistas, levantando a candidatura



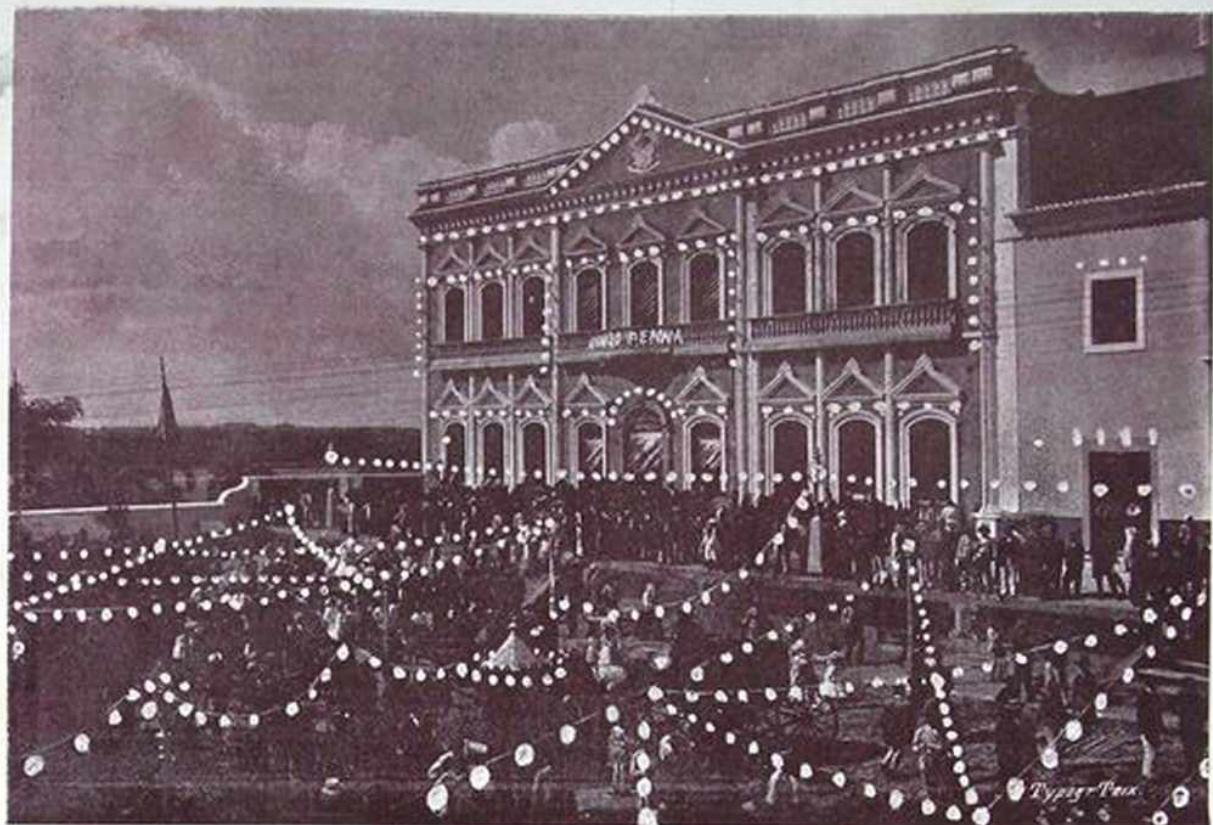
Cliché Teixeira

EM MARANHAO—A SAHIDA DA GUARDA-MORIA



Cliché Magalhães

EM MARANHÃO—O INTERIOR DO PALACIO PRESIDENCIAL



Cliche B. 10

EM MARANHÃO—A AVENIDA MARANHENSE E O PALÁCIO PRESIDENCIAL À NOITE



Cliche B. 10

EM MARANHÃO—O ASPECTO DO PALÁCIO PRESIDENCIAL



Cliché Teixeira

EM MARANHÃO—GRUPO DE JORNALISTAS À PORTA DE PALACIO



RAPHAEL PINHEIRO e ANTONIO LOBO

de Coelho de Netto á deputação federal e fazendo o brinde de honra á imprensa brasileira.

Terminou o almoço ás 3 horas da tarde.

O sr. director da Bibliotheca Publica mimoseou os jornalistas itinerantes com exemplares da ultima edição das *Obras de João Lisboa*, sendo-lhes presenteado tambem, pelo secretario geral da Oficina dos Novos, os ultimos numeros

do Boletim da mesma agremiação e, em nome do respectivo autor, o livro de Corrêa de Araújo—*Evangelho de moço*.

A's cinco horas da tarde os jornalistas foram em romaria á estatua de Gonçalves Dias, cuja praça se achava repleta de povo, sobresaindo grande numero de senhoras.

O Sr. Raphael Pinheiro pronunciando eloquente allocução, em nome dos seus companheiros, depositou no pedestal da estatua uma palma finamente trabalhada.

Em nome do glorioso Estado da Bahia, o sr. Lemos Britto falou acompanhando a manifestação ao grande vulto da intellectualidade maranhense depositando outra palma.

O nosso director agradeceu aquello expontanea manifestação ao maior poeta sul americano.

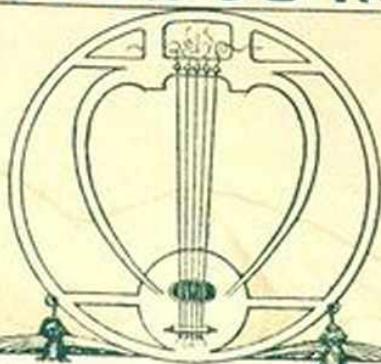
A's 7 horas da noite realizou-se a bordo do «Maranhão» o banquete oferecido pelo Lloyd Brasileiro ao Sr. Governador do Estado.

Tomaram parte as principaes autoridades e muitas senhoras de élite maranhense.

O vapor apresentava bellissima ornamentação, estando profusamente iluminado a luz eléctrica.

Foram trocados diversos brindes entre os convivas, salientando-se o do governador do Estado ao Novo Lloyd Brasileiro e o do commandante Silva Guimarães, agente da citada empresa nesta capital, ao Sr. Rodrigues Alves, Presidente da Republica.

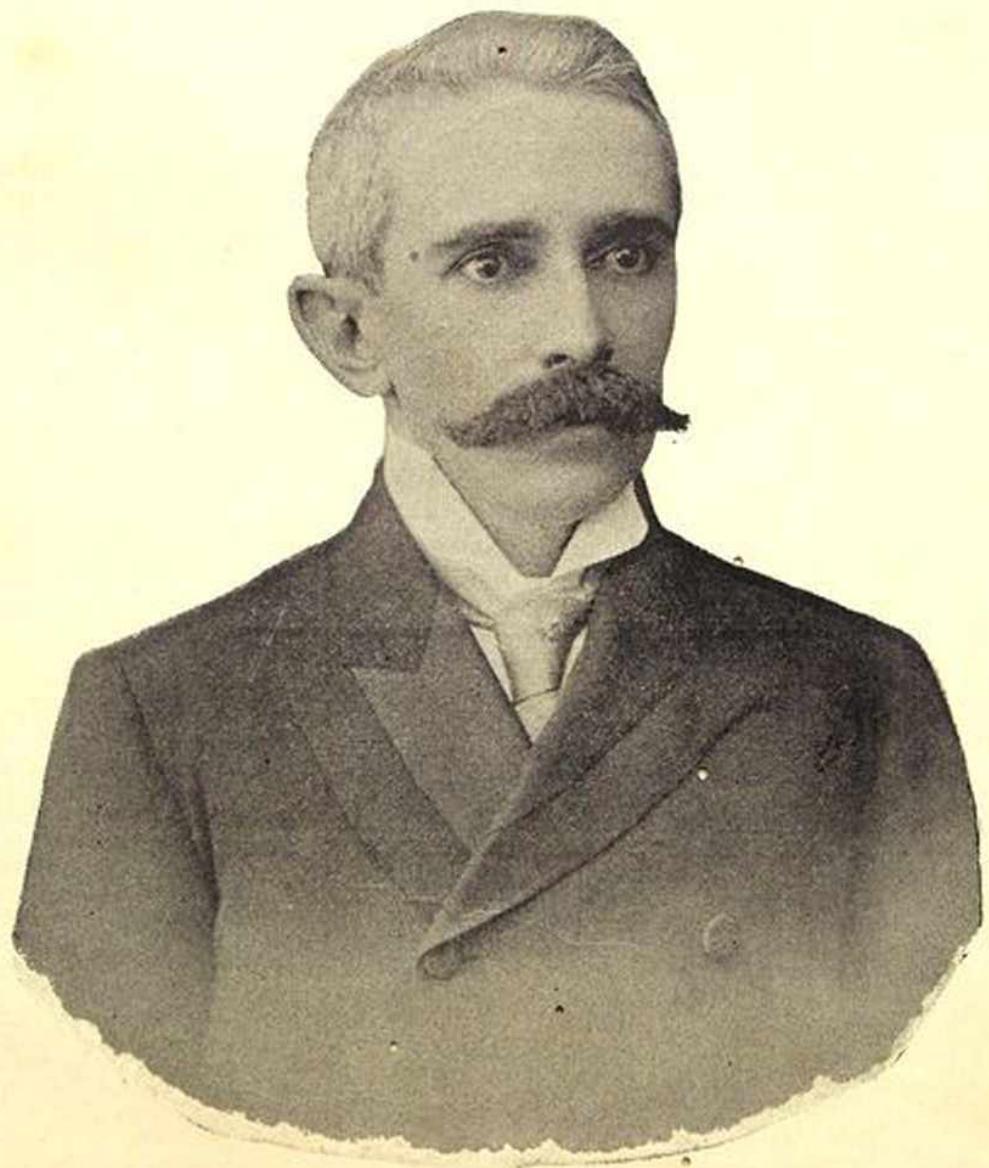
A REDISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 12

Agosto 1966



DR. NINA RODRIGUES



O MEZ

Foi todo de lucto este mez que hoje termina.

Dois filhos illustres perdeu o Maranhão : Nina Rodrigues e Viveiros de Castro.

Sobre esses dois tumulos a terra maranhense se debruçou angustiada, levando-lhes as lagrimas da sua saudade e o preito da sua veneração.

E, como se não bastasse esses dois golpes, um outro a veio ferir, roubando-lhe um filho adoptivo, que, embora nascido em outro Estado, nella passou a sua vida inteira, consagrando-lhe a melhor parte do seu affecto: Damasceno Ferreira.

Os dois primeiros foram dois homens de intelligencia e de saber, este foi, sobretudo, um homem de coração, porque a qualidade primacial de Damasceno Ferreira consistiu nessa grandeza d' alma que d' elle fez um apostolo da caridade desinteressada.

Ante essas tres sepulturas o cronista d' *A Revista do Norte* se curva reverente, na mudez commovida das grandes dores.

Henrique Neiva.

NINA RODRIGUES



Na sua pagina de honra, insere hoje *A Revista do Norte* o retrato do notável médico e anthropologista brasileiro Dr. Raymundo Nina Rodrigues.

As bellissimas homenagens que as classes diplomadas do Maranhão, com o concurso de toda a sociedade

maranhense no que ella tem de mais selecto, prestaram á gloriosa memoria do illustre morto, com a celebração no Theatro S. Luiz de uma sessão funebre, na noite de 17 do corrente, vem a «Revista» juntar esse sincero preito de veneração e de saudade.

O extraordinario valor mental de Nina Rodrigues, eloquentemente atestado por uma serie valiosa de publicações científicas que sempre mereceram dos competentes os mais fracos elogios, impõe-se á admiração de todos os que

se interessam pelos progressos do espirito humano.

Foi um batalhador incansável, um apostolo convencido e tenaz, explorando com um ardor de trabalho invejável, todas as províncias do saber que se relacionam com o conhecimento científico do homem nas diversas exteriorizações da sua actividade animal.

Não se limitou, como infelizmente acontece com os raros escritores que no Brasil se preocupam com esses momentosos estudos, em passar para a lingua patria, habilmente desmarcado, o que no estrangeiro se publica de notável sobre o assunto; a maioria dos seus trabalhos traz um cunho irrecusável de originalidade, consistindo na aplicação, a casos brasileiros, dos grandes principios que a respeito dos seus congêneres, estabeleceu a sciencia.

E por isso que o seu nome fulgirá sempre, num destaque rutilante, entre os dos demais科学家 nacionaes, constituindo uma das mais bellas glórias do Maranhão, sua terra natal, que lhe conserva carinhosamente a memoria como a de um dos filhos que mais a amaram e engrandeceram.

Acompanhando o retrato de Nina Rodrigues, publica «A Revista» um artigo de distinto clínico e professor maranhense Dr. Justo Jansen Ferreira, que já por vespes lhe tem honrado as columnas com a sua valiosa colaboração.

Revolvendo as suas reminiscencias escolares e academicas, e inspirando-se no seu afecto e na sua saudade, o Dr. Justo, que foi amigo íntimo e colega de estudos desde o curso de preparatórios, do illustre extinto, traça nesse artigo um perfil íntimo do pranteado scientist, baseado em notas que constituem um subsidio valioso para os que quiserem, em estudo mais detalhado, aliar em Nina Rodrigues o homem ao sabio.

Nina Rodrigues

(NOTAS INTIMAS)



Ornando-se o presente numero d' «A Revista do Norte» com o retrato do pranteado médico Dr. Raymundo Nina Rodrigues, não posso deixar de traçar algumas linhas, prestando assim mais uma homenagem a esse meu grande amigo e notável brasileiro. Não venho descrever as referencias honorosas que, em vida, recebeu de sabios medicos da França, da Alemanha, da Italia e da Argentina; não tento salientar o valor de cada um dos seus trabalhos, cujo aparecimento lhe assignava novo titulo de gloria; não transcrevo, finalmente, as manifestações de pezar que lhe ren-

deram aqui, na Bahia, no Rio de Janeiro e em S. Paulo, quando chegou a cada um desses Estados a fatal notícia da sua morte.

Não !

Neste modesto artigo, venho, na qualidade de amigo, colega e companheiro de estudos de Nina Rodrigues, desde o tempo de preparatórios até o dia em que recebemos do Vice-Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Cons. Albino de Alvarenga, Barão de S. Salvador de Campos, o título de doutor em Medicina, mencionar alguns factos que se passaram nessa década da vida estudantil, e que hoje possuem merecimento, porque envolvem o seu nome e podem trazer esclarecimentos aos que se dedicam ao afanoso, porém aproveitável, estudo da vida dos grandes homens da nossa terra.

E, se não fosse a certeza de que actualmente poucos os conhecem, não me atreveria a trazer este pequeno contingente à história do grande vulto, cujo valor se acabou de pôr em evidência, de norte a sul, em discursos e artigos de que se encarregaram os melhores talentos e os mais eruditos intelectuaes do nosso Paiz.

Poderia acaso analysal-o como medico, quando o eminent professor Francisco de Castro, o chamou «grande clínico» ? (1)

Clinico ! O Dr. Ulysses Paranhos, em brilhante artigo, da «Revista Medica de S. Paulo», o denominou «um dedicado».

Psychologo e legista ! É considerado «uma celebridade» (2).

Observador ! Em luminoso artigo do «Brasil Medico», do Rio de Janeiro, é comparado «aos infatigáveis obreiros dos sisudos centros universitários europeos».

Mestre ! O notável professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Azevedo Soárez, em eloquente discurso, que mal esconde a grande magia que lhe causou a morte do digno collega, disse: «dotado de grande talento e de primorosa cultura científica, revelou-se um grande reformador».

Talento ! «Era uma das cerebrações mais possantes do Brasil contemporâneo». (3)

Na vida afectiva ! «Um sentimental, sacrificando-se pela família e pelos amigos», assim o descreveu, com rara felicidade e eloquência, o já referido Dr. Ulysses Paranhos.

Depois de tão judiciosos e elevados conceitos, que outro assumpto, no meio de tanta grandeza, poderia escolher eu, a não ser a recordação de factos da vida académica que, repeti, poucos sabem ?

No dia 1º de Março de 1882, a bordo do vapór «Babia», partiamos desta cidade, com destino a de S. Salvador, onde chegamos pela tarde do dia 9 do referido mês.

Fomos morar em um predio, à rua de San-



CONEGO DR. DAMASCENO FERREIRA

ta Thereza, com os seguintes maranhenses, que também, nesse ano, iniciaram o curso académico: Alarico Alves Costa, Claudio Serra de Moraes Rego, Luiz Serra de Moraes Rego, Henrique Alvares Pereira, Theodoro da Silva Bayma, Manoel Bayma de Moraes e Luiz Rodrigues de Carvalho, sendo este último, do curso farmacêutico.

Como essa residência fosse um tanto afastada da Faculdade de Medicina, um ou dois meses depois da nossa chegada, mudamo-nos para a rua do Maciel de Cima, com os seguintes collegas: Alarico Alves Costa, Henrique Alvares Pereira e Simplicio Mavignier, de Pernambuco.

Tendo, porém, aparecido, no pavimento terreo dessa moradia, alguns casos de variola, resolvemos mudar-nos para um predio da rua do Aréial-de Baixo, para onde também nos acompanharam os presados amigos Luiz e Claudio Serra de Moraes Rego.

Ahi permanecemos até 4 de Dezembro, quando, feitos os exames da 1.ª série, embarcamos no vapór «Espírito Santo», para passarmos as férias no Maranhão, onde chegamos a 13 do mesmo mês.

Em 1883, segundo ano do curso, organizamos no dia 14 de Março, a nossa casa que, em gíria estudantil se denomina *república*, relevando-me a expressão, em um predio da rua ou la-

(1) «Revista Medica de S. Paulo», n.º 14.

(2) Ibidem.

(3) «Jornal do Commercio», de 18 de Julho.



AS EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.—ANTES DE CEREMONIA.

deira de S. Miguel, tendo por companheiros: Antenor Gustavo Coelho de Souza, Luiz e Claudio Serra de Moraes Rego, Antonio Xavier de Carvalho e Astrolabio José dos Passos, do Piauhy.

Em 1884, terceiro do curso, moramos á rua do Maciel de Baixo, com os seguintes collegas: Antenor Gustavo Coelho de Souza, Astrolabio José dos Passos e Eduardo Legér Lobão Junior.

Encetamos em 1885, o quarto anno de medicina, nessa mesma cidade de S. Salvador da Bahia, seguindo o humilde escriptor destas linhas, alguns dias depois da abertura do curso, para o Rio de Janeiro, e Nina Rodrigues, cerca de dois meses, mais tarde.

Com a sua chegada ao Rio, fomos residir em um predio da rua dos Arcos, tendo os seguintes companheiros: José Parga Nina, João Caetano Lisboa Junior, Adolpho Frederico de Luna Freire, de Pernambuco e outro pernambucano, estudante de Engenharia, cujo nome não me acode á memoria, por ter deixado, logo depois, a nossa companhia, pela de alumnos da Escola Polytechnica, que elle então cursava.

Na rua dos Arcos, muitas vezes, tive occasião de deleitar-me ouvindo a prosa intelligente e animada, travada entre Nina Rodrigues, Luna Freire e Rodolpho Galvão, que sempre occupava a cabeceira da mesa.

Em 1886, quinto anno do curso, por motivo

de molestia, Nina Rodrigues preferiu ficar na Bahia, receiando que lhe fosse nocivo o clima do Rio de Janeiro.

Em 1887, sexto e ultimo anno do curso, segundo elle, de novo, para o Rio, foi encontrarnos morando á Travessa do Desterro, d'onde nos transportamos, algum tempo depois, para a rua do Riachuelo, tendo por companheiros: Theodoro da Silva Bayma, José Parga Nina, José Octavio de Freitas e José Rodrigues Tavares de Mello, sendo o penultimo piauhyense e o ultimo pernambucano.

Cabendo ao nosso sexto anno, a sorte de ouvir as ultimas lições do inolvidável Mestre Torres Homem, vem a propósito a seguinte referencia:

Versando a sua ultima preleção, que se realizou no amphitheatro do pavilhão de Hygiene, que fica fronteiro á Faculdade de Medicina, sobre assumpto que se prendia ao ultimo livro deixado por Vulpian, notavel physiologista frances, em linguagem eloquente e commovente, o nosso querido professor disse que esse trabalho de Vulpian, tinha sido «o canto de cysne» com que se despedira da vida scientifica.

Contingencia humana!

Essa bellissima lição tornou-se, inesperadamente, tambem «o canto de cysne», com que se despedira da primeira cadeira de Clinica Medica do Rio de Janeiro, o incomparável Torres



EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.—A SAÍDA DA IGREJA DO CARMO

Homem, que baixava ao tumulo, n'um dos primeiros dias do mez de Novembro !

Estou convencido de que Nina Rodrigues recebeu o gráu de Doutor em Medicina, no dia 19 de Janeiro de 1888, em o salão nobre do Internato de Pedro II, e não a 10 de Fevereiro, como tenho lido em varios artigos e discursos.

Ainda vem em apoio da minha memoria, o facto de ter elle escolhido justamente aquella data, que tambem foi a da minha formatura, para trasladar valioso offerecimento, na these que mandou á minha extremosa e saudosa Mãe.

Habitavamos, então, em uma Casa de pensão, à ladeira de Santa Thereza, por se haverem retirado para o norte os outros companheiros da república da rua do Riachuelo.

Nina Rodrigues teve, na Relação dos alunos matriculados na Faculdade da Bahia e do Rio de Janeiro, os seguintes numeros: 31, no primeiro anno; 67, no segundo; 24, no terceiro; 109, no quarto e 78, no sexto.

Logo depois de se formar e de visitar a sua familia, que então residia na villa de Anajatuba, iniciou a vida clínica, abrindo consultorio no predio da rua do Sol, que hoje tem o numero 17.

Abi elle permaneceu até seguir para a Bahia, afim de se inscrever no concurso ao logar de adjunto da Secção Medica.

Não é demasiado reproduzir aqui, as palavras que elle, muitas vezes, repetia, à proposito dessa aspiração, as quaes acabo de ler tambem no discurso, já citado, do laureado professor da

Cadeira de Pathologia Medica do Rio «não espero ser nomeado; deseo sómente fazer jús a que me aproveitem mais tarde».

Esta linguagem modesta tornava-se mais admirada pelos que conheciam perfeitamente a proficiencia com que elle tinha feito o seu tirocinio academico.

Quando estudante de preparatorios e ainda no Seminario de N. S. das Mercês, recebera no thorax, uma pancada, da qual resultou deitar esputos sanguineos.

D'ahi começo a receiar ficar tuberculoso.

E esse receio sempre o acompanhou aqui, ainda quando estudante de preparatorios, na Bahia, no Rio e ainda aqui, depois de formado.

Deixou de fazer a quinta serie medica, no Rio de Janeiro, supondo-se predisposto a essa molestia, principalmente, pelo facto de a ter acabado de estudar, perfeitamente na quarta serie, de que fazia parte a cadeira de Pathologia Interna.

Tendo passado, sem sofrimento algum, a quinta serie na Bahia, voltou, de novo, ao Rio, para concluir o curso, deixando nas duas Faculdades de Medicina do Paiz, excellente nome, calorosa sympathia e forte apreço, especialmente dos collegas talentosos e dos Professores que, raras vezes, o deixaram de aprovar com distincção.

Em começo de Julho do corrente anno, quasi vinte depois da nossa formatura, fui casual e dolorosamente informado de que Nina Rodrigues, sofrendo mal incurável, assentado no fígado, partira com destino à Europa em busca de alívio que não lhe foi dado obter em nossa Pátria.

Não conseguindo melhorar em Lisboa, vai até Paris, e ahi, quando mestres da medicina francesa discutem sobre o diagnostico e tratamento a que o deveriam submeter, é admitido de hemoptyses, que põem termo à existência tão util e prometedora desse grande brasileiro que, até na doença, foi extraordinário !

Logo que recebi a triste noticia, dada pelo distinto collega e amigo Dr. Oscar Galvão, quando conjuntamente cuidavamos de um doente, deixei, em signal de pezar, de comparecer à Escola Normal, tomei luto que se estendeu por quinze dias, e associei-me, *ex-corde*, à todas as demonstrações de dor e de apreço que se lhe têm feito até hoje, no Maranhão.

Aproveito a occasião para agitar de novo a proficia ideia de perpetuar no bronze, a physiologia sympathica e altiva desse maranhense, que, morrendo aos 44 annos, já estava consagrado um sabio, e que, segundo creio, sem entretanto afirmar positivamente, foi o primeiro maranhense que até hoje conseguiu galgar por concurso, a honrosa posição de lente da Faculdade de Medicina da Bahia.

Sei perfeitamente que dois notaveis contemporaneos nossos—Martins Costa, de saudosa memoria e Cypriano de Freitas, um dos luzeiros do professorado medico—conseguiram, também por concurso, essa honrosa posição, porém são da Faculdade do Rio.

Declaro-me, ainda uma vez, solidario com a louvável aspiração de dar o seu admirado e querido nome, à rua do Sol.

Nessa rua, como já disse, iniciou a sua modesta clínica; para essa mesma rua se transportou sua velha Mãe, quando teve a infelicidade de envelhecer; ainda lá, ella assistiu, embora de longe, o engrandecimento intelectual de Nina Rodrigues; e, lá também, recebendo a fatal notícia da morte dela, teve a certeza de que esse querido filho era ainda maior do que o seu grande coração de Mãe o supunha, por considerá-lo mais com afecto, do que com admiração.

E a prova é que a coroa de glória, que hoje circunda o nome do pranteado filho, não consegue enxugar as lágrimas da inconsolável Mãe.

Substitua-se, solicito encarecidamente dos poderes publicos da minha terra, o nome da rua do Sol, por esse outro, que também é fonte perenne de luz: Nina Rodrigues.

S. Luiz do Maranhão, 20 de Agosto de 1906.

DR. JUSTO JANSEN.

Dr. Nina Rodrigues

(Da Selecta maranhense)

BIO-BIBLIOGRAPHIA



Nasceu Raimundo Nina Rodrigues na Vargem Grande, a 4 de dezembro de 1862, sendo seus pais o coronel Francisco Solano Rodrigues e d. Luisa Rosa Nina Rodrigues.

Completando o curso preparatório, principiado no Colégio de S. Paulo, sob a direção do professor José Ribeiro do Amaral, prosseguido no Seminário das Mercês e concluído em aulas particulares, seguiu para a Bahia (1882), onde se matriculou na Faculdade de Medicina, ali fazendo os três primeiros anos do curso e indo fazer o quarto no Rio de Janeiro. Tornando à Bahia, por haver adoecido, ali fez o quinto anno, seguindo, depois de restabelecido, para

o Rio de Janeiro, onde fez o ultimo anno, recebendo o grau de doutor em medicina a 10 de fevereiro de 1888.

Vindo para o Maranhão, aqui clinicou até 1889 (fevereiro), quando partiu para a Bahia, afim de inscrever-se como candidato ao concurso para adjunto da 2.ª cadeira de clínica médica. Nomeado adjunto da de pathologia geral (1890), por occasião de reorganizar-se a Faculdade (1891), foi nomeado lente substituto da cadeira de medicina legal e toxicologia, sendo provido a professor catedrático por aposentadoria do Dr. Virgílio Climaco Damasio (1895).

Criminalista, ethnographo, pathologista, NINA RODRIGUES era um nome brilhante e aureolado no campo da ciência, sendo com justiça considerado um dos médicos mais notáveis do Brasil moderno. Mantinha as mais estreitas relações com os principais mestres da ciência na Europa, e alguns dos seus volumes acham-se vertidos para o francês e o alemão, isto sem contar a sua farta colaboração em revistas estrangeiras.

NINA RODRIGUES visitará vários Estados do sul e, indo a São Paulo, aí foi recebido fidalgamente, tendo-lhe o Instituto Histórico e Geográfico paulista conferido por essa ocasião o diploma de sócio. Era também membro honorário da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro; membro associado estrangeiro da Société Médico-Psychologique, de Paris; sócio efectivo e vice-presidente, no Brasil, da Medicina-Legal Society, de New-York.

Em abril de 1906 fôra distinguido com a nomeação de representante do Brasil no Congresso Internacional de Assistência Pública e Privada, que se reuniu em Milão, não logrando desempenhar-se da sua honrosa missão, por haver-se agravado os seus sofrimentos ao chegar a Lisboa. Dessa capital partiu para Paris, aí falecendo no Nouvel Hotel, a 17 de julho de 1906.

«Nina Rodrigues é um nome prezado pelos brasileiros que ainda conservam a paixão do trabalho e a inteligência da verdade. Pertence-lhe o que de melhor se tem publicado sobre a antropologia criminal e a medicina forense, na América do Sul. Em dez anos ha produzido cerca de vinte e cinco monographias, — cousa espantosa numa terra de sabios... inéditos».

BIBLIOGRAPHIA :

—*A morphéa em Anajatuba (Maranhão)*, 1 fl. 16 pags. in-8º, Bahia, 1886.

—*Das amyotrophias de origem peripherica*. These inaugural. Apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1887. 1 vol. 104 pags. in-4º, Rio de Janeiro, 1887. Reimpressa no Anno Médico.

—*Estudo sobre o regimen alimentar do Norte*, 1 vol., 39 pags. in-4º, Maranhão, 1888.

—*Myopathia atrophica progressiva*. Na *Gazeta Médica da Bahia*, 1888.

—*Contribuição para o estudo da lepra no*



AS EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.--O CATAFALCO
NA IGREJA DO CARMO.

Maranhão. Memória. Na *Gazeta Médica da Bahia*, 1888-90.

— Os mestiços brasileiros. No *Brasil Médico* (Rio de Janeiro, 1890) e na *Gazeta Médica*, vol. VII, série IV, Bahia, 1890.

— O beri-beri, diagnóstico diferencial. Na *Revista Médica*, pags. 93, 101, 117, 134, 165, 189, 197, 214, 224, 233 e 261, e na *Gazeta Médica*, vol. VII, pags. 550 e vol. VIII, pags. 66, 108, 164, 215, 250 e seguintes, Bahia, 1890.

— A abusia choreiforme epidemica no norte do Brasil. Comunicação feita ao 3.º Congresso Médico Brasileiro, reunido na Bahia, a 15 de outubro de 1890. No *Brasil Médico*, 1890.

— Epidemia da influenza na Bahia. Idem.

— *Gazeta Médica da Bahia*. Collaboração nos anos de 1888-96, tendo sido por algum tempo redactor-gerente.

— A organização do serviço sanitário no Brasil. No *Brasil Médico*, pags. 130 (1891).

— Fragmentos de pathologia intertropical. Beri-beri, afecções cardíacas e renaes. 1 vol. 100 pags. in-8º, Bahia, 1892.

— Serviço demographico sanitário do Estado da Bahia. Parecer do Conselho Geral de Saúde Pública, pelos Drs. Nina Rodrigues, Eduardo Araújo e Gordilho Costa, 1 vol., Bahia, 1893.

— Exercício da Medicina pública. No *Brasil Médico*, anno VII, pags. 413, 329, 337, 345, 352, e seguintes. Rio de Janeiro, 1893.

— As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil, 1 vol. 154 pags. in-8º, Bahia, 1894.

— Négres criminels au Brésil. Foi publicado no *Archivio di psichiatria, scienze penale ed antropologia criminale*, de LOMBROSO (vol. XVI, fasc. IV-V) Turim, 1894, e transcripto nos *Annales de la Société de Medicine Légale de Belgique*.

— Revista Medico-Legal. Publicação da Sociedade de Medicina Legal, sob a direcção dos drs. Nina Rodrigues, Deocleto Ramos e outros. Bahia, 1895.

— A Medicina legal no Brasil. Apontamentos históricos. Discurso pronunciado a 23 de março de 1895, ao tomar posse do cargo de professor catedrático de medicina legal e toxicologia da Faculdade da Bahia, 1 vol. in-8º, Bahia, 1895.

— Ilusões da catechese no Brasil. Na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1896.

— O animismo felichista dos negros bahianos. Idem.

— Lesões pessoadas; sua doutrina medico-legal na legislação criminal brasileira. Publicado na *Revista Meaico-Legal*, anno I, fasc. I, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, 1896.

— Un cas curieux d'hydron double avec défloration unilatérale. Na *Rev. Medico-Legal*, anno I,

fasc. II, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, 1896.

—*Memoria historica da Faculdade de Medicina da Bahia*—Anno de 1896. (Regeitada pela Congregação). Inédita.

—*O caso médico-legal Custodio Serrão*. Na

que et de Médecine légale, (de BROUADEL) dezembro de 1897.

—*O problema medico-judiciario*. Sua solução no Brasil. Na *Revista Brasileira*, 1898.

—*Des conditions psychologiques du dépeçage criminel*. Nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*.



DR. ALVARO MENDES, GOVERNADOR DO PIAUÍ

Rev. Medico-Legal, anno II, fasc. II e III.

—*A loucura epidemica em Canudos*. Antônio Conselheiro e os jagunços, 1 fl. 18 pags. Rio de Janeiro, 1897. Extrahido da *Revista Brasileira*.

—*Blessure de la moelle épinière par un instrument piquant*. Pub. nos *Annales d'Higiène publique*,

(de LACASSAGNE) Lyon, janeiro, 1898.

—*Liberdade profissional em medicina*. 1 vol. 42 pags. in-8º, S. Paulo, 1898. No *Jornal do Comércio* e n'O *Direito*, do Rio de Janeiro, e na *Revista Médica de S. Paulo*.

—*Epidémie de folie religieuse au Brésil*. Nos



Typeg-Press

THEREZINA - CHACARA LAVINOPOLIS—ONDE SE HOSPEDOU O DR. AFFONSO PENNA

Annales Médico-Psychologiques, Paris, (maio-junho), 1898.

—*O regicida Marcellino Bispo*, 1 vol. 27 pags. in-8º, Bahia, 1899. Extrahido da *Revista Brasileira*, pags. 21-42, tomo VIII, Rio de Janeiro, 1899. É um excerto do livro—*As collectividades anormaes*.

—*Mélasses, dégénérescence et crime*. 1 vol. 40 pags., Lyon, 1899.

—*L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, 1 vol., Bahia, 1900.

—*Des formes de l'hymen et de leur rôle dans la rupture de cette membrane*. 1 vol. 31 pags., Paris, 1900. Publicado nos *Ann. d'Hyg. pub. et Méd. lég.*, 1900.

—*O alienado no Direito civil brasileiro*. Aportamentos médico-legais ao «Projecto do Código Civil», 1 vol. 270 pags. in-8º, Bahia, 1901.

—*Manual da autopsia médico-legal*. 1 vol. 143 pags. in-8º, Bahia, 1901.

—*La folie des foules. Nouvelle contribution à l'étude des folies épidémiques au Brésil*. Nos *Annales Médico-Psychologiques*, Paris, 1901.

—*A filiação legítima*. N'O *Direito*, vol. 88º, Rio de Janeiro, 1902.

—*Atavismo psychico e paranoia*. Na *Rev. Médica de S. Paulo*, 1904.

—*Um caso de loucura lucida*. No *Brasil-Médico*, Rio de Janeiro, 1904.

—*Kosmos*, revista artística, científica e literária, de F. Schmidt. Rio de Janeiro, 1904.

—*O sociólogo em Gonçalves Dias*. No *Culto cívico*, Maranhão, 1904.

—*Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, tomos I-III, Bahia, 1902-04.

—*A Medicina legal no Brasil*; collectanea de vários trabalhos. Homenagem aos Juristas de S. Paulo, 1 vol. 201 pags. in-4º, Bahia, 1905.

—*A Troia Negra*, erros e lacunas da História de Palmares. No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e no *Diário da Bahia*, 1905.

—*O problema da raça negra na América Portugueza*. No *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1905.

—*A assistência médico-legal aos alienados nos Estados brasileiros*. No *Brasil-Médico*, 1906.

—*Revista Médica de S. Paulo*, jornal prático de medicina, cirurgia e higiene. Directores: Drs. Victor Godinho e Arthur Mendonça. S. Paulo. Collaboração efectiva.

—*O Direito*, revista de jurisprudencia, Rio de Janeiro. Idem.

—*Imprensa Médica*, publicação quinzenal. Director—Dr. B. Vieira de Mello, S. Paulo. Idem.

—*Brasil Médico*, revista semanal de medicina e cirurgia. Director—Dr. A. A. de Azevedo Sodré, Rio de Janeiro. Idem.

—*Archivos de Psichiatria e Criminologia*, Buenos-Aires. Entre os diversos trabalhos de real importância escriptos nessa revista portenha, nota-se o intitulado—*Os progressos da Medicina legal no Brasil no século XIX*, publicado simultaneamente na *Revista dos Cursos*.

—*Os africanos no Brasil*. (Em curso de publicação, na Livraria Almeida & Irmão), Bahia.

—*Manual de Medicina legal*. Esta obra con-

siderada de folego pelos amigos do autór, aos quaes elle fizéra a leitura, teve já publicado um capitulo—*A morte e a autopsia*.

ASTÔLFO MARQUES.

DR. DAMASCENO FERREIRA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO FUNEBRE,
NO THEATRO S. LUIS, EM 27 DE AGOSTO, PELO
DR. LUIS SERRA, PROFESSOR DE PHYSICA NO
LYCEU MARANHENSE.



Não é somente um preito de homenagem á memoria do meu inolvidável amigo, o conego dr. Leopoldo Damasceno Ferreira, em desempenho do compromisso que tomei de representar o magisterio secundario do

Estado, do qual elle foi inquestionavelmente um dos maiores luzeiros e que agora está ferido pela lamentavel perda das suas lições de illustração e bondade, ministradas quotidianamente á mocidade maranhense, o que me traz a esta tribuna.

A minha presença aqui tambem obedece irresistivelmente, ao compromisso da minha consciencia de tornar publicamente conhecida a compensação que me dá ás saudades d'elle, o vêr que a sua memoria está circundada das mais intensas e meigas demonstrações de contristamento, por parte de todas as classes sociaes, com irradiações, porém, de desmedida intensidade na pobreza, cujas lagrimas elle sabia enxugar, rigorosamente cumprindo a letra dos Evangelhos da Religião de que se fez ministro, e na mocidade, da qual seu intellecto havia adquirido, guardada a pujança que lhe fôra innata, todas as nuances de formosura, que dão a inexperiencia gerada de uma boa fé sem limites e o despreendimento, sem atavios, das grandezas mundanas que são o alimento mental indispensavel dos pensadores modernos, em sua grande maioria.

Quero dizer: Damasceno dedicando-se a uma profissão, em que de continuo estão em toda evidencia as qualidades affectivas do homem, exagerou, se m'o permittem a affirmação, a maxima que em si encerra a mais pura das philosophias e constitue a base da edificante moral christã «ama teu proximo como a ti mesmo».

Dou o mais insuspeito dos testemunhos da veneração que inspiravam essas suas qualidades, avivando em vossa lembrança a scena emocionante, mais eloquente que toda a palavra humana, d'aquelle desfilar, ha 30 dias, do seu cadaver, caminho do Campo Santo, com sequito, dos primeiros homens da sociedade maranhense, ruas apinhadas de populares, janellas repletas de familias-aos hombros incansaveis dos seus discípulos-esta mocidade que elle amava tanto, generosa sempre, mas tambem de senten-

ças irrevogaveis para nós outros que nos responsabilisamos pela sua educação intellectual.

Todo o meu ser, fundamente abalado desde que o vi moribundo pela manhã do dia anterior, inebriou-se n'aquelle marcha funebre, d'esse perfume que só tem a innocencia, o aroma com que em um sopro Deus gravou no barro todas as suas faculdades infinitas.

E, num turbilhão, succediam-se em meu espirito, uma por uma, em pasmosa fidelidade para mim mesmo, todas as scenas de sua vida desde a vez que tive a dita de conhecê-lo.

Foi a primeira a do pulpito da egreja das Mercês. Elle voltava cheio de glorias de S. Sulpicio: pregou contra a escravidão.

Minha mãe ouvira a inspirada predica e, de volta á casa, disseminou pelo ambiente o odor das suas palavras, cantando o poema sublime da liberdade, que lhe emprestou vigor para quebrar as algemas ás duas unicas escravas que ella possuía.

Elle começou a conquistar o coração maranhense.

Damasceno fazia, sem o sentir, o baptismo profissional de meu irmão e meu, que foi aquella a nota dominante de alegria com que nos receberam aqui chegando formados.

Passaram-se tempos e só mais tarde, sem duvida porque indeleveis ficaram os signaes d'esse memorável dia, como indeleveis são os signaes que deixam as aguas lustraes do baptismo, pude firmar bem a joia que me ferira os olhos em tempos de nenhuma experientia; prendel-a bem entre as mãos e detidamente examinar, attonito sempre, as facetas exquisitas, de offuscante lapidação, das mais caprichosas formas crystallinas.

Era uma intelligencia penetrante e ilustração pouco vulgar.

De um golpe de vista apanhava questões as mais intrincadas que se lhe propunham em matérias completamente alheias ao seu ministerio, o que aliás nenhuma extranhesa deve causar a quem souber que elle fizera no Seminário do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, um curso regularissimo de sciencias physicas e naturaes, com optimos professores e excellentes gabinetes, conforme elle sempre m'o affirmou.

Além disso, o seu preparo em Philosophia Escholastica pol-o ao corrente das Escolas; e bem que, como sóe acontecer com todos os adeptos de escolas philosophicas, quando intratigentes, laborasse afincadamente nos preconceitos da que admittia, sentia-se a gente bem, quando adversario, na tolerancia da sua argumentação, na fertilidade dos seus conceitos, que nunca eram improvisados, e sobretudo n'aquelle dôce e santa simplicidade de que se revestiam todos os actos de sua vida.

Sobretudo, ao contendor inspirava um profundo respeito a convicção arraigada que trescalavão os conceitos que expendia; mas si, gei-



THEREZINA — DELEGACIA FISCAL DO PIAUÍ

tosamente, se o levava para o terreno do humorismo, querendo dar fim a polémicas que se anunciam intermináveis, brincava-lhe nos lábios um sorriso, que lhe era característico, e o corpo acompanhava-o em um gesto de desdem, que punha termo à deliciosa contenda.

Não era um hypocrita.

Moribundo, pedira a um sacerdote, que se retirava, lhe deixasse às mãos um Crucifixo. Eu ignorava que o tivesse feito e, no intuito de animal-o, procurei afastá-lo da ideia da morte, que o estava avassalando; mas, em linguagem clara, em perfeita lucidez de espírito, disse-me ele:

«Deixa, Luiz; fui eu mesmo quem o pediu».

Dentre todas as que me deixaste, esta foi, meu querido amigo, a mais robusta prova de que tudo quanto de ti ouvi tinha o brilho diamantino da verdade, a única causa que eu sei absoluta no mundo, essa que não pollue a consciência, nem mancha os lábios de ninguém, que a mentira é um carcere escuro, onde as mãos tateiam as trevas e os olhos não logrão espreitar uma só restea de luz.

..

Na cathedra, no pulpite e na imprensa Damasceno nos deixou vestígios indeleveis de sua passagem luminosa.

A mocidade lhe tinha uma aféição sincera, da qual mais de uma vez todos presenciamos bem significativas exteriorizações.

E, todavia, Damasceno, sobretudo ultima-

mente, bem comprehendendo o alcance das forças combinadas que têm sido postas em jogo para libertar a nossa instrução secundaria das peias da asfildadagem e do patronato, abutres vorazes que se comprazem em corroer de longa data a instrução oficial no Brasil, ia operando em commun acordo com os seus companheiros de magisterio no Lyceu Maranhense, a mais salutar das reacções, bem firmando, d'estarte, a emancipação de que precisão para viver, em harmonia, mas separadamente, os corpos docente e dicente d'esse estabelecimento.

Longe de provocar dissidentes, essa atitude, que afinal era o quociente a lhe ser apartado nas responsabilidades comuns do professorado — veio mais apertar os laços que unem o mestre ao discípulo. Que me conste, uma vez sólamente um alumno, aliás optimo, procurou em mesa de exames collocar-o em posição que lhe não ficou coñmada.

A reprimenda não se fez esperar em toda a extensão da sua severidade, mas sem quebra de dignidade nem para o mestre, nem para o discípulo applicado, que tinha para justifical-o, como tantos outros, esse ardor dos primeiros annos, que, se tem o brilho do relâmpago, d'elle possue também a immensurável instantaneidade.

No dia seguinte abraçavão-se na residencia do primeiro — o mestre que no julgamento não subtrahiu um atomo ao merecimento do discípulo e este que para uma retractação entendeu procura-lo.

No mais, Damasceno vivia no coração dos

alumnos, respeitado pelos exemplos da fina e esmerada educação que tinha e admirado no seu preparo mental, que nas suas especialidades—às línguas francesa e latina—era inquestionavelmente o *primus inter pares* em todo o Maranhão actual.

Na tribuna sagrada doutrinava e era ouvido com especial agrado e geraes aplausos.

Librava-se sempre nas potentes azas da sua alma de poeta, pairava, em altaneiro vôo, n'essas alturas em que a imaginação humana, como quebrando a caixa ossea que a retém, vôle e se diffunde, tudo dominando, orgulhosa na sua magestade de quem despresa as misérias terrenas e se compraz apenas com as seduções dos céos.

As suas orações sacras não repisavam assuntos fastidiosos: ao contrario, traziam sempre o vigor de uma these a demonstrar e vinham opulentas de imagens de finissimo lavor com que também elle sabia enfeitar a sua palavra arrebatadora.

Sem dotes physicos oratorios, Damasceno prendia o auditorio, deleitando-o e convencendo-o.

Na imprensa o seu athletismo medio forças logo que aqui chegou da Europa. Um dos ultimos presidentes da então província precisou, por muito tempo, das suas luzes em longa defesa de seus actos governamentaes; mas, em momento em que bem escura lhe devia estar a consciencia, julgou fulminal-o com uma demissão a bem do serviço publico, esquecendo-se de que Deus, Elle mesmo, escolheu as victimas a todos os Neros, deu-lhes a palma do martyrio, que, ensanguentada, brotou o christianismo com as suas victimas e a sua moral purissima.

Os Neros—a esses Elle corou, e as suas testas, refulgentes de seductoras pedrarias, tinham alguma coisa dos fogos fatuos, e davam aos dedos a sensação pegajosa de uma argamassa de lodo e sangue.

E o engracado de tudo isto é que o presidente da então província, sem que muito se fizesse esperar, trocou todo seu ardor monarchico pelo barrete phrygio que a mocidade do Lyceu Maranhense, galhofeiramente, sem nenhuma consequencia perigosa, improvisára á passagem do Conde d'Eu por esta capital.

O talento de Damasceno, lembra-me bem, mereceu d'essa vez do meu sempre lembrado amigo, Nina Rodrigues, uma classificação a mim intimamente confiada, no sobradinho que enfrenta o edificio em que está reunida esta augusta assembléa. Transmittia-a longo tempo depois ao Damasceno e elle a guardava como um padrão de gloria.

Nina Rodrigues, que privava com o alludido presidente na qualidade simples de seu medico, sem auferir proveitos de uma situação politica que não era a de sua familia, pois que nos achávamos, então, em pleno domínio de um curto interregno do partido conservador, chefiado pelo inesquecível dr. José da Silva Maya, lendo os artigos luminosos que o «Diário do Maranhão»

editava, disse-me um dia:—«Este padre é um profundo polemista».

E o era: demonstram-no a toda evidencia a «Pacotilha», que ultimamente enriquecia as suas columnas com produções de sua lavra; «O Federalista», em que collaborou efficazmente quando dirigiu a política dominante na Villa do Paço do Lumiér, e a «Regeneração», em que, de parceria com o dr. Ewerton Maya, de honrada memória, soube manter a imprensa no plano elevado que lhe marca o destino dos povos—de cuja liberdade é atalaia a gloriosa filha de Gutenberg.

Mas, no Damasceno, a vontade, que é sem duvida a faculdade mais em evidencia, em todos os tempos, nas conquistas da intelligencia, de que está enriquecido o Martyriologio scientifico, foi a grande força, o motor poderosissimo n'aquelle organismo franzino que as enfermidades haviam desapiedadamente minado. E como é de pasmar que um coração, em que a arteriosclerose havia insidiosamente lavrado, illudindo até á vespera de sua morte aquelle espírito penetrante e arguto, se constituisse laboratorio das mais delicadas essencias de bondade, elle que nos seus movimentos devia sentir-se tolhido de conter o pobre sangue que irrigava, quanto mais constituir-se a amphora de onde em caudas jorravão a piedade e a caridade evangelicas?...

Ah! mas não era o coração!

Parece-me ouvir ainda d'esta tribuna o verbo inflammado de um dos oradores na sessão funebre em homenagem ao dr. Nina Rodrigues, a passar em revista, com o brilho com que a sua palavra encantadora traduz os pensamentos que lhe borbulham no cerebro creador, (porque, devo afirmal-o, o dr. Manoel Jansen Ferreira, à operosa pratica forense que possue e lhe conquistou um nome invejável, alia o talento que lhe é privilegiado) passar em revista alguns dos tantos specimenes, de que está cheia a «Historia dos Martyres da Sciencia», e á toda evidencia vos demonstrar a attracção irresistivel que ella exerce sobre o genio, arrastando-o, absorvendo-o, a principio segregando-o no fundo escuro dos subterraneos na mystificação alucinada da *pedra philosophal*; mais tarde, repugnadas as concepções informes d'essa nevrose atrofianta, em Franklin, arrancando a faísca ás nuvens, em Lavoisier expirando no cadafalso e ahi recebendo a consagração que a Academia lhe dava á sua theoria da oxigenação, em Plinio, o moço e em Thales, o philosopho, chamando a attenção dos sabios para as propriedades do ambar amarello, mais tarde reconhecidas e cultivadas por Gilbert, medico da rainha Elisabeth.

Era ou não a vontade operando o milagre, de que surgiam a Chimica moderna e a Physica com esse formidoloso Protheu que é a electricidade?

Pois foi o poder da vontade que operou em Damasceno Ferreira esse phenomeno que chega a impressionar por muito tempo quando a meditação sobre elle se exercita longamente.

Era naturalmente bom, herdára de sua mãe, conhecida nos sertões opulentos do Piauhy—pela «Rufina, mãe dos pobres», aquella vontade de que fôrascio precioso o corpo que ha trintadias desapareceu entre copiosas lagrimas; cultivára-a com o cuidado meticoloso que despertam as mais delicadas flores de mimoso jardim; enfeitara-se com elas e lá partiu para a viagem eterna.

Mas escutae, senhores professores do Lyceo Maranhense: afigura-se-me ouvir um côro angelico...

Ah! é a alma de Damasceno Ferreira que lá segue, carregada por cherubins, cujas vozes, casando-se com as dos vossos alumnos, entoam *in eternum*:

Hosannas! Hosannas!

NINA RODRIGUES

VERSONS RECITADOS PELO AUTOR NA SESSÃO FUNEBRE REA
[LISADA NO THEATRO S. LUIS, NA NOITE DE 17 DE AGOSTO]

A' memoria do sabio maranhense,
Que, serena, fulgura,
E que o tempo não vence,
Porque o tempo não leva de vencida
O que subiu á luminosa altura
Da verdadeira gloria nesta vida:
—A gloria do Saber e do Talento,
—A gloria no Trabalho conquistada,
A minha alma se curva, ajoelhada,
Neste grande momento.

E, cheia de uma luz consoladora,
Não soluça palavras de tristeza,
Não se revolta contra a Naturesa
De leis inflexiveis e fataes;
Nem maldiz o phemoneno da morte,
—Torvo proémio de uma vida nova,—
Que lhe atirou á gelidez da cóva
A materia de essencias immortaes.

E' outro o que merece, ao libertar-se
Das sagradas cadeias da existencia,
As nénias doloridas, a plangencia
De todo o coração;
Que pede, tal o misero destino
Arrastado nas tenebras do mundo,
A amargura das lagrimas, o fundo
Lamento da mais viva compaixão.

E esse é o pobre ser desventuroso
De alma sem brilho e intelligencia escassa,
Que passou pela terra—como passa
A nuvem que se perde no infinito,
E não deixou o minimo vestigio,
Não derramou nenhuma claridade,
Nada fez pelo bem da humanidade
Que o tornasse bemdito.

Não assim o heroico paladino,
Indefesso, glorioso,
Que realizou o sonho luminoso
De se elevar á maxima grandeza;
De enaltecer-se enaltecedo a Patria,
E—no bronze, que o tempo não consome,
De livros immortaes—gravar o nome,
Resplandecente de esplendida belleza.

Esse cumpriu, feliz entre os felizes,
O mais bello fadario!
Foi-lhe da vida o lúzido Calvario
Caminho para vida mais brilhante,
Para a Vida infinita, muito longe
Das almas apagadas,
Que permanecem mudas e geladas
Sem um calor de seiva fecundante.

E por isso, este preito de justiça
Que do sabio rendemos á memoria,
Seja uma hosanna á gloria!
Vibre rico de limpida alegria!
Uma hosanna da Terra Maranhense
Ao filho immorredoiro,
Que ora se banha, fulgurante, no oiro
Da luz do eterno Dia!

ALFREDO ASSIS.

Homens e coisas do Piauhi

I



Inicia hoje este mensario a divulgação pela imagem dos homens e coisas piauienses.

Como é natural, esse trabalho vulgarizador apresenta em primeiro escalão o retrato do preclaro Governador da terra vizinha.

O Dr. Alvaro Assis Osorio Mendes é oriundo dum a mais importantes famílias de Oeiras, onde nasceu a 31 de maio de 1853.

Recebendo a instrução primária e parte da secundaria em Therezina, transportou-se para o Recife, em 1871, onde, depois de concluir o curso preparatorio, iniciou o superior, em 1874, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes, em 1878.

Estreou-se na vida pública, na nossa então província, ocupando com brillantismo o logar de promotor de justiça nas Barreirinhas e, depois, em S. Francisco, (1879-85).

Estabelecendo-se na advocacia, em Amante, foi, mais tarde, promotor dessa comarca, vindo novamente para o Maranhão, ainda promotor de justiça, em S. José dos Matões.

Em 1887, foi nomeado juiz de direito de S.



A MODA D'A REVISTA

João do Piauhi, mas, antes de assumir o exercício desse cargo, foi comissionado chefe de polícia, para ir a Humildes, no interior do Piauhi.

Seguindo para a sua comarca, ali permaneceu até 1890, sendo removido sucessivamente para as da Parnahiba e União, em Lenhuma delas, porém, assumindo o juizado, pois, novamente comissionado chefe de polícia, até fins de 1901, fui distinguido com a nomeação de desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, cargo que renunciou, em 1895.

Os seus serviços foram ainda reclamados na chefia de polícia, durante um ano, deixando-a quando a sua candidatura foi lançada para representar o seu Estado no Senado Federal (1897). Não tendo sido reconhecido, fixou residência no Estado do Rio de Janeiro, aceitando a nomeação de promotor público em Rezende, deixando o exercício desse cargo para assumir o de tesoureiro da Imprensa Nacional, servindo durante dois anos.

De novo eleito senador, tomou assento em 1900 e, em 1904, o povo piauiense o collocava à testa da administração do seu Estado, tendo sido eleito por grande maioria como um dos mais competentes para dirigir a barca governamental.

O partido a que pertence recebe os seus ensinamentos e as suas doutrinas como inspirados por uma mentalidade altamente superior.

Um dos mais conspicuos e salientes diretores da situação política actual, dum caráter e de uma honradez a toda prova, o Sr. Alvaro Mendes impulsiona o mecanismo governamental da terra que lhe foi berço com todas as forças de rara ilustração e saber, pesando as responsabilidades que tem sobre os hombros e não desmerecendo aos seus concidadãos o nome do seu progenitor, o grande político e clínico Dr. Simplicio Mendes.

Acerca de auxiliares trabalhadores e de uma intelligencia privilegiada, o Sr. Alvaro Mendes vae preparando o Estado do Piauhi, na medida das suas forças, para um advento que se lhe antevê cheio de grandeza e de desenvolvimento.

Tal é o homem que hoje governa o torrão vizinho, o qual muito já lhe deve e muito espera ainda das suas luzes e do seu trabalho e patriotismo incontestados.

..

Fixando os olhares para essa fachada que se nos depara com um estilo arquitetônico primoroso, poder-se-á ajuizar, dispensando descrição minuciosa, do interior desse bello edifício onde está installada a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, no Piauhi.

Ergue-se na praça Generalismo Deodoro, não tem similar no norte do paiz e as despesas de sua construção e instalação mobiliária, que é de primeira ordem, orçaram por onze dezenas de contos.

Planos e plantas são devidos ao talentoso

engenheiro Antonio Freire, director das Obras Públicas do Estado.

Surge tambem á admiração, em todo o requinte da sua arquitetura, LAVINOPOLIS, o sumptuoso palacete do Sr. Collect Fonsêca, a mais bella vivenda de Therezina, cujo nome é uma homenagem do seu proprietário á sua illustre consorte.

O arvorédo que circunda a formosa chácara é uma mostra variada da flora piauiense.

Fascina e emmaravilha o interior dessa morada, combinando-se com o exterior, e a afirmar frisantemente o bom gosto que está presidindo nas edificações da vizinha capital.

ASTÔLFO MARQUES.

ILLUSÃO

Entre verdes nasce a flor mimosa,
De formoso matiz, de doce aroma;
Beija-a vem o sol, o orvalho, a brisa,
O colibri por ninho alegre a toma.

Meiga virgem, depois, para adornar-se
Entre rendas e fitas a coloca
Qual um diadema entre as sedosas tranças;
Como a um mimo do Céo, mal n'ella toca.

E a pobresinha tão feliz parece!...
A todos prende com encantos taes,
Que todos julgam ver-lhe na corolla
Um thesouro de essencias immortaes.

Mal, porém, finda o dia, a meiga virgem
No vaso predilecto a deposita:
Ela já murcha, pallida, fanada,
Só a chorar-a agora nos incita.

Foram-se as galas, a tristeza veio,
E, com ella, o peso do coração:
Perfume, viço, amor da virgem meiga,
Tudo se foi!... poistudo era illusão!...

E assim é a vida—um sonho constellado
Por mais ou menos bella fantasia.
Triste d'aquelle que immortal se julga,
E a morte esquece—o horror da terra fria.

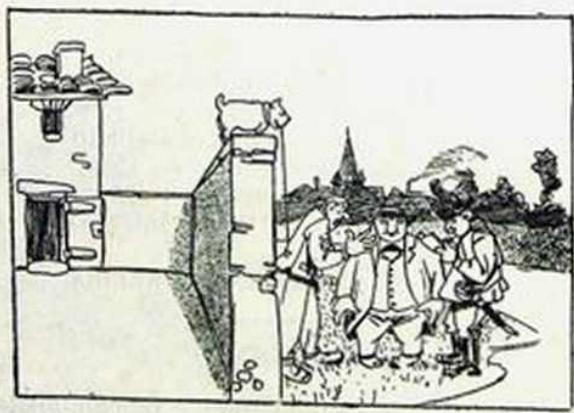
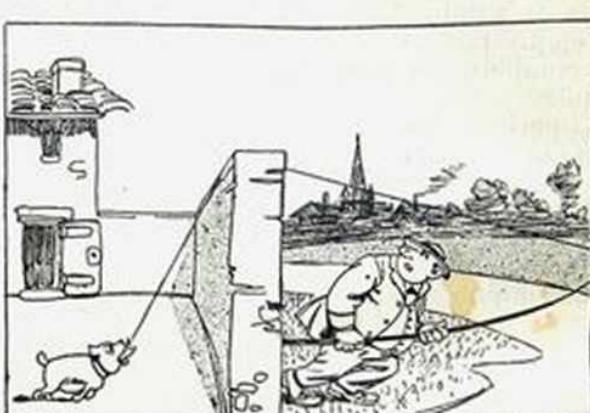
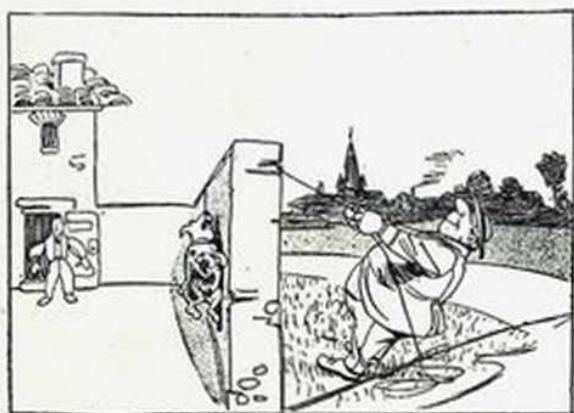
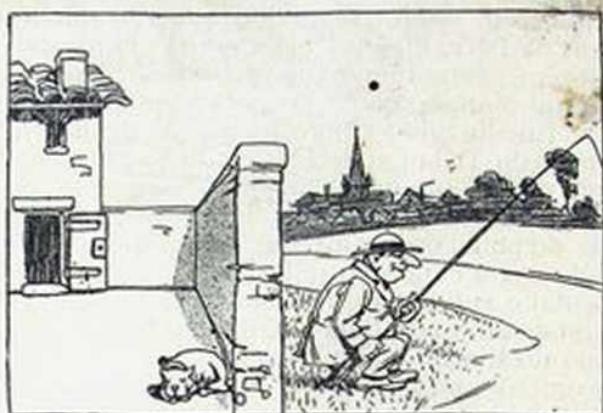
DAMASCENO FERREIRA.

PENSAMENTO

Na sociedade actual, sómente os capitalistas possuem os instrumentos de trabalho. A classe operaria acha-se assim collocada na mais absoluta dependencia daquelles.

H. GETTY.

HISTÓRIA MUDA





A Revista do Norte, 5º ANNO N. 5

Amor e Psiche